



**ANTONIO IGO PALHETA SOEIRO**

**OS HUMILDES PEREGRINOS DA CIVILIZAÇÃO CRISTÃ:  
GRUPOS LETRADOS DA CIDADE DE VIGIA DE NAZARETH –  
GRÃO PARÁ (1866-1883)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em História.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria de Nazaré dos Santos Sarges.

Belém-Pará  
Junho/2023

**Antonio Igo Palheta Soeiro**

**OS HUMILDES PEREGRINOS DA CIVILIZAÇÃO CRISTÃ:  
GRUPOS LETRADOS DA CIDADE DE VIGIA DE NAZARETH –  
GRÃO PARÁ (1866-1883)**

**Banca examinadora**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria de Nazaré dos Santos Sarges (Orientadora- PPHIST/UFPA)

---

Prof. Dr. Denilson Botelho de Deus (Externo - UNIFESP)

---

Prof. Dr. Aldrin Moura de Figueiredo (Membro – PPHIST/UFPA)

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Magda Maria de Oliveira Ricci (Membro – PPHIST/UFPA)

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Alessandra Regina e Sousa Mafra (Externo - UEPA)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Franciane Gama Lacerda (Suplente – PPHIST/UFPA)

Belém-Pará  
Junho/2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

S681h Soeiro, Antonio Igo Palheta.  
Os humildes peregrinos da civilização cristã : grupos letrados  
da cidade de Vigia de Nazareth-Grão Pará (1866-1883) / Antonio  
Igo Palheta Soeiro. — 2023.  
243 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria de Nazaré dos Santos Sarges  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em  
História, Belém, 2023.

1. Vigia de Nazareth. 2. civilização. 3. instrução. 4.  
política. 5. sociedades literárias. I. Título.

CDD 981.15

---

Em memória de Francisco Soeiro, José Palha (Zezinho), Odemir Palha, Ana Soeiro, Raimundo Soeiro, Maria Madalena, Alíria Torres, Bivar Evaristo Palheta, Durvalina Palheta e Nicolau da Costa.

À Iane Beatriz  
minha querida filha.

À Heitor Igo  
meu querido filho

## AGRADECIMENTOS

Com a conclusão da escrita da tese finalizo uma longa jornada, onde corriqueiramente me via em uma sala silenciosa da Sociedade “Cinco de Agosto” diante de um computador e mesas com muitos livros, artigos e fontes impressas. No entanto, se o processo criativo da escrita é solitário, o percurso dessa etapa acadêmica é repleto de colaboradores, sem os quais não seria possível avançar. A ideia da tese se originou na efervescência da defesa do mestrado, em que participaram a professora Dra. Maria Izilda, Nazaré Sarges, Fernando Arthur e Aldrin Figueiredo. Nesse dia todos enfatizaram em suas falas a importância de continuar entendendo aquele emaranhado de práticas culturais dos grupos letrados de Vigia de Nazareth. A todos vocês sou muito grato, sobretudo a professora Nazaré Sarges, orientadora no mestrado e no doutorado, sempre solicita, precisa em suas observações, firme quando necessário e compreensiva nos momentos difíceis. Professora Naná, como carinhosamente é conhecida na universidade, falava sobre “cadenciar” o texto e isso sempre me fazia rever a ordem dos parágrafos, os itens e os capítulos. MUITÍSSIMO obrigado professora.

Além da enorme contribuição dos referidos colegas, ressalto que a família é imprescindível em todas as etapas da vida e, certamente, foram os que mais sentiram minha ausência nos momentos que precisei de quietude para escrever a tese. Saber que estavam bem me tranquilizava, por isso agradeço aos meus pais, Antônio e Vera, a minha única irmã, Ana Ive, a meus filhos, Iane e Heitor Igo e ao pequenino neto Antônio Gonçalo, saibam do amor que nutro por todos vocês. Também agradeço imensamente a professora Iris Rabelo, mãe do Heitor, amiga com participação fundamental no percurso do doutorado, pois realizou a revisão gramatical do texto, sugerindo novas palavras, mudança na estrutura frasal, deslocamento de parágrafos e imagens. Com relação ao apoio na capital, a família paterna novamente me amparou, pois foram anos de idas e vindas, agradeço em especial à prima Patrícia Soeiro e seu marido Marcos, com quem conversava a noite após as obrigações do curso.

Não poderia esquecer de citar os colegas com quem convivi na turma do doutorado, os mais próximos foram o jornalista Walter Pinto, colega desde o mestrado, Roberg Santos, Lucilvana, Tunai, Diana e o Marcelo, cujas conversas e compartilhamento de bibliografias ajudaram a moldar o perfil teórico e metodológico da tese. Da mesma forma gostaria de agradecer aos professores do Programa de Pós-

Graduação em História da UFPA (PPHIST) que estiveram conosco: Aldrin Figueiredo, Maurício Sombra, José Alves de Sousa Junior, José Maia Bezerra Neto e Nazaré Sarges, cujas aulas e bibliografias compartilhadas abriram caminhos para entender o tema que escolhi. Ainda sobre a colaboração dos professores, na etapa da qualificação da tese, contei com as considerações dos professores Aldrin Figueiredo, Magda Ricci e Alessandra Mafra que foi minha colega no mestrado, a partir daí possuía um valioso conjunto de questões para problematizar e caminhar com tranquilidade para o final deste trabalho. Obrigado a todos.

Como foi possível observar nesse estudo, meus letrados viviam se deslocando pelas vilas da Comarca da Vigia, até mesmo na capital da província em busca de trabalho, propagando a instrução ou em campanhas políticas. Portanto, foi necessário coletar informações nesses lugares. Em Curuçá contei com a colaboração do professor Paulo Henrique, que gentilmente cedeu fontes impressas e iconográficas. Em Belém, o apoio de Nazaré Ferreira, neta de Casemiro Ferreira, um dos intelectuais investigados, foi fundamental para preencher lacunas da vida desse político conservador. Já no IHGP fui recebido cordialmente por Ana Negrão, por isso estendo a todos vocês minha gratidão.

Já em Vigia, vários amigos, quase todos ligados a Sociedade “Cinco de Agosto”, me ajudaram com informações e imagens, entre eles o poeta e escritor José Ildone, o turismólogo Raul Lobo, o historiador Paulo Cordeiro e o escritor e artista plástico Wilkler Almeida, que produziu a capa da tese. Entre os colaboradores ressalto ainda o técnico em meio ambiente Leno Alcântara e o professor e fotógrafo Tiorena, os quais cederam inúmeras fotografias, bem como o Igor Gomes e o Felipe Noronha, recém-formados em História pela UEPA, Campus Vigia, companheiros diários durante o percurso do doutorado, contribuíram lendo os capítulos, organizando os dados e escutando meus avanços e lamentos. Por fim estendo meus agradecimentos àqueles que mantem a Sociedade “Cinco de Agosto” viva, entidade que novamente presido, onde enfatizo a importância da Cintia Rabelo, Jonas Sousa, José Maria, do jornalista Nélio Palheta, Raul Lobo e dos professores (as) José Renato, Celeste Barbosa, Antônio Cardoso, Solange Felicidade e Antônio Soeiro, bem como ao atual prefeito de Vigia, Job Junior, pela sensibilidade em apoiar a causa da preservação do patrimônio documental da região do salgado.



## RESUMO

Na pequena *urbe* de Vigia de Nazareth na Província do Grão-Pará nas décadas finais do século XIX, um grupo letrado de vida simples que denominamos de “humildes peregrinos” almejou concretizar um projeto sociopolítico, que tinha como base o desenvolvimento da instrução como estratégia de luta por direitos. Liderados pelos professores Araújo Nunes, Vilhena Alves e Bertoldo Nunes criaram escolas, bibliotecas, Entidades literárias, beneficentes e teatrais e escreveram periódicos, práticas culturais que mediaram a sonhada civilização cristã, moldada a partir do catolicismo popular e a apropriação e ressignificação de ideias do movimento civilizador no Brasil. A iniciativa de um novo projeto sociopolítico chocou-se com os objetivos dos demais grupos letrados liderados pelas elites econômicas no campo cultural da cidade, em um contexto social de miséria, analfabetismo e escravidão que o grupo encontrou meios de combater, buscando a formação de um indivíduo instruído, ativo politicamente e com consciência social.

**Palavras chaves:** Vigia de Nazareth, civilização, instrução, beneficência, política, grupos letrados, sociedades literárias.

## ABSTRACT

In the small town of Vigia de Nazareth in the Province of Grão-Pará in the final decades of the 19th century, a literate group of simple people who we call "humble pilgrims" aimed to accomplish a sociopolitical project, which was based on the development of education as a strategy to fight for rights. Led by the teachers Araújo Nunes, Vilhena Alves and Bertoldo Nunes, they created schools, literary, beneficent and theatrical entities and wrote periodicals, cultural practices that mediated the dreamed Christian civilization, molded from popular Catholicism and the appropriation and re-signification of ideas of the civilizing movement in Brazil. The initiative of a new sociopolitical project clashed with the objectives of the other literate groups led by the economic elites in the cultural field of the city, in a social context of misery, illiteracy, and slavery that the group found ways to combat, seeking the formation of an educated individual, politically active and with a social conscience.

**Key words:** Vigia of Nazareth, civilization, instruction, charity, politics, literary groups, literary societies.

## LISTAS DE IMAGENS

Imagem da capa: montagem contendo o periódico <i>O Espelho, O Liberal da Vigia</i> , a fachada da Sociedade “Cinco de Agosto” da década de 1930, o retrato de Casemiro José Ferreira e assinaturas de letrados vigiense.....	01
Imagem 01: Desenho do prospecto do Pelourinho da Vila de Vigia de Nazareth, 1767.....	32
Imagem 02: Mapa do Brasil Imperial e os limites com a Guiana Francesa, 1843.....	34
Imagem 03: Colégio dos Jesuítas da Vila de Vigia.....	36
Imagem 04: Documento com a assinatura de Albino Ferreira Alves, pai de Vilhena Alves, 1851.....	38
Imagem 05: Documento com informações sobre o letramento de Vilhena Alves, 1857.....	39
Imagem 06: Mapa batimétrico da região costeira de Vigia de Nazareth, 1843.....	42
Imagem 07: Documento com a assinatura de Vilhena Alves, 1865.....	44
Imagem 08: Documento com a assinatura de Araújo Nunes, 1874.....	52
Imagem 09: Documento com a relação dos moradores de Vigia de Nazareth, 1857.....	53
Imagem 10: Documento com a assinatura de Bezerra de Albuquerque e Miranda Gama, 1873.....	61
Imagem 11: Nota de compra que fez Miranda Gama na loja de Manoel Felipe da Costa, 1887.....	68
Imagem 12: Retrato do político Casemiro José Ferreira, 1905.....	72
Imagem 13: Certidão de óbito de Virgínia Ferreira, esposa de Casemiro Ferreira, 1923.....	73
Imagem 14: Capa do Inventário de Raymundo Nunes da Costa, 1894.....	83
Imagem 15: Documento em que Januário Nunes deixa livre a escrava Antônia. ....	85

Imagem 16: Documento em que Augusto Pinheiro recebeu dinheiro de sua madrinha, 1888.....	87
Imagem 17: Retrato da professora Raimunda Pinheiro Alves, filha de Manoel Roque Pinheiro, 1948.....	88
Imagem 18: Edificação onde o professor Araújo Nunes ministrava as aulas nos anos de 1870.....	90
Imagem 19: Documento assinado pelos “humildes peregrinos”, 1876.....	91
Imagem 20: Documento em que os discípulos saúdam Araújo Nunes por seu aniversário, 1890.....	95
Imagem 21: Prédio da Câmara de Vigia de Nazareth, 1980.....	101
Imagem 22: Notícia da criação do Recreio literário, 1871.....	102
Imagem 23: Paço de Vigia de Nazareth, fotogravura de 1904.....	106
Imagem 24: Página do Estatuto da Soc. Cinco de Agosto, 1882.....	109
Imagem 25: Capa da segunda edição do periódico <i>O Pharol</i> , 1868.....	113
Imagem 26: Mesa diretora da Sociedade “Cinco de Agosto”, 1873.....	115
Imagem 27: Documento contendo ações educativas dos “humildes peregrinos”, 1873.....	120
Imagem 28: Rua de Nazareth da cidade de Vigia, 1904.....	123
Imagem 29: Catálogo de livros da Biblioteca da Sociedade “Cinco de Agosto”, 1940.....	125
Imagem 30: Sede da “Cinco de Agosto”, 1939.....	128
Imagem 31: Capa do livro <i>Monodias</i> de Vilhena Alves, 1868.....	135
Imagem 32: Documento contendo a expansão do externato da Soc. “Cinco de Agosto”, 1877.....	138
Imagem 33: Documento impresso na tipografia do <i>O Liberal da Vigia</i> , 1883.....	140
Imagem 34: Capa da segunda edição do periódico <i>O Espelho</i> , 1878.....	142

Imagem 35: Capa da primeira edição do periódico <i>O Cinco de Agosto</i> , 1938.....	147
Imagem 36: Bertoldo Nunes entre os Mineiros, década de 1890.....	148
Imagem 37: Fachada da Escola Estadual de Ensino Médio “Bertoldo Nunes” em Vigia, 2020.....	149
Imagem 38: Lápides encontradas atrás da Capela do Senhor Bom Jesus dos Passos em Vigia, séc. XIX.....	153
Imagem 39: Livro de batismo da Paroquia de N. S. de Nazareth da Vigia, 1862.....	154
Imagem 40: A Igreja Matriz de Vigia de Nazareth e seu entorno, fotogravura de 1902.....	156
Imagem 41: Santíssimo Sacramento exposto na Igreja Matriz da Vigia, 2011.....	158
Imagem 42: Capela inacabada do Senhor Bom Jesus dos Passos em Vigia, 1902.....	160
Imagem 43: Bertoldo Nunes na irmandade do Divino Espirito Santo, 1872.....	162
Imagem 44: Desenho da Virgem de Nazareth, 1938.....	164
Imagem 45: Discurso de Vilhena Alves no tumulo de Araújo Nunes, 1893.....	167
Imagem 46: Placa da reinauguração da Sede da Sociedade “Cinco de Agosto”, 1991.....	170
Imagem 47: Prédio da Escola Estadual de Ensino Médio “Vilhena Alves” em Belém, 1975.....	171
Imagem 48: Túmulo de Bertoldo Nunes no cemitério Santa Isabel em Belém, 2015.....	174
Imagem 49: Tacho que pertenceu ao engenho Santo Antônio da Campina no século XIX.....	186
Imagem 50: Fachada de uma residência pertencente à elite econômica de fins do séc. XIX.....	189
Imagem 51: Documento com as contas da diretoria da Sociedade “Cinco de Agosto”, 1872.....	191

Imagem 52: Documento com a quantidade de títulos da biblioteca da Soc. “Cinco de Agosto”.....	203
Imagem 53: Documento da Sociedade literária de Ponta de Pedras. ....	205
Imagem 54: Documento em que o Estado doava acervos a sala de leitura da Soc. “Cinco de Agosto”.....	206
Imagem 55: Fachada da sede da “Cinco de Agosto”, 2022.....	208
Imagem 56: Anúncio na imprensa da candidatura de Bertoldo Nunes.....	216
Imagem 57: Capa da edição 39 do periódico <i>O Liberal da Vigia</i> , março de 1877.....	224
Imagem 58: Documento contendo a composição da Câmara da Vigia, 1879-1880.....	229

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Os discípulos reforçam o grupo (1871-1883).....	93
Quadro 02: Letrados e os cargos nas Entidades literárias.....	117
Quadro 03: Alunos do Externato da Sociedade “Cinco de Agosto”, 1879.....	121
Quadro 04: A literatura foi o tema predileto nas leituras dos “humildes peregrinos”.....	130
Quadro 05: Grupos letrados da Vigia e seus periódicos.....	139
Quadro 06: Famílias detentoras de engenhos de açúcar e aguardente em Vigia, sec. XIX.....	182
Quadro 07: Famílias detentoras de fazendas de farinha, arroz e algodão em Vigia, séc. XIX.....	184
Quadro 08: Os integrantes do Colégio eleitoral da Vigia em 1873.....	214

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	17
INTRODUÇÃO.....	26
<b>CAPÍTULO 1: A REDE DE SOCIABILIDADE DOS PEREGRINOS (1839-1882)</b>	
1.1- Os fundadores entre letrados e analfabetos (1839-1869).....	30
1.2.- Ampliando o grupo.....	56
1.2.1: Amigos civilizados: professores, artesãos e comerciantes.....	56
1.2.2: Arranjos familiares: vínculos de sangue e casamento.....	78
1.2.3: Os discípulos.....	89
<b>CAPÍTULO 2: EM BUSCA DA CIVILIZAÇÃO CRISTÃ</b>	
2.1: A “cruzada da educação popular”: escolas, sociedades literárias, bibliotecas e periódicos.....	98
2.2: “A religião e a beneficência sublimes pedestais do edifício social”.....	151
2.2.1: Abrilhantando o culto aos santos.....	151
2.2.2- A rede social de amparo.....	166
<b>CAPÍTULO 3: GRUPOS LETRADOS E PROJETOS DE PODER</b>	
3.1: Liberais, conservadores, os “humildes peregrinos” e o Pe. Mâncio Caetano.....	178
3.2: Entidades, periódicos e o poder.....	199
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>232</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>235</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>239</b>



## **APRESENTAÇÃO: o longo caminho até a ideia da tese.**

Escrevi e reescrevi várias vezes este início, pois considero a parte mais difícil quando nos deparamos com a função social da escrita. A princípio me preocupei, e se não qualificar a tempo? Após algumas tentativas frustradas, percebi que se contasse meu percurso formativo, poderia melhor explicar ao leitor o caminho que me levou a escolher Vigia, cidade do Nordeste do Estado do Pará, como meu laboratório de observação histórica, o tipo social letrado como personagens principais da tese e o meu engajamento na preservação do Patrimônio documental da região por meio de uma Entidade literária.

Nasci em Vigia em 04 de julho de 1979, assim como meus pais Antônio Siqueira Soeiro e Vera Lúcia Soeiro, ambos educadores, dos quais recebi forte influência em seguir nos estudos. Minha mãe foi professora leiga na Escola Municipal Teodoro Rodrigues, em fins da década de 1980. No entanto, com as reformas no sistema educacional, ela passou para os serviços de secretaria nas Escolas Noêmia Belém, da rede municipal, e Castilhos França, da rede estadual. Já meu pai, formado em licenciatura em Artes, trabalhou por um curto período na Escola Estadual Lauro Sodré em Belém e, em Vigia, lecionou na Escola Ester Nunes Bibas, chegou a atuar também 15 anos como vice-diretor da Escola Estadual Bertoldo Nunes. Por ironia do destino, em ambas as escolas que meu pai trabalhou, pulsa a memória de uma família fundamental a escrita desta tese, os Nunes. Nessa fase de intenso trabalho dos meus genitores eu ficava sob a responsabilidade dos tios Nicolau da Costa e Dova Palheta que ajudaram a moldar meu caráter.<sup>1</sup>

Iniciei o percurso formativo no Educandário Nossa Senhora das Neves (1985-1989),<sup>2</sup> escola particular, administrado pelas irmãs do Preciosíssimo Sangue, existente

---

<sup>1</sup> Chamava-os carinhosamente de avós, cumpriram papel importantíssimo em minha formação até os 14 anos de idade, após isso faleceram. Tia Dova era de grande generosidade, aprendi muito com ela no trato com o ser humano. Lembro das tardes em sua casa, dos hinos religiosos entoados na “boca de ferro” do Amoras Publicidade às 18h. No quintal existiam árvores frutíferas e perto dali estava a antiga Usina de Energia e a Pracinha onde jogava futebol. Lá nasceu a Escola de Samba Estação Primeira da Vigia, onde todos nós participávamos, principalmente meu pai e o primo Tonildo, um dos responsáveis pela bateria. Tio Nicolau era pessoa muito conhecida, correligionário do PMDB, atuou intensamente na política como vereador, vice-prefeito e em Associações, como na direção do Luzeiro Esporte Club.

<sup>2</sup> O Educandário no final da década de 1980 já era uma escola com boa estrutura física, porém a quadra não era coberta, era um sonho de todos que um dia fosse. Existia uma árvore de pepino que ao frutificar era rapidamente “saqueada” pela garotada. Entre os funcionários estava a minha tia Edileia, supervisora

até hoje, onde minha filha Iane Beatriz estudou no passado e o meu filho Heitor Igo atualmente frequenta.<sup>3</sup> Na Escola Estadual Presidente Kennedy (1990-1993)<sup>4</sup> conclui o ensino fundamental e na Escola Estadual Bertoldo Nunes (1994-1996), cursei o antigo Segundo Grau.<sup>5</sup>

Em 1997 passei a residir em Belém, inicialmente em uma casa alugada por Tia Ana e Odemir Palha.<sup>6</sup> Convivi com os primos Zezinho e Rita por um ano, foram bons amigos, tudo era novo para mim. Até então sair de Vigia era coisa rara, mal sabia me deslocar na capital quando iniciei o cursinho.<sup>7</sup> Após duas tentativas frustradas nos vestibulares dos anos de 1997 e 1998, o caminho da universidade parecia incerto. A família foi decisiva nesse momento, principalmente meus pais e os tios Francisco Soeiro e Oneide Saldanha Soeiro que disse: “o Igo gosta de estudar, o que ficará fazendo em Vigia?” ao final de 1999 consegui uma dupla aprovação: Formação de professores na

atenta, já os professores recorro da Deinha, Ruth Miranda e o Alcides. Estudei lá até a antiga quarta série que correspondia ao fundamental menor. Hoje talvez seja a escola particular com a melhor estrutura do Nordeste paraense, novos blocos foram construídos, as salas climatizadas e a quadra de esportes coberta. O Educandário oferece Educação Básica no município, abrangendo desde a educação infantil, Ensino Fundamental e recentemente o Ensino Médio.

<sup>3</sup> Iane Beatriz nasceu em agosto de 2004. Heitor Igo em janeiro de 2013, sua mãe é a professora Iris Rabelo de Sousa, graduada em letras, pedagogia e especialista em psicopedagogia com ênfase em autismo.

<sup>4</sup> A estrutura física era simples e bem menor que a atual, funcionando apenas o ensino fundamental, mas os professores exigiam muito, como a professora Lúcia Rabelo, Raimundo Soeiro, José Otavio Almeida, Ruthe Miranda, José Brito, Reginaldo Rabelo, Altamiro Barros Filho, Vera Almeida, Otávio Ribeiro. Por certo período não avancei como meus pais gostariam, depois comecei a me dedicar bastante, período em que construí muitas amizades, entre eles o Leno, Fabricio, Edlene, Zezinho, Janaina, Job Júnior entre outros.

<sup>5</sup> O antigo segundo grau foi criado durante o Regime Militar (LDB 5692/1972) que tornava obrigatório o ensino técnico profissionalizante, nomeado de ensino médio após a Constituição de 1988 (LDB 9394/199). Nessa fase, destaquei-me no curso técnico de contabilidade, época em que existia apenas uma outra opção nesse nível de ensino em Vigia, o magistério, anualmente concluíam no máximo 120 alunos. Lembro-me do professor Élson Amoedo, ministrando várias disciplinas e sempre muito disponível para ajudar os alunos. Outros educadores contribuíram para minha formação nesse momento como: Valdo Palheta, José Otávio Almeida, Gerson Pinto, João Belém, Reginaldo Rabelo, Raimundo Soeiro, Lúcia e José Ribamar. No dia do resultado final do terceiro ano, saíamos pelas ruas da cidade com uma bandinha, comemorávamos muito, pois, a partir disso, para a maioria, era o fim do percurso formativo. Na década de 1990, os horizontes educacionais em Vigia eram pífios, não existia, como hoje, Campus da UEPA e do IFPA, muito menos Polos em municípios limítrofes e faculdades particulares. Por rádio acompanhávamos o resultado dos vestibulares, emocionava ver os poucos amigos que passavam, três ou quatro no máximo. A grade curricular do curso secundário, com ênfase às disciplinas contábeis, deixou uma lacuna nos conteúdos solicitados nas fases seguintes, em ciências humanas, área de conhecimento que segui a partir do “cursinho” pré-vestibular.

<sup>6</sup> A fase na capital contou com apoio decisivo da família paterna. De 1998 a 2001 morei na Av. José Bonifácio, com a prima Patrícia e as amigas Edlene e Edjane. De 2001 e parte de 2003 na casa do Tio Raimundinho Soeiro com o primo Carlinho e no ano de 2003 peregrinei por várias casas alugadas, vivendo alguns meses com os amigos, Leno Alcântara, Aryson Ramon e Paulo Almeida, até que, em fevereiro de 2004, voltei a residir em Vigia após a conclusão da graduação em História.

<sup>7</sup> Estudei os dois primeiros anos na escola “Impacto”, situado na Av. Pe. Eutíqueo, gostava das aulas de história, principalmente do meu conterrâneo professor Robson Pinheiro, que trabalhava com os conteúdos de Moderna e Contemporânea e me emprestou muitos livros. Em 1999, quando fui aprovado, já estava na escola “Cearense”, situada na Av. José Malcher.

UEPA e História na UFPA em Belém.<sup>8</sup> Assim cheguei até a UFPA, a estrutura física do Bloco B era simples, sequer climatizado, mas os professores tinham sólida formação, a maioria já eram mestres ou doutores. Aldrin Moura de Figueiredo finalizava o doutorado e ministrou História Moderna em 2001. Incentivador indicava fontes e havia escrito alguns artigos apresentando Vigia como contexto, a exemplo de uma acusação de feitiçaria em fins do século XIX nas proximidades do rio Maracajó. Conhecia bem as fontes cartorárias da cidade, pois com outros professores, participou de um projeto coordenado pelo antropólogo Heraldo Maués e sabia de seu estado precário. Em seguida, o professor José Maia Bezerra Neto, ministrou Brasil colonial e abriu caminhos interessantes com livros muito instigantes, entre eles o de João José Reis que me levaram a pesquisas mais adiante. Ao fim da Graduação, tive no professor Fernando Arthur de Freitas Neves, um grande estimulador a ideia de refletir sobre o catolicismo popular em Vigia na década de 1870, no vicariato do Pe. Mâncio Caetano Ribeiro. Ali começou meu fascínio pelo período histórico das décadas finais do século XIX, partindo da sociedade vigiense e de cidades adjacentes para entender o global.

O ingresso na universidade mudou minha concepção de ver e agir no mundo, passei a me importar com os acervos históricos da cidade de Vigia. Logo, veio à mente as cenas de minha adolescência, na década de 1990, quando ia ao largo da Igreja Matriz visitar parentes e amigos e via uns senhores, entrando bem vestidos, em uma Entidade chamada Sociedade literária e beneficente “Cinco de Agosto”. A sede, construída em 1919, fica bem ao lado da casa de meu avô paterno, cujos sócios mantêm ações até a atualidade. Meu tio-padrinho, Francisco Soeiro,<sup>9</sup> ingressou nela nos anos de 1960 ou 70. José Ildone Favacho Soeiro,<sup>10</sup> meu primo de segundo grau, pertence ao quadro de

---

<sup>8</sup> Os resultados desses vestibulares foram marcantes em minha vida. A situação financeira da família não era confortável, precisa avançar e talvez não tivesse outra chance. Nesse ano, lembro dos colegas aprovados. Paulinho, hoje funcionário do Banpará, Enildo Beckman, colega de magistério e o Denis, na área do Turismo. Um pouco antes desse contexto, a luta de uma geração de jovens levou a aprovação de uma Lei Municipal que instituiu a Casa dos Estudantes Universitários em Belém. Cheguei a frequentá-la, pois formávamos uma rede de amigos vigienses que residiam na capital.

<sup>9</sup> Atuou como professor de história na rede estadual de ensino, sendo diretor da Escola Bertoldo Nunes, por várias vezes candidatou-se a um cargo eletivo, de vereador e deputado. Defensor da cultura vigiense, sobretudo dos grupos de carimbo, escreveu um livrinho na década de 1990 por nome *Zimbá*. Na “Cinco de Agosto” teve longa trajetória, chegando a ser presidente. Infelizmente faleceu em 2002.

<sup>10</sup> Nasceu e se instruiu em Vigia, seminarista, graduou-se em língua portuguesa na UFPA, é o intelectual vigiense de maior projeção literária das últimas décadas. Integra a Academia Paraense de letras, contribuiu na escrita dos volumes de História da Literatura Paraense. Escreveu vários livros, sendo os mais conhecidos: *Chão d'água* e *Noções de História da Vigia (1991)*. Sua biblioteca, de acesso público, tem o nome de sua mãe, professora Irene Favacho Soeiro, possui acervo riquíssimo e, urge-se, como tenho dito a ele, a confecção de um catálogo e a digitalização. Suas contribuições como professor não são

sócios desde os anos 1960, presidindo-a por inúmeras vezes e nunca deixou de ajudá-la. Atualmente é o sócio mais velho vivo.

Paralelo ao processo formativo, iniciei minha atuação como professor em Vigia em março de 2001. Junto com um grupo de amigos recém-formados e estudantes universitários, fundamos o cursinho “Cabanos Vestibulares”, estávamos preocupados com a realidade de muitos vigienses, que sem condições de migrar para Belém, tinham poucas chances de ingressar em uma Universidade pública. Coordenei por nove anos, afastando-me para as atividades do doutorado em 2018. O trabalho árduo era recompensado com a aprovação anual de dezenas de jovens.<sup>11</sup> Já em abril de 2004, iniciei como professor temporário na rede estadual de educação, efetivando posteriormente, trabalhei em várias escolas,<sup>12</sup> principalmente na Presidente Kennedy, cujo vínculo mantenho até hoje.

O passo seguinte, a Especialização em História da Amazônia, entre os anos de 2006 a 2008 foi decisivo no percurso formativo e para minha atuação no campo da preservação do patrimônio documental da Amazônia. Curso que fiz no Campus da UFPA no Município de Castanhal. Nesse estudo discuti a cultura funerária em Vigia em fins dos oitocentos, sendo orientado pelo professor Dr. José Maia Bezerra Neto. Esse foi o primeiro contato com os manuscritos do Cartório Raiol que herdou uma riquíssima documentação do poder Judiciário da antiga Comarca da Vigia. Do amontoado de processos, vibrava ao achado de cada testamento. O desenvolvimento da pesquisa e da escrita me levou a argumentar sobre relação da Sociedade “Cinco de Agosto” com a morte e os mortos, quando a Entidade organizava-se financeiramente para adquirir um

---

menos importante, inclusive foi um dos que lutou para manter a Escola Estadual Bertoldo Nunes aberta, quando uma inspeção do governo tentou fechá-la nos anos de 1970.

<sup>11</sup> Entre os professores fundadores estavam Rosilena Alcântara, Glaucy Palheta, Aryson Ramon, Robson Lima, João Paulo Santos, Edson Nazareno, Junior Almeida, Altamiro Barros Filho, Otavio Ribeiro. Mantemos bons laços de amizade, embora a permanência de alguns tenha sido maior do que de outros. Recordo que chegamos a realizar concurso de bolsas para mais de 500 alunos inscritos. Em certo momento as aulas eram assistidas por 250 alunos e a festa dos calouros percorria as principais ruas da cidade. O “Cabanos Vestibulares” iniciou suas atividades em 2001 em uma sala da Escola Estadual Presidente Kennedy. No ano seguinte funcionou na Escola municipal Barão de Guajará, migrando posteriormente para espaço alugado que cabia 100 alunos na Tv. Generalíssimo Deodoro, na entrada do Bairro Vila Nova, onde permaneceu por 4 anos. Após isso ficou por um período de dois anos na Escola Almina Santos, até que alugamos um amplo salão da Sociedade São Vicente de Paulo, cabendo 250 alunos, permanecendo lá por 10 anos. Após o período da pandemia do Covid 19, a pujança das turmas numericamente grande, cedeu espaço a um projeto menor. Em 2021, passou a ser subsidiado pela prefeitura de Vigia, administrada pelo prefeito Job Junior, funcionando na Escola Bertoldo Nunes e, posteriormente, no auditório da Sociedade “Cinco de Agosto”.

<sup>12</sup> Em 2004 minha maior carga horária era na Escola Estadual Penhalonga, situada na zona rural, na confluência com o Município de Colares, além de algumas turmas na Escola Bertoldo Nunes e Presidente Kennedy.

carro fúnebre para melhor enterrar os associados em 1877.<sup>13</sup> Mesmo sem perceber, todos os caminhos me levaram a essa Entidade letrada, além disso, o orientador, como comumente ocorre, direcionou meu olhar a essa Instituição.

Algum tempo depois, ao passar conduzindo minha moto em frente ao referido Cartório, fui convidado pelo amigo Rondineli Raiol para entrar, encontrei ali em várias sacas, todos os processos do século XIX e grande parte do XX. Ele pediu que levasse a documentação, pois mudanças na administração do Cartório estavam em andamento e era desejo da família, principalmente do seu pai Fernando Raiol e de seu finado avô, Olavo Raiol, que tudo aquilo integrasse o acervo da Sociedade “Cinco de Agosto”, na qual Olavo havia atuado por 30 anos como tesoureiro. Porém a sede dessa Entidade estava interditada, pois o telhado havia sido retirado sob a ameaça de desabar. Coloquei aquelas sacas numa carroça e levei para uma das salas do Museu da Vigia, no qual era diretor.<sup>14</sup> Em dezembro de 2006, sai da função de diretor, mas o acervo ensacado ficou lá. Até que em 01 de outubro de 2007, a sede da Sociedade literária foi revitalizada, o acervo do Cartório Raiol foi enviado para lá, onde está até hoje e no rastro desse acervo ingressei na Entidade como sócio contribuinte.

Era a passagem do ano de 2008 para 2009 e eu já tinha a plena consciência de que o historiador precisa desempenhar um papel social no presente. A partir dessa data, assumi como missão manter viva essa Instituição cultural e ajudar na preservação do acervo de livros e manuscritos e, quem sabe, ampliá-los. Nesse sentido, a eleição da nova mesa diretora da Sociedade “Cinco de Agosto” em julho de 2009 merece atenção. Momento tenso, por diferença de dois votos saiu vitoriosa a chapa presidida por José Ildone, integrada pelo escritor Raul Lobo,<sup>15</sup> os historiadores Paulo Cordeiro,<sup>16</sup> Daniela

---

<sup>13</sup> *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 41 de 05/04/1877, p.04.

<sup>14</sup> Instalado num prédio construído nas décadas finais do século XIX, com fachada revertida de azulejos portugueses e pinhas decorando na parte superior, pertenceu a um rico comerciante e político de nome Fenelon Cleofas de Melo. Adquirido nos anos de 1930 pelo governo estadual abrigou por longo período o Grupo escolar Barão de Guajará, situado na Rua Noêmia Belém, no centro comercial de Vigia, foi transformado em Museu em janeiro de 2004, por iniciativa da prefeita Marlene Vasconcelos, cujo projeto de implantação foi coordenado pela Dr. Rosa Arraes e contava com quatro salas de exposição permanente (cultura vigilenga, grupo escolar, Barão de Guajará, pesca), além de uma sala de exposição temporária, auditório, sala de pesquisa com uma pequena biblioteca e espaço administrativo. Infelizmente, pelo precário estado de conservação do prédio, o Museu fechou em fins de 2013 e o acervo foi parcialmente perdido. Atuei como Diretor do Museu da Vigia de julho de 2004 a dezembro de 2006, momento de grande aprendizado, pois participei de vários cursos no Sistema integrado de Museus em Belém. Na época foram meus colegas de trabalho: Wilkler Almeida, Rosalina, Stefanie, Roni, Pedro, Conceição, entre outros que ajudaram a desenvolver vários projetos, sendo o mais relevante a ação educativa com as escolas da rede municipal.

<sup>15</sup> Sua trajetória na “Cinco de Agosto” iniciou no ano de 1978, quando a convite do professor Francisco Soeiro, assistiu à sessão de posse da nova mesa diretora presidida pelo professor José Ildone. Após isso se

Magda Santa Rosa <sup>17</sup> e eu. Todos ligados ao campo da história. Era, entre nós, unânime o desejo de deixar em boas condições aquele acervo, de forma que todos pudessem ter acesso.

Paralelo a isso fui avançando no percurso e apesar de na seleção para a turma de mestrado de fins de 2009 no Programa de pós-graduação em história social da Amazônia (PPHIST), não ter tido êxito, iniciei em fevereiro deste ano outra Especialização, agora em Patrimônio Cultural do Pará, organizada pela Escola de Governo em convênio com o Departamento de História da UFPA, onde conheci a professora Dr. Nazaré Sarges, que lamentou não ter visto meu projeto de mestrado entre os aprovados e sugeriu que insistisse, sem mudar o objeto de estudo. As disciplinas, sobretudo a de organização de acervos em papel, ministrada pela professora Dr. Magda Ricci, foi fundamental nos direcionamentos dos trabalhos em andamento na “Cinco de Agosto”. A Especialização caminhou para o seu fim, cujo projeto de intervenção foi orientado pelo professor Dr. Otaviano Vieira que me ajudou a pensar a importância, os desafios e os usos de um arquivo para a pesquisa histórica e além dela. O projeto de intervenção guiou posteriormente a captação de recursos e as ações para a Sociedade literária, entre os anos de 2009 a 2013, que considero minha primeira fase de atuação na Entidade, período em que a higienização, classificação e construção de catálogos teve início. Conseguimos a contemplação dos Prêmios da Proex-UFPA 2010 e 2011, pelos quais organizamos a sala de Biblioteca e Arquivo, compramos mesas e estantes e digitalizamos uma pequena parte dos manuscritos do Cartório Raiol do século XIX, mesmo que num formato simples. A Entidade passou a ser nossa trincheira de luta, guardiã da história da região, por ser Vigia sede da Comarca, suas repartições públicas

---

tornou sócio. No ano de 2000, como vice-presidente, substituí o jornalista Nélio Palheta. Nesse mesmo ano foi organizada uma sessão especial no auditório da Escola Estadual Presidente Kennedy, pois a sede social da “Cinco de Agosto” estava interditada, para comemorar o centenário de fundação da Academia Paraense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, as quais tiveram na geração fundadora o professor Vilhena Alves e Bertoldo Nunes, naturais de Vigia de Nazaré, que em 1871 estiveram integraram o grupo liderado pelo professor Araújo Nunes. Entre 2009 e 2011, voltou à mesa diretora, assumindo em 2013 a presidência quando eu iniciei mandato de vereador. Raul Lobo é formado em Turismo e hospitalidade, curso técnico feito no IFPA em Vigia, Gestor Cultural pela UFPA e Educador Popular pela UEPA. Como escritor, publicou três livros, entre eles *Vigialma Nossa, Uruitá: glórias e memórias* (2019).

<sup>16</sup> Fez graduação em história na Esmac, especialização em cultura africana e mestrado em Estudos Culturais no Campus da UFPA em Castanhal. Ficou pouco tempo na Sociedade “Cinco de Agosto”, contribuindo muito na etapa de higienização dos processos do Cartório Raiol. Autor de inúmeros livros sobre a história da Vigia, onde destaco: *Carnavais da Vigia, Carimbó da Vigia, Irmandades Religiosas da Vigia, O Futebol da Vigia, Padre Mâncio Caetano Ribeiro*.

<sup>17</sup> Cursou licenciatura e bacharelado em história na UFPA, com monografia sobre escravizados em Vigia em fins do XIX. Estive em sua banca de defesa a convite do professor José Maia. Magda foi minha aluna no “Cabanos Vestibulares” e colaborou muito nesse início da organização do Arquivo.

respondiam pelas relações sociais de um vasto território, onde hoje são os municípios de São Caetano de Odivelas, Colares, Santo Antônio do Tauá, Marapanim e Curuçá.<sup>18</sup> Fui assim, construindo minha trajetória no grêmio da entidade, de sócio contribuinte a membro da Mesa Diretora, como diretor suplente até chegar ao cargo de presidente no biênio 2011/2013. Nesse período, o acervo da biblioteca mereceu também nossa atenção. Para tanto a parceria com o IFPA, cujo Polo acabara de ser instalado na cidade pela luta dos professores Solange Felicidade e Antônio Cardoso, nos cedeu uma bibliotecária e estagiários para catalogar os livros da antiga biblioteca, que nasceu em 1871. Um verdadeiro tesouro da memória viria à tona fruto do trabalho dos sócios, da participação em editais e das parcerias estabelecidas com outras instituições, como a Câmara da Vigia.

Concomitante ao engajamento numa entidade letrada, ingressei na turma de mestrado de 2010 do PPHIST,<sup>19</sup> cuja dissertação procurou discutir, através da história social da cultura, a Sociedade religiosa, literária e beneficente “Cinco de Agosto” em sua primeira fase de atuação (1871-1883). A defesa, em abril de 2012, ocorreu no auditório da própria Entidade, evento inédito na cidade e prestigiado por grande público. Na banca examinadora estava a orientadora do trabalho, professora Nazaré Sarges, que conduziu com maestria a escrita da dissertação, além dos professores Fernando Arthur, Maria Izilda Santos de Mattos, Aldrin Moura de Figueiredo, Franciane Lacerda, como suplente e Rafael Chambouleyron, que coordenava o PPHIST. Mesmo que os questionamentos da banca e as conversas no almoço regado de peixes típicos da região do salgado me levassem à ideia da tese, ela precisou esperar, pois em fins de 2012, fui eleito vereador em Vigia pelo Partido dos Trabalhadores. A pesquisa e a escrita tornou-se evento bem ocasional, os anos de 2013 a 2016 marcaram o meu segundo momento de atuação na “Cinco de Agosto”. Minhas idas a sede eram esporádicas e boa parte das

---

<sup>18</sup> Sobre essa primeira fase de atuação na salvaguardada dos acervos históricos da região do Salgado, Nordeste paraense, entre os anos de 2008 a 2012, quando o Arquivo da “Cinco de Agosto” foi organizado e o acervo do cartório Raiol higienizado, catalogado e parte digitalizada, ler: SOEIRO, Igo. *O patrimônio documental da Sociedade Literária e Beneficente Cinco de Agosto*: estruturação de um novo espaço cultural na cidade de Vigia. Especialização em Patrimônio Histórico e Cultural do Pará, Belém: UFPA-EGPA, 2010; SOEIRO, Igo. *A Sociedade Literária e Beneficente Cinco de Agosto da cidade de Vigia (1871-1883)*. Dissertação de Mestrado em História Social da Amazônia. UFPA: 2012, p. 17-26.

<sup>19</sup> Entre os professores doutores que muito me ajudaram a refletir sobre o objeto de estudo, recordo de Magda Ricci, Didier Lahon, Nazaré Sarges, Aldrin Figueiredo, Maurício Costa e entre os colegas de turma mais próximos estava o Daniel Barroso, Alessandra Mafra, Walter Pinto, Raimundo Franciel, Sheila Evangelista, Luiz Laurindo e o Marcelo Carvalho, alguns mantenho boas relações até hoje. A qualificação foi um dos momentos mais marcantes, quando pude, com a ajuda da orientadora Nazaré Sarges e dos professores Fernando Arthur, Franciane Lacerda e Aldrin Figueiredo, organizar melhor o texto, incluir novos itens e caminhar com segurança para o fim.

ações de salvaguarda do acervo histórico pararam. Como vereador cheguei a protocolar Indicação ao Juiz Municipal, solicitando o acervo do Cartório Vilhena, para se juntar ao Arquivo da Entidade, bem como intervir no acervo da própria Câmara da Vigia. Cobrei também a implementação da Legislação Municipal de Preservação do Patrimônio cultural e natural, todos em vão.

Ao entrar o ano de 2017, findado o mandato de vereador, voltei a estar diariamente na sede da “Cinco de Agosto”. A terceira fase de minha atuação na Entidade, que dura até os dias atuais, contou com a participação de um fiel companheiro, meu pai, professor Antônio Soeiro, já aposentado, dividiu comigo e com o sócio Raul Lobo as frentes de luta: a manutenção da sede e a salvaguarda do acervo. Após dez anos da revitalização, a sede precisava de reparos.<sup>20</sup> Em seguida, contei com o apoio de dois universitários: Igor Gomes e Felipe Daniel, alunos da turma de História do Campus da UEPA em Vigia. Nesses meses iniciais, a ideia de um dia cursar o doutorado até que existia, sem ser algo concreto, mas, aquele dia no mês de agosto me fez voltar a sonhar com a academia. Era mais uma reunião na sede “Cinco de Agosto”, desta vez para tratar de uma possível parceria entre a Entidade e o poder legislativo municipal. Estavam presentes os sócios Raul Lobo (presidente) e eu, diretor de Biblioteca e Arquivo, além do presidente da Câmara, vereador Clivaldo Wander. Naquela manhã, o que aproximava os interesses dessas pessoas que representavam Instituições distintas, era melhorar o estado de conservação do acervo documental do Poder Legislativo, até então em local impróprio e completamente desorganizado, que posteriormente passou a integrar um dos fundos do Arquivo da “Cinco de Agosto”. Deparei-me após alguns segundos com pensamento distante, olhando para a sala do Arquivo, percebi então que era o momento de sair das reuniões políticas e voltar para a UFPA.

Dessa forma, levando em consideração todo o percurso formativo, narrado até aqui, bem como a intensa relação com a Sociedade literária e o forte desejo de explorar aquele universo de fontes documentais, retomei minhas anotações, reli minha dissertação e refleti sobre a ideia surgida no dia da defesa da dissertação de mestrado, que acabou permeando todas as falas dos examinadores, de que a Sociedade “Cinco de

---

<sup>20</sup> Em janeiro de 2017 a sede encontrava-se bem deteriorada, telhado com inúmeras goteiras, portas e janelas desgastadas, piso soltando, pintura comprometida, lâmpadas queimadas e sistema de som e climatização precisando de manutenção. Aos poucos, com a ajuda dos sócios e do vereador Clivaldo Wander que presidiu a Câmara da Vigia entre os anos de 2017 a 2020, esses problemas foram sanados.



Agosto” era a ponta do iceberg, fazendo parte de um amplo repertório de práticas culturais de um grupo letrado, que demonstravam em suas ações um projeto social e político para Vigia. Foi assim, que em março de 2018, decidi buscar novas descobertas e continuar a luta pela salvaguarda dos acervos históricos, dando início a uma nova jornada acadêmica rumo ao doutorado.

## INTRODUÇÃO

A idealização e a construção de um projeto social e político por um grupo com mais de 30 homens letrados,<sup>21</sup> de vida simples, no pequeno núcleo urbano de Vigia de Nazareth nas décadas finais do século XIX. Liderados pelos professores Araújo Nunes, Vilhena Alves e Bertoldo Nunes, estabeleceram uma nova concepção social firmada na propagação da instrução como base para suas ações. Chegamos até eles pelos espaços de sociabilidade que criaram, como o Recreio Literário, a Sociedade religiosa, literária e beneficente “Cinco de Agosto”, a “Treze de Dezembro” e a Sociedade Recreativa “Philo Scenica”, além dos periódicos que escreveram como o *Liberal da Vigia*, *O Orvalho* e *O Espelho*, meios privilegiados de relação entre eles e a sociedade. A busca da sonhada civilização cristã foi moldada a partir da fusão entre as experiências com as tradições do catolicismo popular, enraizadas no lugar e a apropriação e ressignificação das ideias do movimento civilizador no Brasil, obtidas através da leitura de jornais e livros, chocando-se com os objetivos dos demais letrados no campo cultural da cidade, imersos em um contexto social de miséria, exploração nas relações de trabalho e analfabetismo. Neste cenário o grupo encontrou meios para combater tais mazelas, buscando a formação de indivíduos instruídos, com valores civilizados, ativos politicamente e com consciência social, inspirados principalmente nos ideais franceses.

Atualmente existem poucas pesquisas sobre grupos intelectuais na historiografia amazônica, geralmente os estudos se direcionam as trajetórias de vida, normalmente de personagens de grande projeção literária e política, oriundos de famílias abastadas, como se observa nas produções das dissertações e teses dos alunos do Programa de Pós Graduação em História Social da Amazônia da UFPA. Entretanto, este trabalho abre

---

<sup>21</sup> Segue a lista com mais de 30 nomes encontrados nas correspondências enviadas pela mesa diretora da Sociedade “Cinco de Agosto” ao presidente da província, bem como os que constam nas notícias de funcionamento de outras Entidades letradas das quais participaram, publicadas nos jornais de circulação em Vigia e em Belém, eram eles: Francisco Quintino de Araújo Nunes, Francisco Ferreira de Vilhena Alves, Raimundo Bertoldo Nunes, Gerônimo Alves de Melo, Severiano Bezerra de Albuquerque, Antônio Joaquim de Miranda Gama, Jonas José Ferreira, Gemino Manoel Seabra Nunes, Casemiro José Ferreira, Maximiano de Oliveira Pantoja, Januário Napoleão Nunes de Moraes, José Luciano do Carmo Barriga, Pe. Mâncio Caetano Ribeiro, Manoel Felipe da Costa, Raymundo Nunes da Costa, João José Felipe, Manoel Roque Pinheiro, Nicácio Antônio da Silva Elleres, Lívio Torquato Pinheiro, Honório dos Santos de Vilhena, Hilário do Espírito Santo Palheta, Geraldo Ferreira Bentes Filho, João Francisco da Rocha Pires, Adrião de Sousa Batalha, Felix Jozé de Carvalho, Carlos Mariano das Neves, Antônio José de Matos Sobrinho, João Marquez d’ Oliveira, Joaquim d’ Almeida Catanho Sobrinho, José de Santiago Monteiro, Manoel Macário Alves, Manoel Theodoro de Souza Gomes, Manoel Epaminondas de Vasconcelos Palheta, Augusto Ramos Pinheiro, João de Almeida Pinheiro, Gratuliano Frederico Baptista da Silva, Manoel do Nascimento de Sousa, Serafim dos Anjos Lobo, Bernardo Antônio de Sousa Favacho, Antônio Alves de Sousa, Thereza de Jesus de Vilhena.

caminho para refletir sobre o nascimento e o funcionamento dos agrupamentos intelectuais extremamente heterogêneos em sua composição social, trabalho, níveis de instrução e objetivos, que se proliferaram no final do século XIX na Província do Grão-Pará, sob a bandeira da missão civilizadora. A maioria deles eram letrados de condições remediadas ou pobres com apenas o ensino primário, obtido nas escolas mantidas pelo Estado, configurando seu percurso formativo como autodidatas. Esses servidores públicos do baixo escalão, alfaiates, sapateiros, ourives e pequenos comerciantes, criaram Entidades precursoras da Academia Paraense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Pará ou mesmo da Mina Literária, prestigioso círculo letrado de Belém em 1893, entre seus associados intelectuais estavam aqueles que conseguiram projeção de uma elite cultural local, como em Vigia de Nazareth, aos círculos letrados da capital provincial.

A abordagem aqui proposta tem como ponto de partida a história intelectual, na perspectiva francesa de autores como Pierre Bourdieu e Jean François Sirinelli<sup>22</sup> que priorizam as relações de forças no campo cultural, as redes de sociabilidade, a geração e os itinerários, interpretando as práticas culturais como estratégias de luta na esfera pública, onde os grupos mediam seus projetos numa batalha constante por capital, distinção, legitimação, consagração, espaços e imortalidade. A expressão “os humildes peregrinos” usada para denominar o principal grupo letrado estudado nesta tese foi citada pelo redator de uma gazeta local<sup>23</sup> no momento em que eles prestigiaram a inauguração de uma Sociedade letrada na vila adjacente de São Caetano de Odiveias em 1877, cujo significado tem relação com o deslocamento pelo território amazônico, propagando o progresso, a instrução e a ciência, bem como ao perfil social desses letrados, trabalhadores do cotidiano da *urbe*, que no tempo livre desenvolviam coletivamente seu intelecto. Já a condição social remediada dos participantes, que auto

---

<sup>22</sup> Entre os principais autores e obras usados como suporte teórico-metodológico estão: BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*. SP: Companhia das Letras, 1996. SIRINELLI, Jean-François. *Os Intelectuais*. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*, Rio de Janeiro: Dara Rocha, ed. FGV, 2003, p. 230-270; WILLIAMS, Raymond. *A Fração Bloomsbury*. Plural. Sociologia, USP, SP, n° 6, I sem, 1999, p. 139-168. LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. RJ: José Olympio, 2006. HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009; Dialogamos também com produção do Grupo de Estudo e Pesquisas Intelectuais, Sociedade e Política (Gepisp/UERJ), liderado pelas professoras Magali Gouveia Engel e Maria Letícia Correia, o qual tem por base autores como Antônio Gramsci, Bourdieu e Walter Benjamin, e publicaram as seguintes obras: ENGEL, Magali Gouveia; CORRÊA, Letícia Maria; SANTOS, Ricardo Augusto dos (orgs.). *Os intelectuais e a cidade (séc. XIX-XX)*. RJ: Contra Capa, 2012. CARULA, Karoline; ENGEL, Magali Gouveia; CORRÊA, Letícia Maria; *Os intelectuais e a nação: educação saúde e a construção de um Brasil moderno*. RJ: Contra Capa, 2013; ENGEL, Magali Gouveia; SOUZA, Flavia Fernandes; GUERELLUS, Natália de Santana. *Os intelectuais e a imprensa*, RJ: Mauad x Faperj, 2015.

<sup>23</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 20 de 02/02/1879, p. 01-02.

se proclamavam humildes, é aqui interpretada como uma contraposição ao funcionamento, dinâmicas e condições de vida da elite econômica que liderava os demais grupos intelectuais locais.

Perante o exposto, o primeiro capítulo chamado de “A rede de sociabilidade dos peregrinos” pretende construir o “retrato” do grupo idealizado pelo professor Araújo Nunes, prioritário na presente pesquisa, a maioria deles esquecidos pelo tempo, compreendendo os vínculos de união a partir de suas relações sociais e afetivas. Iniciaremos pela trajetória de vida dos líderes, que permite compreender as condições do letramento e do aprimoramento intelectual, em meio à predominância do analfabetismo e do exercício de ofícios mecânicos. Além disso, diluiremos a importância da formação histórica de Vigia de Nazareth para a emergência de uma comunidade letrada na geografia da Província nas décadas finais do século XIX. Esse capítulo nos leva a entender que os “humildes peregrinos” fizeram parte de uma nova elite cultural, almejando ascensão social e poder. O percurso de vida deles oportunizou discutir também temas importantes como: o avanço da ciência, a questão racial na Amazônia e até mesmo os melhoramentos no espaço citadino e seus limites. O marco cronológico deste trabalho coincide com o período em que a maioria dos componentes viveram em Vigia, entre os anos de 1866 a 1883, correspondendo à fase áurea da primeira geração. Após isso, vários fatores levaram a dispersão do grupo. O segundo capítulo intitulado “Em busca da civilização cristã” aborda as práticas culturais, mediando à construção do projeto civilizador cristão, que teve na figura de Araújo Nunes o principal articulador. De 1871 em diante, entidades literárias, escolas, bibliotecas e periódicos serviram para divulgar entre eles e para o público o que liam, a visão de mundo e suas contribuições sociais e culturais, tendo como linhas de força a ampliação da instrução popular, o culto aos santos e a caridade.

Já o terceiro capítulo nomeado de “Grupos letrados e projetos de poder” revela a importância da cultura política para os letrados de Vigia de Nazareth. Os “humildes peregrinos” construíram nesse aspecto um importante “braço” de ação, onde suas práticas culturais estabeleceram conexão com o Estado, o poder e as eleições, quase sempre gerando tensões entre eles e os demais grupos. Araújo Nunes e a maioria de seus amigos integraram o partido liberal, liderado pelas famílias Almeida, Moura Palha e Ferreira Bentes. Ora aliavam-se a eles, ora declaravam-se independentes, sendo até mesmo adversários. Já as relações amistosas com o polêmico Pe. Dr. Mâncio Caetano

Ribeiro que chegou à Vigia no ano de 1873, transformaram-se em uma contenda que abalou a arena política a partir de julho de 1876. Até a imagem milagrosa de Nossa Senhora de Nazaré, padroeira dos vigienses, foi alvo dessa disputa. No que diz respeito à relação dos “humildes peregrinos” com os letrados conservadores, chefiados pelo vigário Luiz Gonçalves de Aragão e o advogado Lauriano Antônio Gil de Sousa, as tensões foram constantes, tanto que os cargos ocupados na esfera pública, sejam eles eletivos ou não, eram usados para concretizar o projeto de cada grupo, o mesmo ocorria com os periódicos.

É importante ressaltar que para o estudo aqui proposto, usamos dois conjuntos principais de fontes: os jornais que circularam em Belém e em Vigia, bem como, o acervo cartorário do Arquivo da Sociedade “Cinco de Agosto”. A perspectiva dos capítulos não é enfatizar a inteligência de cada um e sim a importância do coletivo, onde as práticas são tomadas como categoria para compreender as relações sociais, políticas e econômicas em nível local, provincial, nacional e com o mundo exterior, cujo fio condutor dessa filosofia de vida com o presente é a “Cinco de Agosto”, mantida pelas gerações posteriores a de Vilhena Alves, as quais protagonizaram a criação do periódico com o mesmo nome da Entidade em 1939 e a fundação do Ginásio “Bertoldo Nunes” em 1953, primeira escola a oferecer o antigo ensino secundário da região, homenageando em seu nome um dos personagens principais deste estudo. Na sede dessa Instituição está o que restou da biblioteca do Recreio Literário, escola noturna criada por eles em outubro de 1871, bem como um precioso acervo manuscrito do século XIX e do XX, que vem sendo guardado com zelo pela geração atual. Essa é a história que irei contar.

## CAPÍTULO 1: A REDE DE SOCIABILIDADE DOS PEREGRINOS (1839-1883)

### 1.1- Os fundadores entre letrados e analfabetos (1839-1869).

O início do ano de 1855 foi marcado por uma movimentação na Rua São Bernardo na cidade de Vigia de Nazareth chamando a atenção para uma casa com dois cômodos de paredes altas e telhas de barro. Lá o corpo de Albino Francisco Ferreira Alves estava sendo velado por parentes e amigos, à tarde o cortejo fúnebre saiu com bom número de pessoas, chegando até um templo religioso. Era possível observar a grandiosidade do espaço, com elevados campanários circundado por colunas, sustentando o extenso corredor que dava acesso a vários cômodos da parte de cima de uso restrito dos religiosos, era a Igreja Matriz. O caixão foi posicionado em frente à sacristia, ricamente ornamentada por uma pintura dourada reluzente, sobressaindo a imagem em tamanho natural de Jesus Cristo crucificado e no nicho acima a de Nossa Senhora de Nazareth, padroeira dos vigienses. O público se acomodou nos bancos de madeira do vasto salão, cercado por quatro altares, com imagens de santos e outros quadros menores, contendo cenas de Jesus até o Calvário. O padre conduziu a missa acompanhado pelo coral que ficava no andar de cima, bem de frente a ele, utilizando diversos objetos sacros feitos em ouro e prata, como o cálice e os castiçais.<sup>24</sup>

Findado a celebração, todos seguiram em direção ao Cemitério público, que possuía poucas cruzeiras, localizado um pouco distante, ao findar as ruas e iniciar a floresta, prestaram as últimas homenagens ao morto.<sup>25</sup> A viúva Isabel Arcângela de Vilhena encontrava-se aos prantos, sempre acompanhada por um garotinho agarrado em suas pernas que pouco entendia o ocorrido. Ela cuidou da ritualística necessária para encomendar a alma do marido ao Salvador, tinha apenas 37 anos, sendo a terceira dos 10 filhos de D. Ignês Antônia Ferreira e Manoel Raimundo de Vilhena, médio produtor rural dono de 200 braças de terras nas cabeceiras do Rio Anauerá e uma ilha de terra na

---

<sup>24</sup> Sobre o interior da Igreja Matriz e os objetos sacros nela existentes, consultar: *Inventário dos bens da Igreja Matriz mandado proceder pelo sacristão José Joaquim das Neves, 1873*. Arquivo da Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto”. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: Inventários. Cx. 04, doc. 13; LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomo III, 1943, Lisboa/ Rio de Janeiro, p. 279-254.

<sup>25</sup> Este cemitério situava-se onde hoje é Praça Olavo Raiol e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Teodoro Rodrigues no bairro centro. Ler: SOEIRO, Igo. *Cultura funerária na cidade de Vigia no final dos oitocentos: transformações e permanências em torno do imaginário da morte (1860-1885)*. Monografia de Especialização, Belém: UFPA, 2008.

boca do Rio Barreta, na qual trabalhavam sete escravizados de origem africana, que produziam açúcar e aguardente em uma engenhoca com alambique, produtos intensamente comercializados na Província do Grão-Pará nesse período. Nas casas de vivenda desses espaços, existiam muitos objetos em madeira como cadeiras, mesas, baús, bancos e ferramentas que os marceneiros usavam para moldar esse material, por exemplo, os serrotes.<sup>26</sup> Possuía também um terreno com 37 braças na Rua São Bernardo. Para autoproteção, Manoel Raimundo, mantinha em sua casa uma arma lazarina e quando precisava percorrer nas longas distâncias utilizava uma liteira que os cativos carregavam, servindo de abrigo contra as intempéries da natureza.<sup>27</sup>

Isabel Vilhena viveu seus primeiros anos nessas propriedades, onde morava a maioria da população, quase sempre distantes umas das outras, interligadas pela malha fluvial ou por caminhos adentrando a mata fechada. Lá, o trabalho rotineiro desde a infância, na labuta da terra, na pesca, no extrativismo ou em um ofício manual marcaram o destino dos filhos oriundos das relações conjugais entre negros e mestiços, sendo livres ou cativos. Entre eles prevalecia o analfabetismo, pois ler e escrever pouca utilidade teria em suas vidas, além de que, as práticas de letramento no campo, como as escolas ou o ensino doméstico, eram raras ou nulas.<sup>28</sup> Na maioria das vezes, apenas o senhor e os seus filhos sabiam ler e escrever e o ensino as mulheres, como Isabel Vilhena, estava direcionado aos cuidados do lar, caracterizando o papel da esposa nesse perfil familiar, sendo ela analfabeta. Semelhante ao cenário social do Brasil prevalecia uma população clivada, dispersa, iletrada e com grande diversidade cultural.<sup>29</sup>

Albino Ferreira foi cidadão com intensa vida pública, militar no batalhão da Guarda Nacional e vereador na legislatura que iniciou 1845.<sup>30</sup> Alguns anos antes de falecer foi beneficiado na partilha dos bens dos seus avós, deixaram aos herdeiros seis

---

<sup>26</sup> A cultura material do meio rural vigiense do século XIX se perdeu, principalmente pela perenidade dos objetos, restaram apenas alguns tachos e as ruínas de uma represa feita com pedras no antigo Engenho Santo Antônio da Campina, no Tauapará que no final dos anos de 1860 a 1880 pertencente à família de Domingos Antônio Raiol. Nessa região hoje vive uma comunidade quilombola por nome de Cacau. Ler: ALMEIDA, Wilkler. *Tauapará*. 2ª ed. Belém: produção independente, 2005.

<sup>27</sup> *Inventário de Manoel Raimundo de Vilhena, 1851*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: Inventários. Cx. 02, doc. 09.

<sup>28</sup> DEL PRIORE, Mery. O cotidiano da criança livre no Brasil colônia e no império. In: Del Priore, Mary (org.) *História das crianças no Brasil*. SP: Contexto, 2009, p. 84-106.

<sup>29</sup> NOVAIS, Fernando A. Condições de privacidade na colônia. SOUSA, Laura de Mello e (org.) *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. vol I, SP: Companhia das Letras, 1997, p. 13-40.

<sup>30</sup> Periódico *Treze de Maio*. Belém, ed. 285 de 28/01/1854, p. 12.

escravos, um almofariz de bronze <sup>31</sup>, um carretel de couro, outros objetos de menor valor e uma casa na Rua de Nazareth, totalizando um pouco mais de um conto de réis, recebendo a quantia pequena de 65\$230 réis. <sup>32</sup>

*Imagem 01: Prospecto do Pelourinho da Vila de Vigia de Nazareth, 1767.* <sup>33</sup>



Fonte: Arquivo Público do Estado do Pará. Fundo: Secretaria da Capitania. Códice 182.

Albino residiu até seu falecimento no núcleo urbano de Vigia de Nazareth, <sup>34</sup> uma ponta de terra, em forma de língua, situada às margens do rio Guajará- mirim. Nela

<sup>31</sup> Vasilha usada como base na moenda de sementes pequenas.

<sup>32</sup> Os avós eram João Damasceno Ferreira e Maria Josefa Pinheiro. Albino Ferreira tinha uma única irmã de nome Maria da Luz Ferreira e seus pais eram Máximo Francisco Ferreira e D. Paulina Maria de Assunção que já haviam falecido em 1855. Os descendentes da família Ferreira, ainda hoje, vivem no Nordeste Paraense. Entre os tios de Albino, encontramos: Ignácia Ferreira, Chatarina Ferreira, Ignês Ferreira, Maria Ferreira, Telles Ferreira, Leandro Antônio Ferreira, Florência Ferreira, Félix José Ferreira, Patrícia Arcângela Ferreira. O primeiro Inventário de João Damasceno Ferreira foi feito em 1837, bem próximo do ano de seu falecimento. Já a revisão dele, a pedido de José da Costa Rodrigues, marido da irmã de Albino Ferreira, que alegou irregularidades na partilha anterior, ocorreu em 1846. *Inventário de João Damasceno Ferreira, 1846*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: Inventários. Cx. 01, doc. 40.

<sup>33</sup> Idealizado na Europa no período medieval, o hábito de se construir pelourinho foi trazido pelos portugueses no século XVI e instalado inicialmente nos engenhos de Salvador, posteriormente em locais públicos, representava um local na forma de coluna de madeira ou pedra para castigar escravizados e criminosos, estratégia da elite de firmar o poder pela violência. O projeto do pelourinho da Vigia concluído em 31 de agosto de 1767, de fato não foi instalado, sendo por isso mais adequadamente aqui chamá-lo de prospecto. Ler sobre o significado dos pelourinhos no América portuguesa em: LIMA, Joana Angélica dos Santos. *Aquele um estudo toponímico do pelourinho*. Revista virtual dos estudos de letras, UFMG, vol. I, p. 73-84, 2008.

<sup>34</sup> As origens históricas do campo e da cidade de Vigia iniciam, efetivamente, com o fidalgo português Jorge Gomes Alamos que recebeu do Rei a Carta doando uma sesmaria com oito léguas de terra entre os



destaca-se a Igreja Matriz, o cemitério e o Colégio dos Jesuítas. Em perfeita linha lateral, os moradores ergueram outra edificação religiosa que ficou inacabada, sendo popularmente chamada de Igreja de Pedras. Essas construções eram o limite para o povoamento, pois, os dois braços de rios que saiam das águas do Guajará tornavam a área pantanosa. À frente, ilhas com densas florestas formavam um lago de águas calmas e barrentas cuja “boca” dava acesso à navegação ao Oceano Atlântico. Por essa passagem o navegador português Jorge Gomes Álamo avançou em fins de 1652 e iniciou as bases da ocupação lusitana em meio às várzeas densamente habitadas pelos indígenas.<sup>35</sup> Elevada pela Coroa portuguesa a condição de vila em 1693, Vigia recebeu estrutura administrativa com Casa de Câmara e um Juiz de Paz, espaços de poder, ocupados pela elite agrária lusitana e seus descendentes. Iniciava-se nessa época o processo histórico que concedeu a Vigia centralidade na expansão do projeto colonizador na região, a partir das missões religiosas ou dos empreendimentos agrícolas, formando uma população miscigenada.

---

Rios Papepoca e Maguim em fins de 1652. Os rios citados tem hoje a denominação de Mojuim e Itapepoca, localizados na divisa dos atuais Municípios de Vigia com o de São Caetano de Odivelas. Lá o fidalgo instalou um Engenho de açúcar com o trabalho de escravizados africanos da costa da Guiné. Em outubro de 1671 desejou expandir seus negócios, erguendo outros engenhos. Solicitou autorização da Coroa, por intermédio das instâncias administrativas da Capitania do Grão-Pará, para descer 200 casais de gentios as suas terras, por sua própria vontade mediante pagamento, sem que os Governadores e Capitães-Mores pudessem remanejá-los para trabalharem em outras propriedades. O português também lançou as bases de um núcleo urbano, estrategicamente instalada numa ponta de terra de bom acesso a navegação para o Oceano Atlântico, bem como à proteção da região frente às constantes ameaças dos navios estrangeiros, iniciado com sacerdote para administrar os sacramentos e 40 casais de gentios. Arquivo Histórico Ultramarino. CU-013, Cx. 02, D. 145; AHU. CU-013, Cx. 2, D. 152.

<sup>35</sup> Para a municipalidade e na memória coletiva da população, a data oficial da fundação de Vigia é o dia 06 de janeiro de 1616, atribuída ao capitão-mor português Francisco Caldeira Castelo Branco, dias antes de fundar Santa Maria de Belém do Grão-Pará. Essa possibilidade explicativa foi formulada pelo escritor vigiense José Ildone na década de 1970, mas desde os fins do século XIX encontramos textos jornalísticos na imprensa belenense, escritos por naturais de Vigia, afirmando ser esta cidade a mais antiga da Capitania, sem especificar uma data ou fontes. Nos últimos anos, o historiador Paulo Cordeiro, analisando documentos encontrados em Arquivos portugueses, passou a defender a possibilidade de ser tal fundação em 1652, a partir da Carta de Sesmaria passada ao fidalgo português Jorge Gomes Alamos. Ler: ILDONE, José. *Noções de história da Vigia*. 1ª ed. Belém: Cejup, 1991, p. 11-13; CORDEIRO, Paulo. *História da Vigia: economia, escravidão e elite agrária (1652-1854)*. 1ª ed. Belém: ed. Cabana, 2021, p. 25-44.

Imagem 02: Mapa do Brasil Imperial e os limites com a Guiana Francesa, 1843.<sup>36</sup>



Fonte: CARTA [relativa aos limites entre o Império do Brasil e a Guiana Francesa]. 1843. [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_cartografia/cart1360054/cart1360054.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart1360054/cart1360054.jpg). Acesso em: 15 nov. 2022.

A extensa área da floresta, com suas dinâmicas de vida ligadas a produção de alimentos e a sede administrativa não se excluíam, pelo contrário, se completavam. A circulação de pessoas entre esses espaços era constante como bem prova a trajetória de vida local e social de Albino e Isabel. A elite agrária possuía terras e residências em ambos os locais e nas frequentes festas dos santos uma multidão migrava para perto da Igreja Matriz. Albino Ferreira sabia ler e escrever e ao se pensar na existência de uma comunidade letrada em Vigia, torna-se fundamental destacarmos a importância do núcleo urbano desde o século XVIII, enquanto espaço administrativo, de exercício da

<sup>36</sup> A Vila de Vigia, destacada no mapa com um círculo vermelho, situa-se na porta de entrada do Rio Amazonas na confluência com o Oceano Atlântico, seguindo o Rio para baixo está Colares e a capital da província, Belém. Em cima, estão Marapanim, Curuçá e São Caetano, vilas e freguesias onde os letrados da Vigia circulavam. Portanto, até a abertura das estradas que interligaram as vilas até a capital provincial, Vigia era lugar estratégico para vigiar as embarcações que iam e partiam de Belém, daí resulta o seu nome. As nações estrangeiras sempre estiveram a cobiçar a região, segundo informações contidas no documento *Esmeraldo de Situ Orbis*, existe a possibilidade do navegador e cosmógrafo português Duarte Pacheco Pereira ter liderado uma viagem exploratória em 1498, descrevendo a natureza e geografia semelhante a de Vigia. Em missão de campo em 1996, uma equipe de pesquisadores espanhóis e portugueses, seguindo as informações contidas no documento citado, chegaram à Vigia, convencidos de que o escrivão de Duarte Pacheco relatou esse local, sem colonizá-la de fato, cabendo isso a D. Jorge Gomes dos Álamos em 1652, conforme relatado na nota 34 deste capítulo. Periódico *O Pescador*. Vigia, 1998.

vida pública e como centro cultural.<sup>37</sup> Nesse período, deve-se a organização das práticas de letramento, principalmente ao Estado e a Igreja, por meio dos quais, os Jesuítas edificaram um Colégio e organizaram uma biblioteca,<sup>38</sup> que se destinava para a formação dos religiosos e dos filhos da elite econômica que exerceriam posteriormente os cargos de poder, servindo como estratégia de continuidade das hierarquias sociais numa sociedade profundamente estratificada, onde saber ler e escrever era habilidade basilar também na civilidade das vivências dos espaços públicos, importante na identificação dos indivíduos e dos grupos abastados. Sem contar que, a Coroa portuguesa considerava o saber escolar e os livros uma fonte de inquietação e questionamento dos laços coloniais.<sup>39</sup> Os Jesuítas foram expulsos nas décadas finais do século XVIII, mas ajudaram a germinar uma comunidade leitora na vila.

---

<sup>37</sup> RAMINELLI, Ronald. Cidade. In: VAINFAS, Ronaldo (org.). *Dicionário do Brasil colonial*. RJ: Ed. Objetiva, p.118-120.

<sup>38</sup> Os Jesuítas com reconhecida formação instrutiva, construíram em Vigia o seu segundo Colégio na Amazônia em meados do século XVIII. Contava com Biblioteca que chegou a ter 1010 volumes. Os títulos abarcavam as ciências sacras ao estudo dos padres, além dos clássicos em língua grega e latina, geografia, história e gramática. Em 1732, planejaram e administraram a construção de um imponente templo religioso, erguido pelos índios aldeados nas proximidades. Era a Igreja da Mãe da Deus, em seu entorno, realizavam-se as principais celebrações da Igreja Católica, como as dedicadas aos inúmeros santos, sobretudo a N.S. de Nazaré. Serafim Leite visitou essas construções em 1941, ficou admirado com seu “gomil de prata, os seus painéis artísticos, as suas estátuas estojadas”. Por outro lado, o destino da biblioteca era incerto, restando o catálogo em Roma. Villalta ressalta que os jesuítas em seu projeto educacional não foram tão obscurantistas e nem Pombal um notório reformador como a bibliografia comumente atribui a tais sujeitos históricos. Os jesuítas, nos seus métodos de ensino, foram resistentes as mudanças, embora tivessem sido influenciados por autores da revolução científica. Vale destacar que os inicianos retornaram ao Brasil nos anos de 1830, depois de serem expulsos em 1759, instalando-se no sul do Brasil no contexto da farroupilha. VILLALTA, Luiz Carlos. A Educação na Colônia e os Jesuítas: discutindo alguns mitos. In: PRADO, Maria Lígia Coelho; VIDAL, Diana Gonçalves. (Org.). *À Margem dos 500 Anos: reflexões irreverentes*. SP: Edusp, 2002, p. 171-184; RODRIGUES, Luiz Fernando Medeiros. *O retorno da companhia, a partir das missões populares dos Jesuítas espanhóis, no extremo sul do Brasil (1842-1867)*. Revista História e Cultura, v. 3, n.2, p. 316-337, set. 2014; LEITE, Serafim. *Autores e livros de uma livraria nos tempos coloniais*. In: Periódico *A Manhã*. Rio de Janeiro, ed. 10 de 1941, p. 32.

<sup>39</sup> VILLALTA, Luiz Carlos. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: *História da Vida Privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*, vol. I. SP: Companhia das Letras, 1997, p.331-386.

*Imagem 03: Colégio dos Jesuítas construído na Vila de Vigia de Nazareth.*<sup>40</sup>



Fonte: acervo do escritor José Ildone, 1970.

Mesmo após a independência do Brasil reconhecida em Vigia em 31 de agosto de 1823,<sup>41</sup> a situação educacional nas províncias era precária, mesmo que a Constituição de 1824 determinasse gratuidade para os alunos cursarem o ensino primário, na prática pouco funcionou devido à pobreza de grande parte dos segmentos sociais. Em Belém, no ano de 1841, foi criado o Liceu Paraense, no intuito de oferecer o

<sup>40</sup> Nessa edificação construída em meados do século XVIII, livros e práticas de ensino letrado eram disseminados, mesmo que o alcance social fosse restrito. As ruínas da Casa-Colégio dos Jesuítas conforme observamos na imagem foram demolidas aproximadamente em 1979. Em seu lugar está hoje a escola Educandário Nossa Senhora das Neves.

<sup>41</sup> No dia 22 de agosto de 1823, de Belém chegou o procurador com a missão de comunicar o fato aos vereadores do Senado da Câmara de Vigia que receberam a notícia sem oferecer qualquer resistência. O ato, na realidade, teve a elite vigiense como protagonista, entre eles o Procurador Martinho dos Santos Mendes, o escrivão João Pedroso Neves, ajudado pelo oficial Francisco Antônio Teixeira Pinto, o capitão José Cândido Ferreira e o tenente Germano Antônio Ribeiro, todos investidos de grande patriotismo. Desde o dia 28 até o dia 03 do mês seguinte, as janelas e portas da vila foram iluminadas. O Paço encontrava-se ricamente ornamentado e as pessoas vestidas com grande gala, chapéus com plumas e joias. As 6h da manhã subiram girandolas de fogos e disparos de tiros. Todas as autoridades de diferentes repartições, cidadãos e grande numero de pessoas do povo caminharam para a Praça em frente ao Senado da Câmara, acompanhados do 4º Batalhão de Milícia, onde se ouvia um grito geral de “viva ao muito alto e poderoso senhor D. Pedro de Alcântara, primeiro imperador do Brasil”. Após o ato público, todos seguiram para a Igreja Matriz para os ritos religiosos e em seguida partiram para o Paço onde as autoridades prestaram juramento as repartições do Império. Após isso, na sala mística ao Senado, as autoridades eclesiásticas, militares e civis se deliciaram em uma mesa com doces e licores. Segurando na mão de seu pai, Albino Ferreira viu às quatro da tarde, muitos cavaleiros entrarem na Praça vestidos de verde, amarelo e branco. Bailes seguiram-se por dias adentro. Mas, a independência, pouco alterou a vida dos pobres e as relações de poder no Grão-Pará e no nascente Estado brasileiro. *Resumo da declaração dos fatos com que na vila de Nazareth da Vigia se celebrou a aclamação de D. Pedro de Alcântara, primeiro Imperador do Brasil em 31 de agosto de 1823 a que se junta o discurso recitado pelo escrivão do Senado da Câmara da mesma vila.* Arquivo Palma Muniz do Instituto Histórico e Geográfico do Pará. Código de referência BR IHGP SCVNV.

ensino primário e secundário, sendo que o último passou a existir somente em dezembro de 1855.<sup>42</sup> As faculdades de Direito e Medicina eram raras e instaladas em províncias afastadas, como em Olinda. Sobre isso, Domingos Antônio Raiol, proeminente político e intelectual do império, escreveu sua obra mais conhecida *Motins Políticos*, atribuindo a ausência de instrução formal para as classes subalternas (índios, caboclos e negros), como o principal motivo para o processo de lutas sócio-política no Grão-Pará que culminou com a Cabanagem, iniciada em janeiro de 1835, que de Belém se expandiu para outras cidades, como em Vigia, cujos registros cartorários os denominavam “aqueles que atearam fogo”.<sup>43</sup> No âmbito da instrução, a elite econômica via no letramento uma forma de preservar o *status quo* evitando revoltas populares, apesar desse cenário Vigia sempre despontou como espaço privilegiado a instrução, tanto que os irmãos de Albino Ferreira e Isabel Vilhena sabiam ler e escrever na década de 1840. No início do ano de 1851, 107 meninos já frequentavam as sete escolas existentes na Província, nesse período as elites imperiais dominavam a instrução pública propagando através dela o progresso e a ciência, incutindo um padrão civilizado. No entanto para as camadas populares ainda predominava o saber informal, ensinado no ambiente doméstico e recintos religiosos.

Isabel Vilhena e Albino Ferreira casaram sob o manto da Igreja Católica lá pelo ano de 1845 e viveram juntos por 10 anos. Durante esse período, o pai de Isabel faleceu e na partilha dos bens foi representada pelo marido, beneficiada com a pequena quantia de 166\$061 réis e a escrava Joaquina (400\$).<sup>44</sup> O tempo passou e eles tiveram um único

---

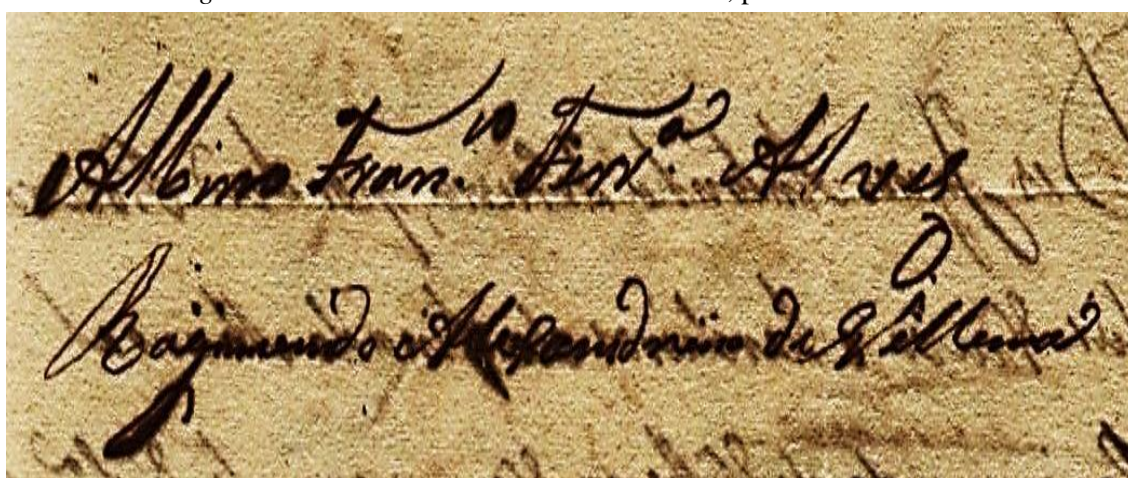
<sup>42</sup> RICCCI, Magda & LIMA, Luciano Demetrius Barbosa. *Letrados da Amazônia Imperial e saberes das populações durante a Revolução Cabana (1835-1840)*. Revista Brasileira de Educação. RJ, v.20, nº63, p. 854-859, out/dez de 2015.

<sup>43</sup> Os conflitos sangrentos entre os cabanos e as tropas legalistas ocorreram em frente ao Trem de Guerra, situado na Rua de Nazaré, símbolo do poder local. O cabano Bento Ferrão, morador do igarapé Maracajó, surpreendeu a guarnição em fins de maio e tomou o controle da vila, substituindo os vereadores e o Juiz por aliados de Francisco Vinagre. Essa situação em poucos dias foi revertida pelos legalistas, liderados por Raimundo Antônio de Sousa Alvares, um rico proprietário de terras e escravos que comandava o batalhão da Guarda Nacional. Mas ao adentrar o mês de julho Isabel e Albino, recém-casados, testemunharam um dos episódios mais emblemáticos da Cabanagem na Província. Do povoado de Porto Salvo, os cabanos preparam nova ofensiva à vila em 23 de julho de 1835. Por terra e por mar o Trem de Guerra foi cercado, houve tiros e mortes. O Juiz, João Ataíde, propôs uma trégua aos cabanos, já desarmadas, as tropas do Império foram surpreendidas pelo fogo inimigo. Todos os vereadores foram mortos, inclusive Pedro Antônio Raiol. Os Cabanos enterraram seus mortos e obrigaram o vigário a celebrar missa. Aqueles que lutaram pelos legalistas ficaram nas ruas aguardando que os viventes que fugiram para os sítios das redondezas voltassem e concedessem os ritos apropriados. RAIOL, Domingos Antônio. *Motins Políticos: ou história dos principais acontecimentos políticos da Província do Pará desde o ano de 1821 até 1835 (III e IV tomos)*. Belém: UFPA, 1970, p.757-758.

<sup>44</sup> Ainda hoje os descendentes dos Vilhenas vivem em Vigia, sendo um importante núcleo dessa genealogia os irmãos de Isabel, a saber: João Florêncio de Vilhena (nascido em 1814), Manoel Francisco de Vilhena (1815), Izabel Arcângela de Vilhena (1818), Raimundo Alexandrino de Vilhena (1819),

filho nascido em 03 de fevereiro de 1848, a quem batizaram de Francisco Ferreira de Vilhena Alves, após uma infância tranquila no seio familiar perdeu o pai aos oito anos, no momento em que havia iniciado o aprendizado da leitura e escrita, pois, seus pais já compartilhavam da ideia difundida entre as famílias de condição remediada e as bem situadas socialmente, sobre a importância de instruir os filhos para transformá-los em cidadãos, servindo a jovem nação, seja moralmente, para o trabalho e a governar, sendo bons pais, amigos, patriotas e cristãos. Mesmo que dentro dos marcadores sociais, às classes menos afortunadas caberia trabalhar e aos abastados governar.<sup>45</sup>

*Imagem 04: Assinatura de Albino Ferreira Alves, pai de Vilhena Alves.*



Fonte: *Inventário de Manoel Raimundo de Vilhena, 1851*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: Inventários. Cx. 02, doc. 09.

Na mocidade da geração de Vilhena Alves em fins dos anos de 1850 o letramento se obtinha principalmente na escola pública, anteriormente, outras formas de ensino existiram para os segmentos já citados. Assim as famílias de acordo com o perfil sociocultural, direcionavam os filhos entre os 08 aos 10 anos de idade, a um possível ofício sob os cuidados de um mestre ou prevalecendo o aprender fazendo, acompanhando o pai nos roçados, na pescaria ou em outros trabalhos manuais. A exemplo dessa prática destacamos, que em 30 de maio de 1840, Raymundo Antônio de Almeida entregou o filho Teodoro Antônio a seu irmão Antônio Felipe de Almeida, para que num período de 04 anos lhe ensinasse a ler e escrever. João Baptista Gomes

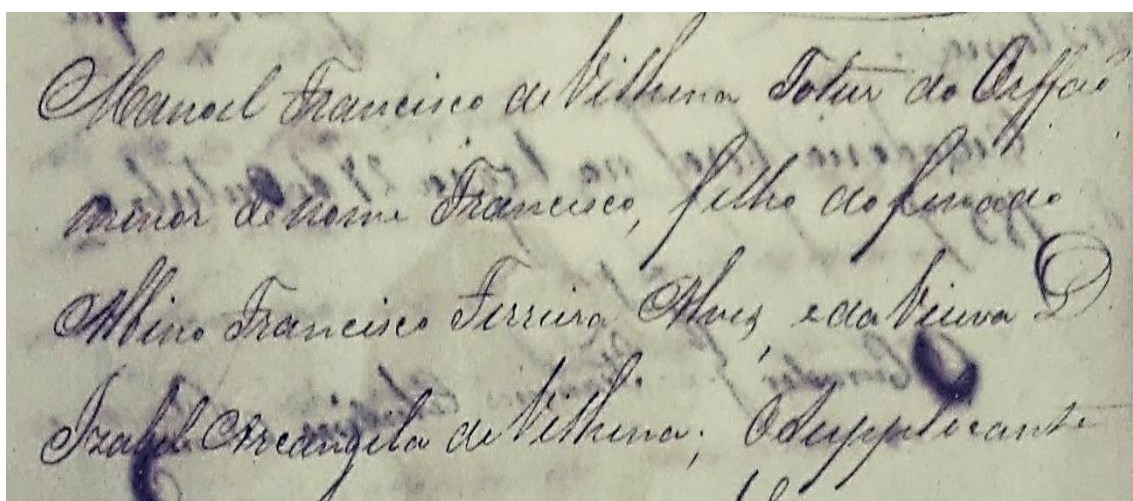
---

Antônio Marquês de Vilhena (já falecido em 1851), Maria Antônia de Vilhena (1829), Manoel Bernardo de Vilhena (1831), Felipe Liberato de Vilhena (1833), Ignácio José de Vilhena (1834), Maria da Conceição de Vilhena (1835). *Inventário de Manoel Raimundo de Vilhena, 1851*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área Civil, Série Inventários, Cx. 02, doc. 09.

<sup>45</sup> NETO, José Maia Bezerra. *Estado, Igreja e Instrução pública: práticas de reformas civilizadoras no Brasil escravista (Grão-Pará: séc. XIX)*. Curitiba: ed. CRV, 2021, p. 31.

confiou o seu, de nome Gregório Gomes aos 08 anos, para o professor João de Castro Goulard com a mesma finalidade. O padre Joaquim da Silva Martins foi contratado, em 1839, para ensinar gramática latina aos filhos de D. Arcângela Maria, viúva do vereador Pedro Raiol.<sup>46</sup> Já Margarida Modesto entregou seu filho ao conhecido mestre alfaiate Felipe Santiago de Vilhena, permanecendo com ele pelo período de cinco anos. Roberta Antônia direcionou o seu pelo mesmo período ao mestre marceneiro Cesário José Alves, e Nicácio Antônio da Silva confiou ao mestre ferreiro Francisco Gonçalves o órfão de quem era responsável pelo período de quatro anos.<sup>47</sup> A prática da instrução nesses casos diferenciava-se no sentido de que, para o ensino das letras, todas as despesas eram custeadas pela família, porém para os ofícios mecânicos caberia normalmente os mestres as despesas com o aprendiz.

*Imagem 05: Manoel de Vilhena expressa às dificuldades no letramento de Vilhena Alves, 1857.*



Fonte: *Carta de Manoel Raimundo de Vilhena ao Juiz de Órfão da Vigia, 1857*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: ofícios ao Juiz de Órfãos. Cx. Única.

Após o falecimento do pai em 1855, Vilhena Alves e a mãe viveram um período curto na propriedade rural de seu tio e tutor Manoel Francisco de Vilhena. A tendência dele era continuar lá e viver talvez como um lavrador, contudo a mãe de Vilhena Alves traçou outro caminho para ele, sendo decisiva no letramento do filho, assim como seu

<sup>46</sup> Arcângela Maria da Costa era casada com Pedro Antônio Raiol e tiveram três filhos: Domingos Antônio Raio nascido em 1830, Maria Raiol nascida em 1832 e Francisco Antônio Raiol nascido em 1833. Nos anos de 1830 Pedro Raiol era um médio produtor rural e vereador, momento em que Vigia foi palco de lutas decisivas entre os Cabanos e a tropas legalistas, levando a morte de muitos vereadores em julho de 1835, inclusive o de Pedro Raiol que morreu esganado. *Inventário de Pedro Antônio Raiol, 1840*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área Civil, Série: Inventários, Cx. 01, doc. 20.

<sup>47</sup> *Livro de audiências do termo da Vigia, 1840*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil, Série: Livros diversos. Cx. 01, Livro 02.

tutor que reivindicou as instâncias do Estado que a casa e a escrava fossem usadas para o desenvolvimento de sua instrução. A casa serviria para a sua moradia e a escrava Joaquina que se encontrava alugada, concedia o mínimo para as despesas do filho na escola, como tecidos para as roupas, alimentação, papel e outros utensílios.<sup>48</sup> Assim, em 1857, Isabel voltou para a cidade e continuou o curso primário do filho na escola pública regida pelo professor Thomaz Celestino Nunes, provavelmente a única escola para instrução masculina a funcionar em fins dos anos de 1850. Ao considerar a situação do ensino letrado na Província, já era um grande avanço.<sup>49</sup>

Em meio às estruturas familiares da época ocorriam as relações entre letrados e analfabetos, estabelecendo laços de amizade entre eles. Nesse sentido, Vilhena Alves estreitou relações com um menino que nasceu poucos meses antes dele, de nome Raymundo Bertoldo Nunes, nos anos de escola, ambos aprenderam os conteúdos de leitura e escrita, aritmética e proporções, gramática e ortografia prática, noções e deveres morais e religiosos, época em que a comunidade leitora de Vigia se expandiu significativamente. Os laços afetivos eram cultivados também fora desse espaço, nos banhos com outros amigos nas águas da maré alta, nas missas e demais atividades religiosas, bem como em brincadeiras nas ruas empoeiradas da cidade. Bertoldo Nunes era filho do matrimônio entre Francisco Celestino Nunes com Cândida Maria Ferreira Nunes, analfabeta que cuidava dos afazeres do lar. Entretanto seu pai atuou em vários cargos públicos, como o de escrivão e curador dos órfãos nos anos de 1850, assim, familiarizado com a escrita.<sup>50</sup> Não tinham grandes posses, Bertoldo cresceu com seus irmãos na modesta casa da Rua de Nazaré, onde as famílias ricas e remediadas residiam.

O perfil dessa nova elite cultural que emergia no núcleo urbano, graças às condições culturais, educacionais e materiais, caracterizava-se pela vida modesta, trabalhadores da *urbe* (servidores públicos do baixo escalão, artesãos e pequenos comerciantes) onde ao menos o pai era instruído, autodidatas, investiam coletivamente na aquisição de livros, reconhecendo a importância da instrução como meio de ascensão

---

<sup>48</sup> *Carta de Manoel Raimundo de Vilhena ao Juiz de Órfão da Vigia em 1857*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: ofícios ao Juiz de Órfãos. Cx. única.

<sup>49</sup> Para o escritor e pesquisador José Ildone, a estrutura educacional deixada pelos inicianos em Vigia foi importante para a formação da comunidade letrada na segunda metade do século XIX. Acredito que esse argumento possa ser relativizado, estando relacionado à expansão do ensino primário ao longo do século XIX e a criação de outros espaços de sociabilidade letrada a partir de 1871. ILDONE, José. *Noções de história da Vigia*. Belém: Cejup, 1992, p. 58-59.

<sup>50</sup> Francisco Nunes faleceu em 21 de abril de 1859 e Cândida Nunes em 1872. *O Liberal do Pará*, Belém, ed. 117 de 26/05/1872, p. 02; *O Espelho*. Vigia, ed. 30 de 27/04/1879, p.03.



social, aprendiam nas dinâmicas dos grupos letrados, sobretudo nas Entidades literárias por meio das quais interagiam e mediavam seus projetos com a sociedade, pois nos Partidos Políticos tinham posição secundária. Além disso, possuíam uma visão de mundo preocupada em atenuar as desigualdades sociais, embora houvesse contradições nesse aspecto, os quais se mesclaram a uma elite econômica tradicional, que vivia entre o campo e a cidade e residiam em prédios urbanos, cuja base econômica vinha das rendas obtidas através das dinâmicas da agricultura (açúcar, café, aguardente, mandioca) com o trabalho principalmente dos escravizados africanos.

A visão de mundo da elite agrária era conservadora, pouco pleiteava mudanças sociais, na verdade, aumentavam suas riquezas sobre a exploração das relações de trabalho. Uma classe com privilégios de nascimento, que controlava os partidos políticos, a Câmara, as eleições e a junta de qualificação de eleitores, também ostentando suas posses, por meio de objetos de valor no interior das casas, em ouro e prata, até mesmo as Irmandades religiosas eram dirigidas por eles. Tanto a classe remediada como a elite agrária valorizavam a instrução, eram católicos e adeptos das ideias civilizadoras, porém com projetos diferentes de sociedade. Tal como o historiador Peter Burke analisou no estudo prosopográfico das elites de Veneza e Amsterdã nos idos do século XVII, com suas semelhanças, bem como um estilo de vida diferenciado, enquanto base econômica, investimentos e função política. Assim emerge na Vigia de Nazaré das décadas finais dos oitocentos, elites que buscavam concretizar seus modelos de progresso a partir de bases culturais, sociais, políticas e econômicas diferenciadas.<sup>51</sup>

Tanto Bertoldo Nunes quanto Vilhena Alves eram filhos de relações familiares legitimadas pela Igreja católica, sem que isso tivesse alterado a posição social dos pais, muito menos dos filhos, como por vezes ocorria em Belém nesse período, onde o casamento com famílias abastadas poderia alterar os espaços de sociabilidade frequentados.<sup>52</sup> Para essa elite cultural de Vigia a tendência era o casamento dentro do próprio segmento social, significando a comunhão com um importante sacramento, pois estavam imersos em tradições católicas, que na região foi disseminada pelos padres seculares e as ordens religiosas, como os Jesuítas, desde meados do século XVII. No

---

<sup>51</sup> BURKE, Peter. *Veneza e Amsterdã: um estudo das elites no século XVII*. RJ: editora brasiliense, 1991, p. 25-47.

<sup>52</sup> CACELA, Cristina Donza. *Casamento e família em uma capital Amazônica (Belém 1870-1920)*. Belém: ed. Açai, 2011, p. 19.

entanto, nos segmentos ricos e remediados, minoria da sociedade, prevalecia às relações ilegítimas com ausência de privacidade no lar.

*Imagem 06: Mapa batimétrico da região costeira de Vigia de Nazareth, 1843.*<sup>53</sup>



Fonte: FRANÇA. Dépôt des Cartes et Plans de la Marine. Plan du port de Vigia (rivière du Para): levé et dressé en 1843. (Depósito de Mapas e Planos da Marinha Plano do porto da Vigia (rio do Pará): levantado e elaborado em 1843, Paris [França]: Dépôt general de la Marine, 1846.

Na geografia do movimento letrado da Província do Grão - Pará, Vigia despontou como cidade importante, uma capital interiorana, devido à antiguidade em sua formação sociocultural desde 1652<sup>54</sup> e ser o lugar estratégico para a navegação no Oceano Atlântico. Nesse sentido, em 1843 a marinha francesa, demonstrando seu interesse em estabelecer trocas comerciais, elaborou o mapa batimétrico dos rios que envolviam o Porto da Vigia. Integrada as outras regiões brasileiras e ao exterior pelos rios, desde o ano de 1868, a paquete da Companhia de Navegação a Vapor do Maranhão

<sup>53</sup> O Mapa expõe o pequeno núcleo urbano em 1843, com destaque a Igreja Matriz, circundada pelo igarapé Tujal, hoje com mesmo nome, o igarapé Vigia, atualmente igarapé da Rocinha, o Açaí que margeia o bairro do Arapiranga e a frente o igarapé Tauapará que adentra as terras assim chamadas. Uma área propícia, pela facilidade de escoamento da produção para Belém e Europa, a instalação dos empreendimentos da elite agrária, como veremos no Capítulo III.

<sup>54</sup> Ler notas 34 e 35.

fazia escala na cidade uma vez por mês,<sup>55</sup> e na década seguinte, os vapores Beija Flor e o Carnapijó aportavam regularmente em Vigia,<sup>56</sup> colocando-a em posição privilegiada para a circulação de pessoas, ideias e escritos, como os livros e jornais.<sup>57</sup>

Diante da relevância geográfica e social, surgiu progressivamente na cidade aparelhos administrativos como: Senado da Câmara, Mesa de Rendas, Juiz de Paz, tabelião e outros, originando locais de circulação de letrados e documentos escritos. As transformações foram ocorrendo, em 1842, o decreto 207 de 01 de agosto,<sup>58</sup> tornou-a um termo autônomo com Juiz de Paz. Em setembro de 1871 foi elevada a sede da Comarca, reunindo os termos da Vigia e Cintra,<sup>59</sup> assumindo centralidade política e jurídica sobre uma vasta região, das quais fazem parte várias freguesias, como a vila de Colares, São Caetano, Santo Antônio do Tauá, Cintra, Marapanim e Curuçá. O mesmo se observou nas cidades de Minas Gerais, as nomeações geográficas estabeleciam uma hierarquia jurídica e política de um local sobre os demais. A província estava sob a jurisdição do Presidente e da Assembleia provincial. Já a Comarca era uma circunscrição menor, divisão territorial para fins jurídico, englobando a cidade, as vilas e os arraiais de uma circunscrição territorial, cabendo a sede da comarca e as Câmaras municipais instaladas nas cidades e vilas, a gestão do território, arrecadando impostos, executando serviços e elaborando as Leis. Os arraiais ou povoados com uma população menor do que a da cidade possuíam uma economia frágil e sem autonomia administrativa, estavam vinculados ao poder da vila/cidade.<sup>60</sup> Dessa forma, os vínculos jurídicos das regiões com a sede da Comarca quase sempre não correspondiam à uma

<sup>55</sup> CARLOS, Seidi (ed.). *Almanak Administrativo, mercantil e industrial para o ano bissexto de 1868*. Belém, 1868, p. 178-179.

<sup>56</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 17 de 12/01/1879, p.04. A navegação a vapor contribuiu para a formação do Estado brasileiro e a incorporação política e econômica da Amazônia ao Império, facilitado pela abertura do rio Amazonas as nações amigas, ocorrida em 1867, o que ocasionou o investimento estrangeiro nessa atividade marítima. A introdução desse meio de transporte no Amazonas e em seus afluentes, como o Guajará-Miri, impulsionou o povoamento e o desenvolvimento econômico nessa região, bem como a circulação de ideias e impressos (jornais e livros), tornando as viagens mais curtas e seguras, desprovidas da dependência exclusiva do vento. Além disso, com custos menores e capacidade de carga maior, a locomoção a vapor segue como alternativa ao transporte ferroviário e cresceu bastante nas décadas finais do século XIX. Sobre isso ler: GREGORIO, Vitor Marcos. *O progresso vem a vapor: navegação e desenvolvimento na Amazônia do século XIX*. Revista Nova Economia, 19 (1), 2009.

<sup>57</sup> LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. 2ª ed. RJ: José Olympio, 2006, p. 07-92.

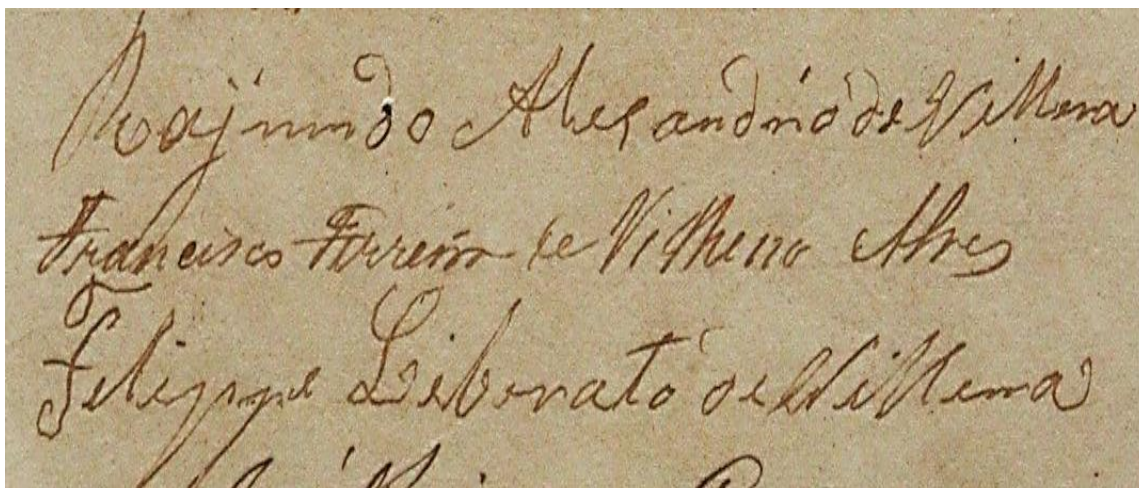
<sup>58</sup> *Revista do Patrimônio histórico e Artístico Nacional*. Órgão da Diretoria do Patrimônio Artístico Nacional. Rio de Janeiro, nº11, p.309, 1947.

<sup>59</sup> A comarca da Vigia “compreenderá os termos reunidos da Vigia e Cintra, desmembrados da comarca da capital, e lhe servirão de limites entre esta e a de Bragança, os mesmos dos referidos termos”. *Lei 674 de 21 de setembro de 1871*. APEP. Collecção das Leis da Província do Gram- Pará no anno de 1871, TOMO XXXIII, Parte 1ª.

<sup>60</sup> Paula, Maria Helena de & Almeida, Mayara Aparecida Ribeiro de. *Entre arraiais, vilas, cidades, comarcas e províncias: terminologias da representação do espaço no Sudeste goiano do século XIX*. Revista (Com) Textos Linguísticos, v. 10, nº 17, p. 153-167, 2016.

ampla identidade cultural, como revela a formação dos inúmeros municípios adjacentes a Vigia que se desmembraram no século XX. Por outro lado, as sedes de Comarca também eram centros da cultura escrita, produzindo processos da área civil, criminal e eleitoral que relatavam as relações sociais da época, sobressaindo-se em Vigia a elaboração dos inventários.<sup>61</sup>

Imagem 07: Vilhena Alves assina documento representando a mãe.



Fonte: *Inventário de Ignês Antônia Ferreira, 1865*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: Inventários. Cx. 03, doc. 17 A.

Na cidade, a evolução escolar estatal tornou o ensino primário regular e acessível não só aos filhos das famílias abastadas, em 1868 já havia três escolas para alunos de primeiras letras. A linha dos Correios, instalada em 1854, favoreceu a troca de correspondências, a circulação de jornais e outros documentos escritos, que chegavam de várias Províncias até Vigia por suas malas.<sup>62</sup> Nos anos de 1850, circulou um dos primeiros periódicos manuscritos do interior da Província, de nome *O Vigianse* e em

<sup>61</sup> No início do século XX, os Cartórios Raiol e Vilhena herdaram essa documentação. Em julho de 2006 encontrei esse material quando procurava pelos testamentos do século XIX. Em 2007, os antigos processos que estavam no Cartório Raiol foram transferidos para a sede da Sociedade “Cinco de Agosto”, como consta na nota 19 deste capítulo. Já o acervo que estava no Cartório Vilhena foi levado para o Fórum da Vigia, a maior parte deles armazenados em condições precárias em uma sala e até mesmo no chão do corredor. A visita técnica da equipe do Tribunal de Justiça do Estado do Pará em 2018, validou a permanência dos manuscritos do Cartório Raiol na Entidade citada, levaram os processos do Cartório Vilhena para o Arquivo Central do TJ no município de Ananindeua, onde grande parte foi higienizada. Meses depois a mesa diretora da Sociedade Cinco de Agosto solicitou a cedência temporária desse acervo, o qual foi oficializado em 2020. Em 2022, o projeto “O catálogo nominal descritivo do acervo histórico do Cartório Vilhena da cidade de Vigia de Nazaré” foi contemplado no edital da Lei Aldir Blanc e, com isso, esse patrimônio cultural foi catalogado, estando disponível no site [www.cincodeagosto.tk](http://www.cincodeagosto.tk)

<sup>62</sup> *Treze de Maio*. Belém, ed. 395 de 12/10/1954, p.05.

seguida surgiu *O Boquinha de Moça*, escrito por Thomaz Joaquim Celestino Nunes.<sup>63</sup> Um lugar estratégico economicamente que atraiu pessoas de outras partes da Província ou mesmo de fora dela, cujas oportunidades de negócios tornou-a cosmopolita, ambiente de grande efervescência cultural e fluxo de ideias.

Ainda sobre a trajetória de vida e sua intensa relação para o entendimento do contexto letrado da cidade, Isabel optou em não se casar em segunda núpcias e sim a dedicar-se aos cuidados do filho, o convívio no lar materno era de respeito e confiança. Em 1865, Vilhena Alves representou sua genitora na divisão da herança deixada pela morte da avó Ignês Antônia, as rendas da família materna continuaram ligadas à cultura da terra, totalizando 4\$684,000 réis, porém, dado a grande quantidade de herdeiros, desse valor ficaram com apenas 431\$316.<sup>64</sup> Nada que propiciasse viver confortavelmente, mas suficiente para mantê-lo distante do trabalho, Vilhena Alves acabara de completar 18 anos e nesse momento, trabalhar tornava-se necessário.

Mas a continuidade dos estudos na escola de segundo grau, onde aprofundariam a leitura e os conhecimentos sobre geometria prática, gramática nacional, noções de história e geografia do Império, noções de deveres morais e religiosos e leitura da Constituição e do Código Penal, seria um grande desafio, pois Vilhena Alves e seus amigos possuíam um baixo nível de instrução. Uma parcela deles, sequer completava o curso primário, ficando na escola ao tempo de aprenderem a leitura e a escrita, abandonando-a em seguida pela necessidade de trabalhar, os que completavam as famílias não conseguiam enviá-los a capital para cursar as disciplinas do secundário e, quem sabe, uma faculdade em capitais de maior porte no Brasil ou mesmo no exterior. Assim entre os líderes e aqueles que iniciaram a participação nas dinâmicas do grupo até 1883, apenas Candido Severo de Carvalho Nunes estudou alguns meses na França, após ser seminarista em Belém. Os demais construíram sua bagagem intelectual a partir das práticas culturais construídas gradativamente pelo grupo, ou seja, na experiência cotidiana com a leitura dos impressos, nas bibliotecas das Entidades que eles criaram, nas conversas, nos espaços de sociabilidade, na escrita das gazetas locais, no exercício

---

<sup>63</sup> *JORNAIS PARA OARAS: catálogo*. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1985.

<sup>64</sup> Entre os bens estavam oito escravos, duas vacas, terras, a casa de engenho, a casa de vivenda, dois canaviais, 06 milheiros de telhas, um casco de 40 palmos para canoa, um taxo, um alambique, e outros objetos de menor valor que davam o suporte necessário a agricultura do açúcar e a produção de aguardente. Possivelmente nas terras dos avós de Vilhena Alves houve uma Olaria o que indica a quantidade significativa de telhas. Nas margens dos rios a matéria prima era abundante, tornando o fabrico e o comércio de telhas uma renda complementar na propriedade, pois na cidade, a demanda por esse produto era cada vez maior nos anos de 1860. *Inventário de Ignês Antônia Ferreira, 1865*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série Inventários. Cx. 03, doc. 17A.

da profissão e nos cargos ocupados. Era assim que normalmente se desenvolvia essa elite letrada nas cidades interioranas da Amazônia, que mesmo com poucos recursos encontraram maneiras para ampliar seus conhecimentos e usar o saber como forma de distinção, ascensão social e poder. Isso é perceptível na trajetória profissional de Vilhena Alves que só obteve o título de normalista em 1880.<sup>65</sup>

Com tal argumento, surgem dois questionamentos aos textos jornalísticos e aos autores, que em tempos diferentes, discorreram sobre a “fase de ouro” da literatura vigiense, alçada a Atenas paraense.<sup>66</sup> Por um lado, não consideraram a heterogeneidade da comunidade letrada de Vigia a nível de renda, instrução e ideologia. De outro, não distinguiram a filiação deles aos grupos culturais com suas dinâmicas de organização e funcionamento na formulação de seus projetos sociopolíticos. Além disso, mais que uma comunidade com escritores de projeção, eram em sua maioria, apenas leitores que logo trabalhariam nos ofícios e serviços urbanos, não vivendo da habilidade de leitura e escrita, no máximo escreviam nas gazetas locais. Nessas condições, e sem outros espaços de sociabilidade letrada, com ausência de biblioteca comunitária, rara nos anos de 1860 na Província, a alternativa era tornar-se autodidata, isso aos que tiveram um ímpeto para aprofundar seus conhecimentos, apenas um ou outro alcançou projeção literária.

Foi no cotidiano que muitos deles desenvolveram suas estratégias para adquirir conhecimento, organizando cadernos para escrever poesias e artigos. Tais Álbuns circulavam entre os amigos que compartilhavam da cultura escrita e, assim, trocavam conhecimentos e firmavam relações amistosas. Em 1866, Alexandre Venâncio Magno, residente em Belém, escreveu no caderno de Vilhena Alves um artigo com o título “Scepticismo” que traz a ideia, compartilhada por ambos, da condenação dos incrédulos das crenças religiosas. Mais que isso, a troca dos escritos revela a existência de uma rede relacional maior, envolvendo os letrados que viviam nessas cidades, onde se teciam

---

<sup>65</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 27 de 04/02/1880, p. 02.

<sup>66</sup> Nos discursos propagados na imprensa belenense, a maiores deles escritos por letrados nascidos em Vigia, ressaltavam ser ela terra de intelectuais, formados nas décadas de 1870 e na seguinte, quando inúmeros externatos, periódicos e bibliotecas foram organizados. *Diários de Notícias*. Belém, ed. 196 de 02/09/1896, p. 02.

conexões, vínculos, amizades e rivalidades. Por meio das relações pessoais as ideias circulavam permeando os grupos sociais organizados. <sup>67</sup> Disse Alexandre Magno:

A vida não é a vida sem o meigo sorriso de fogueiras esperanças, e sem esse entusiasmo que só pode inspirar uma ardente e verdadeira crença! A fé é o primeiro escudo da sociedade, a esperança, o elemento que a vivifica e defende contra os sopros estéreis da incredulidade. <sup>68</sup>

Em relação à projeção literária, em 23 de março de 1866, Vilhena Alves publicou pela primeira vez na imprensa belenense. Nessa época não existiam gazetas, muito menos tipografias em Vigia, sua poesia *O Sacrifício de Isaac* demonstra a formação religiosa recebida na terra natal, pois, viveu em uma família cristã, internalizando os sacramentos, chegando a participar anos depois do coro da Igreja Matriz. O interesse em se expressar e ver o mundo pela literatura o posicionava socialmente como indivíduo moderno, culto, amante da instrução, comportamento muito valorizado entre seus pares, pois a narrativa literária era considerada uma forma das mais nobres para se exhibir. Ele já havia absorvido os valores de homem civilizado, sem abandonar os dogmas da Igreja Católica. Iniciou assim:

Toma teu filho Isaac, e ambos dirijam-se  
A terra de visão: ali chegando,  
Sobre o monte que então hei de indicar-te  
M' ofereceras em holocausto. Disse  
O senhor ao seu Santo Patriarca. <sup>69</sup>

Publicada na revista *A Estrella do Norte*, semanário organizado pelo Bispo D. Antônio de Macedo Costa, a poesia revela as relações amistosas com os religiosos que influenciou decisões pessoais importantes, inclusive sua atuação política, inicialmente no Partido Conservador, que tinha como um dos líderes nos anos de 1860 o vigário da cidade, Luiz Gonçalves de Aragão. É claro que, nem todos que conviviam com Vilhena Alves tinham a ambição de conquistar notoriedade como escritor, ou mesmo viver de sua pena. Até mesmo Vilhena Alves só ganhou alguma renda com isso, quando escreveu livros de gramática para a instrução pública no período republicano. Para eles,

<sup>67</sup> GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio...os intelectuais cariocas e o modernismo*. Revista Estudos Históricos, RJ, vol. 6, n. 11, p. 62-8, 1993.

<sup>68</sup> *A Estrella do Norte*. Belém, ed. 11 de 18/03/1866, p. 83-85.

<sup>69</sup> *A Estrella do Norte*. Belém, ed. 34 de 26/03/1866, p. 271-272.

um cargo público de um salário modesto que exigia a capacidade de escrita, já ajudaria bastante nessa nova etapa da vida.

Por ironia do destino, pouco tempo depois da publicação dessa poesia, faleceu sua mãe aos 48 anos. A casa em que se encontrava o corpo era a mesma onde 11 anos antes faleceu seu pai e no entra e sai das pessoas, avistava-se no outro cômodo, uma mesa com cadeira, papéis, pena e tinteiro. Então aos 18 anos, inseparável do corpo da mãe estava Vilhena Alves, tomado pelo sofrimento, a dor e o sentimento de desamparo em um mundo tão indiferente.

Anos depois, em um final de tarde de 14 de janeiro de 1893 no cemitério da Soledade em Vigia, rememorou o fato assim:

Ainda me lembro com o coração transpassado de dor, do dia em que vi morta a minha idolatrada mãe, e que olhando em redor de mim, só divisei as pessoas de minha família, e um único amigo que me abraçava e chorava comigo a perda irreparável que sofria. Este amigo era Francisco Quintino de Araújo Nunes.<sup>70</sup>

A voz de Vilhena Alves foi silenciada pela areia jogada sobre o caixão daquele que considerou seu grande amigo, nasceram em Vigia, cidade pela qual nutriam forte sentimento. Mesmo quando alçaram voos para outras cidades, escreviam e defendiam sempre a terra natal, Vilhena Alves foi o que mais resistiu em se afastar. Em 1882, Santa Helena Magno, conhecido intelectual da capital e o próprio Bispo D. Antônio de Macedo Costa, o convidaram para trabalhar em Belém ao que sempre respondia negativamente, por amor a sua terra. Os laços afetivos entre eles assemelhava-se a de um irmão mais velho e o mais jovem, que se originou nas relações familiares. Ignês Antônia Ferreira, avó de Vilhena Alves e Cândida Maria Ferreira Nunes, mãe de Araújo Nunes, eram aparentadas, tanto que Araújo Nunes em 1866 consolou o amigo no momento mais difícil de sua vida, quando faleceu sua mãe.

Ao contrário de tantas outras amizades sinceras entre letrados que se originaram nos espaços de instrução, entre alunos que estudaram na mesma classe, ou mesmo entre o mestre e o discípulo, a diferença de idade levou-os a caminhos distintos até 1866, fase de conversas esporádicas, o que não restringiu a admiração do jovem poeta ao

---

<sup>70</sup> *Discurso recitado pelo professor Vilhena Alves como orador oficial da Sociedade "Cinco de Agosto" por ocasião de baixar ao túmulo, na cidade de Vigia, o cadáver do professor Francisco Quintino de Araújo Nunes. In: O Democrata. Belém, ed.18 de 22/01/1893, p. 02.*



comportamento público e as ideias que pregava o professor Nunes, sobretudo, da instrução como elemento fundamental para vida. O amigo influenciou também seu percurso formativo e profissional, servindo de inspiração desde a adolescência, tomando-o como referência de posição social ocupada enquanto homem civilizado.

Araújo Nunes nasceu em 1839, oito anos mais velho que Vilhena Alves, devido à oferta irregular do ensino na infância de Araújo Nunes, a família o enviou para estudar em Belém. Foi acolhido por famílias apadrinhadas, que costumavam ajudar os filhos do interior da Província, seu mestre era Manoel Maria Duarte, professor de álgebra, aritmética, geometria, contabilidade e escritura mercantil. Concluiu o curso primário em meados dos anos de 1850. Nessa época as elites remodelavam o espaço citadino, financiados em grande parte, pela economia da borracha e tinham como princípio a ideia de civilização. Nesse contexto Araújo Nunes presenciou essas mudanças, mas, sua condição familiar não permitiu avançar nos estudos e em 1860, aos 21 anos, prestou exame no qual foi admitido como professor regente da escola de ensino primário da vila de São Miguel de Cintra.<sup>71</sup> Essa foi sua primeira experiência profissional, jovem, sem a presença do pai e idade avançada da mãe, desejou se aproximar de casa. A seu pedido, foi removido pouco tempo depois para a freguesia de São Caetano d' Odivelas, adjacente a cidade natal, que juntamente com Cintra, formava o local com a vivência urbana mais desenvolvida na região. Por onde passou construiu amizades duradouras, ampliou sua observação sobre os problemas da região, além de adquirir experiência na relação com os alunos.<sup>72</sup>

Nos anos de 1860, enquanto Araújo Nunes percorreu esses lugares, não restou outra saída para Vilhena Alves continuar sua formação, buscou intensificar a leitura, porem o livro não era um bem cultural encontrado com frequência no espólio da elite econômica e cultural de Vigia e Comarca até o ano de 1871, conforme nota-se no processo de transmissão de bens aos herdeiros.<sup>73</sup> A biblioteca particular do vigário da Paróquia local, Luiz Gonçalves de Aragão, com 50 títulos, alguns com vários volumes, foi uma solução. Vigia, enquanto cidade portuária, situada na embocadura do Oceano

---

<sup>71</sup> Atual cidade de Maracanã.

<sup>72</sup> *Gazeta Oficial*. Belém, ed. 131 de 11/06/1860, p. 02; *Gazeta Oficial*. Belém, ed. 143 de 25/06/1860, p.01; SEIDE, Carlos (dir.). *Almanak administrativo, mercantil e industrial para o anno bissexto de 1868*. Belém, nº 01, p. 277; FERREIRA, Jonas. Biografia de Francisco Quintino de Araújo Nunes. In: MOURA, Ignácio (org.). *Anuário de Belém: em comemoração do seu tricentenário (1616-1916)*. Belém: Imprensa oficial, 1915, p. 194-195.

<sup>73</sup> Esse argumento está fundamentado na análise da série Inventários do fundo do Cartório Raiol do ASCA disponíveis no site: [www.cincodeagosto.tk](http://www.cincodeagosto.tk).

Atlântico, possibilitava que os impressos chegassem aos leitores, através da aquisição de obras nas livrarias instaladas na capital, poucas horas de barco dali, frequentadas constantemente pelos letrados vigienses. Assim, os livros revelam o perfil cultural de seus leitores. Lá, Vilhena Alves encontrou, sobretudo, leituras de temas religiosos, da história da Igreja Católica, dicionários e sobre Direito. Existiam também, autores como Tito Lívio, escritor da Roma Clássica e Cesar Catun que escreveu uma conhecida coleção entre os leitores da época sobre a História Universal.<sup>74</sup> Os livros cumpriram papel primordial na difusão da sociedade cristã que almejavam, base na formação de Vilhena Alves e outros homens letrados desse tempo, pois entre os títulos encontramos também obras de François – Rene Chateaubriand, como *O Paraíso Perdido*.<sup>75</sup>

Em suas visitas a Vigia, o escritor, político e bacharel em Direito Domingos Antônio Raiol, conheceu o conterrâneo Vilhena Alves e seu ímpeto por conhecimento. Dr. Raiol era 27 anos mais velho que o jovem pretendente a escritor, emprestou obras de sua biblioteca particular, sobretudo de poesias, para seu crescimento intelectual. Nesse período, Raiol organizou o primeiro dos tomos de *Motins Políticos*, obra que o imortalizaria, a admiração que Vilhena Alves nutria pelo intelectual de maior projeção de sua terra natal, fez com que enviasse correspondências pedindo que avaliasse e sugerisse alterações em seus escritos. Vilhena Alves expressava sua visão de mundo e

---

<sup>74</sup> Algumas obras citadas no Inventário do Pe. Aragão estão com a grafia difícil de compreender, ao lado de cada uma delas incluir o valor estimado na época: seis volumes das obras completas de Chatoubriant (16\$000), 06 volumes da História Universal de Cezar Catun (30\$000), 05 volumes do Novelário Geral (2\$000), Cantigos espirituais (2\$000), O Paraizo Pertido de François – Rene Chateaubriand (8\$000); Conferencia de Nossa Paris (4\$000), Dicionário de Constâncio (5\$000); 03 volumes do Direito Eclesiástico por Marte (10\$000); 02 volumes de Teologia Dramática por Consert (6\$000); As aventuras de Gil Braz de Santillane por Alin-René Lesage (5\$000), Ensaio Chorografico (1\$500); Voz de Jesus Cristo (4\$000); Voz Evangélica (4\$000); Advogado do Povo (1\$000); História Eclesiástica (10\$000); 04 volumes de Pronnes de Billot (8\$000); Manual Sacerdotal (2\$000); Miscelanea (2\$000), Telemaques (2\$000); Tito Livio (2\$000); História abreviada da Igreja (3\$000); Ordo Administrando sacramento (1\$000); Ginie do Povo (1\$000); 03 volumes de Virgilio Manones (4\$000); Manual do Leigo (2\$000); 08 volumes de Evangelio em triunfo (16\$000); 03 Obras de D. Romualdo Antônio de Seixas (6\$000); Elementos de Aritmética (1\$000); Guia do processo policial (1\$000); Doutrina da Constituição (4\$000), 04 volumes de Breviano Romano (12\$000); 03 volumes do Direito Eclesiástico por Almeida (9\$000); A Religião Ocidental do Pará (2\$000); 02 volumes de Vieira abreviado (3\$000); Catecismo de Astit (1\$000); 02 volumes de Teatro Eclesiástico (4\$000); Instruções cerimoniais (2\$000); 05 volumes de Ponte, sermões (5\$000); Celeta Latina (1\$000); Salistia (2\$000); Lontropio (2\$000); 03 volumes de Orador Sagrado (3\$000); Jesus Cristo perante o século (3\$000); Orações por José Rodrigues Moreira de Carvalho (2\$000); Masllgsalugio (1\$000); Os Jesuítas perante a história (2\$000); Novena de Moises Silveira do Carmo (1\$000); História Sagrada por Piaguet (1\$000); Theologia Moral (3\$000). *Inventário de Luiz Gonçalves de Aragão, 1874*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol, Área: Civil, Série Inventários, Cx. 04, doc. 21

<sup>75</sup> CONCEIÇÃO, Maria do Rosário Alves da. A biblioteca de Almeida Garret: a formação de um homem de letras oitocentista. In: BESSONE, Tânia; RIBEIRO, Gladys Sabina; GONÇALVES, Monique de Siqueira; MOMESSO, Beatriz (orgs.). *Imprensa, livros e política no oitocentos*. SP: Alameda, 2018, p.347-356.

um estilo de vida por meio da literatura, além de mediar o desejo de ver um país instruído, aos padrões da ciência, ou seja, civilizado aos moldes europeus, desejo de uma comunidade letrada que aumentava com o desenvolvimento da vida urbana no Brasil Imperial.

O falecimento do irmão Thomaz Celestino Nunes precipitou o retorno de Araújo Nunes à Vigia, para reger uma das escolas em meados do ano de 1866 aos 27 anos, fixou residência no largo da Igreja Matriz, um espaço em forma de quadrado, circundado por construções antigas, deixadas pelos jesuítas, como o Colégio e a Igreja Matriz, onde próximo a uma das três portas do templo religioso uma jovem negra ficava sentada em um banco de madeira, que mal cabia sua cintura e se punha vender seus doces aos passantes à missa dominical. Nesse período, Simão e Igarapé eram os dois distritos de Paz, possuindo cerca de 500 casas e nove ruas, das quais cinco bem povoadas e dez travessas, onde viviam um pouco mais de mil pessoas, entre livres e escravizados, ricos, remediados e pobres, sendo que a maioria deles exerciam ofícios de alfaiates, ferreiros, sapateiros, ourives, marceneiros e calafates. Outros também eram donos de drogarias, padarias e lojas de secos e molhados, uma parcela significativa deles já eram leitores.<sup>76</sup> Semelhante ao grupo que nasceu a partir de Virgínia Woolf, Maynard Keynes e outros no período em que estiveram na Universidade de Cambridge, citados pelo historiador Raymond Williams, os laços afetivos entre Vilhena Alves, Bertoldo Nunes e Araújo Nunes, e os valores civilizados que compartilhavam foram os principais elementos de coesão que levaram a formação da rede de sociabilidade, que efetivamente começou a se movimentar em 1871.<sup>77</sup> A sociedade vigiense havia mudado, os segmentos menos afortunados buscavam maior participação na vida pública, uma nova elite cultural emergia e os três amigos faziam parte dela.

Vilhena Alves almejou ser um literato de projeção, logo após a publicação da poesia *O Sacrifício de Isaac*, não parou mais de escrever. Na orfandade, contou com a proteção fundamental da família Almeida, o português Bento José de Almeida, um dos chefes do Partido Liberal da Vigia era membro da elite agrária da região. Seu filho, Agostinho José de Almeida, professor em Belém e comerciante de grosso trato na Praça

---

<sup>76</sup> SEIDL, Carlos (ed.). *Almanak Administrativo, mercantil e industrial do Pará para o ano bissexto de 1868*. Belém, 1º ano, p. 281.

<sup>77</sup> O historiador Raymond Williams observou nas primeiras décadas do século XX, na Inglaterra, o desenvolvimento de um grupo intelectual que denominou de A Fração Bloomsbury, nascido das amizades e do prazer estético compartilhado por tais intelectuais, os quais agiam propondo um estilo de vida novo a partir dos valores clássicos do Iluminismo. WILLIAMS, Raymond. *A fração Bloomsbury*. Revista Plural Sociologia, SP, vol. 6, p. 139-168, I sem, 1999.

do Maranhão com família em Vigia, foi um dos grandes incentivadores nessa fase da vida de Vilhena Alves. Ao adentrar o ano de 1868, os redatores do jornal *Diário do Gram-Pará* já profetizavam a projeção literária em sua vida, suas poesias foram publicadas nesse semanário<sup>78</sup> e posteriormente revisadas, originando seu primeiro livro, *Monodias*, prestando reconhecimento e gratidão às pessoas importantes em sua trajetória: aos pais, a Agostinho Almeida e ao Dr. Raiol. Sem dúvida essa obra foi um marco simbólico das transformações culturais em curso, sendo prenúncio de novos espaços de sociabilidade, onde saber e poder caminhavam juntos, possibilitando a inserção de certos letrados de Vigia na limitada rede de literatos da Província. Além disso, o livro, dividido em três partes, vincula-se a uma fase do romantismo no Brasil, caracterizado pelo indianismo, sobretudo na I parte, onde a visão romântica do indígena aparece nas poesias “O canto do índio”, “A filha das selvas”, “A bananeira”, “A visão do índio”, “Canto do Pagé”, “O Tamoyo”, “Grito da Guerra”, “Nênia do Tupinambá”,<sup>79</sup> sendo ele alçado a símbolo da identidade nacional, redimensionado na perspectiva evolucionista da ciência e até mesmo da Igreja Católica, tal como os intelectuais do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro preconizaram em sua Revista, demonstrando que o jovem poeta era um propagador de um projeto de nação que atingiu plenitude com o grupo letrado que liderou.<sup>80</sup>

*Imagem 08:* Araújo Nunes assina documento representado sua esposa na partilha dos bens deixados a ela por sua mãe.

Francisco Quintino de Araújo Nunes  
Esposa de D. Maria Thirza Amoras Nunes  
Partilha

Fonte: *Inventário de Narcisa Maria Thereza Amoras, 1874*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área Civil. Série Inventários. Cx. 04, doc. 18.

<sup>78</sup> *Diário do Grão-Pará*. Belém. ed. 118 de 24/05//1868, p. 01 e nas edições 119, 120, 121, 122 e 124.

<sup>79</sup> ALVES, Francisco Ferreira de Vilhena. *Monodias: coleção de poesias*. Maranhão: Typografia de Belarmino de Matos, 1868.

<sup>80</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. 6ª reimpressão, SP: Companhia das Letras, 2005, p.80-85.

Enquanto Vilhena Alves conquistava notoriedade no meio intelectual da Província, o cotidiano de Araújo Nunes nos meses que se seguiram a sua chegada a Vigia, eram as aulas que regia na escola de ensino primário e as reuniões políticas que ajudaram na nomeação de Bertoldo Nunes, irmão caçula, que aos 19 anos passou a ser seu adjunto na escola da qual era titular. Com o falecimento do patriarca dos Nunes em 1859, Bertoldo ficou órfão aos 12 anos. Araújo Nunes, como um dos mais velhos, passou a ser sua referencia, ajudando a custear as despesas da família e cuidar dos mais jovens, foi muito mais que um irmão para ele. Nesses anos finais da década de 1860, a comunidade letrada de Vigia continuava sem outros meios de formação, além dos jornais e os poucos livros que tinham acesso.

Imagem 09: Relação dos moradores de Vigia de Nazareth, 1857.

11	1	João Francisco	65	Vigia	Diácono	Luz	Manoel	Sacerdote
	2	José Luiz Biguanas	30	"	Saltiro	"	"	"
	3	Maria Das Neves	8	"	"	"	Bonanca	"
	1	Ant. José Palermua	62	"	viúvo	"	Molata	Carpinteiro
	2	M. Co. Jacinto Palermua	29	"	Saltiro	"	"	Sacramento
12	3	Imaculada M. Palermua	19	"	"	"	"	"
	4	M. Laurindo Palermua	5	"	"	"	Manuelino	"
	5	Theresa Maria Palermua	2	"	"	"	"	"
	1	M. Francisco do Maravio	38	"	Carado	"	"	"
	2	Domingos Antonio de Vitoria	42	Arade	"	"	"	"
	3	José Maria Palermua	14	Vigia	Saltiro	"	"	"
13	4	Lionelina M. Palermua	13	"	"	"	"	"
	5	Guerrino J. Palermua	12	"	"	"	"	"
	6	Maria Casilda Palermua	10	"	"	"	"	"
	7	M. Luciana Palermua	8	"	"	"	"	"
14	1	José de Brito	77	"	Carado	"	Bonanca	"
	2	Luiz Antonio de Brito	65	"	"	"	"	"
	3	M. Antonio de Brito	64	"	Saltiro	"	"	"
	4	Luiz Antonio de Brito	47	"	"	"	"	"

Fonte: Relação nominal dos moradores de Vigia, 1857. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: processos diversos. Cx.11, doc. 41.

Bertoldo e Vilhena Alves ainda viviam com as mães, quando Araújo Nunes casou com Maria Thereza Amoras Nunes de 24 anos, cuja família possuía raízes em Vigia, filha de Narcisa Maria Thereza Amoras que faleceu em 1874. O casamento não lhe rendeu grande fortuna, mas ajudou. Entre os bens deixado aos herdeiros da esposa estavam terras na Rua de Nazaré e na Tv. do Carmo em Vigia, 04 escravos e a propriedade de nome Ribeira no Rio Tauapará, vendida parceladamente, por cinco

contos de réis.<sup>81</sup> Desse valor, um conto de réis ficou como herança para a esposa de Araújo Nunes que, certamente, ajudou na edificação da vida material do casal e a iniciar a instrução dos filhos. Thereza Amoras e o professor Nunes tiveram numerosa prole, em 1863 nasceu Cândida Balbina Amoras Nunes, a mais velha, assim os valores culturais foram transmitidos aos filhos, que receberam as primeiras letras nas escolas da Vigia. Araújo Nunes investiu na instrução deles, mantendo-os, com dificuldades em Belém.<sup>82</sup>

A partir de 1866, Araújo Nunes e Bertoldo Nunes tornaram-se inseparáveis, estreitando os laços familiares, profissionais e políticos. Desde muito moço, Bertoldo tinha um ímpeto revolucionário, inclusive já demonstrando suas ideias abolicionistas. Todos eles estavam envolvidos na arena política, embora Vilhena Alves priorizasse a ampliação de sua bagagem intelectual. Mas, a necessidade material o levou a iniciar sua carreira no serviço público, como professor adjunto da escola regida por Raimundo José de Lima em Vigia no início de 1869 aos 21 anos, sem dúvida pela barganha política. Já os irmãos Nunes eram mais incisivos na participação política.

De toda forma, o retorno a Vigia de Araújo Nunes, homem já experiente, era a que faltava para emergir a rede de sociabilidade<sup>83</sup> fundada por esses amigos professores, principalmente assentada nas experiências das escolas, nos vínculos afetivos e no compartilhamento dos valores culturais, tendo o núcleo urbano de Vigia como o palco inicial de suas ações. Tal sociabilidade se manifestava através das Sociedades literárias e teatrais organizadas na década de 1870. Como diz Boschi, esses “espaços para deleite das elites letradas” eram de discussões e disseminação de ideias que em Vigia assumiram uma composição social heterogênea e um caráter que se

---

<sup>81</sup> *Inventário de Narcisa Maria Thereza Amoras, 1874*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: Inventários. Cx. 04, doc. 18.

<sup>82</sup> Os filhos de Francisco Quintino de Araújo Nunes encontrados na pesquisa foram: Raymundo de Araújo Nunes, Francisco Geraldo Amoras Nunes, Corina Amoras Nunes, Raymundo de Araújo Nunes, Castorina J. Amoras Nunes, sendo que alguns deles estudaram na capital, no Colégio do Amparo e na Escola Normal, nos anos de 1880 e 1890. *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 295, 29/12/1880, p. 02; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 246, 31/10/1883, p. 01; *O Democrata*. Belém, ed. 266 de 28/11/1890, p. 01; *O Pará*. Belém, ed. 296 de 25/11/1898, p. 01; *O Pará*. Belém, ed. 594 de 24/11/1899, p. 02.

<sup>83</sup> Segundo o historiador Sirinelli, a estrutura/rede de sociabilidade é uma forma de convívio entre os intelectuais, construída sobre uma base que pode ser o parentesco, casamento, influência literária/política, a solidariedade de origem, formando um grupo que age sobre um território, criando seus espaços de sociabilidade onde ocorrem as trocas intelectuais e os laços são atados. A cronologia de existência do grupo é variada, com diferentes níveis de institucionalização e pelo menos três níveis de conhecimento dos integrantes, onde as pessoas firmam projetos de sociedade e de poder. SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2ª ed. RJ: FGV, 2003, p.230-269.

desejava permanente, embora a maioria delas tenha tido duração efêmera, construindo um projeto sociopolítico de grande relevância social.<sup>84</sup>

Vale ressaltar que durante o percurso da vida dos líderes, a população na região no início da década de 1840 era de 5.130 habitantes, deles 2.120 brancos, 2.681 mestiços e 329 escravos.<sup>85</sup> Já em 1875 os dados oficiais do Estado apontavam o núcleo urbano de Vigia com cerca de oitocentos moradores e o meio rural doze mil, uma das regiões mais populosas da Província.<sup>86</sup> A percepção populacional através das raças (branco, mestiço e o negro) é importante para a atuação dos grupos letrados no Brasil, pois na década de 1870 as teorias raciais vindas da Europa influenciaram os intelectuais nas cidades e justificaram os projetos dos grupos letrados, seus discursos e argumentos sobre a sociedade, as clivagens, as diferenças, a manutenção ou a superação da pobreza. Além disso, a maioria dos intelectuais e os estrangeiros que visitavam o Brasil consideravam que a miscigenação inviabilizava a construção da nação e defendiam o embranquecimento da sociedade.<sup>87</sup> Sobre isso, a relação nominal das pessoas que viviam no 3º quarteirão de Vigia, feito por Felix Joaquim de Siqueira em 1857, apresenta além das informações da idade, naturalidade, estado civil e ofício, traz a qualidade (cor), revelando o predomínio de pretos e mestiços na forma de mulatos, cafuzos, tapuios, mamelucos e curibocas, resultado do cruzamento entre os portugueses, índios e negros africanos. Os povos indígenas, nessa época, eram raros na região ou mesmo inexistentes. Mais adiante, em abril de 1869, a lavradora Tereza de Jesus,<sup>88</sup> integrante do grupo de Vilhena Alves, moradora do 10º quarteirão do 1º distrito de Vigia teve sua cor apontada pelo inspetor como morena, mestiçagem de brancos e negros.<sup>89</sup> Manoel Francisco de Vilhena, tio e tutor de Vilhena Alves era branco, assim como todos os seus filhos que residiam no 4º quarteirão de Vigia, já Francisco José do Carmo Barriga, da elite agrária local, casado com Maria Olympia Guimarães, também

<sup>84</sup> BOSCHI, Caio C. *Espaços de sociabilidade na América portuguesa e historiografia brasileira contemporânea*. Revista Varia História, Belo Horizonte, vol. 22, nº 36, p. 307-308, 2006.

<sup>85</sup> BAENA, Antônio Ladislau Monteiro. *Ensaio Corográfico sobre a Província do Pará*. Belém: Typographia de Santos & menor, 1939, p. 378.

<sup>86</sup> *Relatório feito pelo Exmº. Snr. Dr. Pedro Vicente de Azevedo, Presidente da Província do Grão-Pará, e entregue ao Exmº. Snr. Dr. Francisco Maria Corrêa de Sá e Benevides, por ocasião de passar-lhe a administração desta Província no dia 17 de janeiro de 1875*. Pará, Typographia de F.C. Rhossard, 1875, p. 77-78.

<sup>87</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. 6ª reimpressão, SP: Companhia das Letras, 2005, p.12-19.

<sup>88</sup> Discorreremos mais sobre o papel das mulheres nos grupos letrados e na sociedade vigiense no final do item 1.2.1.

<sup>89</sup> *Mapa da população do 10º Quarteirão do 1º distrito da Vigia*. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: processos diversos. Cx.13, doc. 04.

era branco e nessa época com 58 anos, morava no 7º Quarteirão do 12º distrito.<sup>90</sup> Assim, quanto mais distante do núcleo urbano, maior a mestiçagem e menor a quantidade de branco, de tal forma que o projeto social e político dos grupos letrados passavam pelos usos locais da questão racial brasileira, do conflito dos “humildes peregrinos”, a maioria mestiços, com a elite econômica branca.

## **1.2.- Ampliando o grupo:**

### **1.2.1: Amigos civilizados: professores, artesãos e comerciantes.**

À noite, após as horas de trabalho com os alunos ou nos finais de semana, os três amigos professores se reuniam na casa-escola de Araújo Nunes, principal local de encontro do grupo. Ali conversavam sobre a instrução da mocidade, discutiam as matérias que liam nos jornais oriundos de Belém, de outras Províncias e dos poucos livros que tinham acesso. Falavam de política, de religião e das ideias para resolver os problemas da cidade. Influenciados pela origem social, as leituras e as experiências com as tradições locais desenvolveram um projeto de civilização cristã que iniciou efetivamente em 1871, com a criação de uma escola e uma sociedade literária. Nesses espaços compartilhavam valores culturais, expurgando das camadas populares os hábitos incivilizados, por meio da instrução. França e Inglaterra serviram como referência para construção de uma nova sociedade, pois nesses lugares se propagava a ideia de que a única posição social aceitável, só seria possível cultivando o desenvolvimento da instrução.<sup>91</sup> Os letrados de Vigia estavam inseridos na missão civilizadora que atingiu os maiores e menores núcleos urbanos do país. Mas, apegados a

---

<sup>90</sup> Eram seus filhos: Francisco José do Carmo Barriga, Antônio José do Carmo Barriga, Manoel José do Carmo Barriga, Manoel José do Carmo Barriga, Mario Josefa Barriga, Jovencia Maria Barriga, Raimunda Maria Barriga, Cândida Olímpia Barriga, Ana Olímpia Barriga, Itelvina Olímpia Barriga, Antônia Olímpia Barriga. Fonte: ASCA. *Mapa da população do 7º quarteirão do 12º distrito da Vigia*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: processos diversos. Cx.13, doc. 05.

<sup>91</sup> Na Europa, com ênfase a França e a Inglaterra, desde o século XVI diversos autores elucidaram os significados da expressão civilização e dos métodos para se obtê-la, sobretudo a partir da conjuntura do movimento Iluminista. Entre eles destacamos Erasmo de Roterdã, Condorcet, Comenius, François Fenelon, Jean-Baptiste de La Salle, John Locke. Para esses autores a ideia de civilização, embora discordassem em alguns desdobramentos, era assentada na fundamental importância da instrução para a formação moral e cívica do indivíduo e para uma nação unida. Assim o homem civilizado se expressaria pelos ramos da ciência, cujo comportamento baseado no gosto da instrução, da leitura, de indivíduos descentes que respeitavam as regras da nação e participavam politicamente dos problemas da cidade. Alguns deles se afastavam de uma perspectiva de construir uma civilização cristã, outros a defendiam, onde se incluía aí as atitudes beneficentes. Ler um resumo em: FONSECA, Thais Regina de Lima. *Letras, ofícios e bons costumes: civilidade, ordem, e sociabilidades na América portuguesa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 15-47.



forte tradição local, estrategicamente criaram uma nova postura ao fundir o projeto de sociedade e poder com a força da devoção aos santos do catolicismo popular.

As práticas culturais usadas por eles para tencionar o já movimentado campo cultural da cidade de Vigia,<sup>92</sup> buscavam concretizar o projeto de sociedade civilizada. De forma semelhante, Laura Antunes Maciel observou na Província do Rio de Janeiro nos anos finais do século XIX e início do seguinte, a interação de diversos grupos letrados com suas Entidades e periódicos,<sup>93</sup> originando um campo que era controlado pela elite econômica que liderava os partidos políticos. É importante ressaltar que, Vilhena Alves e os irmãos Nunes eram apenas uma pequena parcela da comunidade letrada vigiense que desejou e protagonizou um novo projeto de sociedade, intervindo em questões conduzidas pelas antigas elites.

Em 1870, Vilhena Alves aproximou-se do Partido Conservador, liderado pelo vigário Luiz Gonçalves de Aragão, que ajudou em seu percurso formativo e, nesses anos, exerceria outra vez o cargo de Deputado Provincial. Outros nomes se destacavam nessa agremiação conservadora como o capitão Lauriano Antônio Gil de Sousa, o proprietário Francisco José do Carmo Barriga, o tenente coronel Beckman e o tabelião Herculano Olympio Ferreira Guimarães. Já o professor Araújo Nunes e o irmão Bertoldo relacionavam-se com Partido liberal, chefiado por José Pedro de Moura Palha, Santiago Pires e Geraldo Ferreira Bentes que exerceu o cargo de Deputado provincial por várias legislaturas. Nesse momento, a hegemonia do campo era dos conservadores que venceram as eleições de 1869 e obtiveram a maioria das cadeiras na Assembleia Provincial e na Câmara da Vigia. Os vínculos com os Partidos foram mantidos pelos fundadores, paralelamente edificando espaços de sociabilidade até então inexistente na cidade.

De ambas as agremiações partidárias, as lideranças possuíam capital econômico, sendo proprietários de terras, de escravizados africanos e de prédios urbanos, movimentavam a economia baseada nas plantações de cana de açúcar, aguardente,

---

<sup>92</sup> Trabalhamos aqui com a teoria de Bourdieu que entende o mundo social a partir das categorias explicativas de campos, hábitos e capital. Ler: BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. 2ª ed. SP: Companhia das letras, 2005; BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2010.

<sup>93</sup> MACIEL, Laura Antunes. Cultura letrada, intelectuais e memória popular. In: *Os intelectuais e a cidade (séculos XIX e XX)*. ENGEL, Magali Gouveia, CORRÊA, Maria Letícia, SANTOS, Ricardo Augusto dos (org.), RJ: Contra Capa, 2012, p. 53-83.

algodão, farinha e café,<sup>94</sup> escoado para a Praça de Belém, bem como a exploração da área da pesca e a venda de produtos nas Casas comerciais que também aviavam embarcações.<sup>95</sup> Esse capital permitia a formação de uma rede de clientelismo que mantinha o controle dos cidadãos votantes em primeiro e segundo grau e, assim, do importante Colégio eleitoral da Vigia, menor numericamente apenas ao de Belém. Dessa forma a maioria dos letrados de poucas posses era cooptada a participar do projeto de sociedade dos partidos que, a grosso modo, mantinham seus privilégios e o *status quo*. Assim, essas elites, econômicas e culturais, formadas por famílias ricas e remediadas disputavam a hegemonia do campo cultural, intimamente entrelaçado com os acontecimentos da capital da Província, numa verdadeira batalha por espaços, capitais, distinção e legitimação na busca por consagração, imortalidade e poder.<sup>96</sup> Inseridos na arena política, mas sem uma posição que lhes permitissem fazer valer sua forma de pensamento, os amigos professores criaram um grupo e organizaram outros espaços de sociabilidade, buscando caminhos para fazer valer seus interesses, mesmo se relacionando com os membros dos partidos políticos, ora aliando-se a eles, ora como adversários, tinham a clara pretensão de um projeto próprio que pudessem também contribuir positivamente em suas carreiras. Nessa época os letrados se reuniam nas casas dos chefes de cada partido, nas tabernas e nas esquinas das ruas preparando suas plataformas para as eleições. Embora com certo prestígio social como professores, os fundadores não contavam com capital econômico, necessário para concretizar suas ações.

Cooptar letrados para isso era algo difícil, o ambiente escolar foi um dos caminhos para reunir mais apoiadores. No entanto, nesse período, pouco se construíam espaços para as escolas na Província, predominando o aluguel de residências, normalmente do próprio professor regente. A esse respeito, em 1875, o governo provincial enviou um visitador para relatar os aspectos da educação em toda a Província

---

<sup>94</sup> O café plantado na Vigia era afamado na Província do Grão-Pará em meados do século XIX. Acredita-se até que as primeiras mudas dessa rubiácea foram plantadas por essas terras trazidas contrabandeadas da Guiana Francesa por Francisco de Melo Palheta. A série Inventários do Fundo do Cartório Raiol que integra o ASCA é rica em informações sobre essa elite agrária, os trabalhadores e as dinâmicas de produção no século XIX. *Treze de Maio*. Belém, ed. 572 de 17/01/1846, p. 01-02.

<sup>95</sup> É possível compreender as dinâmicas do comércio de Vigia com outras cidades da Província do Grão-Pará, através da consulta, principalmente, da série documental “Ação de 10 dias” do Fundo do Cartório Raiol do ASCA disponível no site Institucional já citado, cujo conteúdo revela as cobranças de dívidas contraídas pelos comerciantes de Vigia que eram abastecidos localmente ou que compravam suas mercadorias de Belém.

<sup>96</sup> No Capítulo III discutiremos detalhadamente melhor as tensões entre os grupos letrados no campo cultural vigiense.

e afirmou que se um estrangeiro visse os locais onde as aulas eram ministradas, sem higiene e com precário mobiliário, concluiria estar o povo paraense bem longe da modernidade. O inspetor comparou a realidade local com a das nações mais civilizadas, a exemplo os EUA, França, Holanda, Alemanha, Inglaterra e Suíça. Todavia, a Casa-escola de Araújo Nunes recebeu elogios, apesar de simples, estava apta à prática educativa. Nada muito grande, cada compartimento media não mais que cinco metros quadrados, complementados por outros de madeira na parte dos fundos. No mesmo relatório, o panorama traçado sobre outros aspectos da educação na Província do Grão-Pará, não era menos problemático do que o palco das aulas, onde Joaquim Pedro Correa de Freitas ainda ressalta o desinteresse do povo pela instrução, a quase nula educação doméstica, a incipiente formação dos professores, que abraçam o magistério como meio de vida e não por vocação. O que não era diferente com aqueles que ocupavam o cargo de Delegado literário que não fiscalizavam por viverem distantes dos locais das escolas, como é o caso daquele da vila de Cintra, responsável também pelos espaços de instrução de Santarém Novo. Nesse contexto, poucos alunos avançavam nos estudos, pois eram pobres e alguns muito pobres.<sup>97</sup>

Araújo Nunes tratou de ampliar o grupo, tendo no vínculo ocupacional uma linha de ação para isso, sempre defendendo o triunfo da instrução. Convidou o amigo Gerônimo Alves de Mello, político liberal e professor imbuído das ideias civilizadoras, que prontamente atendeu ao chamado. Ele nasceu em Vigia e desde 1867 instruía a mocidade vigiense na comunidade de Porto Salvo, situado numa região ribeirinha que no século XVIII sediou um aldeamento jesuítico de nome Mamaiacu,<sup>98</sup> onde regeu escola pública e particular. Vinha de família com poucas posses e casou com Joana Bentes de Melo, morando na Rua de Nazareth. Mas, permaneceu poucos anos no grupo, devido sua remoção para a cidade de Macapá em 1874 e, posteriormente, para Santarém. As migrações desses letrados era um fato corriqueiro, peregrinavam pelas pequenas cidades da Província em busca de melhores oportunidades de trabalho e condições de vida, fazendo com que grupos letrados com esse perfil dificilmente chegassem aos 10 anos de atuação nos lugares de origem. Gerônimo passou a visitar seus amigos e parentes anualmente na festividade nazarena, no Círio de 1879,

---

<sup>97</sup> *Relatório do visitar Joaquim Pedro Correa de Freitas sobre a instrução no Grão-Pará, 1875.* In: *Jornal do Pará*. Belém, ed. 15 de 20/01/1876, p. 01-02.

<sup>98</sup> Ler sobre a história desse povoado em: CORDEIRO, Paulo. *Mamaiacu: de aldeamento jesuítico a vila de Porto Salvo*. Belém: Produção independente, 2014.

confraternizou-se com os velhos companheiros, na sessão de posse dos novos funcionários da Sociedade literária que ajudou a fundar. Em sua trajetória, esse professor conseguiu ainda o título de normalista, morreu na terra natal no dia 12 de janeiro de 1889, após seu retorno quando a doença o abateu.<sup>99</sup>

A formação desses mestres de primeiras letras do interior da Província era de apenas o curso primário, como era o caso de Vilhena Alves, fato esse observado pela imprensa da Província do Maranhão em meados de 1868, quando o poeta publicou seu primeiro livro. Em meio as crítica, os articulistas frisaram a pouca instrução do autor, que havia estudado na escola de sua cidade, Vigia de Nazareth.<sup>100</sup> Ao contrário dos filhos da elite econômica, cuja continuidade do percurso formativo dependia apenas do interesse de cada letrado, a exemplo o político e intelectual Domingos Antônio Raiol, nascido em 1830, filho de D. Maria Arcângela Ferreira e do médio proprietário rural Pedro Antônio Raiol, que obteve formação em bacharel em Ciências jurídicas e sociais na Faculdade de Recife em 1854,<sup>101</sup> para o qual as aulas de latim no ambiente doméstico, ministradas por um padre em sua terra natal, contribuíram para a sua formação. Para os professores líderes do grupo, comandados por Araújo Nunes, a base formativa não era essa, pois o curso primário determinava a formação escolar para a maioria deles, que passavam a interagir em um pequeno círculo letrado local e com outros das Vilas adjacentes e da capital.

Entre seus deslocamentos, Araújo Nunes quando estudou em Belém na escola regida pelo professor Manuel Maria Duarte, conheceu Severiano Bezerra de Albuquerque. Nascido em Iracema, na Província do Ceará em novembro de 1843, era filho de Joaquim Bezerra de Albuquerque e Mariana Ignácia de Albuquerque, migrantes nordestinos que chegaram ao Grão-Pará em 1855. Após os estudos prestou exame de professor para a cidade de Macapá, depois foi removido para Gurupá, atuando como vereador. Já em Cintra, exerceu a profissão ao longo dos anos de 1860, onde reencontrou Araújo Nunes que também foi professor por certo tempo nessa vila. Em setembro de 1871, Bezerra de Albuquerque trocou a cadeira de professor com

---

<sup>99</sup> *Jornal do Pará*. Belém, ed. 85 de 17/04/1874, p. 01; *Jornal do Pará*. Belém, ed. 163 de 23/07/1874, p. 01; *Jornal do Pará*. Belém, ed. 165 de 25/07/1874, p. 01; *O Liberal do Pará*, Belém, ed. 182 de 12/08/1879, p. 01; *O Liberal do Pará*, ed. 12, de 15/01/1889, p. 02.

<sup>100</sup> *Semanário Maranhense*. Maranhão, ed. 46 de 12/07/1868, p. 08.

<sup>101</sup> Luciano, Demétrius Barbosa Lima & RICCI, Magda. *Fazendo Política, contando história: experiências sócio literárias de um barão amazônico e seus Motins Políticos (1865-1890)*. Revista Estudos Amazônicos, vol. VI, nº 1, p. 45-46, 2011.

Raimundo José de Lima. Nesse cenário, Vigia já despontava como importante centro administrativo e comercial da Província, abrindo possibilidades aos letrados para atuarem em outros ofícios complementando a renda. Logo, Bezerra de Albuquerque iniciou sua participação no grupo, chegando com o prestígio de ter publicado um livro de poesias. Em Vigia, constituiu família casando com D. Mariana Baptista da Silva, regeu uma escola de ensino primário, contando por vários anos com o adjunto Vilhena Alves. Escreveu em várias gazetas da cidade e chegou a ocupar o cargo de Promotor, sua militância entre os conservadores não o impediu de ser aceito no grupo, pois, não representava um nicho exclusivamente de políticos liberais ou mesmo de vigienses natos. Apesar de não ter participado de todos os meios para a realização do projeto, Bezerra de Albuquerque foi figura de proa nas ações educativas,<sup>102</sup> mostrando o quanto era flexível às redes de sociabilidade em detrimento dos partidos políticos. Fato necessário para aglomerar mais membros, cujo vínculo afetivo aos fundadores e a cultura em comum eram os mecanismos de ingresso à rede.

*Imagem 10:* Bezerra de Albuquerque e Miranda Gama assinam documento prestando serviços ao poder Judiciário de Vigia.<sup>103</sup>

Fonte: *Inventário de Bento José de Almeida, 1873*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área Civil. Série Inventários. Cx. 04, doc. 09.

<sup>102</sup> Na capital atuou em espaços de saber de prestígio, como o Colégio Visconde de Souza Franco em 1883. Nos anos seguintes no Colégio Americano, na Escola Normal e no Atheneu Paraense, integrou o círculo letrado da Mina Literária nos anos de 1890 que aglutinou a elite intelectual do Pará, alguns deles nascidos e instruídos em Vigia, como Vilhena Alves, Bertoldo Nunes, Theodoro Rodrigues e Cantidiano Nunes. Em 1892, ocupou a cadeira de geografia do Liceu Paraense, saindo em nove de janeiro do ano seguinte, quando nomeado professor do curso superior da escola modelo, anexa à escola normal. Faleceu em 20 de agosto de 1897, quando passou mal ministrando aulas no Liceu Paraense. Achava-se doente, havia perdido em pouco mais de um mês duas pessoas de sua família. VIANNA, Arthur. *Biografia do Professor Severiano Bezerra de Albuquerque*. In: *O Pará*. Belém, ed. 141 de 20/05/1898, p. 02.

<sup>103</sup> O professor Severiano Bezerra é o último a assinar como partidor na divisão dos bens de Bento José de Almeida.

Não que o grupo tenha sido um clube de professores das primeiras letras, mas indiscutivelmente, os critérios de acesso, o núcleo de decisões e as ações passavam pelos professores Araújo Nunes, Vilhena Alves e Bertoldo Nunes. A casa dos Nunes serviu como local de reunião desses homens, onde forjavam seu projeto, funcionando também como centro de formação para esses letrados, com sala de leitura, tipografia e local para as sessões das Sociedades literárias.<sup>104</sup> Dispor de espaços simples, onde pudessem desenvolver o intelecto era motivação importante para viverem coletivamente. Lá se via em um dos cômodos, um amontoado de bancos de madeira para alunos de pouca idade, mesas, alguns papéis em branco, pena, tinteiro e armários de madeira abarrotados de livros e jornais. Todos ali, compartilhavam a ideia de que saber e poder andavam de mãos dadas.

Apesar das longas jornadas de trabalho e das precárias condições, os professores de primeiras letras ganhavam pouco, gerando descontentamento entre eles, Araújo Nunes mesmo após a sua jubilação em 11 de junho de 1882, lutou para melhorar seus vencimentos junto à Assembleia Provincial.<sup>105</sup> Sejam eles professores ou exercendo outro cargo público, normalmente buscavam complementar a renda com outras atividades, sobretudo quando as responsabilidades familiares chegavam. Muitos letrados reconhecidos socialmente pelo saber, atuaram “advogando” na ausência dos bacharéis, raros na imensidão da Província nos anos de 1870, pois, Vigia como sede de Comarca demandava tais serviços, seja pelos moradores da cidade ou das outras vilas e freguesias que compunham sua jurisdição, para resolver questões de ordem familiar, comercial ou criminal. A exemplo disso, em 1879, vários comerciantes da cidade, indignados com as cobranças de altas tarifações recorreram a Araújo Nunes para que protocolasse ação em defesa deles junto a Coletoria das Rendas Provinciais, da qual saíram vitoriosos. Sem aceitar o valor pelo seu trabalho foi presenteado por Adrião Batalha e Manoel Felipe com um álbum para retratos e um uma caneta com pena de ouro, objetos que simbolizavam o saber.<sup>106</sup> Nos anos de 1870 em Vigia, Araújo Nunes, Vilhena Alves e Bertoldo Nunes também atuaram no jornalismo e quando a venda dos exemplares superava as despesas, eles lucravam um pouco. Os periódicos serviam muito mais para mediar seus projetos de cidade e nação, do que para obter renda. Entre

---

<sup>104</sup> FERREIRA, Jonas. *Biografia de Francisco Quintino de Araújo Nunes*. In: MOURA, Ignácio (org.). *Anuário de Belém: em comemoração do seu tricentenário (1616-1916)*. Belém: Imprensa oficial, 1915, p. 194-195.

<sup>105</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 76 de 03/04/1889, p. 01.

<sup>106</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 19, de 26/01/1879, p.03.

os letrados, Bertoldo Nunes chegou a ser proprietário de uma modesta tipografia, bem como comerciante local.<sup>107</sup> Apesar das diferentes atividades econômicas que exerciam em 1870, os líderes sobreviveram principalmente dos salários adquiridos como funcionários públicos do baixo escalão.

Na realidade os “humildes peregrinos” constituíram parte integrante de uma elite europeizada, onde encontramos representantes em várias regiões, como o sergipano Tobias Barreto, o maranhense Aloísio de Azevedo, o baiano Rui Barbosa, o pernambucano Joaquim Nabuco e os cariocas Lima Barreto e Euclides da Cunha. Todos eles, engajados em civilizar culturalmente o povo, ascender socialmente, defender a democracia e a abolição, embora os interesses pessoais e as circunstâncias locais permeassem suas escolhas e ditassem o grau de envolvimento nas causas. O caminho sugerido por eles era a participação política, a propagação da ciência, o crescimento econômico e a liberdade comercial. Desse modo, Lima Barreto e Euclides da Cunha, alcançaram êxito em suas obras literárias, publicadas no início da República no Rio de Janeiro, cujos escritos retratavam a vida dos trabalhadores explorados nas fazendas de café ou dos sertanejos instalados no arraial de Canudos, próximo ao rio Vaza Barris na Bahia, abandonados pelo governo na ignorância e no analfabetismo. Esses críticos defendiam as causas sociais, expondo a modernização que beneficiava apenas os ricos, lançando os pobres aos arrabaldes dos subúrbios. Mesmo sem uma produção intelectual tal qual Lima e Euclides, o repertório de práticas culturais do grupo liderado por Araújo Nunes assume uma postura semelhante, voltando suas ações para a melhoria das condições de vida dos trabalhadores da cidade, a participação política, a busca de mobilidade social e o combate à miséria.<sup>108</sup>

As inúmeras revoluções no âmbito das tecnologias, das ciências naturais, como o darwinismo e das ciências humanas que atingiram as sociedades ocidentais nos séculos XVIII e XIX, também se refletiram na Amazônia, na medida em que a partir da segunda metade do século XIX, a região produtora do látex se insere no mercado internacional, portanto, novos debates se impõem ao círculo letrado.

---

<sup>107</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 01 de 01/09/1878, p. 01; *O Espelho*. Vigia, ed. 05 de 29/09/1878, p. 02; *O Democrata*. Belém, ed. 68 de 23/03/1890, p. 02.

<sup>108</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República*. 1ª reimpressão, 1999, SP: Brasiliense, p. 19-86.

Em Vigia, Vilhena Alves personificou esse perfil de letrado desenvolvendo predileção por astronomia, sobre o tema publicou vários artigos na imprensa local e belenense. Escreveu a obra *O Cometa*, fazendo alusão a passagem do astro pela terra, sem falar nas lições de astronomia repassadas aos alunos da escola Ateneu vigiense. Além disso, traduziu da língua francesa trechos dos escritos de Camilo Flamariom, que ficavam disponíveis nas estantes das bibliotecas criadas em Vigia na década de 1870.<sup>109</sup>

Os avanços científicos da época despertaram nos intelectuais o desejo de serem vistos como homens de ciência, ocasionando entre eles, disputas no campo da erudição. Sobre isso, uma polêmica entre Vilhena Alves e o Pe. Mâncio Caetano Ribeiro, vigário da Vigia, expõe essa questão. Dr. Mâncio, como gostava de ser tratado, sentiu-se ofendido pelo professor ao ser criticado por seu conhecimento científico. Ele rebateu na imprensa afirmando ter estudado nos melhores colégios da capital e da França, chamando Vilhena Alves de ingrato, de “advogado dos habitantes da lua”, leigo em astronomia, nunca estudou em centros avançados de conhecimento.<sup>110</sup> Tensões a parte, ao escrever sobre astronomia Vilhena Alves buscava uma posição, um status, uma distinção social no meio intelectual, pois, não sobrevivia dos benefícios da ciência. Enquanto isso nos grandes centros urbanos o progresso científico se estendeu aos Museus etnográficos, Institutos históricos, faculdades de medicina e direito, alcançando normalmente os homens ricos que ocupavam as altas esferas da administração pública e que viviam de suas rendas. Já no interior da Amazônia o perfil sócio econômico dos companheiros de grupo de Vilhena Alves era caracterizado por homens de condições remediadas com apenas o ensino primário e que encontravam nas Entidades literárias seu nicho intelectual para a formação e germinação da ciência, lendo obras estrangeiras e nacionais e divulgando seus conhecimentos nos jornais, como o fez Vilhena Alves. Propagar a ciência era parte do projeto social e político do grupo, partindo do pressuposto que o saber era poder.<sup>111</sup>

<sup>109</sup> *Diário de Belém*. Belém, ed. 232 de 15/10/1882, p. 02; *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 40 de 05/11/1882, p. 02-03; *Diário de Belém*. Belém, ed. 365, 04/12/1883, p. 02; *Diário de Belém*. Belém, ed. 371 de 14/12/1883, p. 02.

<sup>110</sup> *Diário de Belém*. Belém, ed. 140 de 24/06/1881, p. 03; *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 40 de 05/11/1882, p. 02-03; *Diário de Belém*. Belém, ed. 365 e 04/12/1883, p. 02; *Diário de Belém*. Belém, ed. 371 e 14/12/1883, p. 02; *Diário de Belém*. Belém, ed. 32 de 08/02/1884, p. 02; *Diário de Belém*. Belém, ed. 33 de 09/02/1884, p. 02; *Diário de Belém*. Belém, ed. 36 de 13/02/1884, p. 02; *Diário de Belém*. Belém, ed. 41 de 19/02/1884, p. 02; *Diário de Belém*. Belém, ed. 42 de 20/02/1884, p. 02; *Diário de Belém*. Belém, ed. 44 de 22/02/1884, p. 02.

<sup>111</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. 6ª reimpressão, SP: Companhia das Letras, 2005, p.18-25.



Um escritor anônimo publicou na imprensa belenense em 1900, recuperando a memória do início de seu letramento em Vigia, quando frequentou a escola onde Vilhena Alves era adjunto e andava com um livrinho embaixo do braço. Nessa época, nos anos de 1870, o dito anônimo, por não saber ler e escrever, ficava sem entender as palavras da capa. Devido suas travessuras na escola, o adjunto lhe aplicou um castigo que seria transcrever por 30 vezes uma lição desse livrinho que dizia: "A alma religiosa atravessa serenamente a carreira da vida". O tempo passou e após aprender a ler, reconheceu o título em letras bem grandes: *Coleção de Translados* do prof. Francisco Quintino de Araújo Nunes. Após a edição aumentada e revisada, o mesmo anônimo relatou que tinha em suas mãos a mesma coleção, aprovada pelo Conselho Superior de Instrução pública, com parecer de Bezerra de Albuquerque, para uso na instrução do Estado e aplicação nas escolas primárias.<sup>112</sup> Araújo Nunes foi um personagem importante na propagação do ensino das primeiras letras na Província do Grão-Pará, além de liderar a fundação dos "humildes peregrinos".

Os escritos de Araújo Nunes e Bertoldo Nunes direcionavam-se principalmente para as disputas políticas. Eles organizaram uma pequena gráfica e criaram no ano de 1876, o periódico *O Liberal da Vigia*, órgão de divulgação dos liberais. Por curto período, Bertoldo Nunes foi o redator do *O Orvalho*, que circulou em Vigia entre os anos de 1877 a 1880, propagando as ideias civilizadoras. Vilhena Alves era a veia literária do grupo, ao contrário dos outros, nesses anos, escreveu dois livros: *Monodias* (1868) e *Enlevos Poéticos* (1871) que o tornaram conhecido entre os literatos da Província, também assinou inúmeras poesias e artigos em jornais, inclusive sendo redator no *Vigiense*, jornal do Pe. Mâncio Caetano Ribeiro. Entre todos do grupo, era o mais versátil, autodidata, aprendeu a língua francesa e gostava de ler e escrever sobre astronomia, foi filólogo reconhecido com a escrita de inúmeros livros voltados para a instrução popular na República.<sup>113</sup> Outros integrantes do grupo como Gerônimo Alves de Mello publicou uns poucos textos de cunho político nos semanários. Já Bezerra de Albuquerque, em 1868 escreveu um livro de poesias. A necessidade de saber escrever, mesmo que modestamente, era critério para o ingresso no grupo, deixando a maioria da

---

<sup>112</sup> *O Pará*. Belém, ed. 778 de 31/07/1900, p. 01.

<sup>113</sup> Entre eles podemos citar os escritos nos anos de 1890: *Compêndio de Análise Moderna, Gramática Portuguesa, I Gramática da Infância, II Gramática da Infância. Folha do Norte*. Belém, ed. 18 de 18/01/1896, p. 03; *Folha do Norte*. Belém, ed. 19 de 10/01/1896, p.04; *Folha do Norte*. Belém, ed.34 de 03/02/1896, p. 03.

sociedade à margem do “microclima” que criaram no núcleo urbano. Havia também a fragmentação enquanto os níveis de conhecimento e a predileção a certas carreiras.

Enquanto homens civilizados procuravam construir uma boa imagem pública, sobretudo o que consideravam os pilares do edifício social do homem: instrução, religião e a caridade. Na imprensa amiga, esses professores eram elogiados pela inteligência e dedicação em instruir,<sup>114</sup> qualidades que foram atacadas na imprensa adversária. No percurso para o seu reconhecimento, o líder do grupo, professor Araújo Nunes, construiu uma trajetória que iniciou na vila de Cintra, passando por São Caetano e logo depois Vigia de Nazareth, onde atuou até 1882. Segundo seu biógrafo, Jonas Ferreira, todos nessas cidades conheciam o professor Chiquinho, como os mais próximos o chamavam, tanto que a escola regida por ele recebia sempre o maior número de matrículas.<sup>115</sup> O empenho do professor foi reconhecido pelos agentes do Estado, o visitador das escolas de instrução pública, o Dr. Joaquim Pedro Correa de Freitas, descreveu um retrato difícil da instrução primária. Mas, teceu elogios ao empenho de alguns poucos educadores, pedindo aos pais e ao governo atenção para Araújo Nunes, considerado precursor da geração de professores do interior da Província.<sup>116</sup>

Além dos letrados que atuavam como professores, o grupo continuou crescendo pelas amizades e os valores civilizados que os irmãos Nunes e Vilhena Alves cultivaram e compartilhavam, abrangendo também aqueles que estudaram nas escolas de ensino primário, que viviam na cidade ou que estavam mais próximos de suas relações nos partidos. Entre os anos de 1869 a 1871 formaram um segmento mais generalizante, composto por letrados que exerciam ofícios diferenciados, entre eles sapateiros, alfaiates e pequenos comerciantes, cujo lugar social limitava a participação nas relações de poder. Posteriormente o grupo passou a contar com uma camada de letrados que formava uma estrutura mais ampla, sobre o tripé instrução, fé e caridade, e outra mais restrita integrando o “braço” político do grupo, a parte liberal ou conservadora, eram os autênticos aliados dos Nunes que almejavam conduzir o povo nas relações com o Estado, buscando sua participação na arena política. Portanto a estrutura mais ampla

<sup>114</sup> *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 44 de 26/04/1877, p.02.

<sup>115</sup> FERREIRA, Jonas. *Biografia de Francisco Quintino de Araújo Nunes*. In: MOURA, Ignácio (org.). *Anuário de Belém: em comemoração do seu tricentenário (1616-1916)*. Belém: Imprensa oficial, 1915, p. 194-195

<sup>116</sup> *Jornal do Pará*. Belém, ed. 17, 22/01/1876, p. 02.

possibilitava meios humanos e financeiros para as práticas culturais, enquanto a mais restrita era o núcleo com poder de decisão.

Assim, no pequeno centro mercantil que era Vigia de Nazareth, a rede de sociabilidade do professor Araújo Nunes contou com a participação dos trabalhadores manuais como comerciantes e artesãos. A composição do grupo letrado era socialmente heterogênea, abrangendo sujeitos sociais distintos, entre eles o sapateiro. A história nos mostra o quanto esses homens de ofícios menores foram ativos em conspirações e movimentos políticos na Europa e mesmo que o grupo do qual faziam parte em Vigia não pregasse uma revolução, suas ideias e atitudes desafiavam as elites no poder. O silêncio de seu local de trabalho, normalmente a salinha de sua residência, diferentemente da oficina de um ferreiro, facilitava o pensar, o ler, a circulação de pessoas de diferentes classes sociais e, com elas, as ideias. As oficinas dos sapateiros e demais artesãos do grupo, como os alfaiates e os ourives, eram importantes locais de encontro e articulação desses trabalhadores, que reivindicavam uma ativa participação política muito mais que uma carreira literária.<sup>117</sup>

Nesse contexto é importante ressaltar o perfil socioeconômico dos aliados do grupo, enfatizando que, a maioria deles, estavam presentes na sociedade ocupando espaços de relações de trabalho diferenciados. Antônio Joaquim de Miranda Gama, por exemplo, nasceu na cidade de Cameté, perdendo o pai muito cedo. Logo após sua mãe D. Romana Maria da Gama veio com ele, quando criança para Vigia, casando-se com o rico comerciante Estevão Lins de Hollanda,<sup>118</sup> com quem teve outros filhos, os quais, atuavam no ramo comercial até mesmo na Praça de Belém. Esse fato permitiu uma vida de relativo conforto a Miranda Gama que ao longo da vida não casou e nem teve filhos. D. Romana não sabia ler e nem escrever, mas havia internalizado a importância da instrução na vida dos filhos. Deles, Ernesto Lins de Holanda seguiu em seu percurso formativo para Portugal, estudando na Escola Acadêmica de Lisboa, porém, por infortúnio do destino veio a falecer em maio de 1877, quando cursava o quarto ano

---

<sup>117</sup> HOBBSAWM, Eric J. & SCOTT, Joan W. "Sapateiros politizados". In: HOBBSAWM, Eric J. *Mundos do Trabalho: novos estudos sobre história operária*. RJ: Paz e Terra, 2008, p.149-191.

<sup>118</sup> Faleceu em 08 de novembro de 1876 e teve os seguintes filhos com a mãe de Miranda Gama: João Fabio Lins de Hollanda, Lourenço Lins de Hollanda, D. M<sup>a</sup> Clarinda de Hollanda Lima, Eustachio Lins de Hollanda, D. Carolina Lins de Hollanda, D. Lisbela Lins de Hollanda, D. Adélia Lins de Hollanda e Brasilino Lins de Hollanda. Acumulou fortuna na vida, onde destacamos prédios, casa e terrenos em Vigia, além de sítios e terras ao longo dos Rios da cidade, contava com 28 escravizados e objetos de menor valor. O total dos bens que deixou aos herdeiros ultrapassou os 35 contos de réis. D. Romana Maria da Gama Hollanda faleceu em Belém no ano de 1883.

nesse prestigiado centro de saber. D. Romana estava em Belém quando registrou suas últimas vontades em abril de 1883, relatando que parte dos recursos que lhe cabiam seria destinado a educação do neto Diogo Holanda.<sup>119</sup> Embora não tenha tido um percurso formativo, como o do irmão em Portugal, Miranda Gama instruiu-se e era reconhecidamente um homem com saberes. Atuou advogando e em funções que exigiam o conhecimento da escrita.<sup>120</sup>

*Imagem 11: Nota de compra que fez Miranda Gama na loja de Manoel Felipe da Costa.*<sup>121</sup>



Fonte: *Inventário de Antônio Joaquim de Miranda Gama, 1887*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área Civil. Série: Inventários. Cx. 04, doc. 36 A.

Politicamente Miranda Gama atuou no partido liberal, onde reforçou sua amizade com os irmãos Nunes. Estava com Bertoldo Nunes e Gemino Nunes na noite de junho de 1870, quando na esquina da casa do tenente Ignácio Baptista, ocorreu o incidente envolvendo Bertoldo, que quase foi preso pelo delegado Lauriano Gil de Sousa.<sup>122</sup> Miranda Gama também figurou como o principal tentáculo do grupo nas

<sup>119</sup> *Testamento de D. Romana Maria da Gama Hollanda, 1888*. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: Testamentos. Cx. 08, doc. 29; *Inventário de Estevão Lins de Hollanda, 1886*. ASCA. Fundo: Cartório. Área: Civil. Série: Inventários. Cx. 04, doc. 33.

<sup>120</sup> *Livro de Notas do Tabelião Raymundo Nunes da Costa (1877-1879)*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: Livros diversos.

<sup>121</sup> Miranda Gama devia, quando morreu, um valor em mercadorias na Loja “Perseverança”, do comerciante e amigo de grupo Manoel Felipe da Costa.

<sup>122</sup> *Ata da 2ª reunião do Colégio Eleitoral da Vigia que consta no Livro de Notas do Tabelião Público da Herculano Olympio Ferreira Guimarães (1872 a 1880)*, f. 47-50. ASCA. Fundo: Cartório: Raiol. Área: Civil. Série: Livros diversos; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 143 de 28/06/1870, p. 01-02.

eleições locais, enquanto os Nunes galgaram rumo à Assembleia Provincial.<sup>123</sup> Sempre presente nas Entidades e eventos promovidos pelo grupo, foi pioneiro na doação de livros para organizar uma sala de leitura.<sup>124</sup> Em sua trajetória ocupou diversos cargos públicos na década de 1870, como o de Delegado Literário, suplente do delegado de polícia, Coletor das Rendas Gerais e suplente do Juiz Municipal de Vigia, colocando o grupo em posição privilegiada ao lidar com várias questões. Além disso, foi comerciante com uma loja de secos e molhados que se expandiu no início dos anos de 1870. Já na década seguinte em Belém, conseguiu um contrato com a Câmara daquela cidade para que sua firma assentasse trilhos da linha do Bonde, o que se transformou em polêmica com a Cia. Urbana de Ferro Paraense. Entre os anos de 1883 a 1886, Miranda Gama ficou doente, vindo a falecer em 08 de junho de 1887.<sup>125</sup>

Em vida ele não construiu grande fortuna. Quando morreu, devia para muitos comerciantes de Vigia e de Belém, referente à compra de mercadorias e dinheiro emprestado a juros. Seu inventariante só conseguiu quitá-las graças à herança que recebeu do espólio de sua mãe no valor de quase oito contos de réis, o que restou, 1: 217\$588 foi deixado aos sete irmãos, o cortejo foi acompanhado por quatro carros fúnebres até o cemitério de Santa Izabel, sua última morada.<sup>126</sup> Na realidade, no início dos anos de 1880, ele se afastou das ações do grupo letrado do qual foi fundador quando migrou para a capital.

Com efeito, o grupo letrado que teve início nas relações afetivas e culturais contou com a participação de outros sujeitos, reunidos pelo desejo de desenvolver a sociedade a partir de certas ideias de moralidade. As descrições de suas trajetórias de vida nos possibilitam verificar a proximidade e envolvimento entre eles. Ainda sobre a composição do grupo temos Manoel Felipe da Costa que nasceu em 1849 em Vigia, pertencendo a mesma geração de Vilhena Alves e Bertoldo Nunes, era filho de Maria de Nazaré Saldanha e do Major Anáclito José da Costa, que faleceu em abril de 1860 deixando sete filhos, dois do primeiro casamento e cinco com D. Maria de Nazaré. Para

<sup>123</sup> *Diário de Belém*. Belém, ed. 163 de 21/06/1883, p. 01.

<sup>124</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 224 de 08/10/1871, p. 01.

<sup>125</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 136 de 18/06/1873, p. 02; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 114 de 21/05/1876, p. 02; *O Liberal da Vigia*, ed. 17 de 11/10/1877, p. 02; *Jornal do Para*. Belém, ed. 222 de 02/10/1878, p. 01; *O Espelho*. Vigia, ed. 07 de 13/10/1878, p. 02.

<sup>126</sup> Seus bens pessoais se limitavam a uma mala grande de viagem, um relógio, uma corrente de ouro, uma farda nova de tenente-coronel, uma banda nova, um par de dragonas de panotilho e uma rede de bom uso, totalizando um pouco mais de \$700 réis. Foi enterrado na sepultura 8996. *Inventário de Antônio Joaquim de Miranda Gama, 1887*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área Civil. Série: Inventários. Cx. 04, doc. 36 A.

a família restou apenas uma casa na Rua das Flores em Vigia, três escravos e mais alguns objetos de pouco valor. A casa onde morava havia sido comprada com dinheiro emprestado e depois transformada em doação por Bento José de Almeida a D. Maria em 1841. Alguns anos depois, D. Maria de Nazaré casou com o comerciante Germano José Alves que atuava no Partido liberal. Ela faleceu no dia 21 de julho de 1872, os poucos bens renderam aos herdeiros apenas 156\$840 réis para cada.<sup>127</sup>

Manoel tinha uma pequena loja de secos e molhados na Rua de Nazareth, esquina com a Tv. do Carmo em Vigia, chamada de Perseverança, onde vendia querosene, chapéu, garrafa de mel, vinho, entre outras mercadorias.<sup>128</sup> No início dos anos de 1870 iniciou uma longa trajetória no grupo, muito atuante no principal espaço de saber que eles criaram. Destacou-se como político liberal, chegando a cargos de projeção na estrutura de poder no final do século XIX. Ao contrario de outros letrados do grupo, que migraram para outras cidades da região ou para capital, permaneceu morando a vida toda em Vigia.

A participação de comerciantes letrados era comum no grupo, Hilário do Espírito Santo Palheta casou com D. Maria Luiza de Carvalho, filha do líder do partido liberal Coronel Joaquim Manoel de Carvalho, viveu também da atividade comercial e na vida pública, atuou nos anos de 1870 como Coletor da Mesa de Rendas Provinciais da Vigia, bem como suplente do Delegado de Polícia, em 1878. Esteve sempre buscando uma vaga na Câmara de Vigia, que conseguiu em alguns momentos, faleceu por volta de 1888. Comerciantes letrados como Miranda Gama, Manoel Felipe e Hilário eram fiéis ao “braço” político do grupo, revelando o quanto essa questão tinha um lugar central em suas vidas e na busca do projeto de sociedade e de poder que almejavam.<sup>129</sup> Por outro lado, haviam aqueles que ficaram pouco tempo no grupo, atraídos pela função religiosa, fato esse que aproximou muitos letrados. Maximiano de Oliveira Pantoja, amigo de Araújo Nunes, nasceu em 1826 e foi casado com Maria Clementina de

---

<sup>127</sup> Eram irmãos de Manoel Felipe: Josefa Maria da Costa, Anacleto Marcelina da Costa, Antônia Cipriana da Costa e Francisca Romana da Costa. Os bens deixados por sua finada mãe em 1872 foram: um quarto de casa na Rua de São Bernardo fazendo frente à Rua de Nazaré em Vigia, quatro escravos (Ana de 25 anos, Pedro de sete anos, Janaina de cinco e Honório de dois anos), uma roda de fiar, duas mesas, esteios, tábua para destilar azeite, baú, porta balaio, 4 cadeiras e três bancos, um par de brincos e um anel de ouro, ferramentas e 02 bancos para marceneiro, uma cumeeira, totalizando 1. 568\$400. *Inventário de Anacleto José da Costa, 1860*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: Inventários. Cx. 03, doc. 01. *Inventário de Maria de Nazaré Saldanha, 1872*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: Inventários. Cx. 04, doc. 02

<sup>128</sup> *O Liberal da Vigia*. Belém, ed. 43, 19/04/1877, p. 04.

<sup>129</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 195. 30/08/1872, p. 01; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 11 de 15/01/1876, p.01; *O Espelho*. Vigia, ed. 01. 01/09/1878; p.02; *Jornal do Pará*. Belém, ed. 86. 14/04/1878, p. 02; *Diário de Belém*, ed. 101, 04/05/1879, p.01.

Oliveira Pantoja, sendo provavelmente um dos membros mais velhos, era filho de Euzébio de Oliveira Pantoja<sup>130</sup> que viveu por 124 anos, Maximiano era comerciante e atuante entre conservadores, chegou a integrar a Guarda Nacional e foi Coletor da Mesa de Rendas da Vigia, acumulou certa fortuna ao longo da vida, faleceu em Belém com idade avançada em outubro de 1908, quando era assistido na Casa de Saúde de São Francisco da Penitência, possuía 04 casas em Vigia e deixou aos herdeiros um patrimônio de 10 contos de réis. Entre seus filhos figura Argemiro Pantoja que galgou projeção na Igreja Católica, como Monsenhor, foi personagem central na polêmica dos livros censurados da biblioteca de uma das entidades do grupo no ano de 1907, teve seu nome estampado no largo da Igreja Matriz.<sup>131</sup>

Como observado, a rede de sociabilidade de Araújo Nunes era extremamente heterogênea em idade, nível de instrução, fortuna e coloração partidária, embora predominasse o segmento remediado. Além da amizade e da cultura, outras estratégias foram organizadas para atrair membros ao grupo que pudessem se associar as Entidades, elas constituíam uma das principais formas de captação de recursos para às ações. Contudo, nem todos os integrantes pensavam nas disputas pelo poder ou se pensavam, acabavam ficando pouco tempo, mantinham-se acreditando nas bandeiras de luta da instrução, fé e consciência social, pois a tendência do grupo, até 1893, era seguir as decisões do núcleo formado pela família Nunes. Adrião de Souza Batalha, por exemplo, nos anos de 1870 teve uma vida relacionada à Vigia, comercializando bois do Marajó. Nesse período, também participou de várias sociedades letradas, na década seguinte se afastou do grupo, tornando-se comerciante respeitado da Praça de Belém, importando produtos de diversos lugares, do Maranhão espias e piaçava, de Manaus boi e peixe, de Pernambuco sabão, da Europa sal e de Nova York papel e sabão, mantendo também uma Casa Aviadora no comércio da capital. Além disso, trabalhou exportando grude de peixe. No rastro de sua trajetória, esteve presente no Grêmio Literário

---

<sup>130</sup> Casou duas vezes, teve sete filhos, 25 netos e 12 bisnetos. Entre os irmãos de Maximiano estava Manoel de Oliveira Pantoja e José de Oliveira Pantoja. Ele teve os seguintes filhos: José Joaquim Rodrigues Pantoja; Antônio Zeferino de Oliveira Pantoja; Braselino de Oliveira Pantoja; Alice Pantoja Santos Munhoz; Olinda de Nazaré Rodrigues Pantoja (falecida); Luiz de Oliveira Pantoja (falecido); Maria Minervina Pantoja Pimentel. *A Boa Nova*. Belém, ed. 16 de 22/02/1873, p. 04.

<sup>131</sup> *Jornal do Pará*. Belém, ed. 171 de 01/08/1872, p. 01; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 195 de 30/08/1872, p.01; *A Constituição*. Belém, ed. 96 de 30/04/1886, p. 02. *Inventário de Maximiano de Oliveira Pantoja*, 1907. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: Inventários. Cx. 06, doc. 27.

Português em 1892, anos depois viajou para a Europa, o que atesta sua provável descendência portuguesa.<sup>132</sup>

*Imagem 12: Retrato do político e comerciante Casemiro José Ferreira, 1905.*<sup>133</sup>



Fonte: acervo de Nazaré Ferreira.

Dentro da perspectiva da relação parental para a construção do grupo letrado, a família Ferreira assumiu papel importante por um longo período. Jonas José Ferreira e Casemiro José Ferreira eram filhos de Leandro Antônio Ferreira que era irmão de Máximo Francisco Ferreira, pai de Albino José Ferreira, genitor de Vilhena Alves. Uma família de forte atuação política, que prosperou trabalhando com o comércio e as benesses da política.<sup>134</sup> Jonas José Ferreira era um dos chefes do Partido conservador e

<sup>132</sup> *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 43 de 19/04/1877, p. 04; *O Espelho*, Vigia, ed. 04 de 22/09/1878, p. 03; *O Espelho*, Vigia, ed.15 de 15/12/1878, p. 01-02.; *Diário de Belém*. Belém, ed. 35 de 12/02/1884; *Diário de Belém*. Belém, ed. 166 de 25/07/1885, p. 01; *Diário de Belém*. Belém, ed. 76 de 05/04/1887, p. 01; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 17 de 21/01/1888, p. 03; *A República*. Belém, ed. 38 de 02/04/1890, p. 02; *A República*. Belém, ed. 43 de 10/04/1890, p. 03.

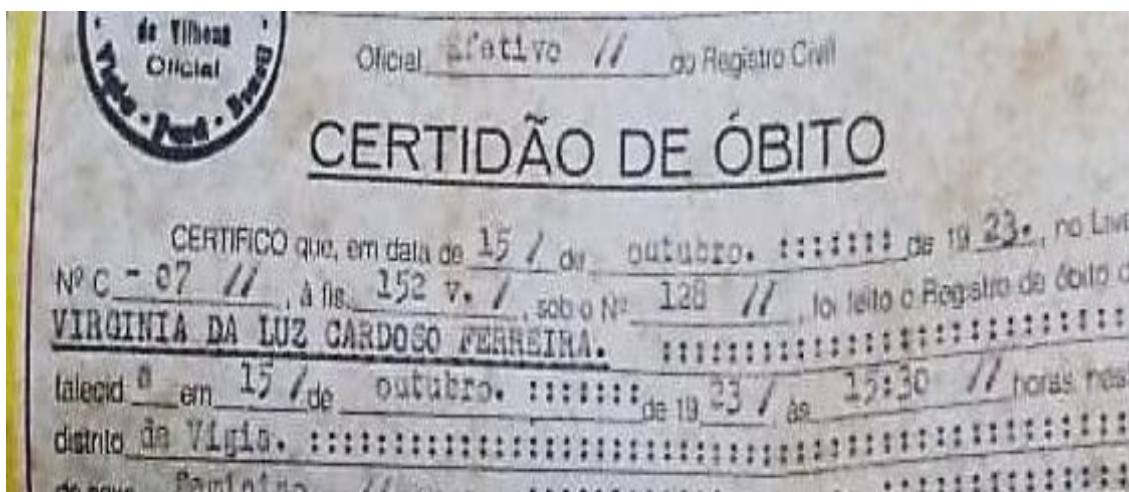
<sup>133</sup> O vestuário com pompa atesta o prestígio social deste letrado no final da vida.

<sup>134</sup> Entre os irmãos de Jonas e Casemiro Ferreira está Manoel Evaristo Ferreira que foi sócio da Sociedade Musical 31 de Agosto nos anos de 1890. Era comerciante de grosso trato. Foi importante na reorganização da Sociedade literária e beneficente “Cinco de Agosto” no início do século XX, sendo sócio benemérito. Faleceu em 1918. Já Miguel José Ferreira nasceu em 1844 e faleceu em 1912. Comerciante e junto com Agnelo Ferreira e Jonas Ferreira administravam uma firma comercial dissolvida com a morte de Jonas Ferreira em 1882. Atuava entre os conservadores e após a proclamação da República foi correligionários do Partido republicano. Eram seus filhos: Heráclito Ferreira (Guarda Livro em Belém) e Augusto Ferreira, repórter do jornal *Folha do Norte*; Ângelo Jose Ferreira nasceu em 1854 e faleceu em 28 de março de 1905. Casou com Maria dos Passos das Neves Ferreira, cujos filhos eram: Laudelina Ferreira, Agnelo José Ferreira Filho, Heráclito Diocliciano Ferreira, Diocliciam Heráclito



católico fervoroso, assim como os amigos, casado com Isadora Cândida de Carvalho Ferreira tiveram numerosa prole, entre eles o filho que recebeu o mesmo nome do pai, que escreveu uma biografia do professor Araújo Nunes em 1916, homenageando assim seu mestre de primeiras letras. Jonas Ferreira atuou na vida pública como Delegado de Polícia e suplente do Juiz de Órfãos até ingressar na Guarda Nacional. Comerciante, criou com os irmãos uma firma que possuía canoas para transportar mercadorias e usar na pesca. Jonas Ferreira ingressou na geração fundadora pelas relações com Araújo Nunes, vindo a falecer em 06 de fevereiro 1882 e sua esposa em 1902.<sup>135</sup>

Imagem 13: Parte da Certidão de óbito de Virgínia Ferreira, esposa de Casemiro Ferreira, 1923.



Fonte: acervo de Nazaré Ferreira.

Já seu irmão, Casemiro Ferreira, casou com Virgínia Ferreira com quem teve muitos filhos e prosperou economicamente nas dinâmicas do comércio. Ele chegou a Câmara de Vereadores como um dos chefes do Partido Conservador ocupando outros cargos públicos relevantes nos anos de 1870. Foi presente nas festas de santo e nos eventos literários, quando os alunos das escolas primárias eram avaliados. Com a morte de Araújo Nunes o grupo enfrentou sua primeira crise, dispersando nos anos de 1890.

---

Ferreira, Isabel Abelardo Ferreira, Julia Augusta Ferreira, Augusto Ramos Ferreira, Lucila Priscila Ferreira. Possuía terras no Igarapé da Rocinha, além de outras terras e uma casa. Em 1884 era tesoureiro do Club 07 de setembro que tocou para a Irmandade do S. S. Sacramento; Cândida Maria Ferreira faleceu no dia 31 de março de 1930 e Raimundo Ferreira faleceu em 1896 com 19 anos de idade. *Inventário de Agnelo José Ferreira*, 1905. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área Civil. Série: Inventários. Cx. 06, doc. 21; *Estado do Pará*, ed. 409 de 24/05/1912, p. 03; *Livro de Matrícula e Mensalidade dos Sócios da Sociedade Literária e Benfícete Cinco de Agosto, 1921*. ASCA. Fundo: Cinco de Agosto. Cx. 01.

<sup>135</sup> *Jornal do Pará*. Belém, ed. 257 de 13/11/1872, p. 01; *Jornal do Pará*. Belém, ed. 262, 19/11/1872, p. 01; *Jornal do Pará*. Belém, ed. 80, 09/04/1873, p. 01; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 67 de 23/03/1873, p. 01; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 222 de 01/10/1880, p. 01.

Nessa conjuntura foi importante para a reorganização do grupo, em sua residência nos anos de 1900 eles retornaram as reuniões. Atualmente, Maria de Nazaré Ferreira, neta de Casemiro, é a guardiã da memória da família, lembra que em meados dos anos de 1960 visitou esse imóvel acompanhando seu pai, Raul Ferreira, a casa situada ao lado das ruínas do Colégio dos Jesuítas era ampla, assoalho alto e muitos móveis restavam de tempos antigos, entre eles um piano, símbolo da modernidade que eles tanto defenderam na virada dos oitocentos.<sup>136</sup>

De trabalhador a trabalhador, Araújo Nunes, Vilhena Alves e Bertoldo Nunes, com habilidade, traziam para o grupo seus amigos, tomando as devidas precauções para que o comando das Entidades ficasse sempre entre seus fiéis aliados. Essa rede de sociabilidade representou um verdadeiro mosaico, reunindo letrados em sua diversidade de profissões, idade, gênero e condição social, camuflando os interesses implícitos que os adversários já haviam percebido. A cada ano o grupo aumentava, mesmo com as dificuldades, contando também com a participação de mulheres, como a D. Thereza de Jesus de Vilhena, casada com João Pedro Saldanha, tia de Vilhena Alves e mãe de Manoel e Lourenço Vilhena.<sup>137</sup> Em 1875 ela vivia como lavradora em um sítio no rio Guarimã, primeiro distrito de Vigia, possuindo uma crioulinha de nome Maria de Nazaré de Vilhena.<sup>138</sup> Já D. Romana Maria da Gama Hollanda, mãe de Antônio Joaquim de Miranda Gama que se tornaria um nome importante no grupo, deixou em seu testamento uma importância em dinheiro ao afilhado Augusto Ramos Pinheiro e um conto de réis ao neto Diogo Hollanda, para ser aplicado em sua educação.<sup>139</sup>

Dessa forma, as esposas e parentes desses homens letrados participaram ativamente da construção do projeto sociopolítico do grupo, com o intuito de tirar Vigia do atraso em que se encontrava, almejando o caminho do progresso. Essas mulheres atuaram no espaço privado do lar e na vida pública, mesmo com as limitações impostas pelo imaginário social da época. Sobre isso, antes de 1855 já havia uma escola pública

<sup>136</sup> *O Liberal da Vigia*, Vigia, ed. 43 de 19/04/1877, p. 04; *A Constituição*. Belém, ed. 72 de 30/03/1878, p. 01; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 75 de 03/04/1879, p. 02; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 275, 04/12/1880, p. 01; *O Liberal do Para*. Belém, ed. 145 de 05/07/1882, p. 01.

<sup>137</sup> Em 1857 foi beneficiada com o valor de 295\$025 réis na partilha do espólio da irmã D. Anna Francisca de Vilhena, entre os bens estavam 07 escravos, um baú, uma @ de café, sal, pano americano, pote de azeite, uma montaria, uma roça de mandioca e dinheiro, totalizando 1.180\$ 100 réis. *Inventário de D. Anna Francisca de Vilhena, 1857*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: Inventários. Cx. 2, doc. 25.

<sup>138</sup> *Sumário de culpa em que é autora Thereza de Jesus Vilhena, 1873*. ASCA. Fundo: cartório Raiol. Área: criminal. Série: processos diversos. Cx. 03, doc. 24.

<sup>139</sup> *Testamento de D. Romana Maria da Gama Hollanda, 1888*. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: Testamentos. Cx. 08, doc. 29;

para a educação feminina na *urbe*,<sup>140</sup> que preparava as moças a exercerem seu papel nas famílias ricas e remediadas, como mães e esposas preocupadas com a educação dos filhos. Contudo, atuavam também no espaço público das escolas, como professoras, e nesse segmento o grupo de Bertoldo Nunes estava bem organizado. A exemplo temos Clara Guimarães Nunes, nascida na vila de Curuçá, esposa de Candido Severo de Carvalho Nunes que passou a exercer o cargo de professora em Vigia a partir de 1877 e, por um período teve como adjunta Christina Cândida Nunes Pinheiro, irmã de Araújo Nunes.<sup>141</sup>

Entre as mulheres as ocupações também variavam, de acordo com sua posição social. Se havia limites a atuação até no trabalho e nos espaços públicos para aquelas de classe remediada, o mesmo não ocorria para as negras, como a mulata Elisa, escrava de Joaquim Manoel de Carvalho que vendia doces no arraial de Nazaré<sup>142</sup> ou aquelas negras livres e escravizadas, que segundo os redatores de uma gazeta local, praticavam imoralidades no Poço do Povo, mulheres pobres em suas lutas diárias. Outras ainda exerciam práticas relacionadas aos saberes indígenas e africanos, como as parteiras, rezadeiras e benzedadeiras, cujas curas foram condenadas pelos “humildes peregrinos”. Envolvidos nas leituras científicas, eles advogavam as práticas advindas do saber médico que emergiram no país a partir da circulação dos impressos e das faculdades de medicina da Bahia e do Rio de Janeiro.<sup>143</sup> Em 1878, os redatores do jornal *O Espelho* criticaram uma parteira, que provocou a morte de uma mulher e seu filho na região das Barretas pelo uso de um alfinete e, em decorrência disso, foi processada.<sup>144</sup> Importante notar que a divulgação de notícias de teor condenatórios nos impressos do grupo de Vilhena Alves, apesar de não serem médicos, propagavam um discurso que excluía as demais artes de cura no Brasil que não fosse pela ciência, buscando através das páginas

<sup>140</sup> *Treze de Maio*. Belém, ed. 324 de 29/04/1954, p. 04.

<sup>141</sup> *Diário de Belém*. Belém, ed. 121 de 29/05/1880, p. 02; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 208 de 16/09/1885, p. 03

<sup>142</sup> *Sumário de culpa em que é autor Joaquim Manoel de Carvalho e reo Juvenal de Moraes Rego, 1882*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Criminal. Série: processos diversos. Cx. 05, doc. 15. Ler uma interpretação das relações sociais contidas nesse processo judicial envolvendo a escrava Elisa em: CORDEIRO: Paulo. *Os doces de tabuleiro: herança africana e portuguesa na cidade de Vigia*. Belém: Produção independente, 2018.

<sup>143</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. 6ª reimpressão, SP: Companhia das Letras, 2005, p.134-138.

<sup>144</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 05 de 29/09/1878, p. 02; *O Espelho*. Vigia, ed. 14 de 08/12/1878, p. 01.

desse e de outros semanários a legitimação da medicina, que na época não tinha credibilidade social.<sup>145</sup>

Dentro dessa perspectiva de afirmação da ciência, o enfrentamento das epidemias pelos agentes do Estado, ao que estendemos ao grupo letrado liderado por Araújo Nunes, deveria seguir o discurso da ciência médica. Em março de 1873, a varíola se alastrava na portuária Vigia de Nazareth, infectando pelo menos 20 pessoas, provocando mortes e desabastecimento de gêneros alimentícios. Uma das medidas tomadas para evitar a propagação foi o isolamento social, o povo migrou para os sítios. Além disso, o governo provincial enviou um médico para tratar os doentes, atitude enaltecida pelos “humildes peregrinos”,<sup>146</sup> tanto que enviaram uma correspondência ao governo elogiando as ações para conter a epidemia.<sup>147</sup> Na ocasião, Araújo Nunes presidia uma das Entidades letradas criada por eles, nomeou então uma comissão formada por Bertoldo Nunes, Maximiano de Oliveira Pantoja e Jonas Ferreira para realizar uma subscrição junto aos moradores e, assim, arrecadar fundos para atenuar o sofrimento daqueles acometidos pelo mal. Assim, participaram ativamente na resolução dos problemas da cidade dentro de uma visão de mundo racional e científica. Por outro lado, não podemos descartar a hipótese dos conflitos entre os moradores, envolvendo aqueles adeptos do saber médico e higienista, ainda a minoria, e aqueles que buscavam as práticas populares de cura, a maioria, como ocorreu no Rio de Janeiro e em outras capitais interioranas.<sup>148</sup>

Nesse sentido, a segunda metade do século XIX marcou o avanço das ciências médicas e do discurso higienizador na sociedade brasileira, inclusive, afetando os costumes fúnebres, as autopsias e o território da cidade. Desde as sociedades ocidentais, os sepultamentos eram feitos no interior ou nos adros das Igrejas, pois era considerado o território sagrado, parte importante da ritualística funerária para a tão almejada salvação da alma, que mesmo com a resistência da Igreja católica e da população, sofreu uma lenta transformação. O discurso médico previa a separação de vivos e mortos como

<sup>145</sup> SIQUEIRA, Monique. Reflexões sobre a produção e a publicação de periódicos de ciência médica no Brasil oitocentista. In: BESSONE, Tânia; RIBEIRO, Gladys Sabina; GONÇALVES, Monique de Siqueira; MOMESSO, Beatriz (orgs.). *Imprensa, livros e política no oitocentos*. SP: Alameda, 2018, p.76-77.

<sup>146</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 67 de 23/03/1873, p.01.

<sup>147</sup> *Correspondência encaminhada pela mesa diretora da Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto” ao Presidente da Província do Grão-Pará em 03/08/1873*. APEP. Fundo da Secretaria da presidência da província. Série: Ofícios. Ofícios de diversas sociedades. Cx. 312 (1870-1879).

<sup>148</sup> SILVA, Érika Amorim da. *O cotidiano da morte e a secularização dos cemitérios em Belém na segunda metade do século XIX (1850-1891)*. Dissertação de mestrado, PUC-SP, 2005, p. 59.

questão de saúde pública, pois o corpo emanava miasmas que poluíam o ar e a salubridade dos espaços públicos, como as Igrejas. Dessa forma, em 1850 foi criado o primeiro Cemitério na capital provincial, o de Nossa Senhora da Soledade, época em que a epidemia de febre amarela assolava.<sup>149</sup> Em Vigia, nesse momento, foi erguido um cemitério a altura da atual Praça Olavo Raiol, depois transferido para o final da Travessa da Alma (atual Vilhena Alves) no limite com a floresta, que recebeu sepultamentos até as décadas finais dos oitocentos quando a necrópole de São Francisco, ainda em atividade, foi organizada na parte alta da cidade, deixando de receber sepultamentos as proximidades e no interior da Igreja Matriz, da Capela do Bom Jesus dos Passos e a de Nossa Senhora da Luz, em Porto Salvo.<sup>150</sup>

Os “humildes peregrinos” e, de certa forma, os outros grupos letrados de Vigia, se preocupavam com a aparência da cidade, uma vez que, para se viver na civilização era necessário adequar seu modo de vida, levando em conta a higiene, salubridade, moradias adequadas e a reorganização do espaço citadino. Tais ideias propagadas pelo avanço do movimento civilizador e o discurso da ciência médica a nível nacional. Os letrados utilizaram principalmente a imprensa local e da capital para mostrar a dificuldade do poder público e a limitada situação financeira, para manter os padrões desejados. Sobre isso, destacamos os seguintes relatos: os redatores até elogiaram a ação da Câmara de derrubar o mangal de frente da casa em que funciona, mas, a Ponte do Ribeira serve de depósito de imundices e o Porto do Pombal de monturo.<sup>151</sup> O mato toma conta da Praça da Municipalidade e do Cemitério.<sup>152</sup> Ruas no mato, como lagoas.<sup>153</sup> Umromeiro que partiu de Belém para passar o Círio de Nazaré em Vigia no ano de 1876, disse que o agradável panorama da natureza ficou desfavorável assim que aportou, na frente não tem um edifício bom e nem rua, a praia lodosa não tem cães e nem ponte, na maré baixa precisa do apoio dos catraieiros.<sup>154</sup>

Diante dessas situações, em alguns casos, eram os próprios letrados que levantavam fundos para realizar os melhoramentos urbanos. Jonas José Ferreira, por

<sup>149</sup> SILVA, Érika Amorim da. *O cotidiano da morte e a secularização dos cemitérios em Belém na segunda metade do século XIX (1850-1891)*. Dissertação de mestrado, PUC-SP, 2005p. 15-18;

<sup>150</sup> SOEIRO, Igo. *Cultura funerária na cidade de Vigia no final dos oitocentos: transformações e permanências em torno do imaginário da morte (1860-1885)*. Monografia de Especialização, Belém: UFPA, 2008, p.11-21.

<sup>151</sup> *Diário de Belém*. Belém, ed. 119 de 29/05/1869, p. 02.

<sup>152</sup> *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 49 de 31/05/1877, p.03-04.

<sup>153</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 33 de 18/05/1879, p. 04.

<sup>154</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 184, 13/08/1876, p. 01-02.

exemplo, mandou construir pontes no litoral da cidade, outros letrados ajudaram a construir outra no porto e uma nos arrabaldes, chamado de Arapiranga. Além do mais, as influências no meio político, ajudavam nessa questão. Domingos Antônio Raiol, como Deputado provincial, enviou recursos e emenda parlamentar de 1: 500\$000 réis para a iluminação da cidade em 1880, feita anteriormente por lampiões.<sup>155</sup> Outro avanço foi a Ponte no litoral da cidade, construída pelo governo Provincial por meio da emenda do deputado Dr. Raiol, medindo 61,5 metros de comprimento e 5 metros de largura. Durante a inauguração dessa obra, a filha do professor Araújo Nunes deu um buque de flores ao empresário José Duarte Bentes, proprietário da empresa que construiu a obra, em sinal de satisfação e reconhecimento dos vigienses. Assim, impunha-se um enorme desafio de transformar Vigia numa sonhada francesinha da Amazônia.

Dessa forma, o longo processo de construção dos vínculos de união entre os “humildes peregrinos”, dentro das dificuldades impostas a esse perfil social letrado, de sempre buscar meios para efetivar sua sobrevivência, cruzaram-se obrigatoriamente com os melhoramentos do espaço citadino, aos moldes da modernidade almejada, e com o avanço da ciência no Brasil.

### **1.2.2: Arranjos familiares: vínculos de sangue e casamento.**

Concomitantemente as formas apresentadas, a ampliação do grupo contou com uma extensa rede de parentes e entrelaçamento matrimonial. A primeira geração do grupo, que compreende o ano de 1871 a 1893, foi liderada pelo professor Araújo Nunes, direcionando todas as dinâmicas de coesão e organização das práticas culturais. As reuniões aconteciam em sua casa, onde também funcionou uma pequena biblioteca, bem como, as sessões das Sociedades literárias e teatrais. Ele foi o presidente daquela que mais alcançou projeção, inclusive, tendo seu Estatuto aprovado pelo presidente da Província. Na sala de sua residência aconteciam às aulas do externato, sendo ele um dos professores, sua trajetória coincide com o período em que o grupo atuou mais ou menos intensamente no nordeste da Província do Grão-Pará, até a crise do ano de 1893, ano de sua morte. Os engajamentos dos líderes (instrução, religião e política) foram às linhas

---

<sup>155</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 293 de 25/12/1880, p. 01.

de força do grupo, tecendo em torno deles e de suas famílias os elos de união e ampliação da rede de sociabilidade entre os letrados.

Francisco Celestino Nunes e Cândida Maria Ferreira Nunes tiveram oito filhos,<sup>156</sup> Thomaz Celestino Nunes era o mais velho, não participou das dinâmicas do grupo, pois faleceu em 1866. Contudo, foi importante na formação de uma geração de letrados que fizeram parte desse projeto, sendo a maioria deles nascidos em fins dos anos de 1840, como Vilhena Alves e Bertoldo Nunes. Portanto, os Nunes tiveram uma atuação relevante na disseminação da cultura letrada na Amazônia, seja pelas escolas públicas, pelas ações individuais ou pelas iniciativas coletivas da rede de sociabilidade nos anos de 1870 e 80. Entre eles, o professor Nunes destacou-se, atuando como professor em vários lugares por cerca de 30 anos ininterruptos. Um peregrino da civilização, assim como a maioria deles, disseminando a ideia de que religião e o progresso andavam de mãos dadas.

José Diogo Nunes, embora não tenha participado das Entidades que o grupo criou, colaborou indiretamente. Nascido no ano de 1836 compunha sua renda como proprietário e comerciante, permaneceu em Vigia até o ano de 1874, quando as tensões políticas levaram grupos armados, ligados aos conservadores, a ameaçar correligionários do partido liberal, entre eles José Diogo, que fugiu para Belém. As disputas no campo cultural eram latentes entre os grupos letrados da Vigia, como na corrida eleitoral em busca do cargo de Deputado Provincial ou na batalha para firmar o projeto social e político, estampado nas páginas dos periódicos locais *O Liberal do Pará*, *O Vigiense* e *O Publicista*, onde a hegemonia política configurava-se com importância destacada. Todos os irmãos de Araújo Nunes se filiaram aos liberais, mas como fica evidente na condução das ações, tiveram pretensões políticas à parte.<sup>157</sup> O

---

<sup>156</sup> Eram eles: Thomaz Joaquim Celestino Nunes, José Diogo Nunes, Francisco Quintino de Araújo Nunes, Candido Severo de Carvalho Nunes, Raimundo Bertoldo Nunes, Gemino Manoel Seabra Nunes, Maria Luiza Nunes Lima e Cristina Cândida Nunes Pinheiro. As mulheres já se encontram aqui com os nomes de casada. *O Liberal do Pará*. Belém, ed.117 de 26/05/1872, p. 02.

<sup>157</sup> Em Belém, José Diogo Nunes casou com Maria Ignácia Branco Nunes. Entre os filhos do casal estão Francisco Celestino Nunes, Raimunda Amélia Ferreira Nunes e José Diogo Nunes Filho. Em 1883, José Diogo tentou comprar terras devolutas para lavoura entre o Utinga e o Engenho Murutucu em Belém. Logo depois mudou-se para os arrabaldes da Batista Campos. Atuou como professor de dança, ensinando quadrilhas francesas, valsa e pulka em casa ou em domicílio. Em 1890, conseguiu um cargo público de Fiscal da Intendência de Belém. Na efervescência da morte do maestro Carlos Gomes, em 1896, confeccionou e vendeu uma alegoria impressa composta por ele, doando os recursos à construção do monumento em homenagem ao maestro e à Sociedade musical 31 de agosto de sua cidade natal. Em Belém também foi Sócio da Sociedade Artística Paraense. *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 25 de 31/01/1874, p.01; *O Pará*. Belém, ed. 145 de 25/03/1898, p. 03;

grupo foi constituído gradativamente, sendo a primeira geração marcada pela brevidade com que os letrados participaram, entravam e saíam, devido às migrações para as vilas da Comarca da Vigia ou para a capital, movidos por busca de trabalho e ascensão social ou cooptação por outros grupos.

Inicialmente o professor Araújo Nunes teve o apoio incondicional do irmão Bertoldo Nunes, homem religioso, assim como os seus companheiros. Sua religiosidade e o temor da morte, fez com que entrasse na Irmandade do Divino Espírito Santo, atuando como mordomo e secretário entre os anos de 1872 e 1873.<sup>158</sup> De personalidade forte, desenvolveu predileção ao magistério, a política e a imprensa. Trabalhou como adjunto na escola regida pelo irmão Araújo Nunes de 1866 a 1880, com várias interrupções, chegou a atuar como Procurador interino em abril de 1875 e procurador de firmas, situadas na região, que precisavam resolver questões nas instâncias do judiciário em Vigia. Em 1876, Bertoldo e Araújo Nunes investiu suas poucas posses na aquisição de equipamentos para uma modesta tipografia, instalada na Rua de Nazaré, onde morava Bertoldo, local de reuniões e discussões que resultavam nas matérias que seriam publicadas nos periódicos *O Liberal da Vigia*, *O Orvalho* e *O Espelho*, nessa que foi a “década de ouro” da intelectualidade vigiense. Bertoldo participou ativamente nos espaços de sociabilidade letradas, ocupando em uma delas o cargo de secretário.<sup>159</sup>

Entre os irmãos, o de relações mais próximas a Bertoldo era Gemino Manoel Seabra Nunes que nasceu em Vigia no ano de 1851, onde cursou o ensino primário. Gemino não foi literato afamado, assim como a maioria do grupo, escreveu pouco e quando o fez, o conteúdo político predominou. Em 1878, administrou um pequeno comércio em Vigia chamado de Café Social, onde eles também usavam como local de encontro. Não era como os suntuosos Cafés da Belém da *Belle Époque*, e sim um espaço simples para a venda de secos e molhados. Chegou a atuar como advogado, mas, como a maioria dos letrados do grupo, ambicionava um cargo público que garantisse um complemento de renda, mesmo que pequena. Assim, foi Guarda da Mesa de Rendas e escrivão da Coletoria de rendas por certo período, além de suplente do Delegado de Polícia. Embora não ter assumido cargos na diretoria das Sociedades letrada que criaram, contribuía sempre, estando presente nas sessões e nas ações realizadas por eles,

---

<sup>158</sup> *Relação dos empregados da Irmandade do Divino Espírito Santo (1873)*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área Civil. Série: Processos diversos. Cx. 13, doc. 41.

<sup>159</sup> *Jornal do Pará*. Belém, ed. 178 de 11/08/1871, p. 01; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 79 de 10/04/1875, p. 02; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 62 de 16/03/1878, p. 01.



para arrecadar recursos aos flagelados da seca do Nordeste de 1877. Gemino foi um dos que ajudaram financeiramente, fiel aos posicionamentos políticos dos irmãos, atuou sempre entre os liberais.<sup>160</sup> Tinha o propósito de concretizar todas as faces dos projetos do grupo.

Gemino Nunes casou ainda jovem com Amélia de Nazaré Pinheiro, filha de Maria Raymunda da Silva Pinheiro e do tenente Raymundo Pinheiro do Rosário, que era político liberal e chefe de numerosa família. O sogro de Gemino morava na Rua de Nazaré, sua casa em mal estado de conservação, foi avaliada em 800\$ réis, atestando as poucas posses de um homem que viveu e criou seus filhos com a profissão de artista, até falecer em 1893. Deixou a cada filho apenas 100\$ de herança na partilha do único bem, a casa, o que para a família de Gemino não representou indício de mudança social. Mas, o casamento de Gemino e Amélia iniciou o entrelaçamento familiar dos Nunes com os Pinheiros, ajudando nos arranjos de composição do grupo, onde 10 dos 38 membros mais atuantes, eram dessas famílias.<sup>161</sup>

Em 31 de agosto de 1871, nasceu o único filho do casal, Cantidiano Augusto Nunes, como todos da família Nunes, logo iniciou as primeiras letras em Vigia. Mas, em 1882 Gemino migrou com a família para Belém,<sup>162</sup> na capital, ele seguiu sua predileção ao comércio, onde já mantinha a loja Ramos & Nunes com José de Sousa Ramos, dissolvida em janeiro do ano de 1882 e no mesmo ano fundou a loja Deusa do

---

<sup>160</sup> *Jornal do Pará*. Belém, ed. 86 de 14/04/1878, p. 01; *O Espelho*. Vigia, ed. 05 de 29/09/1878, p. 04; *O Espelho*. Vigia, ed. 31 de 04/05/1879, p. 02; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 185 de 18/08/1881, p. 02; *Diário de Belém*. Belém, ed. 112 de 21/05/1882, p. 01.

<sup>161</sup> Além de Amélia, tiveram os seguintes filhos: Maria Pinheiro Gaia, Lúvia Ignácia Pinheiro, Manoel da Costa Pinheiro, Maria da Costa Pinheiro, Theodolfa Ignês Pinheiro, Dulvina Maria da Purificação Pinheiro. *Inventário de Raymundo Pinheiro do Rosário, 1894*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: Inventários. Cx. 05, doc. 05.

<sup>162</sup> Nessa cidade fez carreira na segurança pública, chegando a patente de capitão, quase morreu, no exercício da profissão, quando numa patrulha cotidiana nas ruas da capital recebeu uma forte descarga elétrica e caiu do cavalo. Suas boas relações com a elite política da capital fez com que seu tratamento de saúde fosse realizado no Rio de Janeiro, hospedando-se na casa do Barão de Ataliba Nogueira. Nessa viagem ao sudeste em 1896, representou Lauro Sodré nas homenagens ao maestro Carlos Gomes. Mesmo com a vida pública, Gemino nunca deixou a atividade comercial. Desse período em diante, pouco vinha em Vigia. No ano de 1893 chegou a editar, nesta cidade, o periódico *A Luz*. Além de ser a família Nunes o núcleo em torno do qual o grupo foi se organizando, a vida de Gemino revela, principalmente dos letrados que viveram mais de 60 anos, as idas e vindas desses homens no grupo. Os retornos permanentes ou esporádicos a cidade, como o dele, tinham no grupo e nas Entidades que criaram um porto seguro para viver as sociabilidades. Na capital, integrou a milícia policial do Estado e depois a Cavalaria até a aposentadoria. Faleceu em Belém, aos 63 anos, na madrugada do dia 17 de novembro de 1914. O cortejo saiu da Av. Nazaré e foi seguido por inúmeras autoridades e por Bertoldo Nunes, seu irmão querido. *O Democrata*. Belém, ed. 89 de 20/04/1893, p. 01; *Diário de Notícias*. Belém, ed. 197 de 03/09/1896, p. 01; *Diário de Notícias*. Belém, ed. 282 de 18/12/1896, p.02; *Estado do Pará*. Belém, ed. 1315 de 18/11/1914, p.02.

Fumo, uma tabacaria que fecharia poucos meses depois. Nessa cidade, manteve as relações com o irmão de maior apreço, Bertoldo Nunes, os dois atuaram na Sociedade de Emancipação de escravos e na Comissão Central de Emancipação de escravo, juntamente com outros nomes como Paulino de Brito, Magalhães Castro e Antônio Couto. Seu filho Cantidiano Nunes avançou nos estudos, sendo aluno do Colégio Atheneu Paraense de propriedade do tio Bertoldo Nunes, onde em 1887 fez o curso secundário. Em 1888 iniciou seus escritos na imprensa no jornal *O Pharol*, junto com outros jovens amantes das letras. Continuou almejando destaque como literato, publicando a poesia *Sonhos Azuis* em 1890, logo em seguida, ingressou no magistério como professor na cidade de Salinas, passando no concurso público em 1893. Assumiu a cadeira de segunda estância da Vigia, um pouco antes disso, faleceu o professor e líder do Grupo, seu tio, Araújo Nunes. Nos quatro ou cinco anos em que viveu em Vigia, Cantidiano<sup>163</sup> deu continuidade ao projeto familiar. Mas, ainda nos anos de 1890, voltou para a capital, destacando-se no meio literário, com significativa produção de contos e obras de cunho histórico e geográfico, ingressou na Mina Literária, círculo que agregou a elite intelectual da época.

O vínculo de sangue trouxe para a rede também, Candido Severo de Carvalho Nunes que almejava ser padre e estudou por três anos no Seminário Episcopal da Província, no final dos anos de 1860. Seguiu para a França na continuidade da formação eclesiástica, mas, após 18 meses, retornou por questões financeiras, sem ordenar-se. De 1870 a meados de 1877 residiu na vila de Curuçá, atuando como professor e político liberal, eleito vereador e presidente da Câmara, lá casou com a curuçaense e professora Clara Ferreira Guimarães e desse matrimônio nasceu, em julho de 1871, Francisco Olavo Guimarães Nunes.<sup>164</sup> Candido Nunes migrou de Curuçá para Vigia, com toda a

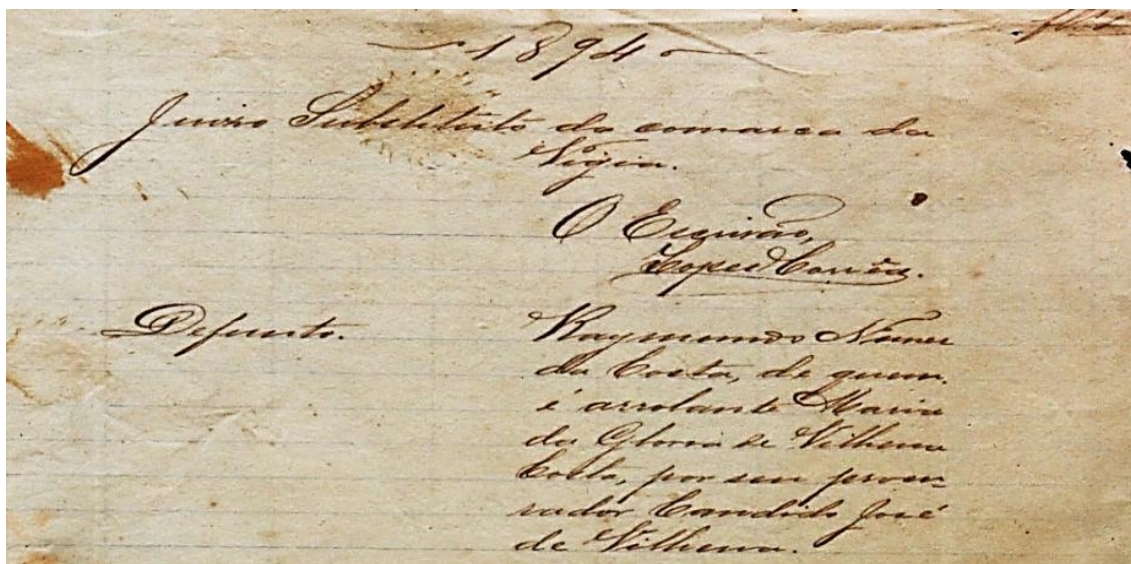
---

<sup>163</sup> Formou-se na Faculdade de Direito, fundou o Colégio do Norte e depois dirigiu o Orfanato do Outeiro. Casou com Maria da Cunha Nunes e tiveram a filha Aurora da Cunha Nunes. Faleceu em Belém no ano de 1915, aos 43 anos de idade. *Diário de Belém*. Belém, ed. 03 de 04/01/1882, p. 01; *Diário de Belém*. Belém, ed. 112 de 21/05/1882, p. 01; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 265 de 24/11/1888, p. 02; *Amazônia*. Belém, ed. 32 de 11/03/1888, p. 02; *A República*. Belém, ed. 248 de 19/12/1890, p. 01; *A República*, ed. 294 de 15/02/1891, p. 01; *A República*, ed. 930 de 13/05/1893, p. 01; *Biografia do Dr. Cantidiano Nunes*. In: MOURA, Ignácio (org.). *Anuário de Belém: em comemoração do seu tricentenário (1616-1916)*. Belém: Imprensa oficial, 1915, p. 195-196.

<sup>164</sup> Seguiu seu percurso formativo no Colégio Atheneu Paraense em fins dos anos de 1880. Olavo Nunes tornou-se literato de projeção no Pará na virada do século XIX, fundando em Belém o Colégio Minerva, logo depois, migrou para a vila de Cintra, para ser Promotor. Lá foi correspondente da Mina Literária, círculo literário que aglomerou a elite cultural de Belém. Estava entre os sócios fundadores da Academia Paraense de Letras em 1900. Figura de proa do Modernismo no Norte colaborou na Revista *Belém Nova*, de 1923, editada por Bruno de Menezes, seu amigo. Contista, sua obra prima é *Musa Vadia* publicada em 1923. ILDONE, José. *Noções de História da Vigia*. Belém: Cejup, 1991, p. 61-62.

família, em setembro de 1877, sua vinda foi cercada de polêmicas, acusado de suposto desvios de recursos da Câmara daquela vila. Já em Vigia, tratou de encaminhar o filho na instrução primária, que passou a estudar com o professor Manoel José de Carvalho. Logo, iniciou sua atuação no grupo do irmão Araújo Nunes, instigando-o a iniciar as aulas do Externato, que efetivamente começaram no mês de novembro do ano de 1877. O magistério foi uma saída após quase cinco anos de formação religiosa, e em Vigia, prontificou-se a ensinar a língua francesa, aritmética e português em domicílio. Enquanto isso, a esposa Clara Nunes conseguiu a remoção do cargo de professora para a cidade de Vigia, transformando a casa em escola de ensino primário, para o sexo feminino, mantida pelo Estado. Por vários anos, teve a cunhada, Christina Nunes como ajudante. Embora, a vida pública fosse negada às mulheres, elas foram importantes no processo de construção do grupo. Candido Nunes não teve vida longa, morreu em Vigia em 19 de julho de 1880. Araújo Nunes tinha outra irmã de nome Maria Luzia Nunes, que faleceu em 1886 em Vigia, casada com Manoel Lourenço Ferreira Lima. Muitos foram aqueles que morreram precocemente, o que tornava a perenidade dos grupos letrados com esse perfil um grande desafio.<sup>165</sup>

Imagem 14: Capa do Inventário de Raymundo Nunes da Costa, 1894.<sup>166</sup>



Fonte: *Inventário de Raymundo Nunes da Costa, 1894*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série Inventários. Cx. 05, doc. 2A.

<sup>165</sup> *Jornal do Pará*. Belém, ed. 142 de 24/06/1877, p. 01; *Jornal do Pará*. Belém, ed. 204 de 07/09/1877, p. 01; *Jornal do Pará*. Belém, ed. 250 de 03/11/1877, p. 02; *Jornal do Pará*. Belém, ed. 05 de 06/01/1878, p. 01; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 164 de 21/07/1880, p. 01.

<sup>166</sup> Os poucos bens confirmam a vida modesta do morto, semelhante a maioria dos integrantes do grupo.

Além dos irmãos de Araújo Nunes, os primos também fizeram parte do grupo, é o caso de Raymundo Nunes da Costa que nasceu no ano de 1852, filho de Brigido Antônio da Costa que atuou como escrivão da Coletoria de Rendas da freguesia de São Caetano de Odiveias, adjacente a cidade de Vigia, e de Ângela Nunes da Costa.<sup>167</sup> Instruiu-se em Vigia e em 1881, casou com Maria da Glória de Vilhena Costa, ato testemunhado pelos amigos Jonas José Ferreira e Casemiro Ferreira. Com ela teve a filha Idália França de Vilhena Costa, que nasceu em 1884, poucos meses depois do falecimento prematuro de Raimundo Nunes, aos 33 anos. Profissionalmente, esse letrado ocupou o cargo de segundo Tabelião público, judicial e notas do civil, crime, júri e execução do termo da Vigia, ficando de 1877 até sua morte.<sup>168</sup> Essa repartição lhe permitiu contato com pessoas de condições sociais variadas, pois passava por sua pena a escrita de procurações, documentos de compra e venda de escravos, casas, terrenos, entre outros.

Raymundo Nunes morava com sua família numa meia morada de casa, na Rua Justo Chermont em Vigia, feita de taipa e coberta com telhas de barro, medindo 40 palmos de frente por 15 braças de fundo. No grupo letrado que ingressou, ao longo dos anos de 1870, se associou a principal Entidade letrada, ocupando o cargo de 2º secretário interino em 1877 e primeiro secretário em 1882, colaborou também aos flagelados da seca do Nordeste com 4\$000 réis em 1877.<sup>169</sup> Vários de seus amigos de grupo, circulavam por essa repartição, que funcionava em sua casa, prestou alguns serviços a terceiros com a habilidade de escrever, como de procurador, testemunha e advogado.<sup>170</sup> Por meio do cargo ajudou o grupo, direcionando pequenos serviços. Porém, atuou politicamente no Partido Conservador, demonstrando que os meios para a

---

<sup>167</sup> Os irmãos de Raimundo Nunes, com suas idades em 1896, eram: Gregório Nazareno Nunes da Costa (48), Honória Francisca Nunes da Costa (60), Felismina Amélia da Costa Santos (58), Antônio Venâncio da Costa (56), Francisco Celesino Nunes Costa (falecido, filhos Chatarina Borges Costa), Maria da Glória Nunes Costa (46), Constantina da Costa Porto Nunes (casada com Graturaliano da Silva Porto Nunes). *Inventário de Brigido Antônio da Costa e Ângela Nunes da Costa, 1896*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: Inventários. Cx. 05, doc. 17.

<sup>168</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 30 de 06/03/1878, p. 01.

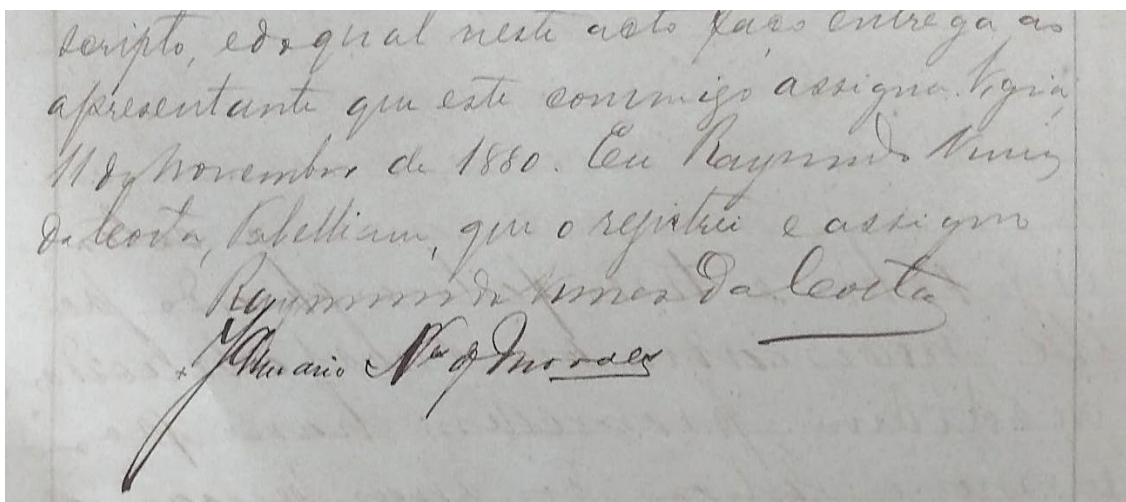
<sup>169</sup> *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 43 de 19/04/1877, p.5; *A Constituição*. Belém, ed. 94, de 28/02/1881, p. 01; *Diário de Notícias*. Belém, ed. 06 de 06/01/1885, p. 02; *Inventário de Raymundo Nunes da Costa, 1894*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil, Série: Inventários. Cx. 05, doc. 02 A.

<sup>170</sup> Várias procurações atestam Gemino Nunes, Antônio Joaquim de Miranda Gama e Araújo Nunes atuando como advogados, mesmo sem o curso de Bacharel em Direito. Isso se deve a carência de profissionais habilitados na sociedade brasileira. Outros também serviram de testemunhas ou assinaram por pessoas analfabetas. Manoel Felipe da Costa, por exemplo, testemunhou o documento de compra e venda do escravo Pedro de Manoel das Mercês. *Livro de Notas do 2º tabelião da cidade de Vigia Raymundo Nunes da Costa (1879-1882)*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: Livros de Nota.

concretização do projeto civilizador cristão, nem sempre eram acompanhados em todos os seus aspectos pelos integrantes da rede.

Januário Napoleão Nunes de Moraes também integrou o grupo pela via familiar, primo de Araújo Nunes, era adepto dos Liberais, desde 1876. Ingressou nas Entidades do grupo ocupando cargos relevantes como de tesoureiro, entre os anos de 1877 e 78, participou efetivamente da coordenação dos trabalhos de subscrição para arrecadar recursos aos flagelados da seca do Nordeste. No ano seguinte, migrou para Belém, deixando seu pequeno estabelecimento comercial sob responsabilidade dos irmãos. Em Belém constituiu família e seu filho estudou no Atheneu Paraense. Seguidor da doutrina espírita, transitou entre Portugal e a Europa, tornando-se comerciante de grosso trato.<sup>171</sup> Como tantos outros, a migração, limitou uma participação mais efetiva nas ações do grupo. Assim, a década de 1880 foi de grande dificuldade para as iniciativas de Vilhena Alves e Araújo Nunes.

*Imagem 15: Januário Nunes assina documento deixando livre a escrava Antônia.*



Fonte: *Carla de liberdade da escrava Antônia da Conceição inserida no Livro do 2º Tabelião de Notas da cidade de Vigia Raymundo Nunes da Costa*, 1880, f.88. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: Livros diversos.

As boas relações dos Nunes com os Pinheiros foram atadas pelos laços matrimoniais. Christina Cândida Nunes Pinheiro, irmã de Araújo Nunes, casou-se com o alfaiate Antônio Amaro Pinheiro e moraram numa meia-morada de casa, na Tv. das

<sup>171</sup> *Correspondência enviada pela mesa diretora da Sociedade Literária e Beneficente "Cinco de Agosto" ao Presidente da Província do Grão-Pará em 25/06/1877*. ASCA. Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Série: Ofícios. Caixa 312 (1870-1879), Ofícios de diversas sociedades, doc. 34; *O Espelho*. Vigia, ed. 25 de 16/03/1879, p. 03; *Diário de Belém*. Belém, ed. 137 de 19/06/1885, p. 01; *Diário de Notícias*. Belém, ed. 95 de 30/04/1892, p. 02.

Almas, avaliada em 350\$000 réis.<sup>172</sup> Em 1869 nasceu Frederica Amélia Nunes Pinheiro, poucos meses depois, seu pai faleceu. Após o ocorrido a órfã foi tutelada pelo tio, Bertoldo Nunes, a quem chamava de pai, estudou na escola para mulheres. Mas, em setembro de 1878 foi acometida por uma febre e veio a falecer, aos nove anos de idade. Em seu comovente funeral, estavam inconsolados a mãe e o tio, além das crianças da escola que frequentou. As qualidades da moça, divulgadas pela imprensa local, eram aquelas apreciadas pelas famílias, inteligente, estudiosa, desembaraçada, religiosa e amável. O féretro foi conduzido por quatro senhoras vestidas de branco, substituídas em seguida, por pessoas de posição social elevada. Bertoldo escreveu uma poesia a Frederica Pinheiro, recitada pelo tio paterno Augusto Ramos Pinheiro,

Murchou como a florzinha ressequida  
Pelo Sol abrasador dessa existência,  
E foi receber bendito orvalho  
No celeste jardim da Providência.<sup>173</sup>

A matriarca desse ramo da família Pinheiro era Thereza Francisca Pinheiro<sup>174</sup> e entre seus filhos mais participativos na rede estava Augusto Ramos Pinheiro, nascido em Vigia em 09 de setembro de 1859. Estudou na escola regida por Araújo Nunes, onde aprendeu a ler, escrever e a admirar o seu mestre, integrou a terceira Sociedade letrada criada por eles, que organizava pequenas peças de teatro. Augusto Pinheiro foi o redator, junto com Manoel Epaminondas de Vasconcelos Palheta, do periódico *O Espelho*, que circulou por um ano a partir de 01 de setembro de 1878, impresso na tipografia do *O Liberal da Vigia*. Na época ele tinha apenas 19 anos e estudava nos espaços criados pelo grupo. Entre os anos de 1871 a 1883 as reuniões ocorriam na casa de Araújo Nunes. Mais tarde, Augusto iniciou no serviço público como escrivão da Coletoria das Rendas provinciais da Vigia, ficando até 1880. De maio de 1884 a junho de 1886, atuou em Curuçá como agentes dos Correios, pois sua família possuía laços com a Vila, onde morava seu irmão mais velho Manoel Honorato Pinheiro. A partir daí passou a residir em Belém e auxiliar os trabalhos na escola Atheneu Paraense, de

---

<sup>172</sup> *Inventário de Antônio Amaro Pinheiro, 1871*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: Inventários. Cx. 03, doc. 43; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 222 de 29/09/1878, p. 02.

<sup>173</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 02 de 08/09/1878, p.01.

<sup>174</sup> Ela teve os seguintes filhos: Augusto Ramos Pinheiro, Manoel Honorato Pinheiro, Manoel Roque Pinheiro, Amélia de Nazaré Pinheiro Nunes, Margarida Adélia Pinheiro dos Santos, João de Almeida Pinheiro, Ivo Pedro Pinheiro.

Bertoldo Nunes. Dai em diante seu transito mais frequente foi entre Belém e Curuçá, trabalhando, sobretudo, como professor e escrevendo livros para as escolas publicas do Estado. Casou com Theophila Mariana Teixeira, em 04 de dezembro de 1897, na Matriz de Nossa Senhora do Rosário, cidade de Curuçá. Ele com 38 anos e ela com 25 anos, filha de Antônio Alves Teixeira e Dona Maria da Gloria Teixeira, naturais dessa vila. Nesse período, ele morava na freguesia de Nossa Senhora do Desterro, em Belém. O casal teve um filho batizado com o mesmo nome do pai.<sup>175</sup>

*Imagem 16: Augusto Pinheiro recebeu dinheiro de sua madrinha em 1888.*<sup>176</sup>

Recebi do Sr. Frederico Bento de Almeida, testamenteiro de minha finada madrinha D. Romana Maria da Gama e Hollanda, a quantia de cincuenta mil reis (50.000) que a mesma me deixou como legado. Por isso, passo o presente recibo que assino, em signal de verdade. Vigia, 7 de Janeiro de 1888. Augusto Ramos Pinheiro.

Fonte: Testamento de D. Romana Maria de Gama Hollanda, 1888. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: Testamento. Cx.08, doc. 29.

Já Manoel Roque Pinheiro, irmão de Augusto Pinheiro, nasceu em 16 de agosto de 1854, também participou ativamente do grupo, compondo a mesa diretora das três entidades que orbitavam na rede,<sup>177</sup> seja como presidente ou responsável pelas cobranças das mensalidades dos sócios.<sup>178</sup> Estudou no Externato que eles criaram nos

<sup>175</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 01 de 01/09/1878, p. 01; *O Espelho*. Vigia, ed. 26 de 23/03/1879, p. 01; *A Constituição*. Belém, ed. 278 de 10/12/1879, p. 01. *Registro do casamento de Augusto Ramos Pinheiro com Theophila Mariana Teixeira, 1897*. Livro de casamento da paróquia de Curuçá. 1897-1900.

<sup>176</sup> Augusto Pinheiro assina o recibo pelo qual recebe o valor de 50\$00 réis do testamenteiro de D. Maria Romana, sua madrinha, conforme suas últimas vontades.

<sup>177</sup> Sociedade literária “Cinco de Agosto”, Sociedade literária “Treze de Dezembro”, Sociedade teatral “Philo Scenica”.

<sup>178</sup> *Correspondência enviada pela mesa diretora da Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto” com o Presidente da Província do Grão-Pará em 25/06/1877*. A Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Série: Ofícios. Caixa 312 (1870-1879), Ofícios de diversas sociedades.

anos de 1878 a 1879, com conceituados professores. Em 1880 adquiriu uma modesta tipografia juntamente com o professor Abraão Ataíde e fundou o periódico *A Bussola*. Durante esse período teve uma curta passagem na secretaria da Câmara da Vigia, em 1882, posteriormente foi nomeado professor adjunto de uma das escolas de Curuçá e lá ficou entre o ensino e a política, militando entre os liberais, chegando a se eleger vereador, casando com Raimunda Cândida de Campos tendo três filhos. Faleceu em Vigia em 16 de novembro de 1888.<sup>179</sup> Por outro lado, Lívio Torquato Pinheiro, ao contrário dos irmãos que na década de 1880 migraram para Curuçá, permaneceu em Vigia, atuando nas Instituições letradas. Quando as tensões com o vigário Mâncio Caetano Ribeiro aumentaram, em 1876, e um racha dividiu o Partido Liberal da cidade, se mostrou fiel e ficou com os liberais. Casou com Ignês Romana de Castro Pinheiro, foi Delegado de Polícia, acompanhando a família Nunes no Partido Democrata. Portanto, diante das percepções sobre os arranjos familiares, que ajudaram a compor a rede de sociabilidade e a concretizar o projeto civilizador cristão, não é exagero afirmar que o grupo foi liderado por duas famílias (Nunes e Pinheiro).<sup>180</sup>

*Imagem 17:* Retrato da professora Raimunda Pinheiro Alves, filha de Manoel Roque Pinheiro, 1948.



Fonte: acervo da família Christo Alves, Município de Curuçá.

<sup>179</sup> *O Curuçense*. Curuçá, ed. única de 16/12/1888, p.2-3.

<sup>180</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 08 de 12/01/1876, p. 01; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 169, de 27/07/1877, p. 02; *Jornal do Pará*. Belém, ed. 05 de 09/01/1877, p. 02; *O Espelho*. Vigia, ed. 11 de 17/11/1878, p. 03; *A Constituição*. Belém, ed. 148 de 05/07/1881, p. 01; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 241, de 19/10/1884, p. 02.



### 1.2.3: Os discípulos.

O ambiente de trabalho proporcionou relações importantes para a emergência e a ampliação do grupo de Araújo Nunes e Vilhena Alves, seja pela aproximação de outros mestres ou pela relação com os alunos. Por vezes, vinha dos moços o incentivo para continuar o sonho da sociedade almejada. Em 1900, um anônimo escreveu numa gazeta da capital, comentando um artigo de Vilhena Alves que acabara de ler, tratando da vida do renascentista Galileu Galilei. Nesse instante, o autor desconhecido lembrou da infância em Vigia, quando Vilhena Alves foi seu professor de primeiras letras, época em que publicou artigos sobre a passagem de um cometa pela terra em 1882, dedicando esses escritos aos seus discípulos, um dos poucos a estimulá-lo ao cultivo de sua inteligência. Ainda segundo o anônimo, Vilhena Alves, era um admirador das belezas do céu, estudioso e perseverante, vivia para escrita e ser útil à sua terra natal, queixando-se aos seus alunos sobre a pouca atenção do público leitor ao que escrevia, pois não tratava das contendas políticas que ocupavam os letrados.<sup>181</sup> Amava mesmo, os livros, a literatura e os astros.

As relações cotidianas dos líderes professores com os alunos eram intensas, ao acordar, o professor Araújo Nunes fazia seu ritual cotidiano, mal terminava e os alunos já estavam à espreita, a frente da escola. Aqueles mais sapecas, batiam, chamavam por ele e aproveitavam para brincar no largo da Igreja Matriz. Bertoldo Nunes vinha da residência de sua mãe, na Rua de Nazaré, a poucos metros dali e entrava, apoiando nas atividades que o irmão aplicava aos grupos de alunos, que entravam e saíam desde as sete e meia até às onze e meia da manhã. Uma pausa para o almoço e, às duas e meia da tarde, uma nova leva de alunos chegava. As quatro classes, cada qual com níveis de ensino do curso primário, eram distribuídas até às cinco e trinta da tarde, de segunda a sexta. A um quarteirão dali, na casa do professor Raimundo José de Lima, o dia começava de forma semelhante, às pressas Vilhena Alves chegava para iniciar seu primeiro dia de aula como professor adjunto, aos 21 anos. Uma rotina dos três mestres que seguiu anos a fio desde 1869.

A escola do professor Nunes era também sua casa, ficava bem ao lado a do seu irmão José Diogo Nunes, separadas por um corredor central que dividia o espaço em duas meia-moradas, com paredes e telhas de barro. José Diogo Nunes vendeu sua parte

---

<sup>181</sup> *Folha do Norte*. Belém, ed. 765 de 16/07/1900, p. 01.

em 1871 a Francisco de Paula Bolonha de Loureiro, que em abril de 1881 negociou a casa com professor Araújo Nunes pelo valor de 600\$000 réis,<sup>182</sup> tornando-se um imóvel arejado pelos janelões frontais e laterais, com quatro cômodos de bom tamanho para as atividades com os alunos. Essa edificação não se assemelhava aos prédios da elite econômica, ligada ao comércio ou a agricultura, nem era tão simples como as casas das famílias pobres das áreas mais afastadas da cidade, muitas das quais ainda com telhado de palha, onde moravam os pescadores iletrados, que diariamente tiravam dos rios e mangues o sustento da família. Era na verdade uma moradia típica das famílias remediadas, semelhante a de tantas outras da Amazônia.

*Imagem 18:* Edificação onde o professor Araújo Nunes ministrava as aulas nos anos de 1870.



Fonte: acervo do escritor José Ildone, 1980.

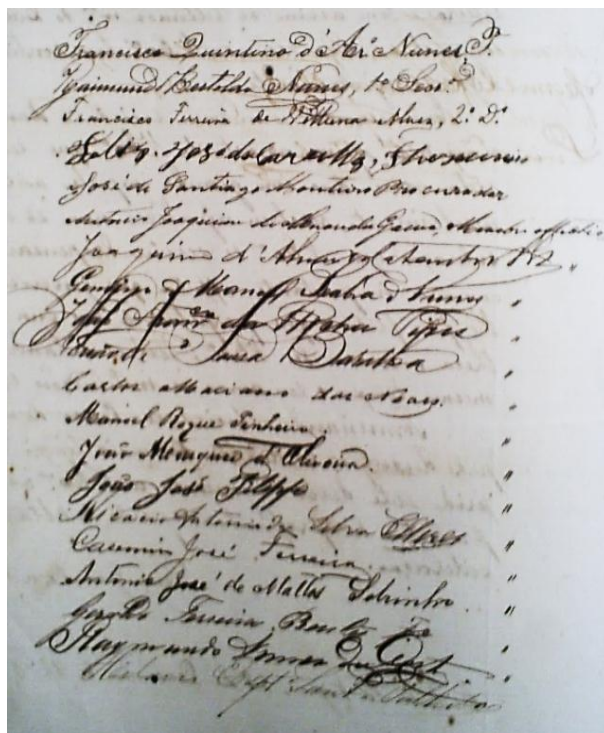
Assim, muitos foram os discípulos que ingressaram no grupo através da relação amistosa com seus mestres de primeiras letras, como Manoel Roque Pinheiro, que estimulado pela mãe, iniciou nos estudos aos cuidados do professor Araújo Nunes no final da década de 1860, e por quatro anos se destacou, aprendeu tudo que convinha aquele nível de ensino, terminando o curso primário. Mas, a impossibilidade financeira de continuar, levou a família a iniciá-lo em um ofício manual, aprendendo a arte da ourivesaria com um dos mestres artesão da cidade. Ao entrar na juventude, se mantinha

---

<sup>182</sup> A parte da esquina foi demolida nos anos 1990. A outra meia- morada encontra-se parcialmente preservada e pertence à família Soeiro *Escritura de compra de Imóvel, 1881*. Livro de Notas do tabelião Raymundo Nunes da Costa (1879-1882), f. 41. ASCA. Fundo do Cartório Raiol. Área: Civil, Série Livros diversos.

trabalhando e nutrindo o sonho de cultivar sua inteligência, como a maioria de sua geração. Em 1870 matriculou-se numa escola que ofertava disciplinas do segundo grau, organizada por Araújo Nunes, que logo fechou, quando os adversários articularam sua remoção para outro local. Manoel, então, resolveu estudar nas horas vagas do trabalho.<sup>183</sup> Cada vez mais, a relação dos professores líderes com os seus ex-alunos tornava-se perigosa aos anseios dos segmentos tradicionais da sociedade, que chegaram a acusar Vilhena Alves e Bertoldo Nunes de incentivar os meninos a participarem de sociedades secretas e enaltecer a imagem pública de Araújo Nunes em 1873.<sup>184</sup>

*Imagem 19:* Membros do grupo assinam correspondência enviada ao Presidente da Província, 1876.



Fonte: *Correspondência da mesa diretora da Sociedade Cinco de Agosto ao Presidente da Província, 1876.* APEP. Fundo: Secretaria da Presidência da Província. Série: Ofícios. Ofícios de diversas sociedades. Cx. 313 (1870-1879).

Manoel Roque Pinheiro e seus irmãos, Lívio Torquato Pinheiro e Augusto Ramos Pinheiro, que nasceram respectivamente nos anos de 1854, 1858 e 1859 estavam entre os discípulos mais participativos nas dinâmicas de funcionamento do grupo desde meados da década de 1870. Muitos foram aqueles ligados pelos laços de amizade, cultivados nas escolas entre mestres e alunos. Manoel Epaminondas de Vasconcelos

<sup>183</sup> *O Curuçaense*. Curuçá, ed. Especial de 16/12/1888, p.2-3.

<sup>184</sup> *Diário de Belém*. Belém, ed. 272 de 20/11/1873, p. 01-02.

Palheta considerava Augusto Pinheiro como um irmão, ambos com menos de 20 anos quando dividiram, entre os anos de 1878 e 1879, a redação do periódico *O Espelho*. Galgando a escada do conhecimento, eles partiram das escolas primárias para os espaços de sociabilidade do grupo, campos magnéticos que atraíam esses jovens amantes das letras. Alguns deles, chegaram a rabiscar poesias nos periódicos de Vigia, como Epaminondas em *A Moreninha* de 1878,

Moreninha anjo querido,  
A quem amo com ardor  
Ouve as sentidas queixas  
Do teu pobre cantor;  
Resistir, anjo, não posso  
Inspira-me tanto amor!...  
E sem ti, gentil donzela,  
Neste mundo, o eu seria?  
Não sei...porém confesso,  
Que sem ti eu morreria!...<sup>185</sup>

O fato é que o grupo cresceu, proporcionalmente a ampliação da oferta do ensino público primário no núcleo urbano, nos anos finais da década de 1860 e ao longo de toda a década seguinte. Vigia despontava, desde os anos de 1850, como um dos poucos espaços para o letramento na Província. Na capital e nas cidades de Bragança, Cameté, Macapá e Santarém observa-se também o assento das cadeiras de primeiras letras. Em 1859, um pouco mais de três mil alunos matricularam-se nas escolas públicas.<sup>186</sup> O desenvolvimento continuou e, ao entrar o ano de 1870 o aumento da procura por instrução era perceptível nas escolas locais, a regida por Araújo Nunes era frequentada por 100 alunos, pelo professor Raymundo José de Lima por 47 alunos, a do professor Sousa com 80 alunos e na escola do povoado em Porto Salvo, regida pelo professor Gerônimo Alves de Mello mais algumas dezenas, totalizando quase 230 alunos matriculados, mesmo que a frequência fosse normalmente menor. Já no ano de 1875, Vigia contava com nove escolas e mais de 360<sup>187</sup> alunos inscritos, entre meninos e meninas, abrangendo não apenas o letramento na cidade, como também alguns

<sup>185</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 01 de 01/09/1878, p.03.

<sup>186</sup> FRANÇA, Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino de; NERY, Vitor Sousa Cunha. *Organização da instrução pública primária na província do Pará (1851-1861)*. Atos de Pesquisa em Educação, v.11, n.2, p. 396-421, ago./nov. 2016.

<sup>187</sup> *Relatório feito pelo Exm<sup>o</sup>. Snr. Dr. Pedro Vicente de Azevedo, Presidente da Província do Grão-Pará, e entregue ao Exm<sup>o</sup>. Snr. Dr. Francisco Maria Corrêa de Sá e Benevides, por ocasião de passar-lhe a administração desta Província no dia 17 de janeiro de 1875*. Pará, Typographia de F.C. Rhossard, 1875, p. 77-78.

povoados e freguesias adjacentes, um público com potencial para ingressar na rede de sociabilidade, influenciados a internalizarem a forma de pensamento dos humildes peregrinos.

O trabalho de doutrinação dos alunos nas escolas públicas para encorparem o grupo nos anos de 1870, tinha nos exames de avaliação um importante momento, pois neles os discursos inflamados dos mestres chegavam também às famílias. Os exames orais eram feitos em dias diferentes, no fim do ano, na escola de cada professor. Em fins de 1872, na casa-escola regida por Araújo Nunes, a avaliação foi preparada cuidadosamente, um bom número de pessoas compareceu, Bertoldo Nunes, Bezerra de Albuquerque e Vilhena Alves discursaram. Na escola do professor Antônio Rodrigues de Sousa e na de Gerônimo, todos os demais mestres estiveram presentes e oraram sempre apresentando as vantagens da instrução. Já na escola de D. Luiza Emília Barbosa a elite letrada compareceu, assim como nas outras, inclusive o Delegado literário Lauriano Gil de Sousa. Nesse ano, poucos alunos fizeram os exames, Miranda Gama ofertou um livro ao aluno João da Trindade como incentivo ao seu desempenho.<sup>188</sup> O grupo dominava esse ambiente onde as práticas sociais, por meio da instrução, formavam a comunidade letrada da Vigia.

**Quadro 01: Os discípulos reforçam o grupo (1871-1883)**<sup>189</sup>

<b>Nomes</b>	<b>Nomes</b>
Augusto Ramos Pinheiro	João Marquez d' Oliveira
Antônio José de Matos Sobrinho	Joaquim d' Almeida Catanho Sobrinho
Carlos Mariano das Neves	José de Santiago Monteiro
Felix Jozé de Carvalho	Lívio Torquato Pinheiro
Manoel Epaminondas de V. Palheta	Manoel Macário Alves
Geraldo Ferreira Bentes Filho	Manoel Theodoro de Souza Gomes
Honório dos Santos de Vilhena	Nicácio Antônio da Silva Elleres
João Francisco da Rocha Pires	João José Felipe
Manoel Roque Pinheiro	

<sup>188</sup> *A Boa Nova*. Belém, ed. 82 de 21/12/1872, p.04.

<sup>189</sup> Não é possível delimitar com exatidão todos aqueles que fizeram parte do grupo liderado pelo professor Araújo Nunes, seguramente eram mais de 50 membros, contando só com aqueles que se associaram a uma das três sociedades literárias que eles fundaram. Deles, próximo de 50% eram ex-alunos.

No quadro acima encontramos alguns nomes que participaram da rede de sociabilidade letrada, por meio da relação entre mestres e discípulos, como João Francisco da Rocha Pires que nasceu em 1856, filho de Felipe Santiago Pires e Joana Francisca da Rocha. Ele teve carreira semelhante à de muitos outros de sua geração, letrado, aprendeu um ofício mecânico e buscou por meio do grupo uma oportunidade de trabalho, seja como servidor público de baixo escalão ou em locais que os líderes tinham acesso. Entre 1877 a 1885, atuou como Partidor e Contador do Termo da Vigia e agente dos Correios, migrou para Belém nos anos de 1890.<sup>190</sup>

Entre eles também encontramos João Marques de Oliveira, que foi sacristão da Igreja Matriz da Vigia, filho de Luzia Maria de Barros Marques que faleceu em 1878 e Eduardo Marques de Oliveira, trabalhou por vários anos como professor adjunto nas escolas de Vigia, faleceu em 05 de fevereiro de 1885, ainda muito jovem.<sup>191</sup> Manoel Macário Alves presente nessa leva, migrou em 1876 para Belém, onde trabalhava no comércio, era considerado um jovem estudioso e culto, faleceu em novembro de 1880.<sup>192</sup> Já Manoel Theodoro de Sousa Gomes viveu de forma humilde exercendo o ofício de sapateiro. Assim, no interior do grupo o nível de conhecimento e a projeção dos membros variava. Alguns seguiam suas carreiras no magistério, escreviam artigos em jornais e até haviam escrito livros, como Bezerra de Albuquerque e Vilhena Alves, outros, como esses jovens discípulos amantes das letras, se mantinham pelos ofícios manuais, o que não os impedia, mesmo com a limitada condição financeira, de buscar formação intelectual, pois compartilhavam a ideia do culto a instrução como pilar do homem civilizado, para isso as práticas culturais criadas pelo grupo foram decisivas.

Em meio ao contexto de sociabilidade entre os anos de 1871 a 1883, o grupo era composto por diferentes faixas etárias. Nele tínhamos os de idade próxima a de Araújo Nunes, nascido em 1839, aqueles da geração de Vilhena Alves e Bertoldo Nunes, nascidos em 1847 e 1848 e os discípulos, nascidos nos anos de 1854 a 1857. Assim, traçando um perfil coletivo, em termo social e cultural, constatamos serem eles, uma comunidade de leitores, que criavam Entidades na intenção de viverem a civilidade, a

<sup>190</sup> *Jornal do Pará*. Belém, ed. 289 de 20/12/1877, p. 02; *Jornal do Pará*. Belém, ed. 17 de 20/01/1878, p. 02; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 19 de 24/01/1882, p. 01; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 177 de 11/08/1882, p. 01; *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 39 de 29/10/1882, p. 02.

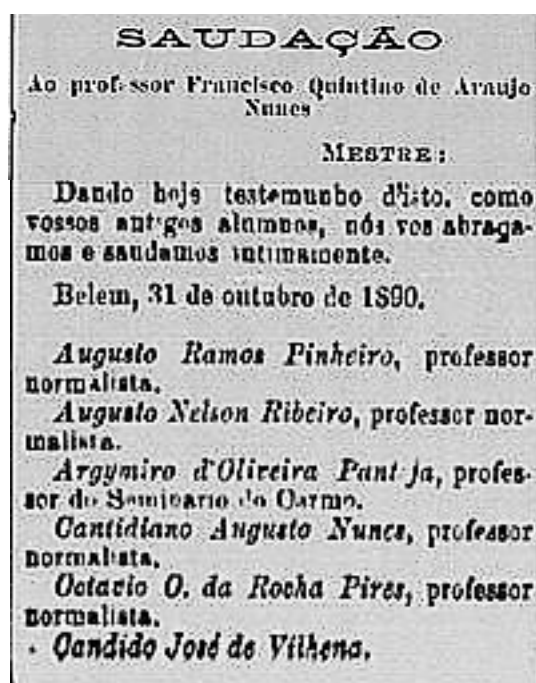
<sup>191</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 188 de 19/08/1876, p. 02; *O Espelho*. Vigia, ed. 11 de 15/10/1878, p. 03; *O Espelho*. Vigia, ed. 12 de 24/11/1878, p. 04; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 32 de 08/02/1884, p. 01; *Diário de Belém*. Belém, ed.31 de 08/02/1885, p.02.

<sup>192</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 08 de 20/10/1878, p.02; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 252 de 06/11/1880, p. 01.

maioria jovens na carreira dos 20 anos, leitores que escreviam pouco, um ou outro texto jornalístico.

Dos membros mais participativos, apenas quatro escreveram livros, com destaque para Vilhena Alves e Augusto Ramos Pinheiro, ou seja, eram acima de tudo trabalhadores artesãos e pequenos comerciantes, funcionários públicos do baixo escalão como os professores, cujo ingresso no grupo atendia interesses dos mais variados, incluindo a oportunidade quase única para ampliação do conhecimento, amparo social e crescimento na vida profissional nas cidades interioranas da Província.

*Imagem 20:* Saudação dos discípulos ao prof. Nunes pela passagem de seu aniversário, 1890.



Fonte: *O Democrata*. Belém, ed. 245, de 31/10//1890, p. 02.

Assim, boa parte de uma geração de alunos reconhecia-se como discípulos de Bertoldo Nunes, Vilhena Alves e Araújo Nunes, nutrindo sentimento de gratidão que se expressava de várias formas. Em janeiro de 1893 o professor Araújo Nunes faleceu e Vilhena Alves discursou no cemitério da Soledade, em Vigia, quando o corpo do velho amigo baixava ao túmulo. Nesse dia ressaltou que a casa do falecido amigo era o local onde a mocidade vigiense encontrava a ciência, para servir a pátria, auxiliando uma multidão de discípulos, alguns deles, tornaram-se conhecidos no meio intelectual da Província, como Augusto Pinheiro, Octavio Pires, Pe. Manoel Carlos e o Dr. Diogo

Hollanda de Lima.<sup>193</sup> Ainda sobre reconhecimento, quando Jonas José Ferreira foi convidado para escrever em um almanaque em Belém em 1915, escolheu narrar uma breve biografia sobre a vida de seu mestre, professor Araújo Nunes, demonstrando sua gratidão aos tempos do ensino de primeiras letras em Vigia, revelando muitos aspectos da vida pública desse preceptor da mocidade vigiense, ajudando a construir a memória do intelectual, relacionada a luta pelos melhoramentos de sua cidade, enaltecendo como educador, político, católico e caridoso.

Com o passar do tempo, os conflitos no campo intelectual da Província levaram a uma polêmica entre Vilhena Alves e Augusto Ramos Pinheiro, que juntamente com os irmãos Manoel Roque Pinheiro e Lívio Torquato Pinheiro foram discípulos envolvidos nas ações do grupo. Vilhena Alves, em 1896, era afamado gramático e criticou questões pontuais do *Segundo Livro de Leitura*, escrito por Augusto Pinheiro, o que gerou uma troca de acusações na imprensa belenense.<sup>194</sup> As tensões no meio cultural entre os letrados demonstram a busca por formação e reconhecimento social. Deixando de lado essa questão, os ex-alunos lembravam até mesmo da data de aniversários de seus mestres. Augusto Pinheiro, Octavio Pires, Argemiro de Oliveira Pantoja (professor no Seminário do Carmo), Candido Vilhena e Cantidiano Nunes felicitaram o professor Nunes por isso em 1890,<sup>195</sup> pouco tempo depois ele adoeceu e faleceu.

Se o cenário dos anos de 1870 era propício à emergência de uma elite cultural, cujos membros do grupo eram parte, as limitações para a concretização de seus objetivos eram severas, vários foram os fatores que tornavam a evolução do grupo um enorme desafio, entre eles: o contexto social, onde a maioria da mocidade, filhos de relações conjugais de pobres e escravizados, viviam na miséria e explorados nas relações de trabalho, sem saber ler e escrever, ficando à margem da modernidade, as frequentes migrações em busca de trabalho, a morte muito precoce por esses tempos, a cooptação pelos grupos adversários com grande capital econômico, a frustração dos interesses não concretizados por certos letrados, que entravam no grupo em busca de emprego e não conseguiam e a falta de tempo dos líderes para manter as práticas

---

<sup>193</sup> *Discurso recitado pelo professor Vilhena Alves como orador oficial da Sociedade Cinco de Agosto por ocasião de baixar ao túmulo, na cidade de Vigia, o cadáver do professor Francisco Quintino de Araújo Nunes.* In: *O Democrata*. Belém, ed.18 de 22/01/1893, p. 02.

<sup>194</sup> *Diário de Notícias*. Belém, ed. 90 de 24/04/1896, p. 01-02.

<sup>195</sup> *O Democrata*. Belém, ed. 245, de 31/10/1890, p. 02.



culturais por longo período. Tais fatores dificultaram o crescimento do grupo, mesmo assim, a partir de 1871 “os peregrinos” iniciaram efetivamente o repertório de práticas culturais com o interesse de firmar seu projeto de sociedade e de poder.

## CAPÍTULO 2: EM BUSCA DA CIVILIZAÇÃO CRISTÃ.

### 2.1: A “cruzada da educação popular”: escolas, sociedades literárias, bibliotecas e periódicos.

Em um domingo à tarde do mês de setembro de 1871, Vilhena Alves foi até a casa de Araújo Nunes no largo da Igreja Matriz, sendo recebido por Thereza Nunes. Os professores sentaram-se nos longos bancos de madeira e a conversa entrou pela noite, com a sala iluminada por dois lampiões. Nenhuma questão dominou tanto o diálogo quanto a necessidade de expandir a instrução na cidade. Vilhena Alves expressou o desejo de criar uma escola noturna e convidou o amigo para participar da iniciativa,<sup>196</sup> pois ambos compartilhavam das mesmas ideias. A notícia logo se espalhou, causando um burburinho entre os moradores, algumas famílias receberam o anúncio como uma oportunidade esperada, outras duvidavam que sequer iniciasse. Por certo, ninguém imaginou que do encontro planejado entre esses dois amigos letrados, de posses modestas, resultaria ações importantes para aquelas pessoas que viviam às margens do Rio Guajará-Miri na Amazônia.

Semelhantes em origem social, formação e ocupação os dois professores desejavam construir uma cidade civilizada por meio da instrução, vinculada ao contexto sociopolítico e ao fluxo de ideias da *Belle époque*.<sup>197</sup> Vigia de Nazareth, bem como outros lugares da Província, contava com escola de ensino primário, mas as limitações ao acesso eram severas.<sup>198</sup> Diante desse cenário, os professores definiram o público a ser atendido pela iniciativa, focaram nos adultos analfabetos e na mocidade egressa das escolas, ofertando aulas à noite e nos finais de semana, facilitando o envolvimento de

---

<sup>196</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 209 de 21/09/1871, p. 01.

<sup>197</sup> O conceito de *belle époque* corresponde a um estilo de vida que envolvia um conjunto complexo de relações culturais, sociais, mentais, políticas e materiais com ampla circulação das correntes ideológicas do liberalismo e do positivismo. Uma expressão muito associada ao tripé civilização, modernização e progresso. Em Belém do final do século XIX era possível dirigir os olhares a uma série de transformações civilizadoras, tais como a eletricidade, as medidas de higiene e saneamento, a navegação a vapor, além da emergência de espaços de sociabilidade, como as sociedades literárias, musicais, teatrais, de cena lírica, bem como a circulação de livros de autores estrangeiros, o desenvolvimento da imprensa, da edição de revistas e livros, estratégias para propagar os fundamentos da civilização. COELHO, Geraldo Mártires Coelho. *Na Belém da belle époque da borracha (1890-1910): dirigindo os olhares*. Escritos, RJ, nº 05, p. 141-168, 2011.

<sup>198</sup> O trabalho infantil, a dispersão populacional, a carência de escolas, o horário de funcionamento (apenas durante o dia) e a descrença das vantagens da instrução, fortalecia uma realidade e uma visão de mundo comum entre as famílias de poucas posses.

todos. Com o passar do tempo, muitas incertezas pairavam nas conversas entre os homens influentes, o jovem Lauriano Gil de Sousa desdenhou da iniciativa em reunião com alguns homens letrados em sua casa. É evidente que instruir as classes populares não era prioridade para as elites sociais, apesar de serem seus representantes nos canais convencionais de poder, cobrando do Estado melhorias para o ensino. Sobre isso, os vereadores da cidade solicitaram ao presidente da Província em 1870 a instalação de uma cadeira de ensino secundário, porém não foram atendidos de imediato, muito menos posteriormente.<sup>199</sup> Para essa elite o fato não era preocupante, pois tinham outros meios para aprimorar a formação de seus filhos, limitar o acesso à instrução as demais classes soava como uma estratégia para manter os seus privilégios nas relações de poder. Assim, para Araújo Nunes e Vilhena Alves a escola era reveladora da cultura em que estavam imersos, prática social de instruir os pobres e remediados que conferia autoridade e legitimação para o projeto reformador, posicionando o grupo em um campo de concorrências e competições com os demais letrados, que tinham uma forma de ver o mundo e construção da realidade social diferente.<sup>200</sup>

Na época os idealizadores da escola saíram de casa em casa, no pequeno núcleo urbano de Vigia, convidando parentes, amigos e pessoas de todas as classes, sejam eles iletrados ou instruídos, para prestigiar na Câmara a fundação do Recreio Literário, como chamaram esse espaço de saber, em alusão ao estudo como passatempo prazeroso nas horas livres de trabalho, com linguagem literária, própria dos homens civilizados. O local era uma construção situada na esquina da Tv. das Almas com a Rua de Nazaré, com altas e numerosas portas frontais e laterais. Os amigos professores estavam empenhados na missão, em 01 de outubro de 1871 organizaram uma festa literária para a inauguração da escola, buscando força simbólica para promover mudanças nos papéis sociais.<sup>201</sup> Diante da grande plateia, o jovem poeta e o conhecido professor fizeram longos discursos, explicando as vantagens da instrução para que os presentes aderissem à iniciativa. Em seguida, detalharam como seria o funcionamento da escola, os dias,

---

<sup>199</sup> *Ofício da Câmara de Vigia ao Presidente da Província do Grão-Pará contendo solicitações diversas e o Código de Postura, 1870.* APEP. Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Série: ofícios. Cx. 309, Ofícios das Câmaras Municipais, doc. 55.

<sup>200</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações.* 2ª ed. Portugal: Difel, p. 14-27.

<sup>201</sup> Sobre os inúmeros significados das festas no Brasil, ler: AMARAL, Rita. *Festa à Brasileira - Significados do Festejar no País que 'Não é Serio'.* Tese de doutorado. USP:1998.

horários, disciplinas, professores e os materiais necessários para as aulas.<sup>202</sup> No intervalo de casa discurso, a banda de música entoava suas peças. Na sequência o Delegado literário, Bertoldo Nunes e José Joaquim de Carvalho Junior, usaram de boa oratória para enaltecer o desejo de todos os presentes em valorizar o saber escolar. Vilhena Alves, Araújo Nunes e seu irmão saíram contentes, o primeiro passo havia sido dado para alcançar os objetivos desses letrados, ajudando a construir uma nova memória sobre a cidade, não mais como palco decisivo da Cabanagem<sup>203</sup> ou do afamado café vendido na Praça de Belém e sim de ser ela a “Atenas paraense”, como essa geração letrada insistiu em propagar na imprensa.

Por meio das matrículas na escola noturna, 07 adultos analfabetos e 12 jovens, entre 14 a 16 anos, encontraram apoio para receber a proposta de instrução, ainda que a realidade social fosse desfavorável. Dificuldades a parte, Araújo Nunes propôs ao amigo que o Recreio Literário contemplasse também uma biblioteca, inaugurada com 23 volumes doados por eles e por um colega comerciante, Antônio Joaquim de Miranda Gama. Os livros e as aulas eram práticas que se completavam, mas a sala de leitura foi

---

<sup>202</sup> As matérias ensinadas eram: leitura e escrita, gramática elementar e filosófica, aritmética desenvolvida (principalmente o sistema métrico), instrução moral e religiosa, química e física. Já as aulas seriam as terças e quintas de 18h às 21h, domingos das 8h as 11h30 e 18h as 21h, nos dias santos das 18h as 20h, como previsto nos Artigos Regulamentares de ensino e direção do “Recreio Literário” escrito por Vilhena Alves e Araújo Nunes, seus diretores. *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 225 de 10/10/1871, p. 01-02. A escola pública no período Imperial era mantida pelo Estado (professor e aluguel da casa-escola). No que se refere ao papel das escolas noturnas, criadas pelos “humildes peregrinos”, visavam à formação moral da mocidade e dos trabalhadores diurnos, conforme os princípios civilizadores, deixando de lado o preparo formativo para exercer as atividades comerciais como a de caixeiro, tipógrafo e outras. Além disso, desenvolver a educação dos menores nas décadas finais do Império, sejam eles libertos, ingênuos ou livres pobres, era questão central que perpassava pela decisão do Juiz de Órfãos, sobre a concessão de tutela aos interessados, que normalmente usavam a mocidade como mão de obra para algum tipo de serviço. Nesse período, o ensino das primeiras letras significava evitar vícios, afastando da vadiagem e preparando para viver em liberdade, mesmo que, na prática, essa recomendação pudesse ser burlada, porém muitos menores foram encaminhados às escolas noturnas para esse fim e assim chegaram a frequentar os espaços criados pelo grupo liderado por Araújo Nunes. Ler: MODESTO, Victor Hugo do Rásario. *“Como se fossem escravos”: menores de idade pobres tutelados na Amazônia (Brasil, Grão-Pará: 1871-1900)*. Dissertação de Mestrado em História Social da Amazônia. UFPA: Belém, 2020, p. 80-83.

<sup>203</sup> No local previsto para funcionar as aulas, em junho de 1835, funcionava o “Trem de Guerra”, casa do Juiz de Paz e depósito de armas, onde os membros do movimento popular conhecido por Cabanagem travaram uma luta épica com as tropas legalistas, questionando o regime político vigente e reivindicando a ampliação de direitos. Ainda hoje, balas de canhão são encontradas nos quintais das casas, na disputa pela construção e apropriação da memória desse movimento social, prevaleceu os “que atearam fogo” como facínoras. No próprio hino de Vigia, escrito na década de 1970, cantado pelos alunos nas escolas e atos oficiais, em um de seus versos, deixa claro que a “cabanagem a vila feriu”. De malvados e assassinos, eternizados por Domingos Antônio Raiol em sua obra clássica *Motins Políticos*, o episódio foi revisitado nas últimas décadas pelos historiadores e passa por novas interpretações. Ler: NETO: José Maia Bezerra Neto. *O Doce Treze de Maio. O abolicionismo e as visões da Cabanagem, Grão-Pará – século XIX*. NEVES, Fernando Arthur de Freitas Neves & LIMA, Rosiane Pinto (org.). *Faces da História da Amazônia*. Belém: Paka:Tatu, 2006, p.341-382.

uma surpresa, anunciada apenas no dia do ato inaugural, pois não estava prevista nas conversas iniciais que divulgaram na imprensa, parecia ser o grande diferencial que colocou o grupo na vanguarda da circulação da cultura escrita nessa região, pois os livros eram bens culturais caros nesse momento e de circulação limitada, sobretudo no interior da província, onde as bibliotecas eram praticamente inexistentes.<sup>204</sup> Ao lado dos poucos livros empilhavam-se os jornais, que traziam as principais notícias das capitais do Império brasileiro e da Europa, impressos principalmente na capital devido à ausência de uma imprensa local.

*Imagem 21: Prédio da Câmara de Vigia de Nazareth, década de 1980.*<sup>205</sup>



Fonte: Pará. Secretaria Executiva de Cultura. Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e cultural. *Vigia: Museu contextual*. Belém, 2002, p. 42.

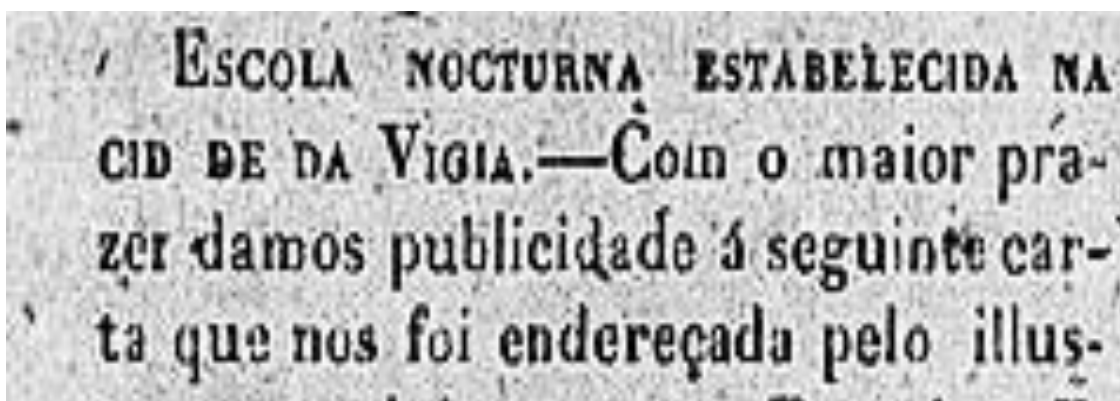
Para os interesses dos amigos professores, ampliar a comunidade leitora era fundamental, sendo o leitor o segmento por onde o projeto se conectava com o mundo social, por isso o ensino noturno oportunizando aos adultos o letramento, uma vez que a maioria deles eram pessoas de poucas posses, trabalhadores de ofícios urbanos, que mantinham boas relações com os idealizadores, porem pela falta de instrução estavam limitados à assimilação dos valores culturais defendidos pelos letrados. Para os moços

<sup>204</sup> *Falla com que o exm. sr. dr. João Capistrano Bandeira de Mello Filho abriu a 2.a sessão da 20.a legislatura da Assembleia Legislativa da Província do Pará em 15 de fevereiro de 1877.* Pará, Typ. do Livro do Commercio, 1877, p. 92. Segundo dados oficiais do estado, além de Vigia, apenas nas cidades de Belém, Cametá e Bragança existiam bibliotecas em 1877, no entanto, acreditamos que com o nascimento de inúmeras associações de homens de letras, pequenas salas de leitura emergiram, que pela brevidade da existência do grupo sequer chegaram ao conhecimento do governo provincial.

<sup>205</sup> Na década de 1980, a edificação situada na Rua de Nazaré, era a mesma onde em uma de suas salas, o grupo de Vilhena Alves instalou o Recreio Literário em 1871. O prédio foi demolido nos anos de 1990 e reconstruído com as mesmas características arquitetônicas e hoje continua a abrigar o poder legislativo.

que haviam estudado quatro anos, ex-alunos dos líderes, de famílias aparentadas ou amigas de Araújo Nunes e Vilhena Alves, a continuidade do percurso formativo no Recreio permitiria a disseminação dos valores civilizados, formando novos letrados que contribuíssem futuramente para a construção de uma nova sociedade. De uma forma ou de outra, os professores, peça principal no campo cultural, excluídos de um papel social relevante e decisório, pretendiam com a nascente escola, que ganhou o formato de ensino secundário, ascender sócio e culturalmente para mediar seus interesses.<sup>206</sup>

*Imagem 22:* A notícia da criação do Recreio literário ganha publicidade na imprensa em Belém



Fonte: *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 224 de 08/10/1871, p. 01.

As obras disponíveis na biblioteca do Recreio Literário eram principalmente de teor profissional, que contribuíram na formação dos professores, servindo de suporte pedagógico nas atividades aplicadas aos alunos, almejando fundamentalmente a formação de leitores, daí a importância dada as matérias ligadas a essa questão.<sup>207</sup> Entre os títulos e sua utilização tínhamos: *Motins Políticos*, escrita por Domingos Antônio Raiol, o *Paleografo* do Dr. Freitas e os *Livros de Leitura* do Dr. Abílio César Borges, que possibilitariam o desenvolvimento da leitura dos alunos. Já as obras *Noções Gramaticais* de Pedro Nunes Leal, que em 1864 fundou o Colégio Instituto de Humanidades na Província do Maranhão, *Gramática Portuguesa* e *Postilas de Gramática Geral* de Francisco Sotero dos Reis, atuando como professor nesse mesmo Instituto, contribuíram para o entendimento das normas da língua portuguesa.

<sup>206</sup> ZILBERMAN, Marisa Lajolo Regina. *A formação da leitura no Brasil*. SP: Unesp, 2019, p. 13-21.

<sup>207</sup> Araújo Nunes ensinava matemática, Vilhena Alves gramática. Além dessas disciplinas, existia a de leitura e escrita ministrada por Antônio de Sousa e a de química e física por José Joaquim de Carvalho Junior. Inicialmente Araújo Nunes e Vilhena Alves estabeleceram a completa gratuidade nas mensalidades dos alunos, depois, a ideia se manteve aos moços, já os adultos pagariam um valor de joia para que outros livros fossem comprados ao acervo da biblioteca. *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 224 de 08/10/1871, p. 01.

Sobressaía-se também como proposta o ensino de aritmética, adotando *O Compendio de Ávila*. No que se refere à doutrina religiosa católica, usaram o *Catecismo* da Diocese do Pará e as *Mediações ou discursos religiosos* do Conselheiro Bastos, expressando a preocupação de aproximar as pessoas ao catolicismo popular enraizado no lugar, que não excluía o fato desse espaço de saber propagar o conhecimento científico, através das matérias como química e física. Nesse sentido, a circulação desses livros e os de autores versados nas concepções de civilidade começavam a chegar às mãos dos leitores, como Araújo Nunes e Vilhena Alves, moldando novos pensamentos e atitudes, substituindo gradativamente o predomínio da temática religiosa ou mesmo coexistindo, originando novas formas de sociabilidade, cujos usos e significados por seus idealizadores tinham a pretensão de modificar a realidade social e as relações de poder.<sup>208</sup>

Os fundadores ao criarem a escola noturna com biblioteca, reforçaram os indícios de que as ideias civilizatórias, incorporadas a partir da leitura de livros e jornais, se faziam presente influenciando o agir, estabelecendo com o Recreio Literário o tipo letrado que desejavam formar, instruído e cristão. Uma preocupação frequente entre os demais grupos letrados era saber até que ponto as práticas teriam sustentabilidade e transformariam as dinâmicas sociais, políticas e culturais vigentes, isso, só o tempo diria, pois com a biblioteca as concepções do grupo começaram a extrapolar o espaço escolar, chegando no cotidiano das famílias por meio da circulação dos livros no interior das casas. Dessa maneira, a escola conferiu capital cultural, ferramenta na luta por espaço nas disputas pela hegemonia do campo cultural local.<sup>209</sup>

Para desenvolver as ações do projeto civilizador, os professores Araújo Nunes e Vilhena Alves contaram com a participação de Bertoldo Nunes, Januário Napoleão, os irmãos Jonas Ferreira e Casemiro, o recém-chegado Severiano Bezerra de Albuquerque e Antônio Joaquim de Miranda Gama que participavam das reuniões na casa de Araújo, até então líder do grupo. Em uma das conversas, poucos meses depois da fundação do

---

<sup>208</sup> CHARTIER, Roger. “Comunidade de Leitores”. In: CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*, p. 11-31. Brasília: ed. UNB, 1998, p. 11-32.

<sup>209</sup> SOARES, Gabriela Pellegrino. Mestres das primeiras letras como mediadores culturais: escolas rurais e usos da escrita em povoados indígenas do México no século XIX. In: GOMES, Ângela de Castro & HANSER, Patrícia Santos. *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. RJ: Civilização Brasileira, 2016, p. 93-120. Entre os inúmeros conceitos e categorias utilizadas para compreender o campo cultural, utilizo o de intelectual mediador que são sujeitos relevantes, mas nem sempre reconhecidos socialmente, cujas práticas culturais realizadas na vida social ligam-se à produção de conhecimentos, comunicação de ideias e intervenção política e social, buscando, com isso, adquirir e/ou ampliar o capital cultural, ou seja, o poder simbólico.

Recreio Literário, eles perceberam que incorporar às classes populares ao projeto seria missão difícil. A resistência se dava por grande parte da sociedade, imersa na cultura oral, praticada no espaço privado do lar e nos espaços de sociabilidade vigentes, seja em reuniões nas casas, tabernas, Irmandades Religiosas e mesmo nos sermões dos padres no púlpito da Igreja Matriz, onde prevaleciam às conversas sobre as tradições apegadas ao culto dos santos do catolicismo, a política em benefício da elite agrária, bem como os saberes e celebrações herdadas da cultura indígena e africana.<sup>210</sup> A conjuntura social da época estava envolvida em um calendário onde as práticas culturais não se expressavam pela cultura letrada, muito menos aos discursos sobre o saber ligado as ciências. Sobre isso, no mês de fevereiro, o entrudo levava os brincantes às ruas, e em junho<sup>211</sup> o Boi Figurado de Manoel Pedro Ferreira com seus companheiros, que se punham a dançar, atraía a atenção dos moradores que saíam de suas casas para apreciar a apresentação.<sup>212</sup> Como exemplo de festividade, nos meses de julho e agosto, o Círio de Nazaré, popular festa do catolicismo em Vigia transcorria normalmente com as missas, hinos, leilões e novenas, sem que a ausência do ler e escrever impedisse a comunicação. Em entrevista aos redatores do jornal *O Liberal* no ano de 1976, a preta Domingas Moraes, já próximo dos cem anos, recorria as suas memórias quando nasceu de ventre livre nas terras do Engenho Santo Antônio da Campina, de propriedade do Barão de Guajará, lembrando do Carimbó, cantado e dançado pelos pretos, afirmando que o intelectual e político gostava do soar dos tambores, mas não dançava por que era cultura dos pretos.<sup>213</sup> Essa prática cultural era bastante difundida em terras vigienses fazendo com que os vereadores a proibissem no Código de Postura de 1883. Distante da *urbe*, a cultura da oralidade se fazia ainda mais presente nas práticas sociais. Dessa forma as pretensões almejadas pelos amigos de Vilhena Alves, a princípio, se limitavam a formação de um grupo onde pudessem dispor de espaços de sociabilidade letrada, ampliando para certos segmentos do núcleo urbano a natureza do homem civilizado, cristão e com atitudes humanitárias.

Apesar dos esforços, o Recreio Literário não se manteve por muito tempo devido à desistência de alguns alunos e de certos professores por falta de tempo, sem falar na dificuldade dos fundadores em manter as despesas corriqueiras das matérias e das aulas.

---

<sup>210</sup> SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Cultura letrada e cultura oral*. SP: UNESP, 2013, 11-16.

<sup>211</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 21 de 09/02/1879, p. 03.

<sup>212</sup> *Sumário de culpa contra Manoel Pedro Ferreira, 1871*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol, Área: Criminal. Série: processos diversos. Cx. 03, doc. 12

<sup>213</sup> CORDEIRO, Paulo. *Carimbo da Vigia*. Belém: Produção independente, 2010, p. 17-18.



Alguns dias se passaram e Araújo Nunes reuniu novamente os amigos em sua casa, entre eles Vilhena Alves, Bertoldo Nunes e Gerônimo Alves de Melo que diante da chegada de uma nova remessa de livros e jornais, decidiram aperfeiçoar a experiência da escola, organizando a Sociedade religiosa, literária e beneficente “Cinco de Agosto”. A criação desse espaço de cultivo da cultura letrada foi além de uma percepção da realidade local, relacionando-se como uma “santa cruzada da educação popular”, ou seja, o grupo acreditava estar imbuído numa missão, assumida por certos segmentos da intelectualidade brasileira, que comungavam com o ideário de que somente a instrução era capaz de integrar a jovem nação.<sup>214</sup> Por isso que, já ao destacar a notícia sobre a inauguração do Recreio Literário, o redator de um semanário da capital chamou os idealizadores de patriotas e a iniciativa como ato de civismo.<sup>215</sup>

A inspiração para construir esse novo homem, reformado, era o mundo europeu, sobretudo a França e a Inglaterra, espelhos da vida civilizada. Assumindo essa perspectiva, as elites sociais de Belém e Manaus, capitais mais afortunadas da Amazônia durante a *Belle époque*, transformaram o espaço citadino, construindo prédios suntuosos, alargamento de ruas e calçadas. Outras transformações também eram perceptíveis, até mesmo um sistema de abastecimento de água, com um enorme reservatório feito em ferro, sobressaía-se. Como sinônimo de modernidade, as inovações tecnológicas como a energia elétrica, os bondes e os navios a vapor, simbolizavam o progresso.<sup>216</sup> Nas cidades interioranas da província do Grão-Pará, com limitada circulação de recursos, as faces da civilização assumiam características diversificadas e limitadas. Mesmo assim, as transformações espaciais e sociais foram relevantes nas décadas finais do século XIX e Vigia se modernizou.<sup>217</sup> Um dos marcos desse processo civilizador em curso foi editado pela Câmara em 1869, o Código de Posturas, que entre outras medidas estabeleceu a proibição do uso de currais nos rios,

<sup>214</sup> PRADO, Maria Emília, “Prefácio”. In: CARULA, Karoline; ENGEL, Magali Gouveia; CORRÊA, Maria Leticia. *Os intelectuais e a nação: educação, saúde e a construção de um Brasil moderno*. Contra Capa, 2017, p. 11-17.

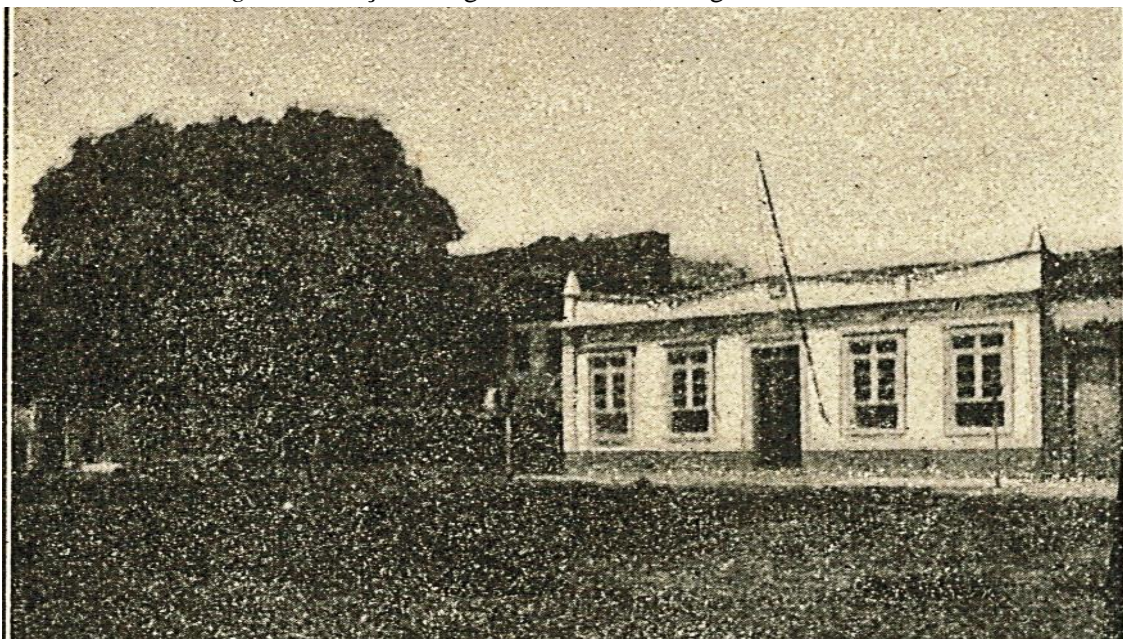
<sup>215</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 224 de 08/10/1871, p. 01.

<sup>216</sup> SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)*. 3ª ed. Belém: Paka-Tatu, 2010, p. 148-195.

<sup>217</sup> Nesta cidade, de 1871 a 1883, observamos mudanças na configuração urbana e outros símbolos da modernidade, entre elas destacamos o início dos trabalhos que levaram posteriormente a abertura da estrada entre Vigia e a Colônia de Benevides, a construção do Paço Municipal, os avanços nos meios de transporte com os vapores que tocavam o seu Porto, a instalação de três tipografias pertencente aos grupos letrados, à transferência do antigo cemitério para outro mais distante dos moradores, a construção da ponte que ligou o núcleo urbano ao nascente bairro do Arapiranga, além da expansão do ensino público. SOEIRO, Igo. *A Sociedade Literária e Benfícete Cinco de Agosto da cidade de Vigia (1871-1883)*. Dissertação de Mestrado em História Social da Amazônia. UFPA: 2012, p. 35-46.

armadilhas usadas para apanhar peixes, e normatizou a forma da arquitetura urbana com padrões estéticos condizentes com a modernidade, o que segregou os menos afortunados para as áreas periféricas, sendo excluídos do projeto de cidade civilizada dessas elites. Diante das novas perspectivas sociais, individualmente ou em grupos, os letrados, a partir de seus lugares, elaboraram diferentes projetos civilizadores.

*Imagem 23: Paço de Vigia de Nazareth, fotogravura de 1904.*<sup>218</sup>



Fonte: CORRÊA, José Augusto. *Chronica Planetária: viagem à volta do mundo*, Lisboa: Typ da Empreza da Historia de Portugal, 1904, p. 481.

Apesar das transformações ocorridas, anos depois a aparência de Vigia permanecia simples. José Augusto Correa, rico intelectual e acostumado ao ambiente europeu, realizou uma viagem ao redor do mundo e aportou em sua terra natal em 1902, ressaltando a beleza dos rios e da natureza, enalteceu as principais edificações que eram a Igreja Matriz, a Capela do Bom Jesus dos Passos e o Paço Municipal. Mas, o estado interior da cidade era desolador, “parece terra abandonada”, com ruas cheias de pedras e capim onde pastam os animais domésticos, com casas em completa ruína e muitos espaços ocupados apenas por estacarias, abandonada pelo poder público local e Estadual. No entanto, Augusto Correa frisou a importância dos filhos da terra no cenário intelectual da região, entre eles os da família Nunes, Almeida, Palha, Vilhena e Hollanda de Lima, apesar de lá não haver escola secundária. Nesse mesmo ano em

<sup>218</sup> Os símbolos da modernidade contrastavam com a paisagem rústica e a população deseducada do império.

Vigia editava-se o jornal *O século XX*, escrito por Abraão Ataíde, Vilhena Alves e outros.<sup>219</sup> Embora o declínio da economia, que tinha por base a agricultura, e a aparência desfavorável descrita do lugar na perspectiva civilizatória, nota-se o quanto os “humildes peregrinos”, através do seu repertório de práticas, contribuíram para o desenvolvimento intelectual das gerações vindouras.

O grupo tinha em comum com os demais letrados o desejo de viverem em uma cidade com mais urbanidade aos moldes de Londres, Paris, Viena, Berlim e Barcelona. Contudo, nas décadas dos oitocentos, a modernidade vivida na Província por meio das várias intervenções, motivadas por problemas sanitários ou adequando-as a vida civilizada gerou tensões entre os grupos e deles com as classes populares, quase sempre excluídas ou redirecionadas a áreas periféricas, por seus hábitos e estilos de construção, como já observado no Código de Postura escrito pelos vereadores de Vigia em 1869.<sup>220</sup> Entretanto outras mudanças foram bem vindas, em 1877, Araújo Nunes, Augusto Pinheiro e Bertoldo Nunes participaram da caminhada que conduziu os “obreiros do progresso”, representantes do governo provincial, até a rocinha de Felix Carvalho nos arrabaldes do Arapiranga. Eles faziam parte de uma Comissão exploradora dos terrenos, que após vencer os obstáculos da floresta conseguiram constatar a viabilidade em abrir a estrada entre Vigia e a colônia Benevides, o que facilitaria a circulação de mercadorias.

221

Outro marco do avanço civilizatório foi o surgimento de novos espaços de sociabilidade. A exemplo a Sociedade religiosa, literária e beneficente “Cinco de Agosto”, que no dia 01 de outubro de 1871 deu início as ações do grupo, inicialmente presidida por Araújo Nunes, com o intuito de cooptar outros letrados por meio da Entidade.<sup>222</sup> As reuniões ocorriam em sua casa, onde ficaram os poucos livros herdados

<sup>219</sup> CORRÊA, José Augusto. *Chronica Planetária: viagem a volta do mundo*, 1904, Lisboa: Typ da Empreza da Historia de Portugal, 1904, p. 496-504.

<sup>220</sup> BRESCIANE, Maria Stella. Interdisciplinaridade-transdisciplinaridade nos estudos de cidade. In: ENGEL, Magali Gouveia, CORRÊA, Maria Leticia, SANTOS, Ricardo Augusto dos. *Os intelectuais e a cidade*. RJ: Contra Capa, 2012, p. 11-51.

<sup>221</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 11 de 17/11/1878, p. 01-02.

<sup>222</sup> Entre os anos de 1871 a 1891, além dos citados, fizeram parte dessa Entidade: Severiano Bezerra de Albuquerque, Antônio Joaquim de Miranda Gama, Jonas José Ferreira, Gemino Manoel Seabra Nunes, Casemiro José Ferreira, Maximiano de Oliveira Pantoja, Januário Napoleão Nunes de Moraes, José Luciano do Carmo Barriga, Pe. Mâncio Caetano Ribeiro, Manoel Felipe da Costa, Raymundo Nunes da Costa, João José Felipe, Manoel Roque Pinheiro, Nicácio Antônio da Silva Elleres, Lívio Torquato Pinheiro, Honório dos Santos de Vilhena, Hilário do Espírito Santo Palheta, Geraldo Ferreira Bentes Filho, João Francisco da Rocha Pires, Adrião de Sousa Batalha, Felix Jozé de Carvalho, Carlos Mariano das Neves, Antônio José de Matos Sobrinho, João Marquez d’ Oliveira, Joaquim d’ Almeida Catanho

da biblioteca da escola noturna. O novo formato Institucional foi resultado do impacto das leituras, sobretudo de autores europeus, que influenciaram a forma de agir do grupo, pois as sociedades literárias nasceram na França do Iluminismo, para servir aos intelectuais como um espaço de sociabilidade onde poderiam compartilhar os valores civilizados, aprimorar o intelecto e ampliar o capital social.<sup>223</sup> Em Vigia a sociedade literária assumiu papel semelhante, permitindo ampliar a coesão do grupo e aprimorar o funcionamento do projeto civilizador cristão, claramente expresso em sua nomenclatura, ganhando plenitude, visibilidade cultural e permitindo a construção de sua materialidade, expressando uma forma específica de se apropriarem do movimento civilizador, a partir do lugar social e das experiências vividas na cidade.<sup>224</sup>

Assim, visando expandir as ações civilizatórias, o grupo criou outras Entidades, pelas quais se expressavam, uma delas foi a Sociedade religiosa, literária e beneficente “Treze de Dezembro”, fundada em 22 de setembro de 1872, com a mesma natureza e significado da “Cinco de Agosto”. O visível surgimento desses espaços despertava a atenção dos adversários, pois no ano seguinte ao de sua fundação, os conservadores atacaram nas páginas da imprensa na sessão de aniversário dessa Instituição, ocorrido na casa de Bertoldo Nunes, onde se reuniram inicialmente, chamando-a de “batizado de boneca” com o intuito de diminuir sua importância. O Pe. Mâncio Caetano, alinhado ao grupo nessa época, rebateu as críticas dizendo “só a estupidez do articulista poderia colocar a ridículo uma sociedade religiosa e literária como aquela”.<sup>225</sup> Entre os sócios estavam os líderes da rede de sociabilidade e os discípulos que haviam participado das aulas no Recreio Literário, entre eles Manoel Roque Pinheiro, seu primeiro presidente.<sup>226</sup> Os anos se passaram e em fevereiro de 1877 os “humildes peregrinos” criaram a Sociedade Recreação “Philo Scenica”, sempre juntando os nomes de maior prestígio

---

Sobrinho, José de Santiago Monteiro, Manoel Macário Alves, Manoel Theodoro de Souza Gomes, Thereza de Jesus de Vilhena.

<sup>223</sup> WITTMANN, Reinhard. Existe uma revolução da leitura no século XVIII?. In: CAVALLI, Guglielmo & CHARTIER, Roger (org.). *História da Leitura no Mundo Ocidental*. São Paulo: Ática, 1999, p. 159.

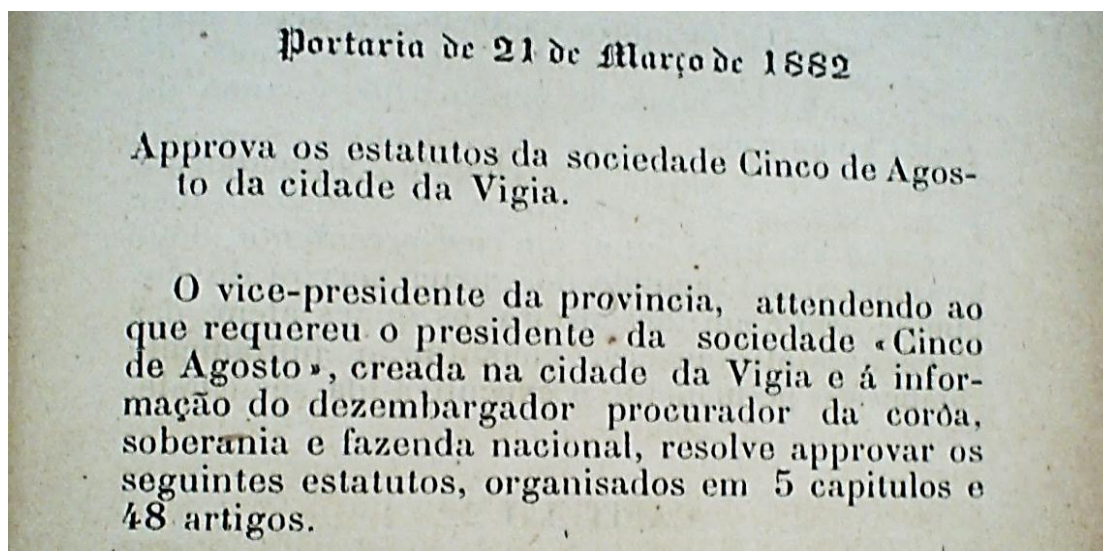
<sup>224</sup> VAINFAS, Ronaldo. Da história das mentalidades à história Cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 154.

<sup>225</sup> *Diário do de Belém*. Belém, ed. 254 de 09/11/1873, p.01.

<sup>226</sup> Também participaram da Sociedade “Treze de Dezembro”: Vilhena Alves, Araújo Nunes, Gratuliano Frederico Baptista da Silva, Manoel Epaminondas de Vasconcelos Palheta, Manoel do Nascimento de Sousa, João de Almeida Pinheiro, Serafim dos Anjos Lobo, Raymundo Nunes da Costa, Bernardo Antônio de Sousa, Augusto Pinheiro, Antônio Alves de Sousa. *O Espelho*. Vigia, ed. 04 de 22/09/1878, p. 02; *O Espelho*. Vigia, ed. 08 de 20/10/1878, p. 2-3; *O Espelho*. Vigia, ed. 11 de 17/11/1878, p. 01-02; *O Curuçense*. Curuçá, ed. única, de 10/12/1888, p. 02.

entre os professores e os jovens discípulos, atraídos pela oportunidade de cultivar a inteligência. Nela, Augusto Ramos Pinheiro, Manoel Epaminondas de Vasconcelos Palheta e Manoel Roque Pinheiro<sup>227</sup> foram os mais dedicados ao avanço da ciência, desejando externar na nomenclatura, clara influência de suas leituras sobre a cultura grega, considerada berço da civilização humana num passado distante.

*Imagem 24: Página inicial da Lei que aprovou o Estatuto da Soc. Cinco de Agosto, 1882.*<sup>228</sup>



Fonte: *Portaria de 21 de março de 1882 que aprova os Estatutos da Sociedade Cinco de Agosto da cidade de Vigia*. Collecção das Leis da Província do Gram-Pará, TOMO XLVI, Parte 2<sup>a</sup>.

Embora os Estatutos<sup>229</sup> das entidades letradas no Brasil afirmassem normalmente serem elas constituídas por um numero ilimitado de pessoas, na prática, o ingresso estava associado à composição da rede de sociabilidade e das relações amistosas com os líderes, no caso em Vigia os três amigos professores, que compartilhavam de um corpo de práticas em comum. Apesar disso, dificilmente

<sup>227</sup> Encontramos também outros nomes que fizeram parte da Sociedade “Philo Scenica”: Adrião de Sousa Batalha e Honório dos Santos de Vilhena. Assim, destacamos a importância dessas entidades para a interação entre os letrados, uma vez que para os “humildes peregrinos” viver a sonhada civilização aos moldes da Europa era, sobretudo, interagir nos espaços de sociabilidade letrada, onde poderiam compartilhar a moralidade almejada e disseminar a certos setores sociais, conferindo aos membros do grupo, sobretudo aos líderes, status, posição, acesso a cargos públicos e ascensão social através da instrução, fundamental para a formação de cidadãos, que pudessem lutar por seus direitos. E assim, longe das grandes transformações urbanas em curso na França e outras cidades da Europa e nas capitais provinciais brasileiras, os peregrinos vivenciaram com mais nitidez um repertório significativo de práticas civilizadoras e desenvolveram o intelecto como autodidatas. Portanto, esse foi o ápice que os amigos de Vilhena Alves alcançaram, usando a instrução e o catolicismo popular como meio de união do grupo e propagação de ideias.

<sup>228</sup> O reconhecimento da carta magna pelo estado revela a solidez do grupo e sua projeção provincial.

<sup>229</sup> Continha todas as regras de funcionamento dessas entidades, seus fins, administração, obrigações dos membros, direitos, recompensas e penas. A análise que faço é com base no Estatuto da Sociedade Cinco de Agosto aprovado pelo Vice-Presidente da Província José da Gama Malcher em 1882.

conseguiram reunir mais de 30 membros durante dez anos, os quais eram divididos em categorias: efetivos, honorários, correspondentes e beneméritos. A institucionalização do grupo, possibilitou a captação de recursos financeiros, pois os membros efetivos eram obrigados a pagar joia<sup>230</sup> no ato do ingresso e um valor de mensalidade, extremamente necessário a aquisição de bens culturais e para outras iniciativas do grupo como a beneficência. Os “humildes peregrinos” eram indivíduos com recursos financeiros modestos, que precisaram se organizar coletivamente para ter força financeira para suas ações. Isso explica o fato de que em 1877, as Sociedades literárias disponibilizaram auxílio financeiro para os flagelados da seca que assolou o Nordeste, questão que gerou enorme comoção nacional, cuja subscrição realizada pelo grupo em parceria com o Juiz de Paz, arrecadou mais de 370\$000 réis.<sup>231</sup> Para tanto, havia um controle rigoroso nas entidades sobre o pagamento das mensalidades, levando ao desligamento do sócio após três meses de inadimplência, como ocorreu em uma sessão da Sociedade “Cinco de Agosto” de 1872, quando vários letrados foram excluídos.<sup>232</sup> Por outro lado, esse fato impôs um limite financeiro ao desenvolvimento do grupo, pois a grande parte da sociedade era composta por pessoas miseráveis, sequer poderiam pagar um valor pequeno.

Na organização da Entidade, uma outra categoria importante era a dos sócios honorários, formada por pessoas menores de 18 anos. Na Sociedade “Cinco de Agosto” por exemplo, discípulos como Manoel Roque Pinheiro e Manoel Epaminondas de Vasconcelos Palheta pertenciam a essa classe e deram um volume quantitativo ao grupo, em meados da década de 1870. Nessa categoria incluíam-se também as mulheres, apesar da limitada participação delas nos espaços públicos, inclusive ausente das sessões das Entidades literárias, devido ao enaltecimento dentro da perspectiva civilizadora de sua reclusão. Era necessário instruí-las nas escolas do gênero feminino e por meio da imprensa, para que assim pudessem ajudar na educação dos filhos e na construção de uma nação civilizada.<sup>233</sup> Na concretização do projeto do grupo, as

<sup>230</sup> No movimento associativo desse período, o que chamavam de joia equivalia a um valor fixado pelo grupo, obrigatório ao ingresso da pessoa na Entidade, seja ela literária, beneficente ou religiosa.

<sup>231</sup> *Ofício da Sociedade Literária e Beneficente Cinco de Agosto ao Presidente da Província do Grão-Pará em 25 de junho de 1877*. APEP. Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Série: ofícios. Cx. 312, Ofícios de diversas sociedades, doc. 38.

<sup>232</sup> *A Boa Nova*. Belém, ed. 67 de 30/10/1872, p. 03.

<sup>233</sup> CARULA, Karoline. A educação feminina em A Mãe de Família. In: CARULA, Karoline; ENGEL, Magali Gouveia; CORRÊA, Maria Letícia. *Os intelectuais e a nação: educação, saúde e a construção de um Brasil moderno*. RJ: Contra Capa, 2017, p. 85-100. As mulheres desenvolveram um importante papel dentro das dinâmicas de composição dos agrupamentos letrados na Amazônia, atuando como professoras

mulheres participavam de outra forma, em uma data festiva da Sociedade “Treze de Dezembro”, no mês de dezembro de 1878, quando os novos diretores foram eleitos, lá estavam às sócias honorárias organizando o leilão, doando “objetos de fantasia e importantes trabalhos de crochê”, fortalecendo e permitindo uma maior abrangência social de tais Entidades.<sup>234</sup> No entanto, quando os externatos foram criados ao longo da década de 1870, elas não estavam entre os matriculados,<sup>235</sup> pois o papel social esperado era apenas aprender a ler, escrever e tecer as prendas domésticas.

Sobre as ações dessas Agremiações, havia mecanismo para agradecer aqueles que prestaram relevantes serviços as Instituições, como o presidente da Província do Grão-Pará, Dr. João Capistrano Bandeira de Mello Filho, homenageado com o diploma de sócio benemérito pelas sucessivas doações de acervos para a Biblioteca da Sociedade “Cinco de Agosto”,<sup>236</sup> atuando como um dos protetores do grupo. Da mesma forma o professor Araújo Nunes, que recebeu pelos 22 anos à frente dessa Entidade. Entre os homenageados, destacamos também o Dr. Domingos Antônio Raiol,<sup>237</sup> referência intelectual e política do núcleo decisório do grupo e principal incentivador. Ele doava objetos para melhorar as ações educativas, como por exemplo, um mapa geográfico do império e, quando estava em Vigia, cuidando do Engenho Santo Antônio da Campina nas terras do Tauapará, administrado por sua firma Raiol & irmão, era com Araújo Nunes e seus amigos que o notável intelectual se reunia. Na sessão da Sociedade “Cinco de Agosto” de 12 de dezembro de 1880, Dr. Raiol, sua esposa e nora prestigiaram o exame do externato, patrocinado por essa Entidade, na casa de Araújo Nunes, elogiando a dedicação dos professores. Além de ser aparentado dos Nunes, ele também era o mais importante elo entre o grupo e a elite política liberal em Belém.<sup>238</sup>

---

na formação das moças, nas alianças matrimoniais que ampliavam o número de integrantes do grupo, nos preparativos das atividades festivas, em alusão a datas importantes das Entidades letradas ou mesmo financiando parte dos estudos de afilhados e parentes.

<sup>234</sup> *O Espelho*. Vigia, ed.15 de 15/12/1878, p. 01.

<sup>235</sup> *O Espelho*. Vigia, ed.26 de 23/03/1879, p.01.

<sup>236</sup> *Ofício da Sociedade Literária e Beneficente Cinco de Agosto ao Presidente da Província do Grão-Pará em 25 de junho de 1877*. APEP. Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Série: ofícios. Cx. 312, Ofícios de diversas sociedades, doc. 37.

<sup>237</sup> Ler sobre a trajetória de Domingos Antônio Raiol em: RICCI, Magda Maria de Oliveira & LIMA, Luciano Demétrius Barbosa. *Letrados da Amazônia imperial e saberes das populações analfabetas durante a Revolução Cabana (1835-1840)*. Revista Brasileira de educação, v.20, n.63, out/dez de 2015, p.845-867; RICCI, Magda Maria de Oliveira & LIMA, Luciano Demétrius Barbosa. *Fazendo política, contando história: experiências sócio literárias de um barão amazônico e seus Motins Políticos (1865-1890)*. Revista Estudos Amazônicos, vol. VI, nº 1, (2011), p. 41-68.

<sup>238</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 36 de 09/06/1879, p. 02; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 293 de 25/12/1880, p. 01.

Nesse período uma profusão de Entidades com a missão de propagar a instrução surgiram no território brasileiro, na província do Grão-Pará não foi diferente, congêneres foram criadas em Belém, como a Sociedade Phartenon Literário, o Club Científico e o Club Santista. Na vila de São Caetano de Odivelas, Cametá, Curuçá, Marapanim e Ponta de Pedra apareceram outras, evocando o nome dos lugares de origem. Imigrantes também fundaram as suas, foi o caso do Gabinete Cearense de Leitura e o Grêmio Literário Português em Belém, que resguardando suas especificidades, levavam a civilização para segmentos variados.<sup>239</sup> Envolto em uma sociedade multicultural, o grupo liderado por Araújo Nunes, através das Entidades e suas ações, organizaram a cultura para viver um tipo de civilidade. Diante da pluralidade de centros de poder na cidade, as práticas culturais foram suas frentes de luta, forma encontrada por esses letrados de fixar um posicionamento no jogo social, imprimindo resistências ao poder da elite agrária, que dominava os partidos políticos e a ideologia religiosa vigente.

Assim, as estratégias desenvolvidas pelos “humildes peregrinos” como as escolas, sociedades literárias e os jornais visavam transformações e deslocamento na estrutura social, tendo como fio condutor o desenvolvimento do intelecto dos indivíduos, para superação da pobreza e das mazelas sociais, interpretação de um grupo local diante do movimento civilizador global. A solução encontrada por Araújo Nunes, Vilhena Alves, Bertoldo Nunes e seus amigos, para avançar em um contexto tão desfavorável, foi aproximar a tradição religiosa e a ciência, o que popularizou o grupo, mas trouxe inúmeros problemas e tensões com outros agrupamentos letrados.<sup>240</sup>

As sociedades literárias da Vigia eram parte de uma rede de associações com perfil social diversificado, algumas compostas por membros da elite econômica como a Sociedade literária Club Científico em Belém,<sup>241</sup> outras formadas por setores remediados como os membros das Sociedades literárias “Cinco de Agosto”, “Treze de Dezembro” e “Philo Scenica”. No que se refere ao corpo administrativo dessas

<sup>239</sup> Consultar documentação em: APEP. Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Série: ofícios. Cx. 312, Ofícios de diversas sociedades.

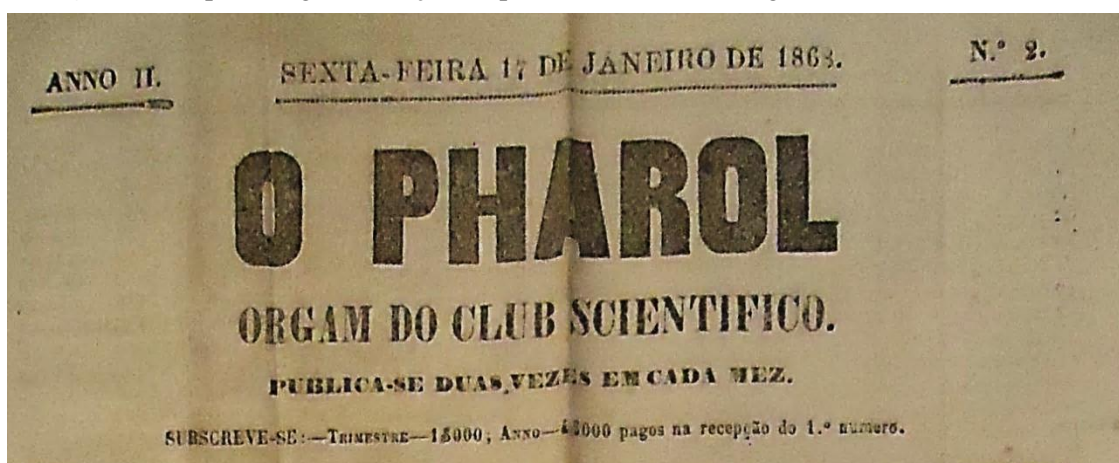
<sup>240</sup> HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2009, p. 50-72.

<sup>241</sup> Esta entidade é uma das mais antigas desse gênero na Amazônia, cuja mesa diretora para o Biênio 1868 a 1869 estava assim composta: Estulano Alexandrino de Moraes (Presidente), Balduino Elvis de Oliveira (vice-presidente), Carlos Manoel de Souza Frasso (primeiro secretário), Napoleão Magno de Abreu (segundo secretário), Agostinho de Castro Martins (orador permanente), Raimundo Joaquim Martins (orador permanente), Manoel Gonçalves de Aguiar (comissão de instrução), Francisco Candido de Aguiar e Sousa (comissão de instrução), João de Leão (comissão de instrução), entre outros.



agregações, tinha a duração de dois anos, mudando pouco de uma para outra, havendo o presidente, o vice-presidente, secretários e tesoureiro, além de comissões relacionadas principalmente as ações de expansão da instrução. Percebemos que havia um padrão de funcionamento das Sociedades literárias, usadas como trampolim para o projeto civilizatório dos grupos, se relacionando com os segmentos sociais por meio da instalação de biblioteca, criação de escola e impressão de jornal. Como bem demonstra o Club Santista, que organizou sua biblioteca em fevereiro de 1869, a Sociedade Cinco de Agosto em outubro de 1871, a literária Odivelense, fundada em dezembro de 1877, logo organizou também sua pequena sala de leitura, bem como o Gabinete Cearense de leitura o fez. A Sociedade literária Club Científico, situada em Belém, organizou um periódico de nome *O Pharol* em 1868. Em Vigia, a Sociedade “Cinco de Agosto” no século XIX, não chegou a ter um órgão de divulgação próprio, mas organizou além da biblioteca, um Externato. Contudo, a maioria das Entidades não conseguiram manter simultaneamente as três ações (escola, biblioteca e jornal) devido principalmente ao escasso quadro de intelectuais. Já sobre a nomenclatura dessas Instituições, evocavam datas importantes para a cidade (como a Cinco de Agosto), os locais de origem (Marapanim, São Caetano de Odivelas, Curuçá, etc.) e a ciência, como a Sociedade Philo Scenica de Vigia e o Clube Científico, que surgiram bem antes da criação do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, da Academia Paraense de Letras e do Museu Emílio Goeldi. Esses clubes literários foram lampejos importantes para o acesso e divulgação do saber científico,<sup>242</sup> tanto que o biógrafo do professor Araújo Nunes afirmou em 1915, que a casa desse mestre era onde os discípulos encontravam a ciência.

*Imagem 25:* Capa da segunda edição do periódico *O Pharol*, órgão do Club Científico, 1868.



<sup>242</sup> APEP. Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Série: ofícios. Cx. 312, Ofícios de diversas sociedades.

Fonte: APEP. Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Série: ofícios. Cx. 312, Ofícios de diversas sociedades.

Contudo, as dinâmicas sociais imprimiram uma curta temporalidade para a maioria das sociedades literárias na Amazônia. Uma exceção é o caso da Sociedade Cinco de Agosto, pois ao procurarmos uma possibilidade explicativa para a sua longevidade podemos citar o fenômeno da genealogia de influência, atribuindo importância a todos os letrados do grupo e seus papéis (os líderes, os intermediários e os de menor notoriedade), os quais propagaram ideias que influenciaram cultural e politicamente outras gerações, que carregavam dentro de si, aqueles que marcaram ao longo do itinerário de vida.<sup>243</sup> Isso fez com que as ideias do grupo se mantivessem vivas em cada discípulo.

Vale ressaltar também o papel desempenhado por alguns núcleos familiares com longa trajetória na Instituição, como os Vilhenas, os Nunes e os Ferreiras, cujos irmãos, filhos e demais parentes continuaram a luta de Araújo Nunes, Vilhena Alves e Casemiro Ferreira, ao longo da primeira metade do século XX, quando intensificaram o papel beneficente da Entidade, chegando a possuir quase 200 associados. Assim, a “Cinco de Agosto” chegou à atualidade, propagando a instrução e agindo como a guardiã do Patrimônio documental da região do salgado.<sup>244</sup>

Dessa forma, as Entidades letradas fundadas pelos “humildes peregrinos” se transformaram na engrenagem principal da relação entre os membros do grupo com a sociedade, propagando que o saber escolar era a ferramenta mais poderosa no combate a desigualdade social,<sup>245</sup> sob forte influência da corrente ideológica do liberalismo europeu, que tinha como lema a igualdade e a liberdade.<sup>246</sup> Uma vez que a composição social de Vigia de Nazaré, fundada em localização geográfica estratégica para as

<sup>243</sup> SIRINELI, Jean François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2ª ed., RJ: ed. FGV, 2003, p. 244-245

<sup>244</sup> A Sociedade literária e beneficente “Cinco de Agosto” é o elo entre o presente e os “humildes peregrinos”, tem sua mesa diretora composta da seguinte forma para o biênio agosto de 2021 a 2023: Antonio Igo Palheta Soeiro (presidente), Solange Felicidade Marques Ferreira (vice-presidente), Luanny Isabely da Silva Gonçalves (secretária) Rosilena Silva de Alcântara (tesoureira), Antônio Siqueira Soeiro (diretor suplente). Além da composição dos fundos mencionados nas notas 18 e 61, do Cartório Raiol e do Cartório Vilhena, o Arquivo da Sociedade “Cinco de Agosto” possui o fundo com manuscritos da própria Entidade, com Livros de Ata e de quadro de sócios, e o fundo da Câmara da Vigia, cedido quando o vereador Clivaldo Wander a presidiu em 2017.

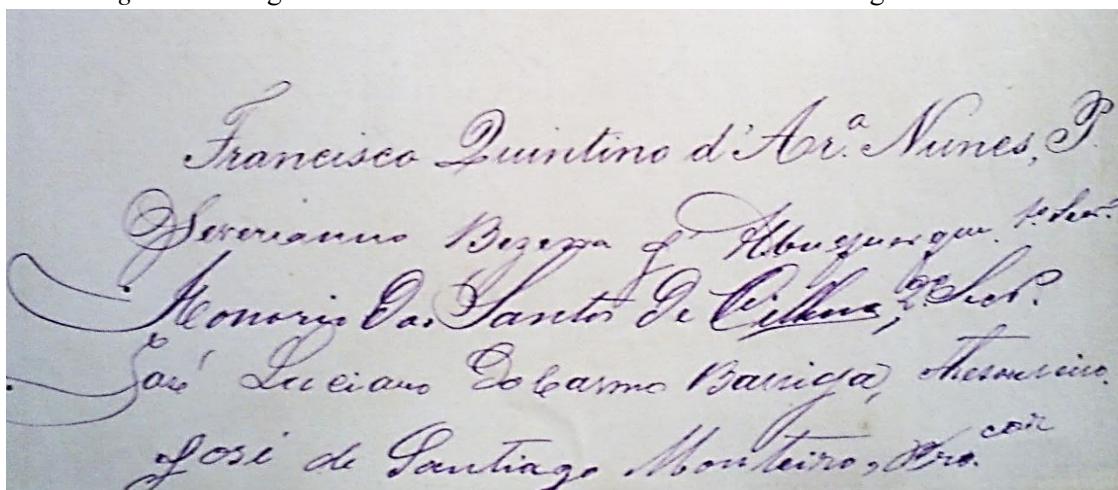
<sup>245</sup> *O Liberal do Pará*. Vigia, ed. 224 de 08/10/1871, p. 01.

<sup>246</sup> As alianças, rupturas e tensões dos “humildes peregrinos” com os liberais, conservadores e o partido católico serão pormenorizadas no capítulo III.

dinâmicas comerciais, contava com uma poderosa elite agrária, podendo ser representada aqui pelas famílias Barriga, Gil de Sousa, Moura Palha e Bento de Almeida, que viviam de rendas geradas da produção e comercialização do açúcar, água-ardente, farinha e café, produzidas nos Engenhos e em outros empreendimentos agrícolas, que circundavam as margens do Rio Guajará-Miri, cujos trabalhadores, sejam eles livres e escravizados, viviam sob intensa exploração. Essa realidade também era presente na cidade, entre os artesãos, pequenos comerciantes e pescadores artesanais, todos eles de vida simples, onde o desemprego e a desigualdade social predominavam.

Nessa perspectiva defendida pelo grupo, a instrução proporcionava a tomada de uma consciência social de luta, “chave” para combater os governos tiranos que se aproveitavam da deseducação do povo, e assim, se beneficiavam das leis do país e do próprio acesso ao sistema judiciário. Visto que na situação em que se encontravam, sequer sabiam eles como combater a corrupção, em tempos em que as Câmaras municipais priorizavam a representação dos interesses das elites a outras instâncias de poder, a limpeza das ruas e a cobranças de vários tipos de impostos. Contudo, a instrução era o mecanismo que permitiria aos segmentos menos favorecidos o exercício da vida pública, onde os espaços de sociabilidade constituíram meios para a formação intelectual de uma nova sociedade, conscientizando indivíduos sobre seus direitos civis e políticos.<sup>247</sup>

*Imagem 26: Integrantes da mesa diretora da Sociedade “Cinco de Agosto” em 1873.*



Fonte: *Ofício da Sociedade Cinco de Agosto ao presidente da Província do Grão-Pará de 03 de agosto de 1873*. APEP. Fundo: Secretaria da Presidência da Província. Série: Ofícios. Cx. 312, ofício de diversas sociedades, doc. 34.

<sup>247</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 209 de 21/09/1871, p 01; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 224 de 08/10/1871, p 01;

Os valores civilizados chegavam até os grupos do interior da província por meio do frequente trânsito dos letrados com a capital, onde se vivenciava de forma mais intensa um repertório de símbolos da modernidade, bem como através da incorporação das ideias obtidas pelas leituras dos periódicos e livros. As sociedades “Cinco de Agosto”, “Treze de Dezembro” e “Philo Scenica” constituíram a principal forma de viver a civilização e transferir esses valores. Mesmo com a resistência das pessoas, imersas em padrões culturais diferentes, o alcance e o impacto da visão de mundo do grupo sobre a sociedade vigiense, no núcleo urbano, foi relevante nos anos de 1870 e 1880.

Entre as dinâmicas de relações desenvolvidas nesses espaços de sociabilidade, destacamos as sessões, reunião mensal realizada no domingo, geralmente os encontros aconteciam nas casas de Araújo Nunes, Bertoldo Nunes ou Manoel Roque Pinheiro, que funcionavam como Sedes sociais para as Entidades.<sup>248</sup> Para validar esse momento era necessário ter *quórum* com a presença de no mínimo 10 sócios, antes de iniciar cada encontro, os jovens conversavam com os mais experientes, ali estavam homens reconhecidos por sua inteligência, como é o caso de Bezerra de Albuquerque, Vilhena Alves e os irmãos Nunes que discutiam assuntos variados entre eles. Iniciada a sessão, o presidente, cargo de maior prestígio, realizava a abertura das falas, os discursos dos líderes eram como lições que ampliavam o conhecimento dos presentes, abriam debates que seguiam noite adentro, sem contar que havia sessões extraordinárias especificamente para discutir obras literárias importantes para a filosofia do grupo, como a que ocorreu na Sociedade “Treze de Dezembro” em 1876.<sup>249</sup>

As reuniões concretizavam as trocas de conhecimento e aprendizado para os membros do grupo, pois ao ingressar nas sociedades literárias, eles vivenciavam a civilização a seu modo, propagando na sociedade suas ideologias, principalmente por meio da cultura escrita oralizada. Sobre isso, os redatores do periódico *O Espelho*, Manoel Epaminondas e Augusto Pinheiro, noticiaram no sexto aniversário de fundação da Sociedade “Cinco de Agosto”, em outubro de 1878: “Honra a *Cinco de agosto*, desprezando as grandes dificuldades, caminha desassombrada para o progresso”.<sup>250</sup> Mesmo diante das turbulências sociais, políticas e culturais vivenciadas, esses espaços

---

<sup>248</sup> Nenhuma dessas Entidades tiveram sede própria no século XIX, peregrinando pelas residências dos presidentes.

<sup>249</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 18 de 19/01/1879, p. 03.

<sup>250</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 07 de 13/10/1878, p.1-2.

representavam uma postura civilizada em busca de mudanças, servindo ao propósito do professor Araújo Nunes e demais membros do grupo.

Em todas as entidades, as sessões eram direcionadas pela mesa diretora compostas basicamente pelo presidente, o vice-presidente, o tesoureiro, o procurador e o 1º e 2º secretários,<sup>251</sup> todos eles letrados participativos na busca do projeto de sociedade civilizada. Tomando por exemplo a “Cinco de Agosto”, em 1873 compuseram a mesa diretora o professor Araújo Nunes (presidente), Bezerra de Albuquerque (1º secretário), Honório dos Santos Vilhena (2º secretário), José Luciano do Carmo Barriga (tesoureiro) e José de Santiago Monteiro,<sup>252</sup> que ficou no cargo de procurador até o ano de 1883, arrecadando as mensalidades para a Entidade. Vilhena Alves e Bertoldo Nunes também ocuparam cargos relevantes nesses espaços literários, Vilhena foi segundo secretário em 1876 e Bertoldo primeiro secretário durante quase toda a década de 1870 da “Cinco de Agosto”. Muitos outros letrados se destacaram ocupando cargos na diretoria dessas Agremiações. Esse núcleo praticamente circulou nas três Entidades, sendo que as Sociedades “Treze de Dezembro” e “Philo Scenica” ficaram sob a órbita da família Pinheiro. Manoel Roque Pinheiro foi presidente de ambas em momentos diferentes, e seu irmão Augusto Ramos Pinheiro secretariou os trabalhos na “Philo Scenica”.

**Quadro 02: Letrados e os cargos nas Entidades literárias.**<sup>253</sup>

Nome	Entidade	Cargo/ano
Araújo Nunes	“Cinco de Agosto”	Presidente (1871-1893)
Vilhena Alves	“Cinco de Agosto”	2º secretário (1877)
Bertoldo Nunes	“Cinco de Agosto”	1º secretário (1874-1880)
Felix José de Carvalho	“Cinco de Agosto”	Tesoureiro (1877)
Raimundo Nunes	“Cinco de Agosto”	2º secretário (1877) e 1º sec. (1882)
Joaquim de Almeida	“Cinco de Agosto”	2º secretário (1877)
Hilário Palheta	“Cinco de Agosto”	Tesoureiro (1877)
Manoel Roque Pinheiro	“Cinco de Agosto”	Procurador interino (1877-78) e 1º sec. (1881);
Manoel Roque Pinheiro	“Philo Scenica”	Presidente (1877-79)

<sup>251</sup> Cabia ao Presidente à função de supervisionar e autorizar todos os trabalhos. O de primeiro secretário de realizar as anotações das Atas e confeccionar as correspondências e o segundo de servir de bibliotecário. O tesoureiro cuidava das finanças e fazia as anotações nos livros competentes. Já o procurador cobrava de casa em casa as mensalidades dos sócios. Na prática eles decidiam os rumos do grupo. *Portaria de 21 de março de 1882 que aprova os Estatutos da Sociedade Cinco de Agosto da cidade de Vigia*. Collecção das Leis da Província do Gram- Pará, TOMO XLVI, Parte 2ª.

<sup>252</sup> Vivia do ofício de sapateiro.

<sup>253</sup> Tabela construída a partir de notícias dos jornais de Vigia e de Belém e das correspondências da Sociedade Cinco de Agosto enviadas ao Presidente da Província na década de 1870.

Casemiro José Ferreira	“Cinco de Agosto”	2º sec. (1878), Tesoureiro (1881/82) e vice-presidente (1892)
Januário Napoleão Nunes	“Cinco de Agosto”	Tesoureiro (1878)
Antônio Miranda Gama	“Cinco de Agosto”	Vice-presidente (1881-1882)
Gratuliano Baptista da Silva	“Treze de Dezembro” e “Cinco de Agosto”	Presidente (1878) e 2º secretário (1881)
Augusto Ramos Pinheiro	“Philo Scenica”	1º secretário (1877-79)
Manoel Epaminondas	“Philo Scenica” e “Treze de dezembro”	1º secretário (1878-1879)
Manoel do Nascimento de Sousa	“Treze de Dezembro”	2º secretário (1878)
João de Almeida Pinheiro	“Treze de Dezembro”	Tesoureiro (1878)
Manoel de Magalhães	“Cinco de Agosto”	1º secretário (1892)
Cantidiano Nunes	“Cinco de Agosto”	2º secretário (1892)
Manoel Felipe da Costa	“Cinco de Agosto”	Tesoureiro (1892)

Ainda sobre a “Cinco de Agosto”, as correspondências assinadas pela mesa diretora aos Presidentes da Província do Grão-Pará na década de 1870, bem como outros registros escritos <sup>254</sup> revelavam uma autoimagem do grupo, enquanto apóstolos, conduzindo o povo a modernidade, que na prática era o projeto sociopolítico almejado. Para eles a formação e a conduta humana, tinham como base a instrução, religião e beneficência compondo “os sublimes pedestais sobre que se equilibra o grande edifício social”, onde por meio das Entidades, deveriam atuar como “representantes do povo vigiense”, buscando soluções aos problemas da cidade, com suas ações educativas e beneficentes. O grupo letrado marcou um lugar na sociedade vigiense, não pelo capital econômico, e sim pelo capital cultural que mediavam seus objetivos.

Assim, as Entidades literárias e teatrais faziam parte da rede de sociabilidade liderada por Araújo Nunes, suas ações em prol de um mesmo projeto sociopolítico eram visíveis ao longo do calendário anual. Na sessão magna do sexto aniversário da Sociedade “Cinco de Agosto”, em outubro de 1877, quando inauguraram uma escola, ocorrida na casa do professor Nunes, estavam presentes o Juiz Municipal, o administrador da Mesa de Rendas, o delegado de polícia e a comissão da Sociedade Philo Scenica, representada por Augusto Pinheiro, a “Treze de Dezembro”, liderada por Manoel Epaminondas de Vasconcelos Palheta, além dos sócios da Entidade anfitriã, que

<sup>254</sup> O livro de ata, de mensalidades, de sócios e o Catálogo da Biblioteca eram os mais importantes. Infelizmente do século XIX todos foram perdidos, conseguimos localizar o Estatuto aprovado em 1882 pelo governo da província, que recupera boa parte das questões dessa fase do grupo, já excluindo sua função religiosa. Além disso, encontramos nove correspondências entre a Sociedade Cinco de Agosto e o presidente da Província, que estavam no Arquivo Público do Estado do Pará. A partir do ano de 1904, muito se tem sobre o acervo documental da Sociedade “Cinco de Agosto” preservado em seu Arquivo.

recebeu imediatamente onze matrículas.<sup>255</sup> Discursos, debates, reafirmação da visão de mundo do grupo ocupavam as falas. Esses momentos consagravam os líderes no seio da elite letrada local.

Entre as Entidades que surgiram, a Sociedade “Cinco de Agosto” era a mais sólida, aglomerando maior número de sócios, sendo presidida desde sua criação em 1871 até 1893, unicamente por Araújo Nunes. Funcionou como Instituição matriz que dava suporte as outras, tanto que a casa onde eles reuniam era a mesma da Philo Scenica. Paralelo as Sociedades literárias, em Vigia, na constante busca de inculcar valores civilizados no povo, o grupo de Bertoldo Nunes anunciou a instalação do Externato<sup>256</sup> de Nossa Senhora de Nazaré, em novembro de 1873, com aulas à noite, funcionando em uma sala da Igreja Matriz. O formato lembra bem o Recreio literário, cujo propósito era propagar a instrução popular aos filhos da terra, para além do ensino primário. As matérias ministradas ficavam sob a responsabilidade dos letrados, Vilhena Alves com o ensino de literatura, Araújo Nunes com gramática portuguesa e Aritmética, Candido Severo Carvalho Nunes com o ensino do Francês e geografia e Latim pelo polêmico Pe. Doutor Mâncio Caetano Ribeiro, que havia chegado a pouco tempo, tecendo relações políticas inicialmente com os liberais, tornando-se amigo dos líderes do grupo. Contudo, mais uma vez, faltou tempo aos mestres para a manutenção das atividades por longo período, e em 1875 o externato fechou as portas.<sup>257</sup> Sobre as matérias ministradas nota-se a inclusão do ensino da língua francesa que não só evocava essa civilização, mas também formava um público leitor para as obras escritas nessa língua, que chegavam às salas de leituras desses espaços.

Inseridos na cruzada pela instrução popular, o grupo nunca parou de se movimentar. Na sessão comemorativa do sexto aniversário de fundação da Sociedade “Cinco de Agosto”, em 01 de outubro de 1877, foi oficializado a criação do externato da Entidade, instalado na sala onde ocorriam as sessões, na residência do professor Araújo Nunes que se responsabilizou pelo ensino de Aritmética e Bezerra de Albuquerque gramática. Um grupo atuante e cada vez mais conhecido na Província, pois tais ações

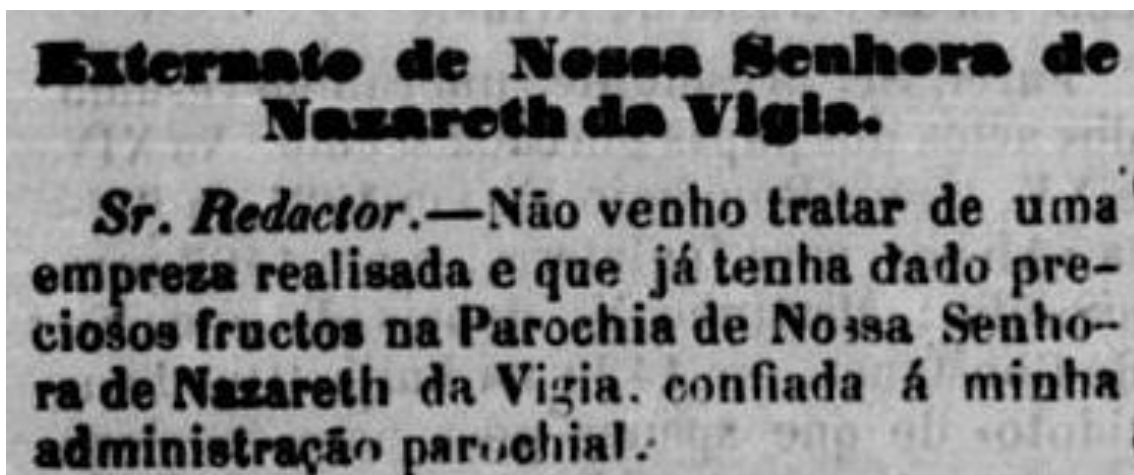
<sup>255</sup> *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 16 de 05/10/1877, p. 03

<sup>256</sup> Tipo de escola comum no Império brasileiro que permitia o retorno dos alunos para a casa, após as aulas, diferente das escolas internas onde os alunos viviam no estabelecimento de ensino.

<sup>257</sup> Pe. Mâncio Caetano Ribeiro lamentou o estado lastimável da instrução pública da Comarca da Vigia em 1873, uma das mais populosas da Província do Grão-Pará, onde em Vigia existiam três escolas primárias e apenas duas eram bem frequentadas. Além das escolas, os jovens ficavam sem opção e, pela condição de pobreza, as famílias com numerosas proles não enviam seus filhos ao Liceu ou os Seminários em Belém. *A Boa Nova*. Belém, ed. 90 de 12/11/1873, p.04.

ganhavam visibilidades nas páginas dos periódicos da capital. Mesmo com o passar dos anos, o objetivo principal ao criarem tais espaços de saber era o mesmo: ampliar o conhecimento da juventude, imbuindo neles o projeto de sociedade cristã, como aponta o conteúdo das disciplinas, com ênfase a leitura, escrita, literatura e o francês. No geral, 16 alunos se matricularam no externato, filhos das famílias remediadas que tiveram como professores, os líderes.

*Imagem 27:* Os “humildes peregrinos” divulgam a criação de mais uma ação educativa, 1873.



Fonte: *A Boa Nova*. Belém, ed. 90, de 12/11/1873, p.04.

Assim, cada vez mais o grupo por meio das escolas e Entidades, prestava serviços importantes à mocidade vigiense e a instrução pública da nação, cujos esforços eram coroados com bons resultados na cruzada da educação.<sup>258</sup> O próprio Presidente da Província louvou a Sociedade “Cinco de Agosto” pela instalação do externato,<sup>259</sup> que no mês seguinte, foi reforçada com aulas de francês, ministradas por Cândido Severo Nunes e o ensino de geografia, pelo experiente professor Bezerra de Albuquerque.<sup>260</sup> No ano seguinte o numero de alunos diminuiu, mesmo assim, o grupo manteve a iniciativa e a cada final de ano encerrava as ações com um exame oral, movimentando a elite cultural da cidade. Sobre isso, em dezembro de 1878, dos 17 alunos matriculados, apenas Augusto Ramos Pinheiro, Manoel Roque Pinheiro e Manoel do Nascimento de

<sup>258</sup> *Ofício da Sociedade Literária e Beneficente Cinco de Agosto ao Presidente da Província do Grão-Pará em 06 de outubro de 1877*. APEP. Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Série: ofícios. Cx. 312, ofício de diversas sociedades, doc. 40; *Jornal do Pará*. Belém, ed.234 de 14/10/1877, p. 02. *A Constituição*. Belém, ed.235, de 15/10/1877, p. 01,

<sup>259</sup> *Jornal do Pará*. Belém, ed. 244 de 26/10/1877, p. 01.

<sup>260</sup> *Ofício da Sociedade Literária e Beneficente Cinco de Agosto ao Presidente da Província do Grão-Pará em 17 de novembro de 1877*. APEP. Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Série: ofícios. Cx. 312, ofício de diversas sociedades, doc. 42;



Sousa se apresentaram para a avaliação, sob a responsabilidade de Vilhena Alves, Bezerra de Albuquerque, Catanho Sobrinho e Araújo Nunes, que afirmaram ser esse momento um ato muito mais para “a exibição dos conhecimentos adquiridos nas horas vagas do trabalho” do que realmente uma prova, cujos discursos dos alunos e mestres eram direcionados as vantagens da instrução e a sempre continuarem cultivando a inteligência, mesmo com tantas dificuldades.<sup>261</sup>

No Ano de 1879, o professor e poeta Vilhena Alves reforçou o quadro docente do Externato da “Cinco de Agosto”, inclusive oferecendo quadros sinópticos do sistema métrico decimal para melhorar o aprendizado dos alunos. O projeto de instrução popular do grupo sempre foi um desafio para seus idealizadores, diante da resistência da juventude, que ora desistiam durante o percurso e por vezes nem chegavam a fazer sua matrícula. Nesse ano, 14 alunos se matricularam, os que assistiram às aulas eram privilegiados pelos ensinamentos dos mestres com certo renome.<sup>262</sup> No final do ano seguinte, o exame dos alunos contou com a ilustre presença do Dr. Domingos Antônio Raiol, que passou o Natal próximo dos familiares em Vigia e fez o melhor conceito dos professores. No dia 19 de dezembro, pela manhã, a Sociedade “Cinco de Agosto” e alguns letrados em particular, como Roque Pinheiro e Raimundo Nunes da Costa ofereceram prêmios aos alunos que participaram do exame, entregues pela esposa e nora do Dr. Raiol, durante a cerimônia que contou com bom numero de famílias. Ao longo do festejo, Araújo Nunes discursou e explicou o significado do ato e dois alunos do externato também, além de Bertoldo Nunes, Roque Pinheiro e Nunes da Costa.<sup>263</sup>

**Quadro 03: Alunos do Externato da Sociedade “Cinco de Agosto”, 1879.**<sup>264</sup>

Aluno	Aluno
Manoel Roque Pinheiro	Luiz Antônio Monteiro
Francisco de Assis das Chagas	Eurico Antônio Raiol
Augusto Ramos Pinheiro	José Ferreira Monteiro
Manoel Epaminondas de V. Palheta	João de Almeida Pinheiro
Manoel do Nascimento de Sousa	José M. Seabra de Moraes
Manoel Braz F. d' Athaide	Joaquim Faustino Raiol

<sup>261</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 15 de 15/12/1878, p. 02.

<sup>262</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 26 de 23/03/1879, p. 01.

<sup>263</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 293 de 25/12/1880, p. 01.

<sup>264</sup> Construída a partir da notícia publicada em: *O Espelho*. Vigia, ed. 26 de 23/03/1879, p. 01.

Entre os alunos, destacamos membros das famílias Pinheiro, Raiol e Palha, todos moradores da *urbe*, que pertenciam aos segmentos remediados e ricos da sociedade. Após mais um ano de funcionamento, o externato fechou as portas, apesar do esforço, manter a escola era quase impossível. A instabilidade dos espaços de instrução foi uma característica predominante, possivelmente por fatores econômicos e sociais do grupo, uma vez que, eles eram os maiores responsáveis em instruir as camadas populares. Em 1882, Araújo Nunes foi jubulado do serviço público e no ano seguinte seguiu sua carreira em outras cidades como Belém, São Caetano e Cintra, ficando ausente de Vigia por certo tempo.

Sobre as práticas educativas do grupo, no ano de 1892, Vilhena Alves em carta publicada a Revista *A Escola*,<sup>265</sup> lembrou o momento de fundação do Recreio Literário, afirmando que um povo não poderia prosperar sem instrução, base da compreensão dos direitos e deveres. Recordou também dos poucos moços, que aproveitaram as aulas do Externato da “Cinco de Agosto”, entre eles Augusto Ramos Pinheiro, Octavio Pires, Magalhães, Manoel Roque Pinheiro e Augusto Palha, os quais prestaram com plenitude os exames, além de outros que apenas enchiam as bancadas nos primeiros dias e logo desistiam. Após essa fase, Vigia viveu um marasmo absoluto só aprendendo as primeiras letras, indo aos livros apenas quando conseguiam um emprego público.<sup>266</sup>

Além das escolas e das leituras, os “humildes peregrinos” usaram também o teatro, base de ação da Sociedade *Philo Scenica*, como importante estratégia para mediar o projeto do grupo com a sociedade. As comédias e dramas encenados nas casas dos sócios ganhavam intencionalidade, onde citamos “Os Filhos da Noite”, “O Criado confidente”, “Gonzaga ou a revolução de Minas”, “Waudeville”, “A ruína das instituições”, “A esterilidade das ideias progressistas”, “O indiferentismo dos sócios”, “A montanha partiu um ratinho”, “A política no Brasil”, “O Mundo é de quem apanha”, “Amor e Pátria”, “A força do sexo fraco”.<sup>267</sup> Todas as peças retratavam questões

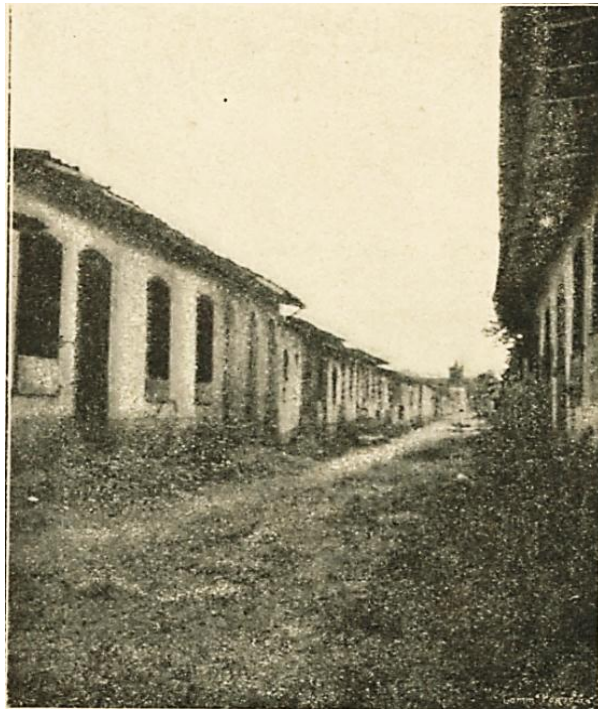
<sup>265</sup> Eram seus editores Amora Nunes e Olavo Nunes, filho e sobrinho de Araújo Nunes, que a época estudavam na Escola Normal em Belém.

<sup>266</sup> Revista *A Escola*, ed. 05 de 01/08/1892, p. 01.

<sup>267</sup> *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 41 de 05/04/1877, p. 03; *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 41 de 05/04/1877, p. 04; *O Liberal da Vigia*, Vigia, ed. 42 de 12/04/1877, p.03-04; *O Liberal da Vigia*, Vigia,

contemporâneas e “mensagens moralizantes afinadas com os códigos de comportamento europeu”, tais como a construção da nacionalidade, a crítica ao hábito de fumar tabaco de corda e a indiferença das pessoas as instituições úteis, como as criadas por eles. Na prática era um teatro amador,<sup>268</sup> feito por um clube de trabalhadores, que desejavam fortalecer internamente e com certos segmentos da sociedade, a moralidade dos costumes, muito em voga entre os letrados no Brasil imperial. Certamente os membros dessa Entidade foram influenciados pelo movimento teatral, que circulava em cidades maiores como o Rio de Janeiro<sup>269</sup> ou mesmo em Belém, onde as companhias internacionais se apresentavam, levando até mesmo o poder público da capital do Grão-Pará a construir o Teatro da Paz nos anos de 1880.

*Imagem 28: Fotogravura da Rua de Nazareth da cidade de Vigia, 1904.*



Fonte: CORRÊA, José Augusto. *Chronica Planetária: viagem a volta do mundo*, 1904, Lisboa: Typ da Empreza da Historia de Portugal, 1904, p.489.

---

ed. 43 de 19/04/1877, p. 05; *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 49 de 31/05/1877, p.03; *O Espelho*. Vigia, ed. 01 de 01/09/1878, p. 03; *O Espelho*. Vigia, ed. 04 de 22/09/1878, p. 01.

<sup>268</sup> A primeira comissão dramática da Philo Scenica foi formada por João José Felipe, Rodrigues da Piedade e Joaquim J. Cardoso, que emprestavam objetos das famílias para as representações. *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 41 de 05/04/1877, p. 04.

<sup>269</sup> Sobre um breve histórico do movimento teatral no Brasil, os autores, técnicos, diretores, atores e produtores, gênero prediletos importados da Europa, os espetáculos como importante espaço de debate político, os significados do teatro e o papel do ator na sociedade oitocentista, ler: ABREU, Marta & MARZANO, Andrea. Teatro. In: VAIFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil imperial*. RJ: Objetiva, 2002, p. 691-694.

A localização dos espaços de sociabilidade do grupo demarcava a sua territorialidade, e mesmo com a evolução dos meios de comunicação e de locomoção, o lugar era essencial. A Rua de Nazaré e o largo da Igreja Matriz no núcleo urbano foram inicialmente à base da construção e execução do projeto civilizador. A exemplo da mobilidade das ações do grupo, o Recreio Literário, localizado nesse espaço, absorveu apenas os moradores que viviam nesse entorno. Dessa forma, o crescimento do grupo se deu gradualmente a partir desse lugar, fortalecendo inicialmente os laços de coesão e posteriormente expandindo as relações com outros segmentos da sociedade.

Com o passar dos anos, “os humildes peregrinos” construíram relações com outros grupos letrados das vilas próximas, na perspectiva de influenciar e ampliar sua abrangência social e territorial. A esse respeito, na véspera do Natal de 1877, uma comitiva com vários letrados, que integravam as sociedades literárias, partiu de barco do porto de Vigia e desembarcou, após 10h de viagem, na vila de São Caetano de Odivelas.<sup>270</sup> Entre eles, Manoel Epaminondas de Vasconcelos Palheta, representando a “Treze de Dezembro”, Bertoldo Nunes pela “Cinco de Agosto”, Francisco de Assis das Chagas pela “Terpsichore Vigienense” e Augusto Pinheiro em nome da “Philo Scenica”. Eles hospedaram-se na casa de alguns amigos, como Jacob Baptista Dalmacio. O momento era especial, pois no dia seguinte, às 10h da manhã, com a presença de muitos senhores, nasceu a Sociedade literária e teatral Odivelense, presidida pelo professor João Rodrigues dos Santos. A cerimônia contou com discursos enfáticos sobre o triunfo da civilização que essas Entidades, irmãs de trabalho, buscavam propagar na sociedade. Para isso inauguraram naquele dia uma biblioteca e um pequeno teatro, espaços que serviram para o desenvolvimento das ações civilizatórias. Os grupos letrados envolvidos na cerimônia acreditavam que a fundação, dessas Instituições, era resultado de uma consciência coletiva, que impulsionaria o conhecimento dos deveres sociais do cidadão em busca da defesa de causas importantes como: a liberdade, a igualdade e a fraternidade das nações, bandeiras de luta do movimento iluminista europeu, que em território do nordeste amazônico, era vivenciado pelo viés da cidadania política.

---

<sup>270</sup> A comitiva das literárias da Vigia era composta por Bertoldo Nunes, Augusto Ramos Pinheiro, João Marques, Manoel Epaminondas, Raimundo Nunes da Costa, João José Felipe, Manoel M. de Oliveira, Candido A. D. Amoras, Francisco A. das Chagas. Já o grupo letrado fundador da literária Odivelense era composto por Jacob Batista Dalmacio, Dinis Joaquim Maciel, Francisco Antônio da Rocha, professor João Roiz, Manoel Theodoro Guimaraes Ataíde, João Ricardo de Oliveira Ramos e Manoel Joaquim Garça. *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 28 de 30/12/1877. In: *A Constituição*. Belém, ed. 11 de 14/01/1878, p. 02.

Do mesmo modo, “os humildes peregrinos” na vanguarda do processo civilizador na Comarca de Vigia, continuavam a tecer sua rede de sociabilidade através das práticas culturais, influenciando uma geração de letrados, que ao deslocarem-se pelos núcleos urbanos desenvolveram um estilo de vida, onde a instrução, a religião e a consciência social estavam juntas na construção de uma nova sociedade. Tal como em São Caetano de Odivelas, outras sociedades surgiram entre os anos de 1883 a 1886, grupos letrados da vila de Curuçá criaram a Sociedade Teatral Abolicionista, a Sociedade Teatral Perseverança e o Club Henrique Gurjão, que contavam com membros da família Pinheiro, entre os quais Augusto Ramos Pinheiro e Manoel Roque Pinheiro, formados nas escolas públicas de Vigia. É importante ressaltar que os Pinheiros também fizeram parte do grupo do professor Araújo Nunes, ou seja, compartilhavam dos mesmos objetivos. Ao peregrinarem pelos núcleos urbanos da Comarca, influenciaram a formação de outros grupos letrados, com um conjunto de ideias semelhantes.<sup>271</sup>

Imagem 29: Lista de livros da Biblioteca da Sociedade “Cinco de Agosto”, 1940.

Bibliotheca da Sociedade			Litteraria e Beneficente “5 de Agosto”		
N.º de Livro	N.º de Volumes	NOME DE OBRAS	Lingua	Assumpção	AUCTORES
121	✓ 1	Luzes de amor	Portuguesa	Poesia	Milton Diaz Sagulha
122	✓ 1	Jesus de Maria	Castelhano	"	Cláudio Suss
125	✓ 1	Leões da Alcaidaria	Portuguesa	"	Antonio Souza
129	✓ 1	Poesias	"	Philosophia	Paul Kelly
125	✓ 1	Compendio de Philosophia	"	"	Dr. Bernardo Augusto de Moraes
126	✓ 1	Dois Sabores	Francesa	"	João Ribeiro
127	✓ 1	A Liberdade e a Regularidade	Portuguesa	Biologia	Federico Francisco de S. Jansen
128	✓ 1	Philosophia Divina e Humana	Francesa	Philosophia	José Augusto Borcia
129	✓ 1	Elementos de Philosophia Scientifica	Portuguesa	"	Dr. Alves do Santos
130	✓ 1	O Fundamento da Obrigação Moral	"	Moral	A. Pompio
131	✓ 1	Compendio de Moralidade Christã	"	"	D. Estímulo de Mercedes Costa
132	✓ 1	Methodo de Ser Sely ou Cathecismo de Moral	"	"	L. E. S.
133	✓ 2	Curso de Morale	Francesa	"	E. A. Demontier
134	✓ 1	Juramental	Portuguesa	Puramento	"
135	✓ 1	Moraximas e Puramento	"	"	Luiz José de Andrade Pinheiro
136	✓ 1	Castelhana	"	Sciencia	J. de B. Barlet
137	✓ 1	Sciencia e Litteratura	"	"	José Augusto Borcia
138	✓ 3	Os Maravilhas Celestes	"	"	Samuelo Samarion
139	✓ 1	A Enciclopedia Universal	"	"	Dr. Le Baron de Biefield
140	✓ 1	O Brasil Pre-historico	"	Ethnologia	Comy Ray <sup>te</sup> Ulysses de Pennafort
141	✓ 1	Secretos do Governo Provisorio	"	Legislacao	X
142	✓ 1	Secretos do Governo Republicano	"	"	X
143	✓ 1	Moraximas	"	"	X
144	✓ 1	Leões Provençes	"	"	X
145	✓ 1	Da Guarda Nacional	"	"	"
146	✓ 1	Quilho os Meas	"	Mexico	Dr. La Jernine
147	✓ 1	A Quarta da Vacina	"	"	Dr. Baqueira Local
148	✓ 1	Fracturas do Osso	"	"	Silva Pereira Lima
149	✓ 1	Tratamento da Loucura	"	"	"
150	✓ 1	El Sabe Amarella	Francesa	"	Ricardo Jorge

Fonte: FERREIRA, Raul. *Catálogo da biblioteca da Sociedade “Cinco de Agosto”, 1943*. ASCA. Fundo: Sociedade “Cinco de Agosto”. Cx. Única.

Vilhena Alves, idealizador do Recreio Literário e da Sociedade “Cinco de Agosto” era um dos mais persistentes na busca da sociedade que tanto sonhava em ver.

<sup>271</sup> *O Curuçense*. Curuçá, ed. única de 16/12/1888, p.2-3.

Em janeiro de 1882, liderou “os humildes peregrinos” e abriu o Externato Atheneu Vigiense, estabelecimento de ensino com aulas à noite, onde os jovens puderam avançar nos estudos. Com a ajuda de amigos, ele comprou objetos indispensáveis para as aulas, tais como: mapas de parede, atlas, dicionários, compêndios de gramática e de outras disciplinas como de geografia, álgebra, cosmografia, além de um globo terrestre, inclusive com a colaboração do comerciante de Belém Agostinho José de Almeida, seu mecenas. As matérias ministradas eram de francês, português, geografia, aritmética, cosmologia, história, geometria e álgebra. Após um ano de funcionamento, o Atheneu fechou, pois Vilhena Alves precisou trabalhar no turno que inviabilizou atender o externato. Mas, no início de 1884 foi reaberto, cujo ato contou com Banda de Música e a participação de muitos cavalheiros, como: o Juiz interino, professor Cornélio, Araújo Nunes, Bertoldo Nunes (vice-presidente do Colégio Franco Brasileiro), Capitães Francisco Palha, Gemino Nunes, Manoel Felipe da Costa, Francisco Raiol, Raymundo Nunes, Abraão Ataíde e muitos outros. Entre os alunos matriculados estavam José Lizardo do Espírito Santo, Frederico Augusto de Moura Palha, Pedro Nolasco da Silva e Hilário Máximo de Santa Ana, que iniciou seus estudos na vila de São Caetano de Odivelas. Apesar da baixa matrícula, sete ou oito alunos, somava-se a eles a juventude que frequentou os espaços de sociabilidade, já mencionados anteriormente. Para tanto o poeta Vilhena Alves contou com a ajuda de Fernandes Belo, professor de história e geografia, nessa cruzada pela ciência contra a ignorância,<sup>272</sup> porém essa iniciativa não durou muito tempo.

No entanto, foi com o florescer das sociedades literárias que as salas de leitura ganharam maior relevância para o desenvolvimento do projeto do grupo,<sup>273</sup> tornando-se a mais eficaz e duradoura das estratégias, pois na dinâmica de funcionamento das escolas e edição de jornais, necessitavam de recursos humanos especializados e a aplicação constante de capital financeiro. Já para as bibliotecas, após a aquisição das obras, o funcionamento aconteceria facilmente, cabendo ao 2º secretário a função de bibliotecário.<sup>274</sup> A sala de leitura da Sociedade “Cinco de Agosto” situada na residência do professor Araújo Nunes, herdou os livros do Recreio Literário, cujo acervo foi

---

<sup>272</sup> *Diário de Belém*. Belém, ed. 23 de 27/01/1884, p. 03.

<sup>273</sup> O grupo de Araújo Nunes contava com duas bibliotecas: a da Sociedade “Cinco de Agosto” e da Sociedade “Treze de Dezembro” sem que desta tenhamos encontrado informações sobre a temática e a quantidade de títulos, bem como da sala de leitura da Sociedade literária e teatral Odivelense.

<sup>274</sup> Escola, periódico e biblioteca representavam o tripé de atuação das sociedades literárias, inclusive previsto em estatuto. Por outro lado, tornar realidade esse corpo de práticas nem sempre era tarefa fácil.

gradativamente ampliado com a ajuda dos sócios efetivos <sup>275</sup>, do estado e de outros colaboradores. O presidente da Província incentivava a circulação de impressos, enviando remessas aos círculos letrados que a ele recorriam. Foi assim que chegou ao acervo dessa Entidade o *Diário de Pernambuco*, a Revista Ilustração Brasileira, Relatórios de trabalhos estatísticos do Império, a Revista do Instituto Arqueológico de Pernambuco, a Revista *Escola* e o *Diário Oficial do Império*.<sup>276</sup> Esses exemplares divulgavam uma imagem positiva do governo e, em contrapartida, propagavam as ideias de civilização, demonstrando que a circulação dos impressos nas cidades interioranas, dependeria muito mais dos grupos letrados do que do poder oficialmente constituído.

Com os avanços dos meios de comunicação, os secretários dessas sociedades de letras não se furtavam em enviar correspondências a locais distantes, divulgando as ações do grupo, os benefícios sociais alcançados e pedindo doações para a biblioteca, como o fez Bertoldo Nunes a Diretoria Geral de Estatística da Corte, na cidade do Rio de Janeiro, que em resposta enviou o Relatório dos trabalhos estatísticos do ano de 1879 para a principal sala de leitura do grupo. <sup>277</sup> Assim, as redes de sociabilidade se relacionavam com as instâncias do poder estatal, objetivando unir a nação através da instrução. Além disso, as amizades entre certos intelectuais de Vigia e da capital ajudaram a ampliar o acervo livresco do grupo, foram várias as contribuições para a manutenção desse espaço. O senhor Francisco Dias Botelho doou algumas estantes, Avelino Tavares Cardoso, outros livros,<sup>278</sup> o Dr. Domingos Antônio Raiol um mapa geográfico do império <sup>279</sup>e o Dr. João Capistrano Bandeira de Melo, mais livros. <sup>280</sup> Apesar disso, o maior investimento recaía sobre os membros das Entidades, que por meio das mensalidades, adquiriam mais livros, chegando a comprar 1.680 referências para a sala de leitura da Sociedade “Cinco de Agosto” no final dos oitocentos, entre periódicos, revistas e livros, fortalecendo a prática cultural mais duradoura e de maior

<sup>275</sup> Os idealizadores do Recreio Literário usaram dois mecanismos para captar recursos destinados a compra de livros: a cobrança de uma taxa anual dos alunos adultos e a realização de subscrições. Já com as sociedades literárias, a mensalidade dos sócios financiava, em grande parte, a aquisição dos livros.

<sup>276</sup> *Ofício da Sociedade Literária e Beneficente Cinco de Agosto ao Presidente da Província do Grão-Pará em 28/12/1876*. APEP. Fundo: Secretaria da Presidência da Província. Série: ofícios. Cx. 312, ofício de diversas sociedades, doc. 40; *Ofício da Sociedade Literária e Beneficente Cinco de Agosto com o Presidente da Província do Pará em 09/10/1877*. APEP. Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Série: ofícios. Cx. 312, ofício de diversas sociedades, doc. 41; *Ofício da Sociedade Literária e Beneficente Cinco de Agosto com o Presidente da Província do Pará em 11/08/1877*. APEP. Fundo: Secretaria da Presidência da Província. Série: ofícios. Cx. 312, ofício de diversas sociedades, doc. 39

<sup>277</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 30 de 27/04/1879, p. 02.

<sup>278</sup> *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 48 de 25/05/1877, p.04.

<sup>279</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 36 de 09/06/1879, p. 02.

<sup>280</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 09 de 18/01/1880, p. 01.

impacto sobre a formação intelectual do grupo, e de certos segmentos da sociedade de Vigia de Nazareth.

*Imagem 30:* No séc. XX, a biblioteca passou para a sede própria da “Cinco de Agosto”, 1939.<sup>281</sup>



Fonte: *O Cinco de Agosto*. Vigia, ed. 05 de 01/01/1938, p.03.

Nessas bibliotecas frequentadas pelo grupo na década de 1870, desenvolveu-se uma postura inovadora com relação à leitura dos impressos, despertando o espírito irrequieto dos letrados nos tempos da *Belle Epoque*, de características libertária e moralizante. A leitura vigiada e restrita de temas religiosos, isto é, que dominavam as mentalidades desde os tempos coloniais, deram espaço a livros de temáticas diversificadas, que podiam ser lidos livremente. O conteúdo de tais obras permitia ao

<sup>281</sup> No século XIX a Sociedade “Cinco de Agosto” não possuía sede social, assim a Biblioteca ficou por longos anos na casa do professor Araújo Nunes, no largo da Igreja Matriz até 1893, quando ele veio a falecer. Após isso a encontramos na casa de Manoel Felipe da Costa no início do século XX e com a construção da sede nos anos 1920, os armários com os livros ganharam um lugar fixo até que em 1997 o telhado ameaçou desabar e com isso foi retirado. A biblioteca peregrinou por vários espaços até ficar no “barracão” da casa de um sócio. As perdas desse período foram grandes. Em 2007, com a sede revitalizada, o que restou do acervo da biblioteca, retornou, cujo catálogo das obras raras e das obras comuns encontram-se disponíveis no site Institucional ([www.cincodeagosto.tk](http://www.cincodeagosto.tk)). Dessa forma, chegamos até os títulos disponíveis no século XIX por este catálogo, bem como pelos livros enrolados no processo que envolveu obras censuradas em 1909 e o catálogo que foi feito em 1943 pelo presidente Raul Ferreira. *Discurso de Jonas José Ferreira pronunciado em 05 de agosto de 1920 na Sociedade “Cinco de Agosto”* In: Exerptos do livro de Miscellaneas do Tenente Coronel Jonas José Ferreira; FERREIRA, Raul: *Catalogo dos títulos da Biblioteca da Sociedade “Cinco de Agosto”, 1943*. ASCA. Fundo: Cinco de Agosto. Cx. Única.



leitor incorporar uma moral civilizada.<sup>282</sup> Portanto, a ampliação e divulgação de novas ideias, por meio dos livros, influenciaram os leitores na forma de pensar e agir, moldando suas ações sociais e políticas, refletindo até mesmo em sua escrita. Entre as temáticas de predileção estavam obras de literatura, romances, poesias e ficção, que difundiam as correntes ideológicas do liberalismo e do positivismo, além de religião, geografia, história e matemática.<sup>283</sup> A importância da biblioteca na formação dos membros do grupo e dos leitores da região, foi basilar para a construção de uma nova sociedade.

Em relação às influências das leituras, em outubro de 1872, Vilhena Alves publicou um extenso artigo no periódico *A Boa Nova*, discorrendo sobre sua preocupação com a situação dos órfãos em Vigia de Nazareth, advindo de sua própria experiência pessoal e consciência sobre as crianças desamparadas. Discorreu sobre essa questão, analisando o mundo grego e outros lugares de referência, tendo como base a leitura da obra *História Universal*, publicada em vários volumes, escrita pelo intelectual italiano Cesar Cantu, bem como o periódico *Primeiro de Janeiro* editado na corte do Império Brasileiro.<sup>284</sup> Constatamos assim, que os livros e jornais formaram a base do conhecimento desses letrados nos recantos da cidade.

Entre as obras que auxiliaram na formação e atuação do núcleo docente do grupo, nas estantes da Biblioteca da Sociedade “Cinco de Agosto”, encontramos também correntes ideológicas que muito influenciaram a visão de mundo dos letrados e seus escritos. Inspirados no modelo europeu para a construção da nação brasileira, sobretudo da França, era natural que obras de autores estrangeiros estivessem entre os acervos desses espaços, como exemplo as obras dos portugueses Alexandre Herculano<sup>285</sup> e Antônio Feliciano de Castilhos<sup>286</sup>, os quais pertenceram a escola romântica externando em seus escritos o sentimentalismo, o nacionalismo, a exaltação da natureza, o nativismo, as particularidades históricas e geográficas do local e a defesa

---

<sup>282</sup> SOEIRO, Igo. *A Sociedade Literária e Beneficente Cinco de Agosto da cidade de Vigia (1871-1883)*. Dissertação de Mestrado em História Social da Amazônia. UFPA: 2012, p. 70-76.

<sup>283</sup> De matemática citamos: *Traite Elementaire de Trigonometria* (S.-F. Lacroix); *Termodinamica* (Carlo Cattaneo); *Engenheiro de Algibeira* (Carlos Augusto Pinto Ferreira); *Geometria Algebrica* (Samuel de Oliveira e L. Bittencourt); *Explosifs Nitrés* (J. Daniel); *Arithmetica Prática*.

<sup>284</sup> *A Boa Nova*. Belém, ed. 36 de 10/06/1872, p. 03-04.

<sup>285</sup> *Cartas sobre a história de Portugal* (1856), *O Monge de Cister* (1886), *Composições Várias* (1898), *Opúsculo Tomo VII* (1898), *Lendas e Narrativas* (1851).

<sup>286</sup> *Ode* (1816), *Theatro de Castilho* (1864), *Garcia de Rezende* (1865).

da liberdade de expressão. Outras leituras também serviram de referência como as do francês Júlio Verne,<sup>287</sup> que narrou sobre literatura ficcional.

**Quadro 04: A literatura foi o tema predileto nas leituras dos “humildes peregrinos”.**

<b>Obra</b>	<b>Autor</b>	<b>Ano</b>
Soldado Prático	Diogo do Couto	1790
Cours de Morale	C. A. Demoustier	1809
Ode	A. F. de Cstilhaos	1816
Oeuvres de Don Barthelemi	J. -A. Llorente	1822
Mémoires de la Duchesse d’Abrantes	Biografia	1831
Suspiros Poéticos		1834
A Allemanha	Henrique Heine	1834
História de Gil Braz de Santilha	Lesage	1837
Opusculos	A. Herculano	1838
Monumentos Patrios	A.Herculano	1838
Histoire Universali e de L’Eglise	Jean Alzag	1849
O Judeo Errante	Eugênio Sue	1850
A Natureza	José Agostinho de Macedo	1854
Cartas	A. Herculano	1856
O Judeu Errante Nova Tradução	Eugênio Sue	1851
Scenas da Familia	A.C. de Lacerda	1857
O Espelho	Machado de Assis	1859
Ornamentos da Memória	J.F. Roquette	1862
Comentários de Caio Júlio Cezar	Francisco Sotero dos Reis	1862
Theatro de Castilho	A.F. de Castilho	1864
Os Homens domar	Jardim do Povo	1866
Garcia de Rezende	A.F. de Castilho	1865
Os Luziadas	Luís de Camões	1878
Brasileiros Ilustres	Pinheiro Chagas	1871
O Misanthropo	A.F. de Castilho	1874
As Maravilhas Celestes	Camilo Flarimarion	1881
Maria da Fonte	Camilo Castelo Branco	1885
Os Filhos do Capitão Grant	Júlio Verne	1886
Aventuras do Capitão Hatteras	Júlio Verne	1886
O Monge de Cister	A. Herculano	1886
John Bull	Ramacho Ortigão	1887
Nocturnos	Gonsalves Crespo	1888
A Casa a Vapor	Júlio Verner	1888
A Casa a Vapor	Júlio Verner	1888
Os Quinhentos Milhões da Begum	Júlio Verner	1888
Um Heroe de Quinze Anos	Júlio Verner	1888

<sup>287</sup> Citamos: Os Filhos do Capitão Grant, Aventuras do Capitão Hatteras, A Casa a Vapor, Os Quinhentos Milhões da Begum, Um Heroe de Quinze Anos, A Escola dos Robsons, Mathias Sandorf.

Autopsia da Velhice do Pe. Eterno	Pe. Senna Freitas	1888
A Escola dos Robsons	Júlio Verner	1889
A Escola dos Robsons	Júlio Verner	1889
Mathias Sandorf	Júlio Verner	1889
Kebraban o Cabeçudo “O Regresso”		1889
O Bilhete de Loteria Nº 9:672	Júlio Verner	1890
Crnélios Nepos	Julio Verner	1892

Fonte: Catálogo de obras raras da biblioteca da Sociedade “Cinco de Agosto” disponível no site [www.cincodeagosto.tk](http://www.cincodeagosto.tk)

A diversidade de correntes e pensamentos que circularam nas salas de leitura, por meio dos livros, ajudou a dinamizar as práticas sociais do grupo. Da corrente positivista veio à inspiração de Augusto Comte,<sup>288</sup> concedendo aos leitores as ideias do papel central do estado, que deveria ser governado por uma elite cultural, incorporando as classes populares na vida civil, através da instrução. A variedade de obras também abrangia autores nacionais como Machado de Assis, com o seu clássico *O Espelho*. Os livros chegavam pelas rotas marítimas, que conectavam comercialmente Vigia a outras províncias como Belém, porto que escoava e recebia as mercadorias vindas da Europa, EUA e de Maranhão, província vizinha, terra do literato Gonçalves Dias e do prestigioso Instituto de Humanidades, referência escolar desenvolvida pelo grupo. O projeto de sociedade almejada pelos “humildes peregrinos” foi reforçado pelas leituras que tiveram acesso, enfatizando a importância da participação das pessoas na conjuntura social e política.<sup>289</sup>

Assim, a partir de 1871, os trabalhadores de condição livre, que moravam nos núcleos urbanos da Comarca passaram a ser o segmento principal por onde o grupo de Araújo Nunes desenvolveria o projeto sociopolítico. Em Vigia de Nazareth, as famílias remediadas com ao menos o saber escolar, se adequaram as propostas civilizadoras. No

<sup>288</sup> Catecismo Positivista, Philosophia Positive, Cours de Philosophia Positiva.

<sup>289</sup> Diferentes grupos letrados na Província do Grão-Pará também organizaram salas de leitura com acervos e funções semelhantes aos dos “humildes peregrinos” em Vigia, ou seja, propagaram um projeto social e político, tal como ocorreu nas cidades de São Caetano de Odivelas, Cametá, Bragança, Ponta de Pedras, entre outras, a maioria dessas bibliotecas, pouco sabemos do seu acervo, dado a efemeridade dos agrupamentos. No entanto, esses espaços existiram normalmente com poucos títulos, funcionando na casa do presidente da Entidade, cuja dinâmica de composição literária seguia o tripé: subvenção estatal, doações de amigos e aquisição por parte dos membros das entidades. Em Belém encontramos bibliotecas, em fins do século XIX, por exemplo, a do Clube Santista, a do Grêmio Literário Português, a Biblioteca do Pará, que se tornou embrião da atual Biblioteca Estadual Arthur Vianna, além de outras. Sobre isso ler: ARAUJO, Joseane Sousa. *Arquivos, bibliotecas e periódicos na Vigia oitocentista*. Dissertação de Mestrado, UFPA, 2011, p. 47- 48; AUGUSTI, Valéria. *Considerações sobre a constituição do acervo do Grêmio Literário Português de Belém do Pará*. In: COLE (Congresso de Leitura do Brasil), 17, 2009, UNICAMP-Campinas, SP, comunicação. Disponível em: [http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes\\_antiores/anais17/txtcompletos/sem01/COLE\\_1288.pdf](http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_antiores/anais17/txtcompletos/sem01/COLE_1288.pdf). Acesso em (20 jun. 2011).

entanto, há um silêncio nas ações e escritos desses letrados com relação a outros segmentos sociais, como, por exemplo, os povos indígenas, que a literatura jesuítica do século XVIII, mostra existirem em grande quantidade na região. Provavelmente, nesse momento, estavam isolados nas florestas, sucumbindo ao processo colonizador ou sendo incorporados pela miscigenação.

Já com relação aos escravizados, de origem africana, viviam principalmente no meio rural, trabalhando nos engenhos ou nas dinâmicas de produção de outras culturas. Os que residiam na cidade trabalhavam no ambiente doméstico ou nos ofícios urbanos. Em 1839 eles eram cerca de 339,<sup>290</sup> chegando a totalizar mais de 700 na década de 1870, conforme levantamento feito por Vicente Salles, a partir dos Relatórios dos Presidentes da Província.<sup>291</sup> Os dados oficiais do Estado, com base na matrícula de escravos, apontam para 733 em 1873 e 395 em maio de 1884,<sup>292</sup> mostrando uma diminuição ocasionada por fatores como morte e alforrias, compradas através do fundo de emancipação ou concedidas espontaneamente pelos senhores.

Nesse aspecto, um agrupamento tão heterogêneo de letrados não poderia ter unanimidade sobre o tema, no geral, os escravizados, apesar de estarem presente na estrutura social da cidade, não eram contemplados pelo projeto de sociedade civilizada, sendo o ato de alforriar visto como uma atitude de caridade cristã. Sobre isso, na sessão magna de posse dos novos diretores da Sociedade “Cinco de Agosto”, feita na casa do professor Nunes em agosto de 1879, a Comissão de socorros comprou a Carta de liberdade do escravinho Sebastião, de propriedade de Maria de Nazaré Ferreira de Sousa. O documento foi entregue ao presidente da Entidade que pediu ao professor Gerônimo Alves de Mello que entregasse ao liberto ali presente. Durante o ato, Araújo Nunes disse: “vai pobre criança. Vai! é só praticando atos como este que a sociedade poderá repetir um dia com o divino mestre: não há mais servos nem senhores”, sendo aplaudido por todos.<sup>293</sup>

Apesar das atitudes enquanto homem civilizado, Araújo Nunes não viu com estranheza o fato da filha Balbina receber o escravinho Pedro, do espólio da avó materna, e somente no ano de 1880 nomeou um procurador em Belém, especialmente

<sup>290</sup> BAENA, Antônio Ladislau Monteiro. *Ensaio Corográfico sobre a Província do Pará*. Pará, Typographia de Santos & menor, 1939, p. 378.

<sup>291</sup> SALLES, Vicente. *O Negro na formação da sociedade paraense*. Belém: Paka-Tatu, 2004, p. 105.

<sup>292</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 249 de 29/10/1884, p. 02.

<sup>293</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 182 de 12/08/1879, p. 01.

para dispor desse, já com 16 anos, para ser alugado, desde que o cativo permanecesse fora da cidade de Vigia,<sup>294</sup> ou seja, o professor queria desvincular sua imagem pública de letrado conivente com a escravidão, considerando o crescimento do movimento abolicionista no Brasil, sem deixar de lado a materialidade da questão. Outros letrados também se posicionaram, Augusto Pinheiro e Manoel Epaminondas, formados nas estruturas educacionais criadas pelo grupo, usaram as páginas do periódico *O Espelho*, para externar a visão que boa parte do grupo tinha sobre os escravizados, a obediência ao senhor e a de ocuparem as relações de trabalho. Em vista disso, ao receberem a notícia de que um morador, supostamente negro, estava ensinando alguns alunos a ler e escrever no Arapiranga, inclusive aplicando castigos físicos, se mostraram indignados, pois não seria esse o papel dos homens de cor para o grupo.<sup>295</sup> Eles chegaram a pedir que a polícia investigasse a suposta existência de uma Sociedade de escravos de nome “Pedreiros Livres”. A divergência de opiniões sobre o assunto deve-se pelo fato de alguns letrados possuírem cativos, como é o caso Januário Napoleão Nunes de Moraes, Adrião Batalha e Jonas José Ferreira,<sup>296</sup> enquanto outros não tinham sequer um, pela própria condição de pobreza.

Ainda sobre o regime de escravidão presente no contexto social vigiense, outros membros do grupo ao longo dos anos de 1870 adotaram postura favorável à liberdade dos africanos. Foi o caso de Bertoldo Nunes, Gemino Nunes e Vilhena Alves. Bertoldo sob o ímpeto revolucionário observado desde os anos de 1870, comemorou em Vigia a vitória dos liberais em Belém, levando para ser lavrada em cartório a carta de alforria de um escravo. A partir de 1880, já em Belém, se destacou no movimento abolicionista paraense, atuando em Entidades como a Associação filantrópica de emancipação de escravos, com outros intelectuais como Samuel W. Mac-Dowell, José Veríssimo de Mattos, Paulinho de Brito, Magalhães Castro e Antônio Couto, os quais, pretendiam libertá-los pelos meios legais e cuidar para que fossem incluídos socialmente. Para tanto arrecadavam fundos e buscavam conscientizar a sociedade leitora através de um

<sup>294</sup> *Livro de Notas do 2º tabelião da cidade de Vigia Raymundo Nunes da Costa (1879-1882)*, p.163. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: Livros diversos. Cx. 01, Livro 15 A.

<sup>295</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 06 de 06/10/1878, p. 02; *O Espelho*. Vigia, ed. 15 de 15/12/1878, p. 03.

<sup>296</sup> *Carta de liberdade da escrava Antônia da Conceição*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: Livros diversos. Livro de Notas do 2º tabelião de Notas da cidade de Vigia Raymundo Nunes da Costa (1879-1882), 88f a 88v; *Documento de compra de escrava preta Carmelina, 1881*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: Livros diversos. Livro de Notas do 2º tabelião de Notas da cidade de Vigia Raymundo Nunes da Costa (1879-1882), f137.

periódico e a realização de Conferências públicas.<sup>297</sup> Atuaram na Comissão Central Emancipadora, Bertoldo, Gemino, Ignácio Moura e os demais colegas supracitados. As reuniões ocorriam no salão do Grêmio Literário português, onde organizavam as passeatas que saíam pelas ruas de Belém, arrecadando fundos para a compra de cartas de alforria.<sup>298</sup> Já Vilhena Alves participou em Vigia da Sociedade emancipadora 28 de setembro fundada em 1883, a qual publicou um jornal redigido por ele, que em seu número cinco, escreveu um artigo sobre propriedade individual e outro sobre energia elétrica.<sup>299</sup> Nesse contexto de discussão sobre a abolição da escravatura no Brasil, o engenheiro e professor negro, André Pinto Rebouças, em seu projeto de sociedade pelo viés educativo para a cidade do Rio de Janeiro, propôs reformas sociais e de educação, no final das décadas dos oitocentos, inserindo o negro nas políticas públicas, durante o processo de abolição e pós-abolição.<sup>300</sup>

Acrescido a esse contexto de mudanças na configuração social do Brasil, o grupo letrado direcionou seus esforços e seu projeto civilizador para as classes populares, para eles, um dos objetivos da proposta de sociedade civilizada era alcançar projeção social e a afirmação no campo intelectual da Província. Vilhena Alves buscou incessantemente isso, mesmo antes que as dinâmicas do grupo se consolidassem, editou seu primeiro livro na cidade de São Luiz, no Maranhão, no ano de 1868, denominado de *Monodia: coleção de poesias*.<sup>301</sup> O poeta do rio Guajará-Miri aproximou-se da primeira geração romântica, o indianismo, cujo nome mais conhecido no Brasil era Gonçalves Dias. A obra incluiu Vigia na rota do progresso, via linguagem literária, repleta de influências de autores estrangeiros, como Jean Baptiste Racine e Charles Augustin Sainte-Beuve, escritores contemporâneos a ele, e François de Malherbe, autor do século XVII. Sobre o escrito, ressaltou a imprensa maranhense a juventude do autor, sua pouca instrução, as poesias agradáveis, fluídas, com naturalidade e “toques esquisitos de

<sup>297</sup> *Gazeta de Notícias*. Belém, ed. 170 de 27/08/1881, p. 01; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 71 de 29/03/1882, p. 01.

<sup>298</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 123 de 08/06/1882, p. 02; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 119 de 29/05/1883, p. 03; *A Constituição*. Belém, ed. 125 de 31/05/1883, p. 02; *Diário de Notícias*. Belém, ed. 149 de 04/07/1883, p. 02.

<sup>299</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 249, de 29/10/1884, p. 02

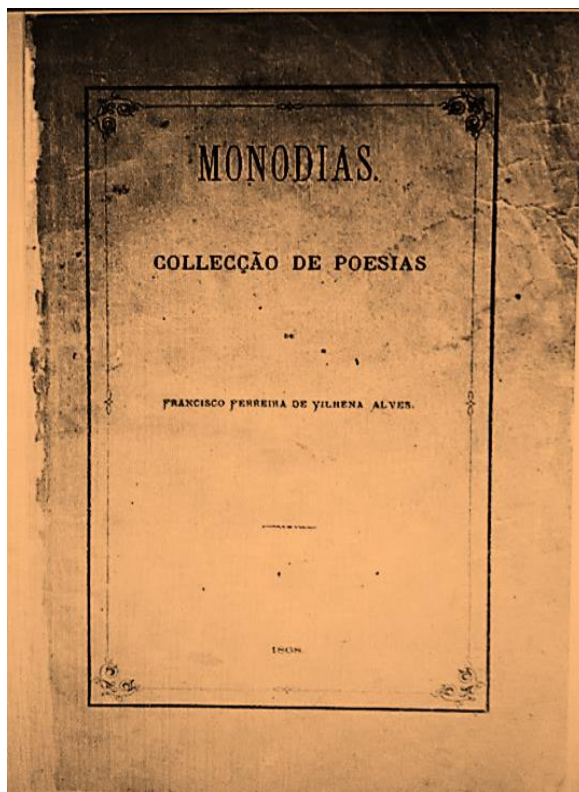
<sup>300</sup> SOUZA, Flávia Fernandes; TORRES, Rosane dos Santos. Liberdade e instrução: projetos e iniciativas abolicionistas para a educação popular (Rio de Janeiro, década de 1880). In: *Os intelectuais e a nação: educação, saúde e a construção de um Brasil moderno*. RJ: Contra Capa, 2013, p. 59-61.

<sup>301</sup> Um folheto de 199 páginas impresso na gráfica do sr. Belarmino de Matos em São Luís, juntamente com o terceiro volume de Obras Posthumas de Gonçalves Dias e a tradução de Paris na América de Eduardo Laboulaye feita pelo Dr. Pedro Nunes Leal. Vilhena Alves financiou a obra com a venda da casa que herdou dos pais na Rua de São Bernardo e a ajuda de sua rede de protetores. Nela observa-se o mundo social do autor, sua relação com a família de Santa Helena Magno, com o Bispo Diocesano e a família Pinheiro em Vigia.

delicadeza de espírito e imaginação”, porém se nota “desigualdade no esboço de assuntos e na tradução de assuntos individuais”, talentoso, falta-lhe aprimoramento nos estudos.<sup>302</sup>

De fato Vilhena Alves tornou-se conhecido entre seus pares, na Sociedade Literária Club Científico em Belém, a mensagem com tom de preocupação de Raymundo Joaquim Martins, encontrou nas obras de Domingos Raiol, Bezerra de Albuquerque e Vilhena Alves um alento ao triste estado da produção literária na Província. A literatura tornou-se sinônimo de instrução, ciência e progresso, linguagem mediadora de um projeto de sociedade.<sup>303</sup> Em maio de 1871, *Monodias* já se encontrava nas estantes da Biblioteca do Pará,<sup>304</sup> a obra expôs o impacto do mundo exterior na vida do jovem poeta, e ao cruzarmos as referências literárias de Vilhena Alves, na elaboração do livro, com as já citadas obras lidas no *Recreio Literário*, chegaremos ao perfil das leituras do grupo, com predileção aos escritores franceses Jean Baptiste Racine, Charles Augustin Sainte-Beuve e François de Malherbe.

*Imagem 31:* Capa do livro *Monodias: coleção de poesias*, escrito por Vilhena Alves em 1868.



Fonte: Coleção de Obras raras da Biblioteca Estadual Arthur Vianna.

<sup>302</sup> *Semanário Maranhense*. Maranhão, ed. 46 de 12/07/1868, p. 08.

<sup>303</sup> *Diário de Belém*. Belém, ed. 65 de 24/10/1868, p. 02.

<sup>304</sup> *Jornal do Pará*. Belém, ed. 97 de 03/05/1871, p. 01-02.

Soma-se ao repertório de práticas letradas do grupo, entre escolas e bibliotecas, o desenvolvimento da circulação de textos jornalísticos, sejam eles manuscritos ou impressos.<sup>305</sup> É sabido que desde os anos de 1850 editavam-se jornais manuscritos em Vigia, como *O Boquinha de Moça*, redigido por Thomas Celestino Nunes.<sup>306</sup> As escolas de ensino primário impulsionaram a propagação de escritos com esse formato, recurso utilizado para desenvolver a instrução dos alunos e inculcar neles os princípios de civilização. Os professores foram grandes incentivadores para a produção desses escritos, em 1872, Araújo Nunes e seus discípulos escreveram o jornalzinho *Grécia*, no ano seguinte, o professor adjunto Bertoldo Nunes e três alunos da escola, escreveram o *Palestra Escolar*, distribuído aos sábados as pessoas de elevada posição social da cidade, como o Juiz de Paz, o Promotor, o Vigário e os professores, enviado também ao Bispo diocesano e outras poucas pessoas. Essa iniciativa mereceu elogio do Pe. Luiz Gonçalves de Aragão e inspirou os professores Severiano Bezerra de Albuquerque e Vilhena Alves a seguir o exemplo, o que despertou a atenção da velha elite que desqualificava os escritos citados. Em 1873, Vilhena Alves e Bertoldo Nunes redigiram o *Recreio Juvenil* com o mesmo formato dos anteriores, apoiados pela Sociedade “Treze de Dezembro”, de teor literário e recreativo, desvinculado de uma percepção política, copiado pelos sócios em suas casas e distribuídos aos membros da Entidade com o apoio de Domingos Antônio Raiol.<sup>307</sup>

Esse momento da imprensa local foi marcado pela efemeridade e o alcance limitado das iniciativas desses homens, pois a baixa tiragem levava a circulação das ideias a um público pequeno, basicamente da confraria de letrados. Apesar disso, nota-se o esforço em se produzir os textos jornalísticos, oscilando entre projetos que visavam um aperfeiçoamento individual do letrado ou aqueles mais coletivos do grupo de Araújo Nunes. É importante frisar que a publicação de um periódico era iniciativa prevista no Estatuto das Entidades desses círculos letrados, porém nem todas conseguiram realizar

---

<sup>305</sup> Data dos anos de 1970 a disseminação da utilização dos jornais enquanto fonte de informação histórica. Atualmente os impressos são utilizados para embasar várias linhas de pesquisa, como a história cultural, mesmo com ressalvas no comprometimento do conteúdo de suas páginas e o fato de estampar, sobretudo, a voz de uma determinada elite cultural e econômica. Os periódicos podem ser entendidos como instrumentos de intervenção no contexto social e de manipulação de interesses. Para uma reflexão teórica dos jornais e os cuidados que o historiador precisa ter ao usá-lo, ver: LUCA, Tânia Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: *PINSKY*, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. 2 ed. SP: Contexto, 2006, p. 111-154.

<sup>306</sup> *Jornais Paraóaras: catálogo*. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1985, p. 362-363. Não localizamos nenhuma edição dos jornais manuscritos, primeira fase da história da imprensa periódica em Vigia.

<sup>307</sup> *Diário de Belém*. Belém, ed. 272, 29/11/1873, p.01-02.



esse feito, tanto é que a Sociedade “Cinco de Agosto” não desenvolveu um jornal nesse período, mas a “Treze de Dezembro” sim, como foi dito. Isso reforça a percepção de que a produção jornalística coletiva do grupo, não teve expressividade quanto às iniciativas individuais, pois mesmo não havendo uma profissionalização da função do redator, necessitava-se de alguém hábil na escrita e bom leitor para desenvolver o conteúdo, afinal na época poucos possuíam essa bagagem intelectual. Além disso, eles ocupavam-se em longas jornadas de trabalho, restando pouco tempo para se dedicar a escrita.

Até então os letrados da Vigia escreviam muito nos jornais da capital, com predomínio das notícias, cujo conteúdo os posicionava na arena política local e regional, bem como para informando ao grande público as ações beneficentes e educacionais ocorridas na cidade. As afinidades políticas e ideológicas os aproximavam de um ou outro periódico, o que certamente mudava com o tempo. Os “humildes peregrinos” tinham no *Jornal do Amazonas* e seu sucessor *O Liberal do Pará*, sua tribuna, sendo comum a publicidade de ações importantes para o grupo, como a criação do “Recreio Literário” em outubro de 1871,<sup>308</sup> ou mesmo as ações e contendas envolvendo a Sociedade “Cinco de Agosto”. Assim como no *Jornal do Pará*, órgão oficial de divulgação dos atos governamentais, já que o repertório de ações educativas do grupo, ajudava o Estado imperial a cumprir um papel constitucional, o que permitia um constante diálogo, através de trocas de correspondências divulgadas na imprensa ou diretamente entre as partes. No entanto, o que mais escreveram foram os artigos políticos, como o assinado pelo professor Nunes no *Liberal do Pará*, rebatendo as injúrias publicadas sobre ele nas páginas do *Diário do Gram-Pará*, adversário do grupo, no qual os articulistas, em outra matéria, acusaram os irmãos Nunes de ingratidão ao finado Pe. Luiz Gonçalves de Aragão, porém eles responderam serem devedores apenas ao Dr. Raiol, seu parente.<sup>309</sup> Nos anos iniciais da década de 1870, a boa relação dos membros do grupo com o Bispo possibilitou acesso às páginas do periódico *A Boa Nova*. Nele, Vilhena Alves, em junho de 1872, externava ao público, o desejo dos sócios em abrirem uma escola para a mocidade e adultos e instalar um Asilo para os órfãos. Tais propostas demonstravam que isso era progresso para Vigia, mesmo que por vezes houvesse contradição entre o divulgado e o executado, já que a escola só ganhou

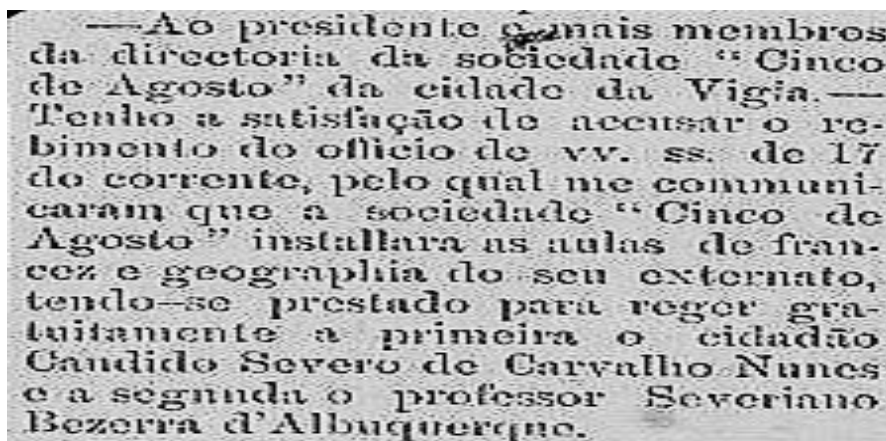
<sup>308</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 225, 10/10/1871, p. 01

<sup>309</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 239, 22/10/1873, p. 01-02; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 254, 09/11/1873, p.02;

vida em 1877 e o abrigo aos numerosos órfãos, ficou apenas no desejo.<sup>310</sup> Foi também nesse jornal religiosos, que eles resumiram uma sessão da “Cinco de Agosto” em outubro de 1872, com pauta sobre religião, beneficência, reforma do estatuto e a seriedade com que tratavam a pontualidade no pagamento das mensalidades dos sócios.

311

*Imagem 32: Notícia sobre a expansão das aulas no externato da Soc. “Cinco de Agosto”.*



Fonte: *Jornal do Pará*. Belém, ed. 280 de 08/12/1877, p. 01

A experiência jornalística dos letrados fora do contexto vigiense, está relacionada aos recursos disponíveis para a circulação dessas matérias, pois em Vigia somente com o avanço das técnicas de impressão e o barateamento dos prelos que surgiram as três tipografias, entre os anos de 1874 e 1876<sup>312</sup>. Nesse tempo áureo da cultura letrada local, cinco jornais organizados pelos grupos chegaram a circular simultaneamente, informando, influenciando, difundindo ideias e instruindo os jovens, conforme sua percepção social e projetos.<sup>313</sup> O contexto era propício à circulação da palavra escrita, pois o significativo aumento do número de escolas ampliou a comunidade leitora, soma-se a isso o nascimento dos espaços de sociabilidade letrada, tais como: o Recreio Literário, as Sociedades literárias, o externato de N.S. de Nazaré e as bibliotecas. Uma multiplicidade de jornais foi criada, mensageiros dos projetos

<sup>310</sup> *A Boa Nova*. Belém, ed. 36 de 10/06/1872, p. 03-04.

<sup>311</sup> *A Boa Nova*. Belém, ed. 67 de 30/10/1872, p. 03.

<sup>312</sup> A importância social dos tipógrafos em Vigia e nos núcleos urbanos da Amazônia merece um estudo à parte, mesmo com as dificuldades de captá-los, pelas escassas informações. Eles e as tipografias estavam no centro dos conflitos entre os grupos culturais locais, como veremos ao longo do capítulo III.

<sup>313</sup> JUNIOR, Álvaro Santos Simões, CAIRO, Luiz Roberto, RAPUCCI, Cleide Antônia (org.). *Intelectuais e imprensa; aspectos de uma complexa relação*. SP: Nankin, 2009, p. 09-12.

sociopolíticos dos grupos, que disputavam a atenção do leitor para o seu convencimento e adesão as propostas.<sup>314</sup>

#### Quadro 05: Grupos letrados da Vigia e seus periódicos.

Ano	Jornal	Redator/proprietário	Projeto sociopolítico
1874	<i>Vigiense</i>	Pe. Mâncio Caetano Ribeiro e Vilhena Alves	Católico
1874	<i>O Publicista</i>	Lauriano Antônio Gil de Sousa	Conservador
1876	<i>O Liberal da Vigia</i>	Araújo Nunes e Bertoldo Nunes	Civilizador cristão
1877	<i>O Orvalho</i>	Bertoldo Nunes	Civilizador cristão
1877	<i>O Espelho</i>	Augusto Ramos Pinheiro e Manoel Epaminondas de Vasconcelos Palheta	Civilizador cristão

O campo cultural vigiense dinamizou-se, com tipografias, redatores, periódicos e alguns trabalhadores. Os jornais produzidos eram em formato físico pequeno, dividido em duas colunas, quatro páginas, com tiragem limitada (não mais que 100 exemplares), custavam em média \$500 réis a assinatura mensal e \$120 por unidade, distribuídos na *urbe* aos domingos pelos próprios diretores-redatores, aos assinantes e a quem quisesse comprar.<sup>315</sup> Uma estratégia editorial comumente usada no início dos projetos editoriais era distribuir a primeira edição aos leitores e caso não devolvessem o exemplar, automaticamente tornavam-se assinantes. Vale lembrar, que a produção tinha uma estrutura artesanal, com equipamentos simples, um ou outro tipógrafo, diferentes dos da capital, com gráfica empresarial, comprada na Europa, tiragem de exemplar bem maior e estrutura de distribuição que exigia um quadro de funcionários amplo.<sup>316</sup> Contudo, os periódicos davam um pequeno retorno financeiro com a venda, porém as gráficas aumentaram significativamente a circulação de todo tipo de documento impresso, seja de serventia ao comércio ou as festas de santo.

Em janeiro de 1874, poucos meses depois de chegar a Vigia, o vigário Mâncio Caetano Ribeiro comprou o primeiro prelo. Em sequência, no mês de outubro do mesmo ano, Lauriano Antônio Gil de Sousa montou sua prensa. Em junho de 1876,

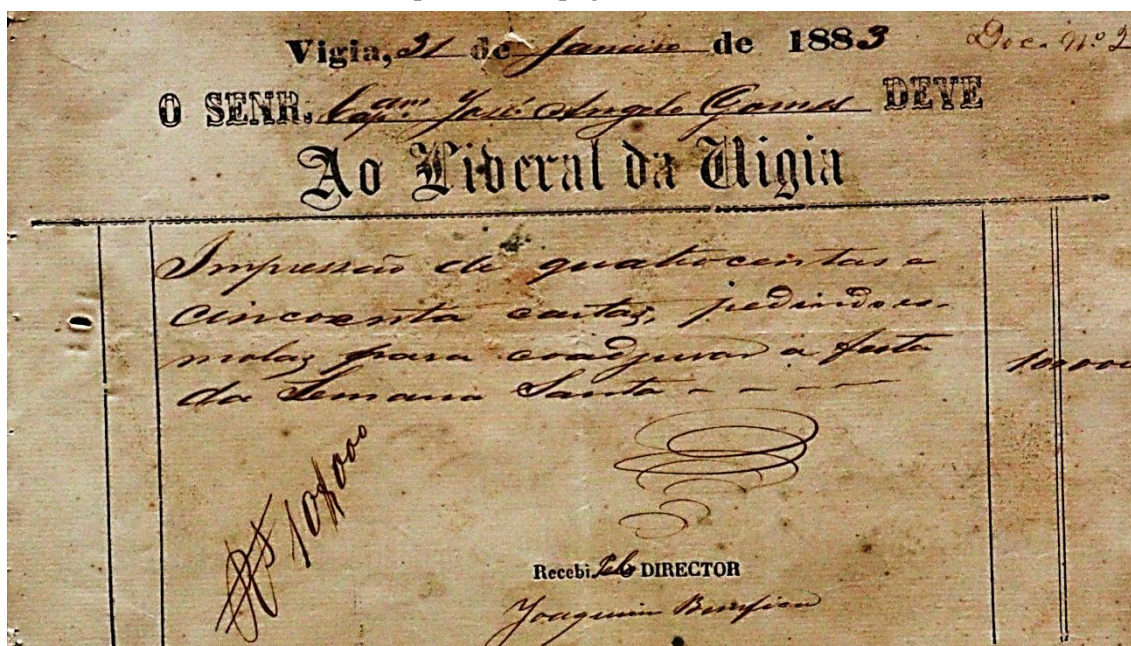
<sup>314</sup> FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Páginas antigas: uma introdução a leitura dos jornais paraenses, 1822-1922*. Revista Margens interdisciplinar, v.2, n° 3, 2005, 245-265.

<sup>315</sup> A pesquisa localizou apenas materiais das edições do *O Liberal da Vigia* e do *O Espelho*, os demais são transcrições de notícias reproduzidas nos jornais locais e de Belém.

<sup>316</sup> MOURA, Daniella de Almeida. *A imprensa periódica a serviço da República paraense (1886-1898)*. Tese de doutorado em História social da Amazônia. Belém: UFPA, 2021, p. 17-27.

Araújo e Bertoldo Nunes também montaram a sala de impressão dos “humildes peregrinos”, que custou mais de um conto de réis. Os irmãos hipotecaram os seus modestos vencimentos de professores e organizaram uma subscrição com seus amigos, filiados ao partido liberal da Vigia, São Caetano, Curuçá, Cintra e da capital e assim instalaram uma tipografia. Eles com apenas as aulas do curso primário e atuando como professores estiveram à frente dessa tipografia até o início da década de 1880.<sup>317</sup> Nela reproduziram *O Liberal da Vigia*, cujas paginas eram ocupadas principalmente por notícias do projeto político do grupo e as tensões entre os intelectuais, ora se defendendo, ora atacando ou denunciando.<sup>318</sup> Publicaram também as notícias sobre o avanço do ensino primário e as ações das sociedades literárias, divulgando, por exemplo, as primeiras representações dramáticas da Sociedade Philo Scenica ocorrida em abril de 1877.<sup>319</sup>

Imagem 33: Recibo impressos na tipografia do *O Liberal da Vigia*, 1883.



Fonte: Prestação de contas tomadas pelo tesoureiro da Irmandade do Santíssimo Sacramento junto a mesa de rendas da Comarca da Vigia, 1883. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: processos diversos. Cx. 15, doc. 22.

Em junho de 1877, Bertoldo Nunes usou a tipografia do *O Liberal da Vigia*, relacionado às dinâmicas de ação dos “humildes peregrino”, para a impressão do

<sup>317</sup> *O Democrata*. Belém, ed. 68 de 23/03/1890, p. 02. Bertoldo Nunes relata a história da montagem dessa tipografia em 1890, momento de grande tensão com Francisco de Moura Palha.

<sup>318</sup> Por seu conteúdo eminentemente político, esse periódico será analisado no capítulo III.

<sup>319</sup> *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 41 de 05/04/1877, p. 04.

periódico literário *O Orvalho*. Embora fosse escrito por um letrado externando sua erudição no meio intelectual, onde Vilhena Alves publicou artigos, a linha editorial seguia a filosofia do grupo, tendo por base o desenvolvimento da instrução do indivíduo. Em um artigo o professor Bertoldo solicitou as autoridades provinciais, a instalação de uma escola de ensino secundário, pois, para a mocidade interessada nas letras, restava apenas boas escolas primárias e as aulas noturnas de Francês, Geografia e outras matérias no Externato da Sociedade “Cinco de Agosto”. Continuou, dizendo ainda, que uma escola desse nível de ensino, beneficiaria os moradores de São Caetano de Odivelas, Curuçá, Marapanim e Cintra, que mandam seus moços estudarem em Vigia, pela facilidade de locomoção e de sustento diário, já que em Belém, o custo de vida era elevado.<sup>320</sup> A imprensa periódica deu voz a esses grupos letrados, de poucas posses, do interior da província, que careciam de representatividade política, mesmo que com o passar do tempo seus anseios não tenham sido atendidos.

*O Orvalho* circulou por cerca de três anos, semanalmente, mesmo que por motivos imperiosos, por vezes não fosse ao prelo. Os grupos letrados das cidades brasileiras usaram os periódicos como meio de comunicação, formando uma cadeia dinâmica de circulação dos impressos, imbuídos em propagar a cruzada pela instrução popular, processo facilitado pelo avanço dos meios de transporte, como o navio a vapor. A essa altura Bertoldo Nunes acumulava a direção do *O Liberal da Vigia* e do *Orvalho*, enaltecendo através desta última gazeta, a criação do Gabinete Literário de Marapanim, enviando a eles exemplares dos jornais impressos na tipografia, que funcionava em sua casa na Rua de Nazareth.<sup>321</sup>

Periódicos de vários lugares chegaram a Vigia como: *A Província* (Maceió),<sup>322</sup> o *Baixo Amazonas*,<sup>323</sup> a revista *Escola*, (Alagoas), os periódicos *Pedro II* (Ceará), *Soberania* (Pernambuco), *Nova Aurora* (Quissamam-Rio de Janeiro),<sup>324</sup> *Órgão do Povo* (Penedo-Alagoas), *Echo de Pirassununga* (São Paulo), *Postilhão* (Belém)<sup>325</sup> e até mesmo do Rio Grande do Sul veio o jornal *Saudade*.<sup>326</sup> Da mesma forma os periódicos editados em Vigia também permutavam para esses lugares. As redações dos jornais se tornaram importantes espaços de convívio intelectual, troca de ideias e de expansão do

<sup>320</sup> Transcrição do periódico literário *O Orvalho* de 1878. In: *O Democrata*, Belém, ed. 93 de 26/04/1890, p. 02.

<sup>321</sup> *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 16 de 05/10/1877, p.03.

<sup>322</sup> *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 42 de 12/04/1877, p.03

<sup>323</sup> *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 43 de 19/04/1877, p.03.

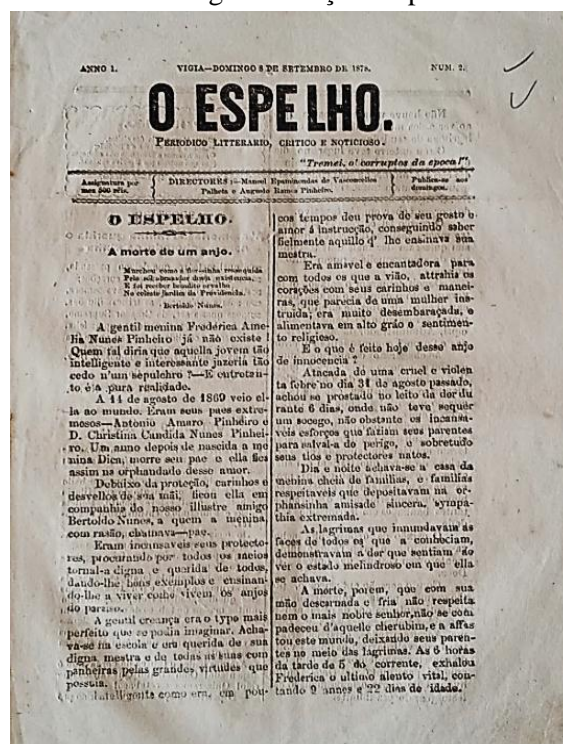
<sup>324</sup> *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 11 de 30/08/1877, p.03.

<sup>325</sup> *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 15 de 27/09/1877, p.02.

<sup>326</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 31 de 04/05/1879, p. 02

projeto dos grupos letrados e os jornais, significativo meio para instruir o leitor. Por vezes funcionavam como jornais-livros, como mostra uma coluna de *O Liberal da Vigia* em que se lia trechos da obra *O Capitão Paulo*, escrito por Alexandre Dumas, romancista e dramaturgo francês, autor de *Os Três Mosqueteiros* e *O Conde de Monte Cristo*,<sup>327</sup> obras disponíveis na biblioteca da Sociedade “Cinco de Agosto”. Os leitores tomavam conhecimento dos fatos locais e de outras partes do Brasil e do mundo pelos jornais, como *O Liberal da Vigia* que noticiou a morte do poeta e historiador Português Alexandre Herculano, lido pelos “humildes peregrinos”, no dia 25 de setembro de 1877, cujos redatores lamentaram a perda para a ciência.<sup>328</sup>

Imagem 34: Folha de rosto da segunda edição do periódico *O Espelho*, 1878.



Fonte: Biblioteca da Sociedade literária e beneficente “Cinco de Agosto”.

Com a intensa movimentação do grupo de Araújo Nunes nos anos de 1870, uma nova geração ingressou nos espaços de sociabilidade letrada, entre eles estão Augusto Ramos Pinheiro e Manoel Epaminondas de Vasconcelos Palheta, que atuaram na Sociedade “Philo Scenica” e estudaram no externato da Sociedade “Cinco de Agosto”. Instigados por seus mestres a cultivarem a inteligência e aproveitando a modesta

<sup>327</sup> *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 39 de 29/10/1882, p.01.

<sup>328</sup> *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 17 de 11/10/1877, p. 03.

estrutura tipográfica do grupo, escreveram o periódico *O Espelho*, que circulou entre 01 de setembro de 1878 a agosto do ano seguinte, ao preço de 120 réis o exemplar e 500 réis a assinatura mensal, com a proposta editorial de 39 edições, servindo tal como *O Orvalho* e o *Liberal da Vigia*, a serviço do projeto do grupo, defendendo os valores do homem civilizado, o progresso e a ciência.

As edições do *O Espelho* continham um editorial, artigo de abertura, escrito principalmente pelos redatores, mas outros letrados também usaram esse espaço, cuja notícia ocupava a primeira página e parte da segunda, e tendia a ser o “carro chefe” de cada exemplar. Uma temática recorrente eram os conteúdos de teor religioso, que ajudavam na formação dos homens letrados de acordo com os preceitos do cristianismo, reforçando o projeto do grupo e expandi-o a comunidade leitora. Em um desses artigos, intitulado “A religião cristã” os redatores enalteceram as leis de Deus e a prática da caridade, “a virtude que eleva o homem ao trono de Deus”, permeando as ações entre os membros do grupo e deles para com o povo.<sup>329</sup> Entre as notícias também era possível encontrar a divulgação das festas aos inúmeros oragos, por exemplo a homenagem feita a Santa Luzia, organizada pela Sociedade literária “Treze de Dezembro”,<sup>330</sup> além das cerimônias religiosas ocorridas em datas importantes do calendário da Igreja Católica, como o Domingo de Ramos<sup>331</sup> e a Ressurreição.<sup>332</sup> No artigo principal desse impresso, os letrados transmitiam valores morais aos leitores, como em “Dissolução social”,<sup>333</sup> escrito por Bertoldo Nunes, onde criticou a desigualdade social, comparando o sossego da vida interiorana a vida conturbada na capital, populosa, cheia de vícios e de enorme corrupção, criticando as elites sociais que agiam como falsos apóstolos da civilização, os quais atacavam a moral e desdenhavam do povo.

O escrito de Bertoldo Nunes também ressalta a importância da religião católica, visando reformar a conduta humana, em apoio ao projeto do grupo, que apresentava como caminho para a superação dessa questão a instrução, concepção propagada na imprensa desde o nascimento do Recio Literário em outubro de 1871. Nessa linha interpretativa, os redatores escreveram opinando sobre “A Vaidade”.<sup>334</sup> Um outro

<sup>329</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 03 de 15/09/1878, p. 01; *O Espelho*. Vigia, ed. 04 de 22/09/1878, p. 01-02.

<sup>330</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 14 de 08/10/1878, p. 01; *O Espelho*. Vigia, ed. 15 de 15/12/1878, p. 01-02.

<sup>331</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 28 de 06/04/1879, p. 01-02.

<sup>332</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 29 de 13/04/1879, p. 01.

<sup>333</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 05 de 29/09/1878, p. 01-02; *O Espelho*. Vigia, ed. 06 de 06/10/1878, p. 01; *O Espelho*. Vigia, ed. 07 de 13/10/1878, p. 01;

<sup>334</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 09 de 27/10/1878, p. 01; *O Espelho*. Vigia, ed. 10 de 10/11/1878, p. 01.

artigo de nome *A pena*,<sup>335</sup> transcrito de publicação indefinida, relatou os usos desse instrumento, os jornais nas mãos de homens e mulheres de letras e, assim, incentivou os leitores a fazerem o mesmo. Outros acontecimentos ganharam destaque nas publicações, como a chegada em Vigia da equipe enviada pelo governo provincial, para analisar a viabilidade da construção da estrada entre Vigia e a Colônia de Benevides, pois isso era sinônimo de progresso e avanços para o desenvolvimento econômico da cidade.<sup>336</sup>

Era por meio dos editores, que os leitores tinham acesso sobre os fatos que marcaram o mundo no ano de 1878, como o término da guerra Russo-Turca, bem como acontecimentos nacionais como o falecimento dos ilustres Marques de S. Vicente e o Visconde de Porto Seguro. A situação lastimável da seca no Nordeste também foi tema para discussão, além da postura crítica dos redatores ao sistema político, os quais chamavam seus representantes de corruptos, governando para si, tanto que o lema do jornal era *Tremei, ó corruptos da época*.<sup>337</sup> O grupo enalteceu, em outro artigo, o bom uso da imprensa,<sup>338</sup> e sempre recorria a crítica as posições sociais como aquelas obtidas pelos títulos,<sup>339</sup> estabeleceram ferrenho julgamento sobre a diferença e desvalorização dos salários dos professores do Lyceu com aqueles que atuavam no ensino primário.

Sobre a diversidade de conteúdo, os periódicos continham textos traduzidos do idioma inglês, como “Descrição da catarata do Niagara” e “A gruta de Antípoda”, por Abraão Athayde,<sup>340</sup> e mesmo as peregrinações dos redatores com outros membros do grupo na vila de São Caetano de Odiveiras, participando do evento de fundação de uma Sociedade literária nesse local.<sup>341</sup> Dessa forma, os jornais foram importantes meios de comunicação na condução do projeto civilizatório cristão do grupo, levando através das notícias as informações e discussões, instruindo os leitores. Nas páginas de aquisição mais barata e de fácil circulação, a mensagem do grupo chegou a um público maior, externando suas práticas culturais e os valores que a sociedade deveria cultivar.<sup>342</sup>

Nos editoriais também cartas assinadas e anônimas eram publicadas, revelando a forma principal de relação entres os leitores e os redatores, como a anônima criticando a postura do vigário Pe. Mâncio Caetano Ribeiro, que usava o púlpito da Igreja Matriz

<sup>335</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 12 de 23/11/1878, p. 01.

<sup>336</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 11 de 17/11/1878, p. 01-02.

<sup>337</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 11 de 17/11/1878, p. 01-02; *O Espelho*. Vigia, ed. 17 de 12/01/1879, p. 01-02; *O Espelho*. Vigia, ed. 18 de 19/01/1879, p. 01.

<sup>338</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 21 de 09/02/1879, p. 01-02.

<sup>339</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 22 de 16/02/1879, p. 01.

<sup>340</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 22 de 16/02/1879, p. 01; *O Espelho*. Vigia, ed. 27 de 01/04/1879, p. 01-02.

<sup>341</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 30 de 27/04/1878, p. 01; *O Espelho*. Vigia, ed. 31 de 04/05/1878, p. 01

<sup>342</sup> MOURA, Daniella de Almeida. *A imprensa periódica a serviço da República paraense (1866-1898)*. Tese de doutorado em História social da Amazônia. Belém: UFPA, 2021, p.36.



para convencer o público a seguir seu projeto político, de ser eleito deputado provincial,<sup>343</sup> o que os redatores também fizeram em sucessivas notícias.<sup>344</sup> Da vila de Soure, o servidor público Suzanna Junior enviou uma carta felicitando o surgimento do *O Espelho*, desejando vida longa.<sup>345</sup> Os redatores retribuíaam as palavras de apoio, pelo próprio jornal, enviando mensagens bem humoradas a seus leitores.<sup>346</sup> Foi também na primeira página dessa gazeta, que eles criticaram os hábitos incivilizados, tentando inculcar novos valores e expurgar aqueles de matriz indígena e africana, como pajelança, fumar tabaco de corda e os saberes tradicionais das parteiras, rezadeiras e benzedadeiras. Assim, a imprensa foi fundamental para educar os leitores no caminho do comportamento civilizado, ainda mais nesse tempo, em que avançar na instrução formal era um percurso difícil para as famílias pobres e remediadas.

Nas sessões do *O Espelho* “um pouco de tudo”, “variedades” e “a pedido” estavam localizadas as notícias do cotidiano da comunidade letrada de Vigia, sobretudo, do círculo dos “humildes peregrinos”, estabelecendo um padrão cultural e familiar a ser seguido, com textos de menor tamanho, sobre nascimento, batizados, casamentos e a morte com seus ritos apropriados,<sup>347</sup> bem como as informações sobre o funcionamento das sociedades literárias “Cinco de Agosto”, “Treze de Dezembro” e “Philo Scenica”. Esses espaços de sociabilidade viabilizaram as ações do grupo no meio social, convocando os sócios as sessões, divulgando as práticas educativas<sup>348</sup> e beneficentes e até mesmo, a fundação e eleições dos novos membros para a diretoria dessas Entidades. No resumo das principais sessões estavam as festividades dos santos padroeiros. Já a produção literária estava na categoria “Um pouco de tudo”, sobressaindo as poesias escritas pelos redatores e por Manoel Roque Pinheiro, Bertoldo Nunes, Abraão Athayde, Amélia Pinheiro Nunes e Cândido Severo de Carvalho Nunes, que traduziam textos do francês e divulgavam na sessão literária, implantada ao longo das edições, como “Escola de bons exemplos”<sup>349</sup> e muitas outras, assinadas através de pseudônimos, a maioria delas, com temática da morte, do amor, ou de temas relacionados ao hábito da escrita, a exemplo a poesia “O livro” de autoria de Manoel Roque Pinheiro. Contudo,

<sup>343</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 19 de 26/01/1879, p. 01.

<sup>344</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 34 de 26/05/1879, p. 01-02; *O Espelho*. Vigia, ed. 35 de 01/06/1879, p. 01; *O Espelho*. Vigia, ed. 38 de 29/06/1879, p. 01.

<sup>345</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 04 de 22/09/1878, p. 01.

<sup>346</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 36 de 09/06/1878, p. 01.

<sup>347</sup> Apenas as mortes da menina Frederica Amélia Nunes Pinheiro, sobrinha de Bertoldo Nunes e a de José Batista da Silva mereceram estar na primeira página.

<sup>348</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 26 de 23/03/1879, p. 01.

<sup>349</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 32 de 11/05/1879, p. 01.

predominava a temática do amor, linguagem literária pela qual os jovens letrados externavam seus sentimentos as mulheres amadas. Manoel Roque Pinheiro, irmão de Augusto Pinheiro, redator do *O Espelho*, escreveu diversas poesias, uma delas por título *Quem és?*

Quem és? Que assim tão formosa  
A mim vens alvío dar?  
Serás Vênus que com voz singela  
A minha alma vens consolar?  
Serás Arcângelo do céu d' amores  
Que dar-me vens – inspiração?  
Ou casta virgem que com primores  
Vem alertar o meu coração?<sup>350</sup>

Por certo tempo os jornalísticos individuais se propagaram pela província, somente em 1938, com o início da terceira geração do grupo, emergiu um projeto editorial coletivo, com a criação do *O Cinco de Agosto*, pertencente a Sociedade de mesmo nome, cujo redator chefe Marcionilo Alves, com apoio de Manoel Alves Raiol e Raul Ferreira,<sup>351</sup> objetivava criar um meio para desenvolver o intelecto dos membros da Entidade, que se faziam ressentir de um espaço para isso. Esse periódico preservou a memória daqueles que foram responsáveis pelo florescimento intelectual em Vigia nos fins do século XIX, como Vilhena Alves, Teodoro Rodrigues, Barão de Guajará, Lauriano Gil de Sousa, Abraão Ataíde, Bertoldo Nunes, entre outros. A linha editorial não se distanciou em levar aos leitores o projeto, que vinha desde os fundadores do grupo: progresso da ciência, religião, instrução e beneficência.<sup>352</sup>

O envolvimento dos “humildes peregrinos” com o repertório de práticas elencadas, impactou na trajetória de vida dos líderes, no campo educacional, político e literário, colocando-os numa seleta elite cultural provincial. No ano de 1880, Bertoldo Nunes foi o primeiro a obter deslocamento na carreira, após a experiência como professor e redator, apadrinhado ao Dr. Domingos Raiol, seguiu para além da terra natal, como diretor-chefe do prestigioso jornal *O Liberal do Pará* em Belém, principal

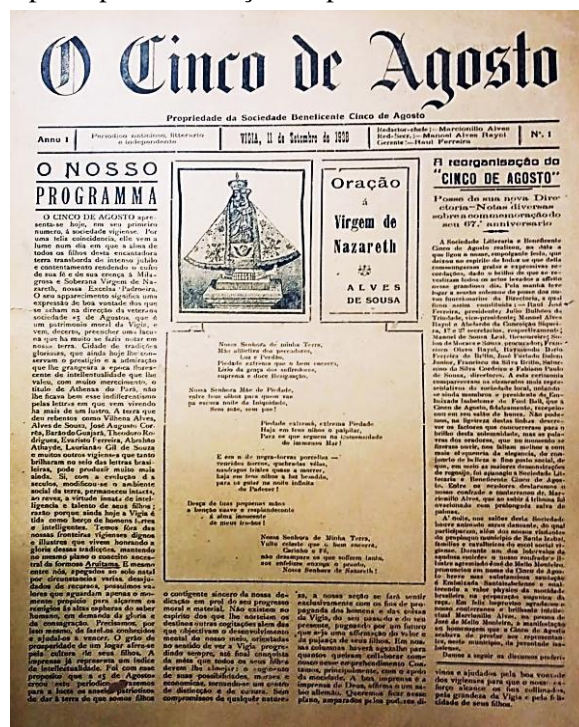
<sup>350</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 01 de 01/09/1878, p. 02.

<sup>351</sup> A “Cinco de Agosto” estava assim dirigida: Raul José Ferreira (presidente), Júlio Bulhões de Trindade, Manoel Alves Raiol (1º secretário), Abelardo da Conceição Siqueira (2º secretário), Manoel de Sousa Leal (tesoureiro), Sólton de Moraes e Sousa (procurador). Eram diretores: Francisco Olavo Raiol, Raimundo Dário Ferreira de Brito, José Furtado Belém Junior, Francisco da Silva Brito, Saturnino da Silva Cordeiro e Fabiano Paulo de Sousa.

<sup>352</sup> O periódico *O Cinco de Agosto* voltou a circular em 2013, com duração efêmera, com apenas três edições.

órgão de divulgação dos políticos liberais, sem dúvida um cargo que permitiu distinção simbólica.<sup>353</sup> Se por um lado isso ampliava o canal de articulações do grupo em Belém, aumentando sua territorialidade de ação, seja na ampliação do acervo da sala de leitura, pela vazão dos escritos na grande imprensa ou mesmo garantindo emprego aos letrados em situação difícil. Por outro, a ausência de Bertoldo em Vigia desfalcou uma das peças fundamentais ao funcionamento do grupo. Na época o deslocamento entre as cidades era demorado, isso ocasionou suas visitas esporádicas, permanecendo no cargo por dois ou três anos. Daí em diante, Bertoldo Nunes construiu relações importantes com a elite belenense, no ano seguinte, passou a vice-diretor da Escola Franco-Brasileira e juntamente com José Verissimo, Samuel Mac-Dowel, José Galdino da Silva e outros intelectuais ajudou a fundar a Sociedade Filantrópica de Emancipação de escravos, na qual, o irmão Gemino Nunes, também atuou em prol da causa abolicionista, iniciada em Vigia na década de 1870.

Imagem 35: Capa da primeira edição do periódico *O Cinco de Agosto*, 1938.



Fonte: biblioteca da Sociedade literária e beneficente “Cinco de Agosto”.

Em 1884, Bertoldo foi nomeado Contador dos Correios na Província, ficando até o ano seguinte. Já em 13 de setembro de 1886, fundou o Ateneu Paraense, escola de

<sup>353</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 107 de 12/05/1880, p. 02.

ensino primário e secundário da qual era diretor, funcionou por 34 anos, onde vários de seus amigos trabalharam, como Araújo Nunes, Augusto Ramos Pinheiro e Vilhena Alves. Em 1880, Bertoldo Nunes e mais 60 letrados fundaram a Sociedade “Quinze de Agosto”, com o intuito de manter vivo o sentimento patriótico entre os paraenses, já que a data faz alusão a adesão do Pará a independência do Brasil.<sup>354</sup> O vigiense integrou também os círculos letrados de prestígio como a Mina Literária, o Instituto Histórico e Geográfico do Pará, a Societé de Geographie de Paris e a Academia Paraense de Letras, bem como a Loja Maçônica Firmeza e Humanidade, colaborando em 1886 com a fundação do Clube Republicano.<sup>355</sup>

*Imagem 36: Bertoldo, sentado, segundo lugar da direita para a esquerda entre os Mineiros.*



Fonte: acervo do IHGP.

A luta pela causa do desenvolvimento da instrução ocupou a vida de Bertoldo Nunes, fazendo com que os membros da Sociedade “Cinco de Agosto”, o homenageasse. No dia 15 de junho de 1953, quando um pouco antes das 20h, Marcionilo Alves, Olavo Nunes, Raimundo Torres, prof. Tauriano Gil de Sousa, Manoel Cassiano, Fabiano Paulo, professoras Cacilda, Noêmia Belém, Antônio Barros, José Vale Jr. Anísio Mota, Lucas Raiol, João Alves, João Cordeiro, Sólton Sousa,

<sup>354</sup> Nela estava o Dr. José Cordeiro de Castro, José Antônio Ernesto Pará-Assú, Teodoro Chaves, entre outros.

<sup>355</sup> *O Liberal do Pará*. Belém. ed. 273 de 01/12/1880, p.01; *Gazeta de Notícias*. Belém, ed. 170 de 27/08/1881, p. 01

Homero Nunes e Saturnino Ferreira se organizaram na sede da entidade para mais uma sessão. Os janelões frontais e laterais ventilavam a sede com alto pé direito, construída em alvenaria em estilo Chalet. Marcionilo Alves, um homem de meia idade, que trabalhava como advogado e dentista presidia a Entidade, abriu aquela sessão fundando e instalando o Ginásio Bertoldo Nunes, primeira e única escola de Segundo Grau da cidade até o ano de 2001. O sonho do grupo iniciado com o Recreio Literário em 1871, passando pelos inúmeros Externatos, alcançou enfim a glória, semelhante a “Cinco de Agosto” deu continuidade ao projeto do grupo.<sup>356</sup>

*Imagem 37: Fachada da Escola Estadual de Ensino Médio “Bertoldo Nunes” em Vigia, 2020.*



Fonte: [https://agenciapara.com.br/midias/2020/grandes/6076\\_d80536cd-736b-1c20-d154-a5ea5ed2ffa0.jpg](https://agenciapara.com.br/midias/2020/grandes/6076_d80536cd-736b-1c20-d154-a5ea5ed2ffa0.jpg). Acessado em 22/02/2023.

É evidente que as dinâmicas do grupo influíram decisivamente em suas carreiras, individualmente, como letrados de poucas posses, pouco teriam chance de projetar-se a uma elite provincial. Araújo Nunes, após 23 anos como professor, conseguiu sua jubilação em 11 de junho de 1882. Mesmo assim, a necessidade econômica fez com que buscasse meios fora da cidade natal. Para o grupo, a ausência do líder e os precários meios de comunicação, fragilizaram suas ações, o fim da

<sup>356</sup> Os primeiros anos de funcionamento da escola foram difíceis, sem prédio próprio, peregrinou por vários locais, até que os primeiros tijolos foram tecidos. O professor e poeta José Ildone, lembra que todos os mestres ministravam aulas gratuitamente nos anos iniciais. As fragilidades da época levaram os inspetores do MEC a fiscalizá-la e quase fechá-la. O grupo resistiu, em 2020, pela primeira vez em 40 anos, foi completamente revitalizada. A reinauguração movimentou a cidade, fechou a principal Avenida de acesso a Vigia e contou com a presença do Governador. Hoje é a escola com a melhor estrutura da 11<sup>a</sup> URE. Ildone, José. *Ginásio Bertoldo Nunes: medalha de ouro para Vigia de Nazaré*, 2008, p. 33-40.

primeira geração era questão de tempo. Nos anos de 1884 a 1885, Araújo Nunes peregrinou entre Vigia, Cintra e Belém, onde prestou alguns serviços no Colégio Franco-Brasileiro, que tinha o irmão Bertoldo Nunes como o vice-diretor. Por um curto período atuou como Promotor em Cintra em 1885, até que o capitão Bento José da Silva Santos, filho da vila de São Caetano d' Odivelas, contratou o experiente professor Araújo Nunes para lecionar e dirigir uma escola de ensino primário do sexo masculino, inaugurada no dia 16 de janeiro de 1885. O professor Nunes permaneceu no cargo até início de 1888, quando migrou para Belém, trabalhando como Guarda Livro da Praça do Comércio e professor na escola Atheneu Paraense, período em que a doença o abateu em fins de 1891.<sup>357</sup> A sua maior projeção foi no campo político, chegando a ser eleito deputado provincial.

Dos encontros e conversas entre os três amigos no início dos anos de 1870, que levaram ao surgimento do grupo, Vilhena Alves foi o que residiu em Vigia por mais tempo, saindo apenas em 1892. O aparato cultural organizado pelo grupo conferiu experiências a ser um polímata e polígrafo, personificando bem o homem civilizado idealizado por eles, mas que na prática, nem todos alcançaram esse desenvolvimento intelectual. O professor Vilhena Alves traduzia textos do francês, além de ser filólogo, poeta e estudioso de astronomia. Em 1884, traduziu um longo artigo de astronomia do Francês Camilo Flamarion, chamado *Les Terres Du Ciel – Venus*,<sup>358</sup> sua relação com as letras e os escritos jornalísticos foi intensa. Em 1889, assinou uma coluna no jornal *Diário de Belém* de nome “assuntos gramaticais”, no *A República* a coluna “Estudos Gramaticais” e posteriormente no *Folha do Norte* as suas “Liçõeszinhas de português” em 1896, nas quais, explicava problemas da língua portuguesa.<sup>359</sup> Contribuiu também com a *Revista de Educação e Ensino*, dirigida por Octavio Pires, na edição oito, escrevendo sobre gramática e Astronomia, colaborou também com a *Revista Científica e Educação e Ensino*.<sup>360</sup>

---

<sup>357</sup> *Diário de Belém*. Belém, ed. 136 de 15/06/1884, p. 03; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 162 de 21/07/1885, p. 01; *Diário de Belém*. Belém, ed. 05 de 08/01/1885, p. 02; *O Liberal do Pará*. ed. 19 de 27/01/1886, p.01; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 29 de 28/01/1886, p. 01; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 71 de 30/03/1887, p. 01; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 148 de 05/07/1889, p.02; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 208 de 15/09/1889, p.02; *Diário de Notícia*. Belém, ed. 15 de 20/01/1891, p. 03.

<sup>358</sup> *Diário de Belém*. Belém, ed. 32 de 08/02/1884, p.02 e nas edições 33,34, 36, 41, 42, 44 do mesmo periódico.

<sup>359</sup> *Diário de Belém*. Belém, ed. 25 de 30/01/1890 e *A Republica*. Belém, ed. 51 de 19/04/1890, p. 01;

<sup>360</sup> *O Democrata*. Belém, ed. 25 de 10/10/1890, p.02.

Sobre a escrita de Vilhena, a primeira obra foi o livro *Monnodias*,<sup>361</sup> destacando-se como autor de livros didáticos na República. Além disso, escreveu peças teatrais, como “Os Filhos da Noite”, encenada por Olavo Nunes, Theodoro Rodrigues, Manoel Felipe.<sup>362</sup> Foi um intelectual de projeção, atuando em escolas de prestígio e participando de círculos intelectuais como a Mina Literária (1893) APL (1900) e a IHGP (1900). Os textos do professor ultrapassaram fronteiras, podendo ser lidos até em jornais da Bahia.

É válido afirmar que as práticas culturais desenvolvidas pelos “humildes peregrinos” influíram decisivamente nas carreiras dos líderes, seja na educação, jornalismo, política e literatura, permitindo a sociabilidade nas escolas, nas sessões das sociedades literárias, nas tipografias improvisadas nas casas dos homens letrados de maior prestígio, nos eventos que organizaram e nos momentos de confraternização, em datas familiares ou religiosas.<sup>363</sup>

## **2.2: “A religião e a beneficência sublimes pedestais do edifício social”.**

### **2.2.1: Abrilhantando o culto aos santos.**

O cotidiano dos moradores das cidades e vilas do Brasil Imperial foi marcado pelas práticas do catolicismo popular,<sup>364</sup> caracterizado pela devoção aos santos, as promessas, romarias, procissões, as festas aos padroeiros e as bênçãos, entre outras dinâmicas religiosas. Em Vigia as devoções aos santos e santas e seus desdobramentos fundamentavam a vivência religiosa de letrados e iletrados. Para o Antropólogo Luiz

<sup>361</sup> Na poesia cito ainda: *Enlevos Poéticos* (1871) e *Selecta Literária* (1890).

<sup>362</sup> *A República*. Belém, ed. 273 de 21/01/1891, p. 02.

<sup>363</sup> Apesar de que as correspondências das Sociedades literárias e os tetos jornalísticos, além das outras práticas culturais criadas pelos membros do grupo letrado liderado por Araújo Nunes, evocarem a construção de uma civilização, inspirada nas capitais europeia, principalmente Paris, os limites para a concretização do projeto do grupo foram imensos, como os mencionados ao longo da tese. De fato, para eles civilizar, era desenvolver o intelecto dos membros do grupo, aproximá-los a leituras de textos e livros de literatura em língua francesa e inglesa, propagar a instrução aos segmentos pobres e remediados e, com isso, incentivá-los a uma tomada de consciência de que somente pela instrução poderiam ascender socialmente e inferir para atenuar as mazelas sociais, sobretudo a pobreza. Tais ideias e ações se restringiram as pequenas *urbes* da comarca da Vigia, que além da sede, chegaram a São Caetano de Odívelas e Curuçá.

<sup>364</sup> O catolicismo popular era professado tanto pela elite agrária quanto pelos pobres, nos engenhos e na cidade, oposto ao catolicismo oficial de Roma, vivenciado no cotidiano dos moradores pelo culto aos santos para os quais construíram igrejas, realizavam festas e criavam irmandades, por vezes sincrético, misturava-se a religiosidade indígena, africana e judaica, sendo assim seguido por negros, mulatos e mestiços distantes dos dogmas e liturgias. A penitência também era sua marca, bem como a postura conflituosa de admitir a escravidão africana e negar a indígena. Ler: MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico*. Belém: Cejup, 1995.

Mott, a casa era “o *locus* privilegiado para o exercício da religiosidade privada dos católicos, nela uma série de quadros, amuletos e imagens sinalizavam a presença do sagrado”.<sup>365</sup> Na vila de Vigia, em meio aos pertences das famílias com cabedais e daquelas com posses modestas, era possível encontrar objetos religiosos, que aproximavam os devotos do sagrado. Em 1832, a família de José Joaquim Rodrigues possuía em casa uma imagem de Santa Luzia,<sup>366</sup> importante devoção estabelecida desde essa época na região. A santa era homenageada todo dia 13 de dezembro, evocada pelos fiéis para interceder à cura dos olhos.<sup>367</sup> O culto aos santos era destaque no universo religioso, e entre o pedido e o milagre, existia uma relação de intimidade com o padroeiro do lar, indo desde adulações a agressões a imagem. Na casa do rico proprietário de escravos Raimundo Antônio de Sousa Alvares, em 1842, guardava-se “os olhos de Santa Luzia” em ouro,<sup>368</sup> peça que os fiéis usavam como símbolo de fé em momentos de angústia. Em pequenos altares ou nas paredes, a presença do sagrado se fazia presente. Na casa de Manoel Inocência da Conceição em 1836, as relíquias religiosas eram guardadas no oratório, feitos normalmente em madeira, encontrados ainda hoje, em posse de algumas famílias.<sup>369</sup> Já na casa José Joaquim de Almeida estava os rosários e crucifixo em ouro e prata,<sup>370</sup> usados para práticas religiosas, pelos quais os crentes recitavam suas orações individuais e públicas. Entre seus pertences, havia também uma figa, espécie de talismã para afastar o mau-olhado e a as forças negativas.<sup>371</sup>

A tradição religiosa católica, muito presente na cidade, marcava as etapas da vida dos fiéis, desde o batismo, casamento e mesmo no momento da morte. Até meados do século XIX, a ritualística funerária, que permeava o imaginário coletivo, sugeria que a mortalha aproximava o morto de Deus, por isso indicava o uso de tecido branco em alusão ao Santo Sudário ou mesmo as vestes dos Santos. Sobre o sepultamento deveria

<sup>365</sup> MOTT, Luiz. “Cotidiano e vivência religiosa: entre a Capela e o Calundu”. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.). *História da vida privada no Brasil*, v.1. SP: Cia. das Letras, 1997, p. 155- 220.

<sup>366</sup> *Inventário de José Joaquim Rodrigues, 1832*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil, Série: Inventários. Cx. 01, doc. 10.

<sup>367</sup> Segundo a cultura oral dos moradores das Barretas, zona rural de Vigia, uma imagem de Santa Luzia foi levada para lá por um comerciante e deu vida a expansão do culto a essa santa que acabou por nomear umas das comunidades que compõe essa região.

<sup>368</sup> *Inventário de Raimundo Antônio de Sousa Alvares, 1842*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil, Série: Inventários. Cx. 01, doc. 24.

<sup>369</sup> *Inventário de Manoel Inocência da Conceição, 1836*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil, Série: Inventários. Cx. 01, doc. 11.

<sup>370</sup> *Inventário de José Joaquim de Almeida e Maria Tereza de Jesus, 1843*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil, Série: Inventários. Cx. 01, doc. 25.

<sup>371</sup> CUNHA, Laura e MILZ, Thomaz. *Jóias de crioulo*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011. p.131.



ser nos adros das Igrejas, a casa de Deus na terra, lugar em que algumas pessoas de elevada posição social chegaram a ser sepultados, próximo ao Altar Mor no interior dos Templos religiosos.<sup>372</sup> A esse respeito, Rosa Cunegunda Leal em 1833, deixou escrito suas últimas vontades aos herdeiros, uma delas, de ser enterrada na Igreja de Nossa Senhora da Luz, em Porto Salvo.<sup>373</sup> Da mesma forma, José Rodrigues Santarém, em 1848, desejava ser sepultado na Capela do Senhor Bom Jesus dos Passos.<sup>374</sup> Aos vivos ficava a incumbência de prosseguir a ritualística que garantiria a boa morte, como fez Manoel Rodrigues da Rocha em 1854, morador da vila de São Miguel de Cintra, pedindo missas pela intercessão de sua alma e de parentes mortos.<sup>375</sup>

*Imagem 38:* Lápides de mármore encontradas atrás da Capela do Senhor Bom Jesus dos Passos em Vigia, contendo informações de pessoas sepultadas no local nas décadas finais do séc. XIX.



Fonte: acervo de Leno Alcântara, 2020.

<sup>372</sup> Sobre a cultura funérea no transcorrer do século XIX na Amazônia e no Brasil ler: PINTO, Maria Roseane Corrêa. “Preparando a morte”. In: *Organizando a vida e preparando a morte: cotidiano, morte e enterramentos de negros em Belém (1850-1888)*, Belém: UFPA, 1998, Capítulo 3, mimeo; SOEIRO, Igo. *Cultura funerária na cidade de Vigia no final dos oitocentos: transformações e permanências em torno do imaginário da morte (1860-1885)*. Monografia de Especialização, Belém: UFPA, 2008; REIS, João José. “O cotidiano da morte no Brasil oitocentista”. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.). *História da vida privada no Brasil (v.2)*, SP, Cia. das Letras, 1997, p. 95-141; REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. SP: Cia. das Letras, 1991, p. 137-170.

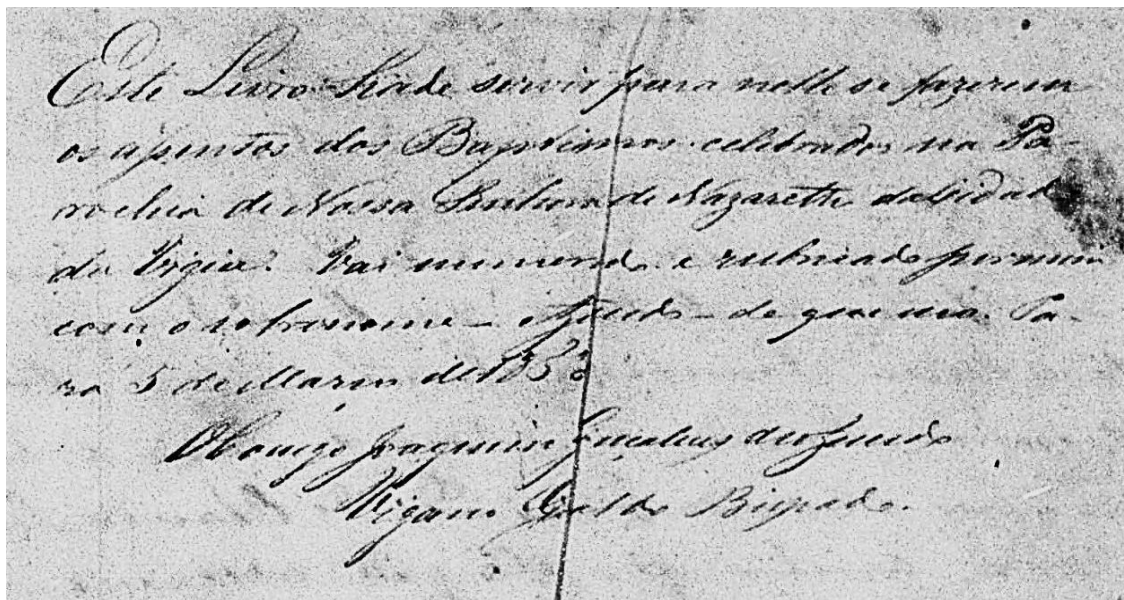
<sup>373</sup> *Testamento de Rosa Cunegunda Leal, 1833*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil, Série: Testamentos. Cx. 08, doc. 01.

<sup>374</sup> *Testamento de José Rodrigues Santarém, 1869*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil, Série: Testamentos. Cx. 08, doc. 16.

<sup>375</sup> *Testamento de Manoel Rodrigues da Rocha, 1867*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil, Série: Testamentos. Cx. 08, doc. 14.

A expressividade do culto aos santos no cotidiano das pessoas se fazia presente nos nomes dos lugares, locais públicos, na paisagem da cidade e até para a boa sorte nos negócios. Nos anos de 1870, dois templos religiosos de grandes proporções sobressaiam-se na *urbe*, sendo avistados logo quando as embarcações adentravam a baía calma, que davam acesso ao cais de Vigia, uma era a Igreja Matriz, com elevados campanários, a outra era a Igreja do Bom Jesus dos Passos, inacabada. A própria nomenclatura da vila nasceu sob a proteção da Virgem de Nazaré, influência portuguesa trazida pelo colonizador, ainda em fins do século XVII.<sup>376</sup> Nas terras do Tauapará, o Barão de Guajará batizou seu engenho de Santo Antônio da Campina, evocando o santo casamenteiro. A prática da benção para os negócios era frequente, no ramo da pesca, às canoas eram benzidas pelo padre a pedido de seus proprietários. Durante o processo de construção do núcleo urbano, a via pública que ligava as duas edificações religiosas foi chamada de Rua de Nazaré, homenagem N.S. de Nazaré, ao longo da história os logradouros públicos sofreram alterações constantes na nomenclatura, porém o nome dessa Rua permanece até hoje em respeito à santa padroeira da cidade.

*Imagem 39:* Inscrição abrindo o livro de batismo da Paroquia de N. S. de Nazareth da cidade de Vigia em 1862.



Fonte: Site: <https://www.familysearch.org/>.

<sup>376</sup> Ler: COELHO, Geraldo Mártires. *Uma Crônica do Maravilhoso: legenda, tempo e memória no culto de Nossa Senhora de Nazaré*. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 1998, p.119-166; MAUÉS, Raymundo Herald. *Padre, Pajés, Santos e Festas: catolicismo popular e controle eclesiástico*. Belém: ed. Cejup, 1995.

Os grupos letrados da Vigia estavam imersos nesse universo cultural de forte tradição católica e viveram intensamente o catolicismo popular, cujas principais celebrações iniciavam e encerravam na Igreja Matriz, aglutinando uma multidão de pessoas durante as festas dos santos. Nessa Igreja também ocorria a maior parte dos batizados, casamentos e missas. Ademais era no cotidiano que expressavam sua religiosidade, sobretudo, participando das Irmandades. O professor Araújo Nunes foi mordomo da Irmandade do S.S. Sacramento em 1871,<sup>377</sup> época em que Lauriano Antônio Gil de Sousa era secretário e o Pe. Luiz Gonçalves de Aragão, o presidente.<sup>378</sup> O fato de serem adversários políticos não impedia o convívio nesse espaço de sociabilidade religiosa. Além desses cargos, existia para o bom funcionamento dessas Instituições os juízes, tesoureiro e o procurador, cujo ingresso dos irmãos era motivado pelo desejo de participarem da vivência religiosa local, principalmente o culto ao santo patrono da Irmandade, para o qual organizavam a festa. Em meio às ações o amparo social para uma boa morte, pois os membros acompanhavam o enterro dos irmãos e mandavam celebrar missa por suas almas. Nas Irmandades todos deveriam participar dos atos promovidos, bem como contribuir financeiramente, para manter as ações, inclusive colaborando para as despesas dos eventos.<sup>379</sup> A título de exemplo, para ingressar na Irmandade do Divino Espírito Santo em Belém, o associado devia pagar dois mil réis de joia, ser homem e ter ao menos 10 anos.<sup>380</sup>

Assim alguns homens letrados como o político e intelectual Antônio Lemos, na capital da Província, iniciaram a vida pública com trabalhos filantrópicos em Irmandades, como a da Santa Casa, como afirma a historiadora Nazaré Sarges. Ao certo, a atuação de Araújo Nunes e de outros letrados nessas Instituições alavancou as pretensões políticas, gerando visibilidade em toda a região, possibilitando formar ampla rede de relações pessoais. A criação da primeira Entidade literária do grupo absorveu interesses, reunindo a tradição religiosa local ao projeto civilizador, pois as Irmandades

---

<sup>377</sup> Encontramos na documentação cartorária, especialmente nas prestações de contas dos tesoueiros dessas Entidades, e nos periódicos consultados as seguintes Irmandades em atividade na Comarca nas décadas de 1870 e 1880: Em Vigia, a Irmandade de N.S. de Nazaré, do Bom Jesus dos Passos, do Divino Espírito Santo, de Nossa Senhora da Luz, do S. S. Sacramento, N.S. do Livramento, N.S. da Trindade, S.S. Trindade dos Homens pardos, S.S. da Trindade dos Meninos. Na Vila de São Caetano de Odíveas a Irmandade de São Benedito. Em Curuçá a Irmandade de N.S. do Rosário.

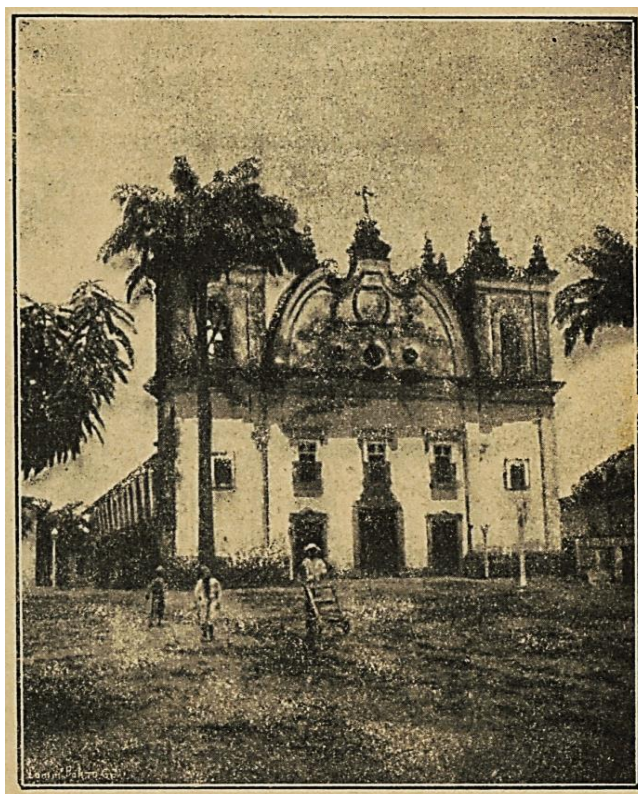
<sup>378</sup> *Relação dos novos empregados da irmandade do S.S. Sacramento, 1872*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil, Série: Processos diversos, Cx. 13, doc. 31.

<sup>379</sup> O Compromisso era o documento regulamentador das ações, deveres e vantagens dos membros de uma Irmandade Religiosa, das citadas aqui, nenhum foi localizado.

<sup>380</sup> SILVA, Érika Amorim da. *O cotidiano da morte e a secularização dos cemitérios em Belém na segunda metade do século XIX (1850-1891)*. Dissertação de mestrado, PUC-SP, 2005, p.95-95.

concentraram a vida religiosa dos leigos, já que a ingerência da Igreja Católica sobre elas era pequena. Somente nos anos de 1870, com a romanização, a Igreja Católica através de seus agentes tentou renovar o catolicismo e retomar a missão jesuítica, interrompida pelo poder secular, aglutinando no seu interior os vários segmentos sociais, mantendo em sua composição a rigidez das hierarquias da sociedade colonial e imperial.<sup>381</sup>

*Imagem 40: A Igreja Matriz de Vigia de Nazareth e seu entorno, fotografura de 1902.*



*Fonte: CORRÊA, José Augusto. Chronica Planetaria: viagem a volta do mundo. Lisboa: Typ da Empresa da Historia de Portugal, 1904, p. 485.*

O político e comerciante Casemiro José Ferreira, um dos letrados mais participativos entre os “humildes peregrinos” foi membro da Irmandade do S.S Sacramento na década de 1880. Essa Entidade religiosa era responsável pela organização das cerimônias da Semana Santa, durante o mês de abril, momento importante na vida dos católicos. Para tanto, os membros da confraria buscavam incentivar a população a colaborar, convidando, através de cartas impressas nas tipografias da cidade, para que contribuíssem em dinheiro ou em produtos diversos. As

<sup>381</sup> FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Os Reis de Mina: A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos no Pará do século XVII ao XIX*, Boletim do Museu Goeldi, Belém, 1994, v. 9, p.103-121.

principais despesas dessa Irmandade relacionavam-se com os atos religiosos, presente no calendário cristão, como o pagamento do pé de altar ao vigário, compra de cera, tecidos e outros objetos para as cerimônias, adquiridos no comércio local e da capital, pagamento da pessoa encarregada pela música vocal e instrumental e a indispensável contratação da Banda de musica da Sociedade 31 de Agosto, que acompanhava as procissões.<sup>382</sup> Nesses dias prevalecia um silêncio nas ruas e no interior das casas, só quebrado pela programação religiosa, descrita abaixo, ocorrida no ano de 1879,

Na quarta feira teve lugar a procissão dos enfermos, com as cerimônias de estilo. Foi acompanhada por uma bem organizada orquestra que tocou excelentes peças de seu repertório, e por grande número de fiéis. Algumas pessoas receberam o S. Sacramento.

Na quinta feira santa as 8 para as 9 horas da manhã, teve lugar a missa solene desse dia, com o ver. Vigário da paróquia fez o sermão análogo ao ato.

Receberam o S. Sacramento os acólitos da Igreja, muitos meninos e muitas mulheres. Finda a missa, foi conduzido em procissão para da sacristia o sagrado Viático, onde esteve exposto á adoração dos fiéis. Desde essa hora até noutro dia houve sempre muita gente que ia fazer sua adoração.

De tarde ouve a cerimônia do lava pés e de noite a procissão chamada dos fogaréus, notando pouco respeito nesta última.

Na sexta feira santa depois das importantes cerimônias de estilo, teve a adoração de Jesus descido da Cruz. Depois veio em procissão da sacristia para o corpo da Igreja, e S. Sacramento, onde foi celebrada a missa.

As 4 horas da tarde efetuou-se a respectiva procissão em que se comemora o enterro de Cristo, sendo acompanhado por grande número de fiéis e pela respectiva orquestra que tocava o funeral. Na esquina cantava um anjo, representando as dores de N. Senhora.

De noite saiu a procissão da Via-sacra.<sup>383</sup>

Dessa forma, em quase todos os meses do ano, a efervescência religiosa em Vigia de Nazareth era sentida pelos moradores, sejam eles livres ou escravizados, que se misturavam nas procissões, missas e outras cerimônias da Igreja católica. As principais lideranças dos grupos letrados da Vigia eram pessoas de grande religiosidade, que praticavam o catolicismo popular, atuando por meio dessas Instituições. Bertoldo Nunes participou da Irmandade do Divino Espírito Santo nos anos de 1870, sendo mordomo,

<sup>382</sup> Entre os participantes desta irmandade no ano de 1883, estavam: Antônio Sá Moraes Palheta, Antônio Sarmiento, Francisco Duarte da Costa, Antônio Napoleão de Sousa, José V. Ferreira de Miranda, Antônio da Silva Monteiro, Gregório Santa Anna, Luís Ferreira Cardoso, Procópio Antônio, Manoel José dos Santos, Raimundo Nunes dos Reis, Mariano da Silva Gaia e João Militão. *Prestação de contas tomadas pelo tesoureiro da Irmandade do Santíssimo Sacramento, 1882*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: processos diversos. Cx. 15, doc. 22.

<sup>383</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 38 de 29/06/1879, p.2.

assumindo posteriormente o cargo de secretário.<sup>384</sup> A devoção ao Divino, terceira pessoa da Santíssima Trindade, era realizada inicialmente em uma pequena capela situada na Tv. da Pedreira em Vigia.<sup>385</sup> Posteriormente passou ser celebrada na Capela do Senhor Bom Jesus dos Passos. Durante a celebração da festa do Divino em 1879, no início de junho, missas foram rezadas e o imperador da irmandade conduziu a coroa na procissão.<sup>386</sup> Nessa confraria havia o costume de levantar o mastro, uma alta aste em madeira, enfeitada com uma bandeira e Pomba pintada, simbolizando a paz. Essa tradição de origem portuguesa se espalhou nos territórios colonizados, influenciando na prática religiosa local. Para o festejo não faltavam fogos, banda de musica e animação do povo nas ruas, mesclando sagrado e o profano. Geralmente a festa era patrocinada pelos fiéis, que doavam produtos como coco, farinha, ovos, galinha e milho, para serem leiloados posteriormente.

*Imagem 41: Santíssimo Sacramento exposto na Igreja Matriz da Vigia.*<sup>387</sup>



<sup>384</sup> *Relação dos novos empregados da Irmandade do Divino Espirito Santo, 1873.* ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil, Série: Processos diversos, Cx. 13, doc. 41. Os eleitos em junho de 1873 foram: Cassiano Antônio de Sousa Alvares (tesoureiro), Manoel do Nascimento das Neves (secretário), Raimundo Pinheiro do Rosário (procurador). Na sua estrutura organizacional existia: imperador, secretário, tesoureiro, procurador, mordomo e os irmãos. A contribuição financeira variava de acordo com o cargo. Os mordomos contribuam mensalmente com a quantia de 10 mil réis, já os irmãos com um valor anual estipulado pelo Compromisso.

<sup>385</sup> CORDEIRO, Paulo. *Irmandades Religiosas em Vigia no século XIX.* Belém: Produção independente, 2013, p.41.

<sup>386</sup> *O Espelho.* Vigia, ed. 36 de 09/06/1879, p. 01.

<sup>387</sup> Provavelmente o mesmo usado pela Irmandade do S. S. Sacramento nos anos de 1870.

Fonte: acervo de Raimundo Nonato (Tiorena), 2011.

Além do calendário cristão, a força religiosa também se fazia presente na paisagem da cidade, marcada pelas imponentes construções religiosas. Entre elas temos a Igreja do Bom Jesus dos Passos, tão conhecido em Vigia quanto a Igreja Madre de Deus, atual Matriz de Nazaré. Tal edificação já despertou discussão entre alguns pesquisadores. Porém, na memória coletiva dos vigienses prevalece a concepção de que a referida igreja foi uma construção jesuítica, inacabada devido à expulsão desses religiosos dos territórios portugueses e, conseqüentemente de Vigia em meados de 1760. A imagem do Bom Jesus, que era guardada na Igreja Madre de Deus, foi transferida para a Capela mística a edificação, passando a ser chamada por isso de Capela do Senhor Bom Jesus dos Passos, permanecendo assim até hoje.<sup>388</sup> Embora não haja consenso entre os pesquisadores acerca da autoria da construção da Igreja de Pedras, é certo que o templo foi erguido em meados do século XVIII à custa da efervescência religiosa no local.<sup>389</sup> Por outro lado Domingos Raiol afirma ser uma edificação construída a força “da devoção particular dos fiéis (...)”, onde ao lado direito, próximo a uma das paredes laterais, esta hoje a capela de Bom Jesus dos Passos, levantada pelos devotos.<sup>390</sup> Já o antropólogo Heraldo Maués, seguindo a mesma linha interpretativa de Raiol acrescenta mais algumas informações:

“(...) a Igreja Madre de Deus (atual Matriz de Nossa Senhora de Nazaré, efetivamente construída pelos jesuítas) e a ‘igreja de pedras’, ou Capela de Bom Jesus dos Passos, construção inacabada e parcialmente demolida (na década de 30 deste século), mas de grande beleza. Efetivamente, a ‘igreja de pedras’ não foi construída pelos jesuítas, mas era a antiga matriz de Nazaré, cuja construção foi iniciada pelos moradores, sob a direção do pároco secular, antes do estabelecimento dos inacianos, e para cuja construção os jesuítas apenas contribuíram, mandando índios de seus aldeamentos das proximidades, para servir de mão de obra.(...). No ano seguinte

<sup>388</sup> ILDONE, José. *Noções de História da Vigia*. Belém: ed. Cejup, 1991, p. 17.

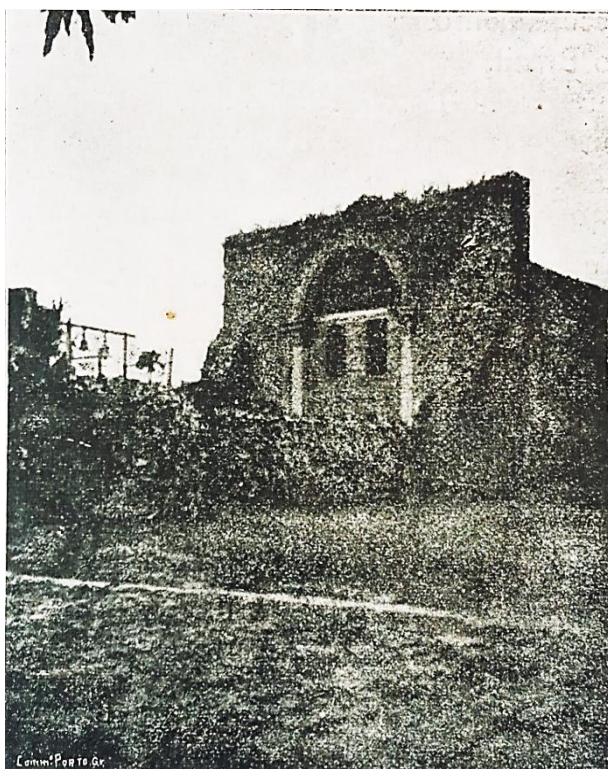
<sup>389</sup> No jornal vigiense *O Pescador* de 29 de março de 2003, encontramos que a primeira grande intervenção em sua estrutura data da década de 1930, que coincide com a referência acima dada por Raiol, consistindo na retirada das paredes laterais que avançavam em direção do mar, cujo objetivo era utilizar as pedras para a construção do cais de arrimo e da primeira usina de luz da Vigia. Essa intervenção pioneira foi feita com o beneplácido do vigário da cidade, padre Alcides Paranhos, com o apoio do prefeito local José Correa.

<sup>390</sup> RAIOL, Domingos Antônio. *Motins Políticos: ou história dos principais acontecimentos políticos da Província do Pará desde o ano de 1821 até 1835 (III e IV tomo)*. Belém, Universidade Federal do Pará, 1970, p.743.

(a expulsão dos jesuitas do Grão Pará em 1760), a igreja dos jesuítas foi transformada em matriz, tendo-se abandonado a construção da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré (a atual ‘igreja de pedras’ (...)).<sup>391</sup>

Vilhena Alves, em suas práticas religiosas, envolvia-se nas cerimônias organizadas na Igreja Matriz, cantando no coro, participando das missas e festas dos santos. Era nessa Igreja que os pertences de várias Irmandades ficavam guardados, como a de N.S. de Nazaré, da qual participava o seu amigo Honório dos Santos de Vilhena. Essa confraria organizava o Círio em homenagem a esta santa, cujo itinerário seguia pelas principais Ruas da cidade, tendo como pontos de referência as duas Igrejas, momento de fé e reencontro de muitos amigos do grupo, que migraram para outras cidades, como é o caso de Gerônimo Alves de Mello que veio em 1882.

*Imagem 42: Fotogravura da Capela inacabada do Senhor Bom Jesus dos Passos em Vigia, 1902.*



*Fonte: CORRÊA, José Augusto. Chronica Planetaria: viagem a volta do mundo. Lisboa: Typ da Empreza da Historia de Portugal, 1904, p. 487.*

<sup>391</sup> MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Padre, Pajés, Santos e Festas: catolicismo popular e controle eclesiástico*. Belém, ed. Cejup, 1995, p. 126.



Para participar das cerimônias do Círio muitos romeiros vinham de barco de Belém, inclusive Bertoldo Nunes nos anos de 1880, já morando nessa cidade anunciava a venda de passagens para essa importante festa do catolicismo popular em Vigia. O custo do evento necessitava de somas significativas de dinheiro, pois seus organizadores importavam cera em vela até mesmo da Europa, além dos gastos para a manutenção da Igreja Matriz. Havia também despesas com pessoal, pagamento do sacristão, e de produtos como còvados e lamparina para a entrada do templo.<sup>392</sup>

A dinâmica de arrecadação dos recursos financeiros dessa Irmandade envolvia o aluguel e a venda de objetos da própria confraria e, principalmente, o apoio dos devotos que doavam esmolas em dinheiro ou produtos, os quais serviam aos leilões da festividade nazarena, com duração de cerca de quinze dias, ocorrida no largo da Igreja Matriz. Durante o leilão se observava os produtos leiloados, o poder aquisitivo de cada letrado e a dinâmica da vivência religiosa em Vigia. No Círio de 1883, Casemiro José Ferreira arrematou uma caixa de cera, azeite, meio frasco de cachaça, mamotes, frangos, novilhas e um casal de pássaros, o maior lote arrematado, que como comerciante, revendeu os produtos em sua Casa comercial. Lauriano Gil de Sousa comprou um pão com ovos. Já Adrião de Sousa Batalha adquiriu ovos, tapioca e grude de peixe, pois comercializava esse produto há algum tempo. Antônio Joaquim de Miranda Gama, arrematou milho, um pato, um pavão, um Periquito e um frango. Bertoldo Nunes comprou ovos, um sabiá e outros pássaros e Gemino Seabra Nunes uma Cutia e uma Pomba Garça Real.<sup>393</sup> Os produtos adquiridos eram relacionados a floresta amazônica, presentes na cultura alimentar e na fauna local, como os pássaros criados no ambiente doméstico.

O momento era tenso para a Igreja Romana, inúmeras correntes ideológicas, como o próprio liberalismo, avançavam no Brasil e no mundo, ameaçando os interesses da Igreja nas décadas finais do século XIX. Em meio a esse contexto, os grupos letrados expressaram seus projetos sociais em reação ao mundo moderno. Diante disso, o Bispo do Pará D. Antônio de Macedo Costa e a hierarquia eclesiástica defendiam uma sociedade civilizada e cristã, propagando suas ideias por meio da imprensa. Nos artigos do jornal *A Estrella do Norte*, que circulou entre os anos de 1863 a 1869, escrito pelo

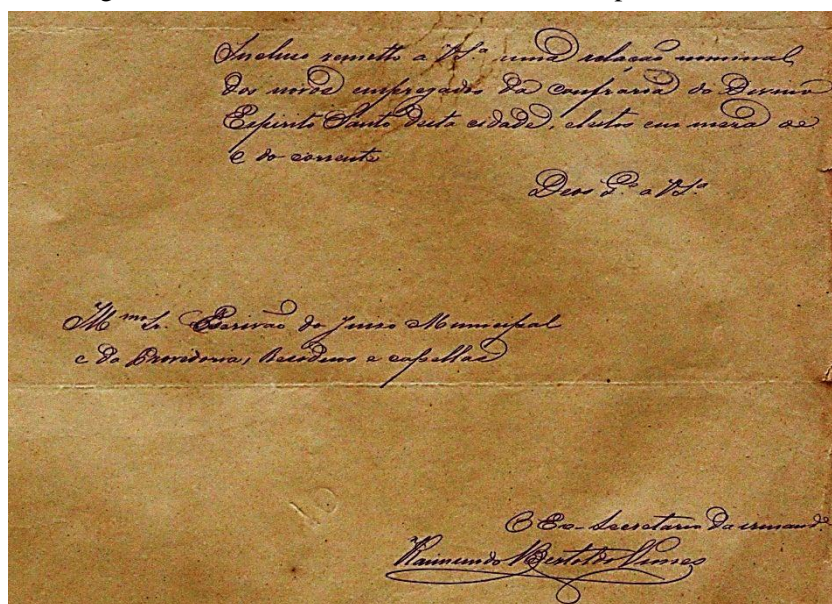
<sup>392</sup> *Prestação de contas da irmandade de N.S. de Nazaré, 1873*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área Civil, Série: processos diversos. Cx.13, doc. 43.

<sup>393</sup> *Prestação de contas da Irmandade de N.S. de Nazaré da cidade de Vigia, 1883*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol, Área Civil, Série: processos diversos. Cx. 15, doc. 30.

Bispo e seus colaboradores e no *A Boa Nova*, seu sucessor, prevaleciam à propagação de conteúdos que valorizavam a família, o casamento, a modernidade, a ciência e a industrialização. Os textos doutrinários e os princípios fundamentais da Igreja Católica, como o celibato, o evangelho, os mandamento e sacramentos também eram divulgados.

Nos anos de 1870 as investidas da Igreja com a romanização, tentando limpar o catolicismo das impurezas, tiveram nos padres seus principais agentes na luta pela reconstrução de uma nacionalidade católica, sob uma percepção de progresso, civilização e ordem, tendo como grande líder o Bispo do Pará e o de Olinda, os quais foram personagens principais da “Questão religiosa”, contenda envolvendo a Igreja e o poder secular nos anos de 1870. Assim, D. Macedo criou um modelo católico que não correspondia aos anseios de alguns grupos intelectuais.<sup>394</sup>

Imagem 43: Fragmento do documento da irmandade assina por Bertoldo Nunes, 1872.



Fonte: *Relação dos novos empregados da Irmandade do Divino Espírito Santo, 1872*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: processos diversos. Cx. 13, doc. 41.

A partir de 1871, o projeto colocado em prática pelos “humildes peregrinos” emergiu desvinculado do Pe. Luiz Gonçalves de Aragão, vigário da Vigia e político conservador, como a maioria do clero romanizador. A divergência de ideias gerou tensões entre os irmãos Bertoldo e Araújo Nunes e o Padre, ocasionando a troca de

<sup>394</sup> MARTINS, Denise Carla. *D. Macedo Costa e o desenvolvimento da Amazônia na segunda metade do século XIX*. Revista de história regional, 7(1), 73: 103, versão 2002.

acusações na imprensa da capital.<sup>395</sup> A morte desse sacerdote pela epidemia de varíola, que assolou a província, precipitou a nomeação do Pe. Mâncio Caetano Ribeiro, que a princípio aliou-se aos liberais e ao grupo liderado por Araújo Nunes e juntos idealizaram o Externato de N.S. de Nazaré. As tensões entre o clero e o governo provincial do Pará em 1874, ocasionaram a prisão do Bispo, levando os componentes do grupo a protestar na imprensa belenense em apoio a autoridade religiosa.<sup>396</sup>

Apesar dos “humildes peregrinos” comporem o quadro das Irmandades religiosas, eram os membros da elite agrária, vinculados ao projeto conservador, que ocupavam os cargos decisórios, como exemplo Agostinho José do Carmo Barriga, que presidiu a Irmandade de N.S. de Nazaré por longo período, bem como Lauriano Gil de Sousa e o Pe. Aragão que direcionaram a Irmandade do Divino Espírito Santo. Assim, ao fundarem a Sociedade religiosa, literária e beneficente “Cinco de Agosto” em 1871, os peregrinos revelam na nomenclatura o anseio por um espaço de sociabilidade, onde pudessem conciliar a fé católica e a beneficência, comum nas Irmandades, com a necessidade do aprimoramento intelectual, base para o seu projeto de sociedade que previa também, o fortalecimento e a expansão do catolicismo.

Naquela época, na data do cinco de agosto de cada ano, encerrava-se as celebrações a Virgem de Nazaré,<sup>397</sup> organizada desde meados do século XVIII pela Irmandade.<sup>398</sup> Com isso, os membros da Sociedade “Cinco de Agosto” demonstravam a força de sua fé na devoção a Virgem de Nazareth, desejando abrilhantar o evento,<sup>399</sup> pois de 1872 a 1876, a Entidade esforçou-se de várias formas para angariar recursos humanos e financeiros para ajudar a promover, fortalecer e propagar a festa Nazarena, colaborando para organizar o Círio. A comissão de festejos de 1872 foi elogiada em sessão e recebeu votos de louvor por trabalharem incansavelmente na realização do Círio, inclusive doando donativos ao leilão.<sup>400</sup>

---

<sup>395</sup> *Diário de Belém*. Belém, ed. 88 de 21/04/1869, p. 01.

<sup>396</sup> *O Pelicano*. Belém, ed. 32 de 10/05/1874, p. 04.

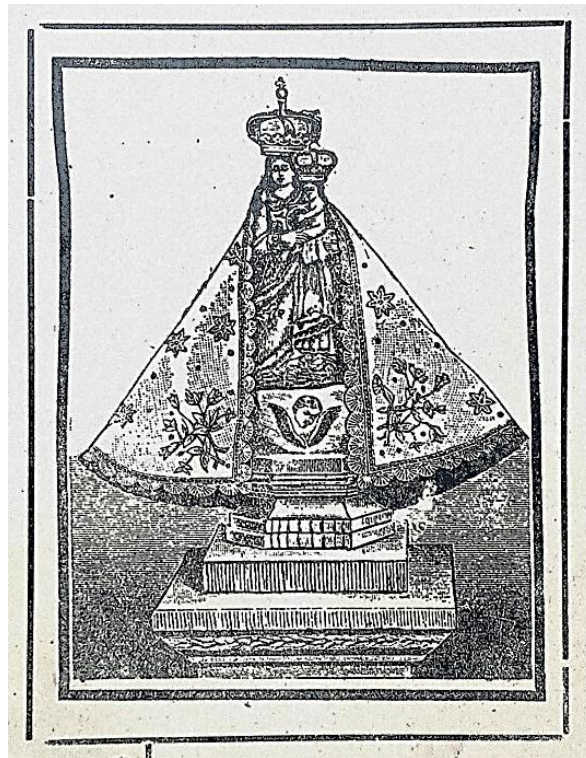
<sup>397</sup> Nos anos de 1920 a data do Círio mudou para o segundo domingo de setembro, permanecendo até hoje. As fortes chuvas do mês de agosto talvez tenha sido o motivo da mudança da data.

<sup>398</sup> *A Boa Nova*. Belém, ed. 65 de 16/08/1879, p. 03

<sup>399</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 188 de 19/08/1876, p. 02

<sup>400</sup> *A Boa Nova*, Belém, ed. 67 de 30/10/1872, p. 03.

*Imagem 44: Desenho da imagem da Virgem de Nazareth na página de um jornal, 1938.*



Fonte: *O Cinco de Agosto*. Vigia, ed. 01 de 13/09/1938, p.1.

A relação do grupo com a tradição religiosa do Círio de Nazaré, enraizada nos costumes da sociedade, legitima o projeto de civilização cristã, conferindo credibilidade aos sócios.<sup>401</sup> Assim, conciliar a filosofia dos “humildes peregrinos” com a fé católica era estratégico para o futuro do grupo, bem como para a sua longevidade. Ao longo da quinzena nazarena, tradicional festa cristã, quando as Ruas do núcleo urbano recebiam os moradores do campo, das cidades limítrofes e até mesmo da capital, o grupo liderado por Araújo Nunes divulgavam seus interesses, seja oralmente ou pela circulação de impressos, conseguindo alcançar um público multicultural e clivado socialmente. A mensagem era propagar durante os leilões, missas, novenas e procissões, reforçando a ideias de que o devoto a Virgem de Nazaré precisava ser culto, caridoso e participativo socialmente. Portanto, o homem civilizado e cristão tinha em suas ações abrilhantar o culto aos santos, perpassando também pelo viés religioso o discurso do grupo de amparar os pobres e os enfermos. A caridade entre eles e deles para com a sociedade estaria na essência de sua conduta humana.

<sup>401</sup> SOEIRO, Igo. *A Sociedade Literária e Benéfica “Cinco de Agosto” da cidade de Vigia (1871-1883)*. Dissertação de Mestrado em História Social da Amazônia. Belém: UFPA, 2012, p. 47-55.

No entanto em 1872, o grupo de Araújo Nunes fundou a Sociedade religiosa, literária e beneficente “Treze de Dezembro”, cujos sócios se dedicavam a cultivar a inteligência e a preparar adequadamente à festa de santa Luzia, que em 1878 teve início no dia 12 de dezembro, com badaladas do sino ao meio dia, fogos vindos das casas Jonas Ferreira, Vasconcelos Palheta, Roque Pinheiro, Baptista da Silva, Aristides Gomes, Raymundo Costa e da tipografia do *Liberal da Vigia*. À noite foi rezada ladainha na casa de Ignacio Baptista, cujo altar com a Santa estava bem arrumado. O leilão na Praça foi bem concorrido, com donativos feitos pelas sócias. No dia 13 empossaram a nova diretoria, na casa do professor Severiano Bezerra de Albuquerque, com o discurso de Raymundo Nunes e outros, levando ao público as ideias do projeto sociopolítico do grupo. Bertoldo Nunes orou pela “Cinco de Agosto”, Adrião Batalha e Augusto Pinheiro pela Philo Scenica. Nesse sentido, a interação do grupo com essas entidades estabeleceu uma conexão com o público, pouco afeito as Entidades literárias, atraídos pela fé nos santos católicos. Posteriormente, a festa de santa Luzia também sofreu perseguição religiosa. Em dezembro de 1878, na sala da casa da família do tenente Ignácio Baptista, a imagem da Santa foi posta num andar portátil prestigiada por muitas famílias, que contavam hinos de louvor nesse momento de fé, mesmo sob as críticas do padre, as chamadas ladainhas civis proliferaram numa resistência dos devotos da Sociedade “Treze de Dezembro” as retaliações do padre.<sup>402</sup>

As ações da Igreja Católica em prol da romanização continuaram. Já em 1909, quando poucos componentes restaram da geração fundadora, o Pe. Monsenhor Argemiro Pantoja, ao visitar a biblioteca da Sociedade “Cinco de Agosto” se deparou com obras indecorosas a leitura dos católicos. Houve censura e a criação de um Index Librorum Prohibitorum, que virou caso de justiça, pois muitos sócios não admitiram a ingerência de um representante da Igreja na Entidade, a questão dividiu o quadro de sócios, uns a favor e outros contra a censura.<sup>403</sup> Ao que tudo indica as obras acabaram permanecendo, pois muitas delas constam ainda no catálogo de obras raras da Entidade, entre elas *Amor de Perdição*, do escritor português Camilo Castelo Branco.<sup>404</sup> Assim, entre as tradições da Igreja Católica e a interpretação da natureza e do espírito humano, inclusive indicando o significado e papel dos intelectuais naquela formação social, o grupo liderado por Araújo Nunes, no espaço citadino de Vigia de Nazareth, criou uma

<sup>402</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 15 de 15/12/1878, p. 01.

<sup>403</sup> CORDEIRO, Paulo. *Obras literárias condenadas da Sociedade Literária “Cinco de Agosto”*. Belém: ed. Cabana, 2021.

<sup>404</sup> Disponível no site: [www.cincodeagosto.tk](http://www.cincodeagosto.tk)

filosofia própria, no geral, desvinculada dos representantes da Igreja, que embora o projeto desenvolvido culminasse com uma nação católica, valorizavam o espírito livre e interpretativo, autônomo, guiado pelas leituras e pela ciência.<sup>405</sup>

### 2.2.2- A rede social de amparo.

O professor Araújo Nunes retornou para Vigia de Nazareth em novembro de 1891 após alguns anos trabalhando em Belém. Com a saúde debilitada se aproximou da família, buscando a quietude da vida interiorana. No ano seguinte a doença agravou, as lembranças de quando o grupo letrado estava no ápice de suas ações acompanharam o velho mestre, que já estava acamado. Às seis horas da manhã do dia 14 de janeiro de 1893, os sinos anunciaram o falecimento do professor Nunes, aos 53 anos de idade. Minutos antes, uma multidão ficou a espreita ao redor de sua casa. Em meio às pessoas, que estavam em sua residência, o professor olhou e chamou para junto de si Vilhena Alves e mesmo na ânsia da agonia, abraçou o amigo, murmurando em seu ouvido: “até a eternidade”. A cena comoveu a todos, Vilhena soube da enfermidade do colega de tantas lutas e veio vê-lo, sem pensar, que seria pela última vez. Nessa época ele trabalhava em Belém como professor e escrevia livros para a Instrução pública. Ao lado do irmão também estava Bertoldo Nunes, que tinha a esperança de tratar sua doença, mas infelizmente não foi possível. Nesse dia deixou às pressas a escola Atheneu Paraense aos cuidados do professor Severiano Bezerra de Albuquerque, para vir ao encontro do irmão. Nos últimos anos de sua carreira como professor, Araújo Nunes, trabalhava na escola Atheneu, quando foi abatido pela doença.<sup>406</sup>

Após a notícia da morte do mestre, os sócios da Sociedade “Cinco de Agosto” se reuniram em sessão especial, e solicitaram a viúva e a Bertoldo Nunes, a honra de custear o enterro daquele que foi idealizador, sócio benemérito e único presidente da entidade até aquele momento.<sup>407</sup> A mesma preocupação tiveram com a sócia Thereza de Jesus de Vilhena, cujos membros acompanharam o enterro em 1876, entre tantas outras ações de solidariedade.<sup>408</sup> O grupo constituiu uma rede social de amparo, que se

<sup>405</sup> NEVES, Fernando Artur de Freiras Neves. *Romualdo, José e Antônio: bispos na Amazônia do oitocentos*. Belém: ed. UFPA, 2015, p. 09-11.

<sup>406</sup> *O Democrata*. Belém, ed. 205 de 07/11/1891, p. 02; *O Democrata*. Belém, ed.13, 17/01/1893, p. 02; *Folha do Norte*. Belém, ed.378 de 14/01/1897, p. 01.

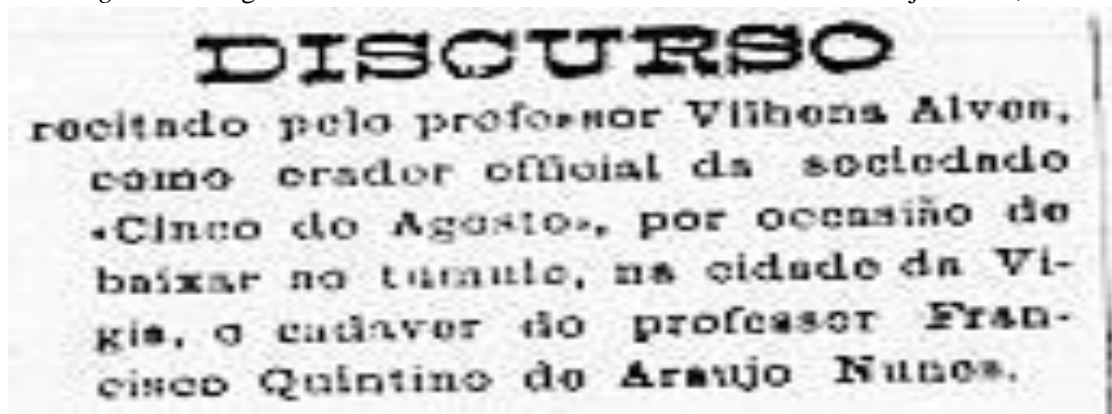
<sup>407</sup> As demais Entidades criadas pelo grupo já haviam encerrado suas atividades em 1893.

<sup>408</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 94 de 24/04/1876, p. 02.

ajudavam em momentos de dificuldade fortalecendo os laços afetivos e direcionando capital financeiro para suas ações, captado principalmente pelas Instituições. Nesse sentido, os associados trouxeram para a Entidade uma função social cumprida tradicionalmente pelas Irmandades religiosas, de amparar os irmãos nas doenças para que tivessem uma boa morte, o que impulsionou a Sociedade “Cinco de Agosto” a ter pretensão de comprar um carro fúnebre para essa finalidade.<sup>409</sup>

O contexto era propício para o florescimento do associativismo mutualista, que agia assegurando amparo apenas para os membros da entidade ou beneficentes, ajudando os sócios e os mais necessitados sob a influência ideológica da Igreja Católica e o perfil de letrado civilizado, cuja consciência social era requisitada por certos segmentos.<sup>410</sup> Nesse caso os “humildes peregrinos” atuavam servindo o grupo e aos pobres, assumindo caráter beneficente ou filantrópico, usando comumente para suas ações o fator humanitário. De uma forma ou de outra, a prática da caridade aliviava a alma do crente, credenciando-o ao caminho do Salvador.

*Imagem 45: Fragmento do discurso de Vilhena Alves no tumulo de Araújo Nunes, 1893.*



Fonte: *O Democrata*. Belém, ed.18, 22/01/1893, p.02.

Nesse sentido, os “humildes peregrinos”, pela condição social modesta trataram de se organizar no que tange a esse aspecto. A maioria deles precisava de ajuda mais do que poderia ajudar o próximo. Na ocasião da morte de Araújo Nunes, além do apoio coletivo via Entidade, cada um ajudou ainda mais como pode. O alfaiate João José Felipe veio da capital e acompanhou o sofrimento do amigo, como forma de prestar

<sup>409</sup> *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 41 de 05/04/1877, p. 04.

<sup>410</sup> VISCARDI, Cláudia Maria. *Mutualismo e Filantropia*. Revista de História, Juiz de Fora: ed. UFRJ, Vol. 18, 2004, p. 1-3.

suas últimas homenagens, forrou com veludo preto, a urna do mestre.<sup>411</sup> O cortejo fúnebre de Araújo Nunes saiu às quatro e meia da tarde, do dia 14 de janeiro de 1893, acompanhado por pessoas de todas as classes sociais, pois ele não se relacionou apenas com pessoas de elevada posição social. A caridade que esteve presente em seu coração ajudou os pobres da cidade. O cortejo seguiu pela Rua de Nazaré e subiu a Tv. das Almas até o Cemitério da Soledade, que ficava no limiar das casas com a floresta. Os músicos da Sociedade “31 de Dezembro”, da qual o falecido era membro, tocaram acordes que soavam melancolicamente pelas ruas. A comoção era grande por parte da esposa e dos filhos, a urna mortuária estava caprichosamente arrumada com quatro grinaldas, oferecidas por pessoas de seu círculo afetivo. No cemitério mais homenagens, políticos, professores e membros da Sociedade “Cinco de Agosto” discursaram. Entre eles, o professor Vilhena Alves, levando todos as lágrimas com a fala ao baixar o caixão do irmão, que nunca teve. Ao finalizar disse:

Adeus amigo, adeus! O teu corpo, é certo, tem de obedecer a lei do transformismo, metamorfoseando-se em novos seres, na eterna evolução da matéria, porem o teu espirito ha de perdurar na memória e no coração de todos que te conheceram, de todo este povo aqui aglomerado, sem distinção de cor politica, o qual vem prestar as últimas homenagens a um grande caráter imaculado, a uma vida toda de sacrifícios pela terra querida de seu berço.

Descanse em paz!<sup>412</sup>

Ainda sobre a rede social de amparo formada em torno do grupo letrado, o lugar de sepultamento do professor precisou da ajuda do grupo para ser erguido dignamente. De Belém, o professor normalista e bacharel em Direito Cantidiano Augusto Nunes, publicou um panfleto e a renda foi revertida na compra da lápide a ser posta no túmulo do tio, que também foi seu mestre nas primeiras letras em Vigia. Já o comerciante da

---

<sup>411</sup> Da geração de Bertoldo Nunes, João Felipe era alfaia e atuou politicamente entre os liberais, ou seja, integrou o núcleo mais autêntico aos projetos do grupo em suas várias dimensões, inclusive participando das Entidades. Ele integrou a Guarda Nacional no batalhão de Vigia, chegando a sargento em 1867. Em 1873 estava na comitiva que prestigiou a festa do orago da vila de São Caetano de Odivelas. Acompanhou politicamente os irmãos Nunes, quando o Pe. Mâncio Caetano Ribeiro provocou um racha no Partido Liberal da Vigia, criando o Partido Católico em 1876 e teve apoio de Araújo Nunes quando este cedeu o corredor de sua casa em 1877, para abrir sua alfaiataria. Uma amizade que se estendia a família Nunes, pois João Felipe testemunhou para Jose Diogo Nunes, irmão do finado, a compra da casa na Rua de Nazaré de Gratuliano Ferreira Bentes em 1875. *Jornal do Pará*. Belém, ed.06 de 08/01/1867, p.01; *O Liberal do Pará*. Belém, ed.202; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 08 de 12/01/1876, p. 01; *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 43 de19/04/1877, p. 05.

<sup>412</sup> *O Democrata*. Belém, ed. 13 de 17/01/1893, p.02.



Praça de Belém, F. Ferreira das Neves, juntamente com o professor Octavio Pires e outros levantaram recursos para a construção do mausoléu.<sup>413</sup> Mediante os esforços, os restos mortais de Araújo Nunes ganharam um local digno de sepultamento e visitação. Nicácio Antônio da Silva Elleres<sup>414</sup> mobilizou os Artistas da cidade e realizou uma subscrição, cujo valor arrecadado foi entregue a viúva para suavizar as despesas mais imediatas da família. Nos últimos anos de vida, Araújo Nunes tentou na Assembleia Provincial melhorar sua aposentadoria, porém sem sucesso. A morte do professor sensibilizou a difícil situação dos professores antigos da Província, o que trouxe para discussão a possibilidade de se fundar, em Belém, uma Entidade de amparo à classe.<sup>415</sup>

No cemitério de Vigia, amigos e discípulos iniciaram a construção de uma memória, onde sobressaia-se a vida pública do velho mestre. Aquele que lutou pelos melhoramentos de sua cidade, o educador, o político, o católico, o homem em que a caridade era perceptível no olhar. As notícias publicadas na imprensa dias após o seu sepultamento, sejam elas de representantes do Partido Democrata, do professor Vilhena Alves e do discípulo Theodoro Rodrigues reafirmaram essa imagem.<sup>416</sup> Araújo Nunes teve relevância no cenário político do Grão-Pará, inclusive candidatando-se ao cargo de Deputado provincial, o que soou como resistência aos projetos vivenciados entre seus pares, sejam eles liberais ou conservadores. Sua luta em firmar um projeto de cidade com inclusão social não coube nessas legendas partidárias, restando então, lutar contra a

---

<sup>413</sup> *O Democrata*. Belém, ed. 16, 20/01/1893, p. 02; *O Democrata*. Belém, ed. 28 de 03/02/1893, p. 01. O túmulo do professor Nunes foi erguido no Cemitério da Soledade, findando o núcleo urbano da Vigia, o qual foi desativado em fins do século XIX. A área hoje é toda ocupada por casas e pela antiga estrutura de captação de água da Cosanpa. Alguns moradores mais antigos dessa área, apontam alicerces e partes de lápides. Talvez os restos mortais de Araújo Nunes tenham sido transferidos para o Cemitério São Francisco de Assis, instalado anos depois, em atividade ainda hoje. Contudo, ao longo do tempo, a maioria das sepulturas antigas foram vendidas a outras famílias, dificultando a localização do túmulo com os restos mortais do professor Nunes. Ler sob a cultura funerária em Vigia no final dos oitocentos em: SOEIRO, Igo. *Cultura funerária na cidade de Vigia no final dos oitocentos: transformações e permanências em torno do imaginário da morte (1860-1885)*. Monografia de Especialização, Belém: UFPA, 2008, p.21-36.

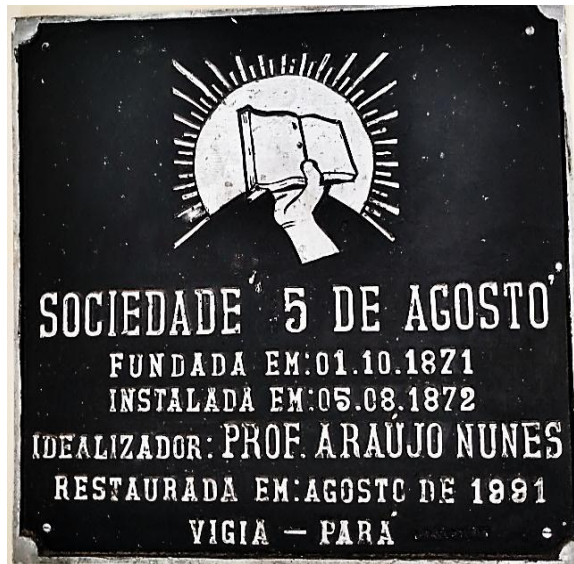
<sup>414</sup> Nos anos de 1870 morou na Rua de Nazaré e instalou sua oficina de alfaiataria na Tv. do Pombal, onde também vendia alguns produtos como fazendas finas. Além do ofício manual, o letramento possibilitou a assumir por curtos períodos cargos públicos. Colaborou com a Sociedade “Cinco de Agosto”. Fiel ao projeto político dos Nunes. *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 46 de 10/05/1877, p.03; *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed.43 de 15/04/ 1877, p. 04; *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed.19 de 26/10/1877, p. 04.

<sup>415</sup> O porta voz da família Nunes era Bertoldo que enviou a imprensa belenense a mensagem de agradecimento a todos aqueles que se solidarizaram nos meses de sofrimento e na hora da morte de seu irmão. E foram muitos, como bem disse: “com raríssimas exceções nos vimos cercados de toda a população de Vigia”, professor Nunes era conhecido e estimado em outras cidades, em Belém, a redação do periódico *O Democrata*, partido da qual era correligionário, lembrou do chefe político. Em São Caetano de Odivelas, a família Rodrigues, ressaltou o cidadão prestimoso, amigo, pai de família, defensor ferrenho de suas ideias. O mestre peregrinou pelas pequenas *urbes* do nordeste paraense, levando conhecimento e a cultura civilizada.

<sup>416</sup> *O Democrata*. Belém, ed. 15 de 19/01/1893, p. 01.

elite agrária, resistir, criar o grupo e buscar pelo capital cultural, travar batalhas nas relações de força.

*Imagem 46:* Placa da reinauguração da Sede da Sociedade “Cinco de Agosto” em 1991.



Fonte: acervo de Igo Soeiro, 2021.

Entre aqueles que contribuíram para a construção da memória de Quintino, Vilhena Alves foi o maior responsável em imortalizar a memória do amigo. Em 1897 publicou em homenagem ao quarto aniversário de seu falecimento, um artigo na imprensa da capital, onde recordou das várias etapas da vida do professor Araújo e do momento emocionante do último adeus: “Ah! não é sem um vivo pesar que me recordo do dia – véspera do passamento – em que meu pranteado amigo, já quase nas ânsias da agonia, chamou-me para junto de si e abraçou-me, murmurou: ‘até a eternidade’”.<sup>417</sup> Lembrar do velho mestre é voltar ao tempo em que floresceu a educação em Vigia na década de 1870 com professores inspiradores como Severiano Bezerra de Albuquerque e Araújo Nunes, cuja escola de ensino primário era sempre a que recebia maior número de alunos. Com o passar do tempo, a memória de Araújo Nunes permanecia viva,<sup>418</sup> reafirmando sua importância para a sociedade vigiense.

<sup>417</sup> *Folha do Norte*. Belém, ed. 378, 14/01/1897, p.01.

<sup>418</sup> Outras medidas foram tomadas pelos membros da Sociedade Cinco de Agosto para manter viva a memória do seu idealizador. Na sessão do dia 10 de outubro de 1905, o sócio Evaristo Ferreira, seu irmão, incluiu uma proposta aceita pelos presentes para se confeccionar o Retrato do professor Araújo Nunes, exposto na sala da Biblioteca da Entidade. Em 1902, quando Manoel Evaristo Ferreira e outros letrados, entre eles, Corina Nunes, filha de Araújo, ergueram a Sociedade Cinco de Agosto que passou a funcionar na casa de Casemiro José Ferreira, na sala da biblioteca avistava-se um retrato do professor

A sociedade “Cinco de Agosto” desempenhou papel decisivo nas ações beneficentes e na guarda da memória do grupo, principalmente dos líderes, os quais foram lembrados pelas gerações vindouras por suas contribuições no campo da educação. Ainda hoje ao entrar na sede, uma placa de chumbo, feita em meados dos anos de 1980, enfatiza ter sido Araújo Nunes o idealizador da Instituição. Em 2009, quando o Arquivo dessa Entidade foi organizado, os sócios acharam por bem homenageá-lo. Embora desde os tempos do Império, o Inspetor de Instrução pública da província registrasse em seu relatório, que Araújo Nunes foi um dos grandes difusores da instrução popular, ele não teve seu nome gravado em um logradouro público na cidade onde nasceu ou naquelas em que trabalhou, ao contrário de Bertoldo Nunes, Vilhena Alves e Augusto Pinheiro, que de alguma forma foram homenageados.<sup>419</sup>

*Imagem 47: Prédio da E.E.F.M Vilhena Alves em Belém, 1975.*



Fonte: <https://www.facebook.com/nostalgiabelem/posts/2125669850888399/>, acessado no dia 23/01/2023.

---

Chiquinho. Em 1915, Jonas José Ferreira, utilizou-se do artigo de Vilhena Alves para escrever a biografia de Araújo Nunes publicada no Anuário de Belém de 1916, em grande parte reforçando as questões já colocadas. Em 1971, Raimundo Dário Ferreira de Brito, membro da Sociedade Cinco de Agosto, pesquisando a história da Entidade e dos fundadores, transcreveu, a próprio punho, as informações que localizou, encadernando-as, podendo ser lida ainda hoje na Biblioteca da Instituição. *Ata da sessão da Sociedade Cinco de Agosto em 10/10/1905*. ASCA. Fundo: Cinco de Agosto. Caixa única.

<sup>419</sup> A memória desse núcleo da família Pinheiro firmou-se na cidade de Curuçá. O nome de Augusto Ramos Pinheiro que nos anos de 1890 destacou-se escrevendo livros de leitura para a instrução pública possui seu nome em uma Escola da rede estadual no município de Terra Alta, território desmembrado de Curuçá, assim como Bertoldo Nunes em outra em Vigia e Vilhena Alves em Belém, inclusive nomeando também uma travessa em Vigia. Araújo Nunes tem sua memória muito relacionada à Sociedade “Cinco de Agosto”. Mesmo assim, um profundo esquecimento paira sobre a história dos “humildes peregrinos” e suas contribuições, sobretudo, a expansão da instrução na antiga província do Grão-Pará.

A prática da beneficência ganhou força entre os letrados por conta da difícil situação social que perpassava a maioria dos componentes do grupo, o tipógrafo Antônio José de Matos Sobrinho, que nasceu em Vigia nos anos de 1850 conheceu Araújo Nunes durante as lições recebidas no banco da escola de ensino primário. Ainda jovem iniciou como aprendiz na tipografia do *O Liberal da Vigia* em 1876. Em Belém, trabalhou na mesma profissão, no jornal *Diário de Belém*, até que em 1880 foi acometido pela “mais cruel das enfermidades”, que o impossibilitou de prover sua família. Uma corrente de amparo se formou para ajudá-lo, na capital recebeu auxílio de vários amigos da gráfica, da Loja Maçônica Harmonia e Fraternidade, de D. Ignês Chermont e do professor Salgado. Mas, foi com os seus conterrâneos e amigos de grupo que encontrou maior amparo recorrendo ao jornalista Bertoldo Nunes, que na época era chefe da redação do *O Liberal do Pará*. Eles se conheceram em Vigia, em 1876, quando Bertoldo Nunes foi secretário de uma das Entidades culturais do grupo. Apesar dos auxílios, a doença avançou rápido, e em 1881 veio para Vigia, onde familiares e amigos arrecadaram alimentos que temporariamente diminuiriam seu sofrimento, porém devido a enfermidade não resistiu.<sup>420</sup>

Manoel Macário Alves, assim como Mattos Sobrinho, também foi aluno dos líderes nas escolas públicas nos anos de 1860. Saindo da mocidade, logo ingressou na rede de sociabilidade do grupo e participou por pouco tempo das Entidades literária que ergueram. Anos depois estava na capital trabalhando na casa comercial de Bernardo Victor dos Santos & Cia, e esporadicamente vinha a Vigia. Ele tinha esperança em um futuro melhor e seus empregadores elogiavam suas qualidades. Mas, a doença o abateu e a luta dos amigos em ampara-lo foi em vão. Na madrugada do dia 05 de novembro de 1880 faleceu, o cortejo fúnebre foi acompanhado pelos comerciantes Brasilino Hollanda, Antônio Amoras e o amigo Bertoldo Nunes, todos conterrâneos de Macário.<sup>421</sup> A morte precoce de muitos letrados enfraqueceu a participação nos grupos culturais no Brasil, que dificilmente passavam de 10 anos, caracterizando as Entidades, escolas e jornais como espaços de funcionalidade efêmera.

<sup>420</sup> *Correspondência da Sociedade Literária e Beneficente Cinco de Agosto ao Presidente da Província do Grão-Pará em 28/12/1876*. APEP. Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Série: Ofícios. Caixa 312 - ofícios de diversas sociedades; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 181 de 11/08/1880, p. 02; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 184 de 14/08/1880, p. 02; *Diário de Belém*. Belém, ed. 58 de 15/03/1881, p. 02.

<sup>421</sup> *Correspondência da Sociedade Literária e Beneficente Cinco de Agosto ao Presidente da Província do Grão-Pará em 28/12/1876*. APEP. Funda da Secretaria da Presidência da Província. Série: Ofícios. Caixa 312 - ofícios de diversas sociedades; *O Espelho*. Vigia, ed. 07 de 13/10/ 1878, p. 02; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 252 de 06/11/1880, p. 01.

O acesso à rede de sociabilidade de Araújo Nunes era bem mais flexível do que a entrada em um Partido Político, o que atraiu uma parcela de letrados vigienses. As propostas do grupo transformaram a rede em uma plataforma de projeção política, onde aqueles com maior expressividade recebiam mais atenção que outros. É necessário destacar que a relação de amparo social acontecia principalmente entre aqueles que se aproximaram das ideias defendidas pelo grupo, não contemplando integralmente aos que se opunham. A exemplo, o artesão Honório dos Santos de Vilhena, morador da Rua de Nazaré, que desde 1872 militava com os conservadores, morreu em 27 de dezembro de 1878 de moléstia pulmonar, diante da ingratidão dos amigos, como afirmou o redator de um jornal de Vigia. Apesar de ter desempenhado função na diretoria da principal entidade do grupo em 1873, apenas Nicácio Antônio da Silva Elleres, Sérgio Antônio Palheta e Manoel Theodoro Gomes, seus companheiros de orquestra nas solenidades religiosas, mandaram celebrar um missa de sétimo dia. O vínculo político com os conservadores o afastou do núcleo de decisões do grupo, que pouca atenção deu a sua doença e morte.<sup>422</sup>

A prática de amparo social, inteiramente ligada ao perfil religioso do grupo, que pregava entre outras virtudes a caridade foi um viés que permitiu ampliar o campo de ação dos peregrinos. Contudo, poucos foram os membros que tiveram longevidade, enfraquecendo a concretização do projeto idealizado por eles. Nessa perspectiva temos Araújo Nunes, que faleceu aos 53 anos de idade e apenas nove sócios que passaram dos 50 anos. Entre eles, João José Felipe e o professor Severiano Bezerra de Albuquerque alcançando os 54 anos, Casemiro José Ferreira que morreu com mais de 60 anos, da

---

<sup>422</sup> Sua oficina de alfaiataria localizava-se na Rua Boa Vista. Possuía uma “pancadaria”, pequena banda musical que prestava serviços nas festas dos Santos e em outras ocasiões, foi secretário da irmandade de N.S. de Nazaré em 1873 e da Sociedade “Cinco de Agosto”. Como letrado, complementava sua renda como procurador de firmas localizadas na capital, precisando cobrar judicialmente dívidas de comerciantes da cidade. Na esfera pública, assumiu vários cargos, professor, Curador Geral dos Órfãos, Promotor interino, Delegado Literário, Agente da Coletoria das Rendas Províncias, suplente de Delegado de Polícia e Procurador da Câmara da Vigia em 1877, onde teve problemas com o vereador e presidente Lauriano Antônio Gil de Sousa. Até então eram amigos. Lauriano até representou Honório Vilhena na capital, junto a Diretoria Geral de Instrução, ao cargo de suplente de Delegado Literário de Vigia em 1875. As acusações de desvio de recursos daquela Casa de Leis no ano seguinte foram mútuas. *Jornal do Pará*. Belém, ed. 234 de 20/09/1871, p. 01; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 195 de 30/08/1872, p. 01; *Correspondência da Sociedade Literária e Beneficente Cinco de Agosto ao Presidente da Província do Grão-Pará em 03/08/1873*. APEP. Funda da Secretaria da Presidência da Província. Série: Ofícios. Caixa 312 - ofícios de diversas sociedades; *Relação dos empregados da Irmandade de N.S. de Nazaré para o ano de 1875*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: Processos diversos. Cx. 14, doc. 08; *Jornal do Pará*. Belém, ed. 78 de 08/04/1875, p. 02; *Jornal do Pará*. Belém, ed. 86 de 17/04/1875, p. 02; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 297 de 30/12/1877, p. 01; *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 43 de 19/04/1877, p. 02, *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 41 de 05/04/1877, p. 04; *O Espelho*. Vigia, ed. 17 de 07/01/1879, p.03; *O Espelho*. Vigia, ed. 21 de 09/02/1879, p. 03.

mesma forma que Manoel Felipe da Costa. Já Bertoldo Nunes e Vilhena Alves morreram em Belém com 76 e 64 anos respectivamente, o sócio Gemino Seabra Nunes faleceu com mais de 63 anos e Maximiano de Oliveira Pantoja chegou aos 80 anos. No entanto, a linha de vida deles não corresponde a atuação no grupo, nas Entidades e na cidade, pois nem todos participaram da mesma forma e com a mesma intensidade. Após 1882, a rede de sociabilidade perdeu força pelas migrações e mortes, e em 1893 com o falecimento do líder, a principal Entidade passou para os adversários, marcando o fim da primeira geração letrada.<sup>423</sup>

*Imagem 48:* Túmulo de Bertoldo Nunes no cemitério Santa Isabel em Belém.



Fonte: acervo do historiador Paulo Henrique, 2015.

Nesse período as ações do Estado para prover os pobres eram diminutas. Mesmo assim, pelas capitais provinciais e interioranas do Brasil imperial as elites econômicas e culturais imbuídas no discurso civilizador de higiene, controle social e instrução trataram de, por meio de iniciativa estatal ou dos grupos letrados, criar entidades para prover a infância desvalida. Em Belém, nessa perspectiva, surgiram a Casa de

<sup>423</sup> Raymundo Nunes da Costa morreu em 1885 com menos de 35 anos, Jonas José Ferreira faleceu em 1882 e Antônio Joaquim de Miranda Gama em 1887, Gerônimo Alves de Mello em 1889, conseguiu passar dos 40 anos, Hilário Espírito Santos Palheta morreu em 1889, João Marques de Oliveira em 1885 e Matos Sobrinho em 1880, ficaram entre os 30 e 40 anos.

Educandos Artífices, a Companhia de Aprendizes Marinheiros, o Colégio Nossa Senhora do Amparo, o Orphanato Paraense, o Instituto de Proteção e a Assistência a Infância do Pará, espaços para o aprendizado das primeiras letras e de ofícios mecânicos como de marceneiro, calafate, alfaiate, entre outros. Não menos importante foi a atuação dos letrados, que também mantiveram entidades com esse fim, normalmente subvencionada pelo Estado, como a Sociedade Beneficente Artística Paraense em Belém e tantas outras, que mesmo não expressando explicitamente na nomenclatura o caráter filantrópico, acabavam atuando nesse sentido.<sup>424</sup>

Assim, os “humildes peregrinos” propagaram, pelas entidades e escritos jornalísticos, o interesse de desenvolver o espírito de caridade na sociedade. Nessa linha de trabalho, nenhuma atuou tão intensamente quanto a Sociedade “Cinco de Agosto”, que em 1872 prestava serviços relevantes a sociedade vigiense, distribuindo esmolas e tendo a pretensão de abrir uma escola e um Asilo aos órfãos.<sup>425</sup> As ações assistencialistas dos “humildes peregrinos” relacionadas ao desenvolvimento da instrução em Vigia foram importantes para que os pobres pudessem ascender socialmente, pensamento difundido pelos intelectuais no Brasil e no exterior.<sup>426</sup>

Assim, o ponto de partida do projeto civilizador cristão iniciava-se com as crianças. Nesse sentido, as práticas filantrópicas do grupo previam intervenções sociais como a criação de um Asilo e espaços de amparo social as crianças desamparadas, ajudando em sua formação moral, religiosa, educacional e profissional, proliferando nas cidades brasileiras a partir de 1850. Mesmo que os indícios apontem para o fato de que o Asilo idealizado não tenha sido concretizado, nos reporta a situação precária das crianças pobres em Vigia, sobretudo as órfãs, lançadas ao abandono nas ruas, trabalhando desde a infância e na miséria, por vezes sem ter como se alimentar.<sup>427</sup> Vilhena Alves destacou esse problema em longo artigo escrito em 1872.<sup>428</sup> Apesar

---

<sup>424</sup> ALVES, Laura Maria Silva Araújo. *A política de caridade, assistência e proteção à infância desvalida em Belém do Pará: do Império a República*. Revista @rquivo Brasileiro de Educação, Belo Horizonte, v.3, n.6, ago-dez, 2015.

<sup>425</sup> *A Boa Nova*, ed. 36 de 10/06/1872, p. 03-04.

<sup>426</sup> Um longo apanhado sobre as práticas educativas foi feito no primeiro item desse capítulo.

<sup>427</sup> ABREU, Marta; ZENI, Maurício. “Filantropia”. VAIFAS, Ronaldo (org.). *Dicionário do Brasil Imperial (1822—1889)*. RJ: Objetiva, 2008, p. 278-279.

<sup>428</sup> *A Boa Nova*, ed. 36 de 10/06/1872, p. 03-04.

disso, as Irmandades religiosas que normalmente realizavam a filantropia estavam mais preocupadas em organizar a festa do santo patrono.<sup>429</sup>

Ainda sobre essa forma de beneficência que mereceu maior atenção do grupo, após a função religiosa ter sido excluída do Estatuto da “Cinco de Agosto”, a distribuição de esmolas aos pobres foi a que mais persistiu,<sup>430</sup> apesar das críticas de certos segmentos da intelectualidade brasileira, de que isso apenas camuflaria o problema da pobreza, sem resolver de fato. No entanto, os liderados de Araújo Nunes não encontraram outros meios, para em pouco tempo, atenuar o sofrimento das pessoas. A Entidade de maior prestígio entre eles protagonizou uma iniciativa importante para a sociedade em 1876, momento em que organizou uma subscrição para ajudar os flagelados da seca do Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba em 1877, que mobilizou a cidade de Vigia em prol dessa causa humanitária e patriótica. Para isso, uma comissão em parceria com Juiz Municipal, composta pelos sócios Joaquim Catanho Sobrinho, Antônio de Miranda Gama e Januário Nunes, percorria as ruas buscando conseguir, entre os moradores, a doação de recursos para diminuir o sofrimento dos Nordestinos.<sup>431</sup> Em território vigiense, no início século XX, uma deliberação dos sócios reunidos em Assembleia previu uma ação no final do ano de 1905 que chamaram de Natal dos Pobres, uma forma de agradecer os mais necessitados, num período de forte carga emocional como o Natal, para o qual foi organizado um Bazar social na casa de Casemiro Ferreira.<sup>432</sup>

Sobre as práticas humanitárias conciliadas com o projeto civilizador cristão, em 1873, a província foi devastada pela varíola e as pessoas acabaram migrando para os sítios, em busca de isolamento, o que deixou as escolas praticamente sem alunos. Novamente, a Sociedade “Cinco de Agosto” organizou uma comissão de socorros, em cooperação com o governo provincial, providenciando meios para atenuar os impactos da epidemia.<sup>433</sup> Já em 1905, os moradores da vila de Colares, adjacente a Vigia de Nazareth, por estar passando por nova epidemia, solicitaram ajuda da “Cinco de

<sup>429</sup> Ver os inúmeros autos de prestação de contas nas caixas 08 a 11 do Fundo do Cartório Raiol (área civil) do ASCA.

<sup>430</sup> *A Boa Nova*. Belém, ed. 67 de 30/10/1872, p. 03; *A Boa Nova*. Belém, ed. 67 de 30/10/1872, p. 03; *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 41 de 05/04/1877, p. 03; *O Espelho*. Vigia, ed. 06 de 06/10/1878, p. 01-02.

<sup>431</sup> *Correspondência da Sociedade Cinco de Agosto com o Presidente da Província do Pará em 25/06/1877*. APEP. Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Série: Ofícios. Caixa 312 - ofícios de diversas sociedades

<sup>432</sup> *Ata da Sociedade Cinco de Agosto de 03/12/1905*. ASCA. Fundo: Cinco de Agosto, Cx. Única.

<sup>433</sup> *Correspondência da Sociedade Literária e Beneficente Cinco de Agosto com o Presidente da Província do Pará em 03/08/1873*. APEP



Agosto” que aprovou o envio de recursos financeiros. O caráter beneficente do grupo ficou mais latente com o início da segunda geração, no começo do século XX. Nesse contexto, a Sociedade “Cinco de Agosto” chegou a possuir aproximadamente 200 membros que contribuíram para suas ações.<sup>434</sup>

---

<sup>434</sup> *Ata da Sociedade Cinco de Agosto em 10/10/1905*. ASCA. Fundo: Cinco de Agosto, Cx. Única.

## **CAPÍTULO 3: GRUPOS LETRADOS E PROJETOS DE PODER**

### **3.1: Liberais, conservadores, os “humildes peregrinos” e o Pe. Mâncio Caetano.**

Na noite do dia 19 de junho de 1870, uma festa dançante, na casa do tenente Ignácio Baptista da Silva na Rua de São Bernardo atraiu a participação das famílias tradicionais de Vigia de Nazareth, que apreciavam as apresentações de quadrilhas juninas, degustavam as comidas típicas e conversavam sobre os assuntos do momento. Por volta das oito horas da noite, um burburinho tomou conta do ambiente e o Delegado de polícia substituto, Lauriano Antônio Gil de Sousa viu pela janela da residência Bertoldo Nunes, o pardo João José Felipe, Miranda Gama e Gemino Nunes, demonstrando um comportamento que chamava a atenção. A partir daí, os discursos propagados na imprensa da capital e nos documentos judiciais divergiram sobre o ocorrido.

A versão do Delegado, semelhante à de alguns frequentadores do ambiente, acusava os jovens de praticarem atos ofensivos a moral e aos bons costumes, contrariando os princípios de sociabilidade, como as altas gargalhadas e as ofensas direcionadas as senhoras, comportamento praticados por eles também em outros locais públicos. O anfitrião da festa era um cidadão de posição social, assim como as famílias ali presentes, que cobraram providências do agente da ordem. Contudo, a outra versão defendia que eles estavam apenas conversando. Durante a confusão que interrompeu a festa, o delegado Lauriano aproveitou a oportunidade para acertar antigos desafetos, insultando os jovens de canalhas e imorais, agindo com excesso de poder e violência. Houve trocas de agressões e Miranda Gama quase foi preso. Lauriano afirmou que suas atitudes eram justificadas por temer que estivesse em curso uma revolução, por isso pegou Bertoldo pelo braço, o mais exaltado deles, efetuando voz de prisão, que foi impedida por José Diego Nunes, irmão do suposto revolucionário, que com os amigos saiu às carreiras gritando: viva a liberdade! Viva a orgia.

Aparentemente o litígio estava resolvido, porém ao amanhecer do dia seguinte, o quarteirão da casa de Bertoldo na Rua de Nazareth, onde morava com a mãe D. Cândida Maria, foi cercado por 20 policiais, mas ele já havia partido horas antes para Belém. Na ocasião, o professor Araújo Nunes estava trabalhando nas proximidades e preocupado

com sua mãe foi imediatamente para lá, questionando os policiais sobre a legalidade da ação.<sup>435</sup>

Conflitos semelhantes ao da noite do dia 19 de junho eram corriqueiros nesse período, até na Casa de Deus, epicentro da vida religiosa e política da região, isso ocorria. Em agosto de 1877, durante a festividade em honra a N.S. de Nazareth, o vigário Mâncio Caetano Ribeiro insultou e expulsou da Igreja Matriz, Manoel Epaminondas de Vasconcelos Palheta, Augusto Pinheiro e Manoel Felipe da Costa.<sup>436</sup> No entanto, nada comparado ao levante armado, que ocorreu em outubro de 1876 na vila de Cintra, pertencente à Comarca da Vigia, quando um grupo com cerca de 30 homens, armados com pau e facas, liderados por Luís Alves Lobo e Talismã José de Farias invadiu a Igreja às quatro e meia da tarde, protestando contra as eleições primárias aos gritos de “Avancem camaradas! Deem cacetadas, matem esses conservadores e arrebatem essa urna para fora!”.<sup>437</sup> Essas tensões, muito mais que desentendimentos despreziosos eram desdobramentos das relações de força no campo cultural vigiense,<sup>438</sup> entre os correligionários do partido liberal e conservador. Para melhor entender as dinâmicas políticas, o escritor René Rémond observou em suas pesquisas, que o comportamento dos intelectuais europeus do século XX voltado ao engajamento político, guiava a dimensão social, cultural e econômica dos grupos.

Em Vigia, para os letrados nas décadas finais dos oitocentos não foi diferente, a atuação política ocupou um lugar central em suas vidas, o que é possível observar por meio dos itinerários desses homens, envolvidos em agremiações políticas e redigindo jornais com teor político, como *O Liberal da Vigia*, *O Vigiense* e *O Publicista*, buscando meios para conquistar a opinião pública, disputando as eleições e atuando em cargos eletivos como de Juiz, vereador e deputado provincial.<sup>439</sup>

---

<sup>435</sup> *Diário de Belém*. Belém, ed. 143 de 26/06/1870, p. 01; *Liberal do Pará*. Belém, ed. 143 de 28/06/1870, p. 01-02; *Sumário de Crime de Responsabilidade de autoria de D. Cândida Maria Ferreira Nunes contra o Delegado substituto em exercício Lauriano Antônio Gil de Sousa, 1870*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Criminal. Série: Processos diversos. Cx. 03, doc. 10.

<sup>436</sup> *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 11 de 30/08/1877, p.02-03.

<sup>437</sup> *Autos crime de inquérito policial para sumário de culpa em que é réu Talismã José de Farias e outros, 1877*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Criminal. Série: Processos diversos. Cx. 04, doc. 20.

<sup>438</sup> O campo cultural vigiense, compreendido a partir de sua elite letrada, tem sua origem com o nascimento dos partidos políticos após a independência, ganhando visibilidade regional com os periódicos da capital, principalmente nos anos de 1860. Para a sua compreensão utilizo os conceitos de Bourdieu de campo, *habitus*, capital e distinção presentes nos seguintes livros: BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. 2ª ed. SP: Companhia das letras, 2005; BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. SP: Edusp, 2007.

<sup>439</sup> RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2ª ed. RJ: FGV, 2003, p. 09-10.

Evidentemente que Vigia de Nazareth não era um caso isolado na história política brasileira, pois nas cidades com maior número de cidadãos,<sup>440</sup> as disputas pelo poder eram cada vez mais tensas. O historiador Felipe Matos analisou os grupos letrados da cidade de Florianópolis, ao iniciar a primeira República, enfatizando as disputas no campo cultural Catarinense, na época sob a hegemonia do partido republicano, os quais se organizaram em partidos políticos e entidades culturais, em uma verdadeira batalha por espaço, legitimação e distinção social. Os membros dessa elite literária possuíam formação universitária, ocuparam cargos no alto escalão do governo, escreveram livros e fundaram a Academia Catarinense de Letras. Nessa capital, a chamada Geração da Academia, onde estava Henrique da Silva Fontes, Othon da Gama Lobo d' Eça e Laercio Caldeira de Andrade, enfrentou a ascensão de novos intelectuais, que se apropriaram da Semana de Arte moderna de 1922.<sup>441</sup> Embora as diferenças enquanto período histórico, perfil social e lugar na geografia regional (capital x interior), nota-se que em Vigia, na década de 1870, também coexistiram grupos letrados disputando ferrenhamente a hegemonia do campo cultural, que se organizaram por meio do partido liberal e conservador em meio a emergência de um novo grupo, os “humildes peregrinos”, que criaram entidades precursoras da Academia Paraense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Pará.

Os grupos letrados da Vigia tinham espaços de sociabilidade privilegiados nos partidos político,<sup>442</sup> que os conectavam ao estado, as eleições e ao poder. Politicamente

---

<sup>440</sup> A partir da Constituição de 1824 eram considerados cidadãos todos os homens livres, inclusive os libertos, supostamente com igual acesso aos direitos civis. Já os direitos políticos havia diferenciação levando em conta a renda. Os cidadãos passivos não tinham renda para exercer os direitos políticos. Os cidadãos ativos votantes eram aqueles com renda mínima de 100 mil réis por ano e poderiam escolher os membros do colégio de eleitores. Já os cidadãos ativos eleitores e elegíveis, com renda anual superior a 200 mil réis, poderiam compor o colégio eleitoral e ser votado para vereador, Juiz de Paz, deputado provincial e senador. Dessa forma, era significativa a parcela da população com direitos políticos. No entanto, existindo outros meios formais de relação do cidadão com o Estado, pois se fossem alfabetizados, cidadãos ativos e eleitores, poderiam participar do poder Judiciário, seja do corpo de jurados ou como Juiz de Paz (um por distrito), além de ingressar na Guarda Nacional. Entre outros direitos civis e políticos incluía-se a participação na imprensa, liberdade de organizar instituições políticas, encaminhar reclamações e petições ao governo e resistir a uma ação ilegal. A igualdade civil, na prática, era restrita, pois o exercício da cidadania não era o mesmo para todos. As eleições foram a principal expressão do exercício da cidadania política, marcadas pela violência e fraudes. GRINBERG, Keila. Cidadania. VAINFAS, Ronaldo (dir.). *Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)*. RJ: Objetiva, 2008, p. 139-140.

<sup>441</sup> MATOS, Felipe. *Armazém da província: vida literária e sociabilidade intelectual em Florianópolis na Primeira República*. Tese de doutorado. Santa Catarina: UFSC, 2014, p. 17-41.

<sup>442</sup> Os partidos monopolizavam o “mundo do governo” e, de acordo com a circunstância, podiam agir de forma semelhante ou diferente. Entre as ideias pregadas pelos liberais estava à máxima de que “o rei reina, mas não governa”, a defesa da extinção do poder moderador, do senado eletivo, de eleições diretas para governos provinciais, descentralização administrativa, autonomia provincial, reduzida ação policial, eleição popular para magistrados e agentes judiciais, extinção da Guarda Nacional, emancipação dos

estavam organizados nas capitais interioranas através de uma junta provisória, composta por um presidente, vice-presidente, secretário e outros cargos, subordinados a comissão central do partido em Belém. Isso favorecia a relação entre a elite letrada, a política local e a capital. As agremiações vigienses eram compostas socialmente, em grande parte, por letrados de condições remediadas, contudo o controle e direcionamento das ações dessas agremiações pertenciam às famílias oriundas da elite agrária e mercantil. Dessa forma, a classe dominante usava os partidos políticos em Vigia, e no geral nas Províncias do Império, como mecanismo de dominação e reprodução das relações de poder entre as classes. Nesse sentido, a lacuna existente entre as famílias ricas que detinham capitais, direitos e distinção, e os remediados alijados da participação efetiva do poder, estava relacionada diretamente com a organização da produção econômica e o poder político, formando uma estrutura de dominação que limitava a mobilidade social, iniciada com a distribuição de cartas de sesmarias pela Coroa no século XVIII aos colonos portugueses.<sup>443</sup>

Outro fator que fortalecia essa estrutura era o processo de transmissão hereditária de capital econômico e posição privilegiada na hierarquia social, cuidadosamente registrada nos documentos do judiciário, momento em que outra geração familiar iniciava, com a passagem da herança aos filhos, sem que o *status quo* fosse alterado.<sup>444</sup> As terras da elite fundiária circundavam o núcleo urbano de Vigia, cujas propriedades estavam às margens dos rios ou mesmo nas ilhas próximas, onde se produzia açúcar, aguardente, arroz, algodão, farinha e outras culturas, como o café, que até a década de 1850 era um dos principais produtos exportados. Agostinho José do Carmo Barriga, nascido em 1841, foi um líder político cujo perfil expressava bem a elite econômica da região. Seu avô era proprietário do engenho São José nas terras do

---

escravos (a partir de 1861) e o fim do recrutamento obrigatório. Essa legenda partidária iniciou a partir do ano de 1870, a crítica ao regime de governo imperial, defendendo o nascimento do regime republicano. Já o partido conservador afirmava que o “rei reina, governa e administra”, defendia a centralização política para preservar a integridade do império e a independência do Judiciário. GUIMARÃES, Lúcia. Partidos. VAINFAS, Ronaldo (dir.). *Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)*. RJ: Objetiva, 2008, p. 563-566.

<sup>443</sup> Entre eles, citamos: José da Silva serôdio (1724), Isabel de Torres (1724), Lourenço de Matos (1726), Manoel de Souza Álvares (1728), Paulo Gomes Correia (1729), Francisco da Costa Barbosa (1729), João Cordeiro Vilela (1729), Antônio Luís casado (1729), Manoel da Rocha (1733), José da Costa Raiol (1743), Francisco Dias Botelho (1743), Bento Garcia (1746), Antônio de Souza Cabral (1746), Dâmaso André (1746), Henrique de Matos (1750), Amaro Furtado de Mendonça (1752), José Luiz Antunes (1754), Amador dos Leites (1757), Amador dos Leites (1764). CORDEIRO, Paulo. *História da Vigia: economia, escravidão e elite agrária (1652-1854)*. 1ª ed. Belém: Ed. Cabana, 2021, p.73-74.

<sup>444</sup> Entre as séries documentais do Arquivo da Sociedade “Cinco de Agosto”, a de Inventários, com oito caixas de documentos, é a que melhor permite compreender as posses e a transmissão de riqueza dessa elite agrária da Comarca de Vigia de Nazareth aos seus herdeiros.

Tauapará, <sup>445</sup> enquanto ele nos anos de 1870 do engenho Itapu. Agostinho foi um dos principais líderes do partido conservador, que além de viver de suas rendas da exportação do aucar e aguardente, também investiu em uma Casa comercial alinhada aos comerciantes da capital. Nela comercializava gneros necessários à vida e os utensílios para a pesca, servindo como base para as canoas que possuía, além de aviar embarcações menores, pois nas décadas finais do século XIX os derivados do peixe, sobretudo o grude, passaram a figurar na pauta dos produtos exportados por essa elite. No final da vida, nos anos de 1890, a loja desse rico homem letrado representava cerca de vinte por cento de sua fortuna, que era estimada em 34 contos de réis. <sup>446</sup>

**Quadro 06: Famílias detentoras de engenhos de aucar e aguardente em Vigia, séc. XIX.**<sup>447</sup>

Proprietário	Nome do engenho
Tenente-Coronel Bento José de Almeida	-
Francisco José do Carmo Barriga	Itapu
Hilário Gomes Coelho	Pauoco
Manoel Ferreira Sarmento	Barreta
Bernardino Dias Botelho	Bituba
Cassiano Antônio de Souza Alvares	Outeiro
Bernardo José Vilhena	Anaheir
Ignácio José de Miranda	Macapá
Domingos Antônio Raiol	Santo Antônio da Campinha
Custódio José do Carmo Barriga	São José

Outro representante dessa elite agrária e importante chefe do partido liberal foi o português Bento José de Almeida, que viveu entre os anos de 1797 a 1872, com capital econômico de mais de 20 contos de réis que além de possuir terras e várias residências,

<sup>445</sup> Agostinho Barriga possuía um irmão de nome Antônio Barriga. Seus avós eram Custódio José do Carmo Barriga (falecido em 1859) e Cândida Maria Alves (falecida em 1845) e seus tios Francisco José do Carmo Barriga e Custódio José do Carmo Barriga. O engenho São José, no Rio Tauapará, possuía tachos, alambique, ferramentas, canoa, casco, escravos (21), gado, cabra, canavial e casas de vivenda. Além da propriedade agrícola os avós de Agostinho possuía uma casa na Rua de São Bernardo no valor de sete contos de réis. *Inventário de Cândida Maria Alves, 1846*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. rea: Civil. Série: Inventários. Cx. 01, doc. 43; *Inventário de Custódio José do Carmo Barriga, 1860*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. rea: Civil. Série: Inventários. Cx. 02, doc. 38.

<sup>446</sup> O patrimônio de Agostinho de Barriga, que era filho de Antônio José do Carmo Barriga, constituía-se de uma casa na Rua Visconde de Sousa Franco, esquina com a Tv. da Fonseca, outras duas casas, alguns terrenos em Vigia e a loja comercial no valor de sete contos de réis. Além disso, possuía uma dvida com hipoteca de Herculano Olympio Ferreira Guimarães no valor de um conte e seiscentos réis, uma apólice da Companhia de seguro de vida União Paraense, incorporada pela Sul América sediada no Rio de Janeiro no valor de 20 contos de réis e muitos animais. *O Espelho*. Vigia, ed. 24 de 02/03/1879, p. 03; *Inventário de Agostinho José do Carmo Barriga, 1895*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. rea: Civil. Série: Inventários. CX. 05, doc. 12A.

<sup>447</sup> CARLOS, Seidl; PAIVA, Octaviano José (coord.). *Almanak Administrativo, mercantil e industrial da Província do Pará*. Belém, 1869, p. 293.

dispunha 12 escravizados.<sup>448</sup> Por conta das lavouras, cobiçou-se desde o século XVIII a mão de obra dos africanos escravizados, sendo essa uma importante característica da composição dos bens e do poder da elite econômica de Vigia de Nazareth.

O historiador José Maia Bezerra Neto nos oferece uma nova abordagem sobre a presença negra africana na Amazônia, revelando a sua importância para a economia e a formação social da região. Do tráfico irregular a sua regularidade, com a criação da Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão entre 1755 a 1778, incorporando quase dez mil africanos, momento em que também houve alteração no trabalho dos indígenas, fundamental para manter os empreendimentos extrativistas, as fazendas dos colonos e das ordens religiosas. Nesse período, a forte presença dos africanos no meio rural da província justifica-se pelas atividades criatórias, como do gado e dos empreendimentos agrícolas na produção de tabaco, açúcar, arroz, algodão, cravo fino e do cacau. A disponibilidade de terras era abundante e a força de trabalho africana foi imprescindível para a produção das culturas exportáveis. Nas propriedades os escravizados cuidavam de praticamente tudo, extraíndo madeira, plantando, colhendo, transportando e até mesmo exercendo ofícios especializados, como de ferreiros e marceneiros.<sup>449</sup>

Vigia de Nazareth, em razão de sua importância como centro produtor da Província do Grão-Pará, era uma das cidades interioranas com significativa presença de escravizados na composição social. A exemplo disso, o coronel Raimundo Antônio de Sousa, em meados do século XIX, possuía lavoura de produção de açúcar e aguardente, suas terras se espalhavam por um vasto território, abrangendo uma ilha denominada Iporanga, o sítio Retiro, terras no Rio Muri e Mujuim e no igarapé Campina, contando com o trabalho de 53 escravizados, para os inúmeros afazeres nas dinâmicas de produção.<sup>450</sup> A família Raiol, proprietária do engenho Santo Antônio da Campinha, nas terras do Tauapará, agregava mais de quarenta negros para os serviços. Bento José de

---

<sup>448</sup> Bento de Almeida faleceu em viagem para a Capital quando buscava tratamento a sua enfermidade. Entre seus bens encontramos muitos utensílios como cadeiras, mesas, armários, cama, cantis, uma salva e um paliteiro de prata, cama de ferro, dois cantis para querosene, colheres de prata, uma bandeja e um tacho de cobre, além de 12 escravizados, a maioria mulheres, seis casas e três terrenos em Vigia. *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 169 de 30/07/1872, p. 01; *Inventário de Bento José de Almeida, 1873*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: Inventários. Cx. 04, doc. 09.

<sup>449</sup> NETO, José Maia Bezerra. *Escravidão negra no Grão-Pará, séc. XVII-XIX*. Belém: Paka-Tatu, 2001, p. 57-75.

<sup>450</sup> *Inventário de Raimundo Antônio de Sousa Alvares, 1842*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área-Civil. Cx. 01, doc. 24.

Almeida possuía doze mulheres escravizadas,<sup>451</sup> que nos indica a importância da escravidão feminina no ambiente doméstico e na cidade, pois as décadas finais do século XIX marcaram o crescimento das atividades comerciais, e com isso a expansão demográfica da *urbe* e da oferta de serviços, conseqüentemente era possível encontrar negras vendendo doces no largo da Matriz,<sup>452</sup> apanhando água nos poços públicos,<sup>453</sup> e até mesmo desenvolvendo outros afazeres importantes.

**Quadro 07: Famílias detentoras de fazendas de farinha, arroz e algodão em Vigia.**<sup>454</sup>

Proprietário	Nome da propriedade
Antônio Barbosa Lobo	Santa Maria
Estevão Lins de Hollanda	Cangalha
Ignácio José Alves	Santa Cruz
João Antônio Monteiro	Boa-Vista
Joaquim Manoel de Carvalho	Boa Esperança
Manoel Francisco de Vilhena	Não especifica
Matheus do Carmo Barriga	São Jerônimo
Raimundo Alexandrino de Vilhena	Boa-Vista
Raimundo Antônio de Almeida	Santa Cruz
Raphael do Espirito Santo de Moraes	Boa-Vista

Outro membro dessa elite econômica e mercantil que dirigia os partidários políticos era José Pedro de Moura Palha, que nasceu em 1816 e faleceu em fevereiro de 1890. Aos 19 anos lutou ao lado das forças do império contra os “rebeldes” (Cabanos) em Vigia, posteriormente casou com Maria Juliana Suarez, que era natural da cidade de Caracas, capital da Venezuela.<sup>455</sup> Destaca-se ainda Joaquim Manoel de Carvalho,

<sup>451</sup> Entre seus bens encontramos muitos utensílios como cadeiras, mesas, armários, cama, cantis, uma salva e um paliteiro de prata, cama de ferro, dois cantis para querosene, colheres de prata, uma bandeja e um tacho de cobre, seis casas e três terrenos em Vigia. *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 169 de 30/07/1872, p. 01; *Inventário de Bento José de Almeida, 1873*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: Inventários. Cx. 04, doc. 09.

<sup>452</sup> *Sumário de culpa em que é autor Joaquim Manoel de Carvalho e reo Juvenal de Moraes Rego, 1882*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Criminal. Série: processos diversos. Cx. 05, doc. 15.

<sup>453</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 10 de 22/10/1879, p. 02.

<sup>454</sup> CARLOS, Seidl; PAIVA, Octaviano José (coord.). *Almanak Administrativo, mercantil e industrial da Província do Pará*. Belém, 1869, p. 293.

<sup>455</sup> Tiveram seis filhos, a saber: Antônio Botelho de Moura Palha que migrou para a cidade de Macapá, sendo comerciante. Maria de Nazaré de Moura Palha que casou com João do Espirito Santo Medeiros. Prisco de Moura Palha, após atuação em cargos públicos em Vigia, teve problemas mentais e foi internado no Asilo de alienados em Belém nos anos de 1890. Modesto Augusto de Moura Palha atuou em Vigia como Coletor Provincial. Ana de Moura Palha que morreu jovem em 1855 vítima da cólera. Entre os sobrinhos temos Augusto Cesar de Moura Palha, filho de Modesto, que se destacou na literatura e na tradução de texto da língua francesa, morrendo tragicamente em 1912 na Rua Conselheiro João Alfredo em Belém com quatro perfurações à bala e Frederico Augusto de Moura Palha que foi aluno do Atheneu Paraense e casou com Raimunda Augusta Ferreira Matosinho, nomeado em 1899 por Antônio Lemos como copista da secretaria da Intendência de Belém. A matriarca da família Moura Palha morreu em 21 de maio de 1898, quando residia na vila de Porto Salvo. *Treze de Maio*. Belém, ed. 359 de 20/07/1854,



nascido em 1813, um médio proprietário rural com terras na região do Tauapará, com poder econômico acumulado em cerca de seis contos de réis.<sup>456</sup> Citamos também entre os que se destacaram como chefes liberais, Geraldo Ferreira Bentes.<sup>457</sup> Entre os líderes conservadores despontava o Pe. Luiz Gonçalves de Aragão, nascido em Vigia em 1834, sua formação eclesiástica ocorreu no Seminário Americano de Roma e no Seminário Episcopal de Belém, no final dos anos de 1850. Foi nomeado vigário da Vigia nos anos de 1860,<sup>458</sup> faleceu em 1873,<sup>459</sup> vítima da epidemia de varíola, seus bens somavam dez contos de réis.<sup>460</sup> Além dele, Jonas José Ferreira, assim como seus irmãos, teve destaque

---

p.02; *Gazeta Oficial*. Belém, ed. 277 de 11/12/1859, p. 01; *Jornal do Pará*. Belém, ed. 37 de 14/02/1867, p. 02; *O Pará*. Belém, ed. 145 de 25/05/1898, p. 01; *A Constituição*, ed. 275 de 05/12/1879, p. 01; *O Para*. Belém, ed. 392 de 20/03/1899, p. 02; *Treze de Maio*. Belém, ed. 285 de 28/01/1854, p. 12; *Diário de Notícias*. Belém, ed. 280, p. 02; *Treze de Maio*, ed. 603 de 03/12/1855, p. 02; *Diário de Belém*. Belém, ed. 23 de 27/01/1884, p. 3; *O Pará*. Belém, ed. 163 de 15/07/1898, p. 02; *O Pará*. Belém, ed. 395 de 25/03/1899, p. 02; *O Pará*. Belém, ed. 634 de 19/01/1900, p. 02; *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 39 de 29/10/1882, p. 03; *A República*. Belém, ed. 02 de 18/02/1890, p. 02; *Estado do Pará*. Belém, ed. 459 de 13/06/1912, p. 02.

<sup>456</sup> Entre os bens de Joaquim citamos: uma morada de casa em mau estado na rua de Nazareth, uma casa na travessa Conselheiro José Bonifácio, uma casa em frente ao rio que banha a cidade, com fundos para a rua Visconde do Rio Branco, um quarto de casa em frente ao rio que banha a cidade, uma casa no sítio Conceição no Tauapará, uma casa no lugar coqueiro, 1300 braças de terra de frente o rio Tauapará, um forno de cobre com oito palmos de diâmetro, outro com seis palmos, um tacho de cobre com três e meio palmos de diâmetro. *Inventário de Joaquim Manoel de Carvalho, 1903*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: Inventários. Cx. 06, doc. 15; *O Pará*. Belém, ed. 485 de 17/07/1899, p. 03.

<sup>457</sup> Ao iniciar o ano de 1872, atuavam no partido liberal os seguintes nomes, sendo possível haver outros: Joaquim Manoel de Carvalho (Juiz de paz), Serafim dos Anjos Alves, Candido Leopoldino Ferreira de Miranda, Geraldo Ferreira Bentes, (presidente da câmara), Raimundo Pinheiro do Rosário (Juiz de paz do 2º distrito), Felizardo José Ferreira (vereador), Antônio Gomes de Souza, Antônio Joaquim de Miranda Gama (comerciante), Bento Pires da Gama, Lourenço Antunes do Valle (comerciante), Manoel Filipe da Costa (comerciante), José Raphael do Nascimento, Eduardo Marques de Oliveira, Gemino Manoel Seabra Nunes, Manoel das Mercês das Neves, Manoel Antônio Rodrigues, Modesto Augusto de Moura Palha (proprietário), Feliciano Antônio de Oliveira Cabral, José Curcino da Silva (comerciante), Francisco Dias Botelho, (proprietário), Firmo Antônio de Nazareth da Silva (comerciante), Hilário do Espírito Santo Palheta, Lívio Torquato Pinheiro, Francisco de Moura Palha (proprietário), Luiz Manoel Ferreira Sarmiento (proprietário), Cassiano Antônio de Souza Alvares (proprietário), Joaquim Gomes do Amaral (Juiz de paz do 1º distrito), Felix José de Carvalho (comerciante), Antônio Romano de Souza Franco (proprietário), José Joaquim da Costa (lavrador), Maximiano de Oliveira Pantoja (comerciante), Antônio Liberato de Moraes, José de Mello Palheta e Vasconcellos, José Diogo Nunes (proprietário), Manoel de Oliveira Pantoja (comerciante), José Pedro de Moura Palha, Joaquim Manoel de Carvalho, Santiago Pires, Bertoldo Nunes (professor), Araújo Nunes (professor). *O Liberal do Pará*. Belém, ed.195, 1872, p. 01

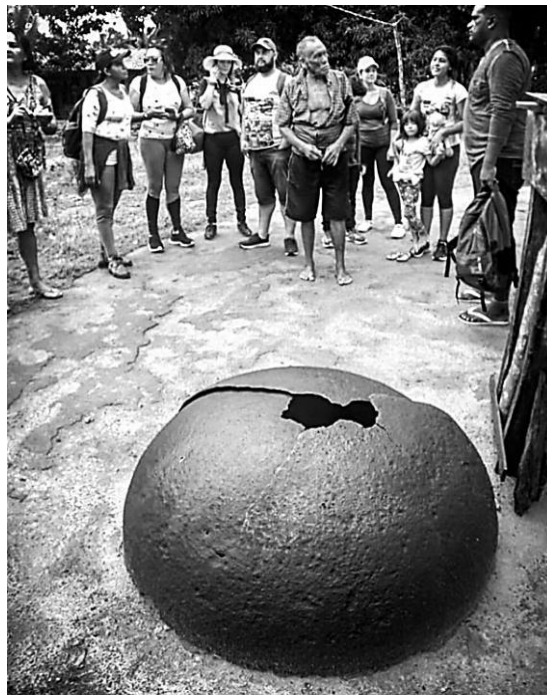
<sup>458</sup> Pe. Aragão era filho de Benedito Antônio de Aragão Penedo, faleceu em Belém em 10 de junho de 1874. Entre seus bens estava uma biblioteca com cerca de 50 títulos, alguns com vários volumes, uma casa grande na Rua de Nazaré em Vigia, uma em Belém e outra em Cameté, além de terras e escravos no rio Guarimã. *Inventário de Luiz Gonçalves de Aragão, 1874*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: Inventários. CX. 04, doc. 21; *Jornal do Pará*. Belém, ed. 37, de 14/02/1867, p. 02; *Jornal do Par*. Belém, ed. 270 de 27/11/1867, p.02; CARLOS, Seidl; PAIVA, Octaviano José (coord.). *Almanac Administrativo, mercantil e industrial da Província do Pará*. Belém, 1869, p. 277; *Jornal do Pará*. Belém, ed. 167, p. 01.

<sup>459</sup> Pe. Aragão foi sepultado na sacristia da Igreja Matriz da Vigia.

<sup>460</sup> Entre os bens do Pe. Aragão, encontramos: mesas, cadeiras, camas, pratos, travessas, copos de vidro, xícaras, garrafas, colheres de metal, liteira de metal, manteigueira de vidro, cafeteiras, redes, mosqueteiro, castiçais de metal, espelhos, cômoda, estante, caixas com ferramentas, tachos de cobre, mais de 50 livros, madeira, uma montaria grande, 05 escravos, uma casa na Rua de Nazaré, uma casa velha no largo da Igreja Matriz, terras no Rio Grarimã, uma casa na capital, um terreno na estrada de Bragança, dois

nesse partido, alcançando certa riqueza com a atividade comercial, vindo a falecer em 1882.<sup>461</sup> Já Lauriano Antônio Gil de Souza, nascido no ano de 1848, principal líder dos conservadores, desde o falecimento do Pe. Aragão, atuou no comércio de tabaco e outros gêneros, falecendo em março de 1893, aos 45 anos, vítima de diabetes.<sup>462</sup>

*Imagem 49:* Tacho que pertenceu ao engenho Santo Antônio da Campina no século XIX.<sup>463</sup>



Fonte: acervo de Leno Alcântara, 2019.

Ricardo Sales, ao interpretar a elite política e intelectual da Bacia cafeeira do Rio Paraíba do Sul, Província do Rio de Janeiro, envolvendo regiões das províncias de Minas Gerais e São Paulo, a partir de categorias gramscianas, discute as várias teses

---

terrenos em Cameté, e valores em dinheiro. *Inventário de Luiz Gonçalves de Aragão, 1874*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Sério: Inventários. Cx. 04, doc. 21.

<sup>461</sup> No capítulo I, subitem 1.2.1, algumas informações sobre este letrado foram abordadas, cabendo aqui complementar, com os nomes de seus filhos: Jonas José Ferreira, Maria Cândida Ferreira, Joana Cândida Ferreira, Raimunda Ferreira e Antônio Nicolau Ferreira.

<sup>462</sup> Seus pais era Antônio Gil de Souza e Anna Vitória de Souza que faleceram respectivamente em 1893 e 1888, possuíam terras na região de Porto Salvo onde viveram parte da vida. Entre seus irmãos encontramos Francelino Gil de Souza, Antônio Satyro de Souza, Viriato Gil de Souza e Maria Sizar da Gil de Souza. Lauriano casou com a professora Clarinda Ermira Gil de Sousa e em segunda núpcia com Raymunda F. Guimarães Gil de Souza, irmã de Herculano Olympio Ferreira Guimarães, os quais tiveram os seguintes filhos: Emília F. Guimarães Gil de Souza, Laudelina Guimarães Gil de Souza, Horadia Guimarães Gil de Souza. *A Epoca*, Belém, ed. 234 de 18/10/1859, p. 02; *A República*. Belém, ed. 720 de 18/11/1893, p. 03; *Diário de Belém*. Belém, ed. 62 de 16/03/1888, p. 03; *A República*. Belém, ed. 881 de 14/03/1893, p. 01.

<sup>463</sup> A fotografia foi feita durante uma excursão da Pastoral do Turismo da Vigia. Ao centro está o seu “Vê”, liderança da comunidade do Cacau pertencente a região do Tauapará, atualmente compõe o território do município de Colares. Lá foram instalados inúmeros Engenhos no século XIX.

sobre a relação da classe senhorial e a dominação nacional, partindo do aparato estatal, cujo denominador comum era a afirmação de uma ordem social em que a escravidão predominasse, excluindo de direitos políticos os escravizados, libertos, homens e mulheres pobres, sejam eles brancos, pardos ou pretos, submetidos a modos formais e informais de relações sociais de força. Na região dessa Bacia cafeeira observou a trajetória dos líderes, Joaquim José Rodrigues Torres e Paulino José Soares de Sousa, e como a amizade e o casamento com as filhas de um grande proprietário, que tinha base política e social na região, favoreceu a ascensão política e social. Nesse sentido a ação de uma camada de intelectuais que dirigiram o Estado brasileiro, normalmente originários dos setores dominantes da sociedade, beneficiava os anseios da classe senhorial, principalmente da Bacia do Paraíba.<sup>464</sup> Diante disso, entendemos que a elite política de Vigia de Nazareth seguiu a tendência da formação do Estado brasileiro, onde aqueles que detinham o capital econômico assumiam ou elegiam seus representantes, para controlar as instancias do Estado conforme seus interesses e assim manter inalterada a ordem social e política estabelecida.

Essa elite agrária e mercantil vivia entre o meio rural e a cidade, onde construíram espaçosos prédios, por vezes revestindo as fachadas com azulejos portugueses. Sobre o interior desses imóveis, o mobiliário da casa do Pe. Aragão, apresentava inúmeras mesas, cadeiras, camas, além de louças como pratos, travessas, copos de vidro, xícaras, garrafas, colheres de metal, liteira de metal, manteigueira de vidro e cafeteiras, semelhante ao mobiliário existente nas outras residências desse grupo social. Não faltavam também espelhos, cômodas e estantes, que destacavam um estilo de vida civilizada.<sup>465</sup> Os serviços domésticos eram feitos por escravizados, que por vezes se acidentavam, por exemplo, o que morava na residência de Francisco de Moura Palha que morreu em 1879 após sofrer um acidente com uma lamparina. A elite agrária era composta por famílias com relação conjugal oficializada pela Igreja Católica, que transmitiam os cabedais e a posição social aos filhos, abrindo caminhos promissores para uma carreira de sucesso na política e nos negócios, como Francisco de Moura Palha, filho de José Pedro de Moura Palha, que chegou a ser senador na república. Do mesmo modo, Agostinho José de Almeida e Frederico Bento de Almeida, filhos de

---

<sup>464</sup> SALLES, Ricardo Henrique. *O império do Brasil no contexto do século XIX. Escravidão nacional, classe senhorial e intelectuais na formação do Estado*. Almanack. Guarulhos, n.04, p.05-45, 2º semestre de 2012.

<sup>465</sup> *Inventário de Luiz Gonçalves de Aragão, 1874*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: Inventários. CX. 04, doc. 21

Bento José de Almeida, que favorecidos pela herança familiar tornaram-se importantes comerciantes nas praças de Belém e do Maranhão.<sup>466</sup> A instrução para eles era importante, mas o percurso formativo dessa elite com capital econômico da Comarca da Vigia era apenas o suficiente para continuar os negócios da família, não se observando o ingresso em faculdades no Brasil ou no exterior, com exceção de um dos filhos da família Lins de Holanda e um dos irmãos de Araújo Nunes, que não concluiu os estudos na França por falta de recurso financeiro.

Vale ressaltar que no interior desses imóveis raramente se observava a presença de livros, apenas o Pe. Aragão possuía uma pequena biblioteca, os demais costumavam ler as gazetas de Belém. Para essa elite o que realmente interessava era investir em terras, escravizados e casas, base de seu capital econômico. Por fim, evidenciamos que a casa representava mais que um espaço de relações familiares, era, na verdade, um importante símbolo de poder e distinção social. Nelas ofereciam jantares e festas, possibilitando momentos importantes para as alianças políticas e, conseqüentemente, ampliação dos negócios, como a festa junina que ocorreu, em 1870, na casa do tenente Ignácio Baptista da Silva, que quase resultou na prisão de Bertoldo Nunes.

No campo político, os partidos eram produtos de uma rede de sociabilidade, atada pelos laços familiares e principalmente pela dependência pessoal ao capital econômico. Por isso quanto maior a base econômica das famílias, que controlavam essas agremiações, maiores as chances de possuírem a hegemonia no campo cultural. Contudo, a maioria dos seus integrantes eram cidadãos de condição remediada, normalmente trabalhadores de ofícios manuais e funcionários públicos do baixo escalão, como o tabelião Herculano Olympio Ferreira Guimarães, cunhado de Lauriano Antônio Gil de Sousa. Eles não exerciam de fato o poder, eram recrutados pelas lideranças através da promessa de empregos públicos, trabalho em suas propriedades ou doação de bens materiais, como terras e ajuda financeira. Sobre isso, em março de 1886, a compra de apoio político nas eleições quase acabou em tragédia, quando o comerciante Laudegário Antônio Pereira de Brito tentou o suicídio, motivado pela promessa dos chefes conservadores Casemiro Ferreira, Lauriano Gil de Sousa e Pe. Mâncio Caetano Ribeiro de intermediar o aviamento de mercadorias para ele, em uma loja da capital.<sup>467</sup>

---

<sup>466</sup> *Inventário de Bento José de Almeida, 1873*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil. Série: Inventários. Cx. 04, doc. 09.

<sup>467</sup> *A Constituição*. Belém, ed. 48 de 03/03/1886, p. 02.

Diante dessa dinâmica de composição e funcionamento, essas agremiações possuíam frágil coesão, cujos filiados trocavam com frequência de legenda conforme a força do clientelismo, o próprio Vilhena Alves iniciou ao lado dos conservadores em 1869 barganhando uma vaga de professor adjunto, dois anos depois já estava com os liberais.

468

*Imagem 50:* Fachada de uma residência pertencente à elite econômica vigiense, fins do XIX.<sup>469</sup>



Fonte: acervo de Leno Alcântara, 2007.

O fato é que os partidos em Vigia eram instrumentos da elite econômica para colocar em prática um projeto de civilização, no seu viés social e político, que mantivesse a ordem social local estabelecida desde a colônia, mantendo seu *status quo* e servindo de trampolim para relação com o estado e o poder, ampliando sua riqueza material.<sup>470</sup> Era um projeto assentado na escravidão, miséria da população, exploração de trabalhadores livres e uma população deseducada com poucos direitos de fato. O surgimento de uma nova proposta que transformasse essa realidade, de profunda desigualdade social e ausência de direitos, implicaria negativamente na manutenção da

<sup>468</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 28 de 13/02/1869, p. 01-02.

<sup>469</sup> Pertencente ao comerciante e político Felelon Cleofas de Mello, esse prédio é um dos poucos que restaram do século XIX, destruídos pela ação do tempo ou substituídos pela arquitetura atual para dar lugar a lojas comerciais. No século XX, passou a abrigar o grupo escolar “Barão de Guajará”. Revitalizado em 2002, passou a sediar o Museu da Vigia que, por falta de manutenção, fechou suas portas em fins de 2017. Hoje se encontra bastante deteriorado, segundo informações do prefeito de Vigia, Job Junior, o projeto de restauro está pronto, iniciando em maio de 2023. *PARÁ, Secretaria Executiva de Cultura. Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural. Vigia: Museu Contextual – Belém, 2002, p.44.*

<sup>470</sup> BERSTEIN, Serge. “Os partidos”. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2ª ed. RJ: FGV, 2003, p. 59-61.

estrutura de poder que os beneficiava. Assim, em seus itinerários de vida, raramente se engajavam em práticas de ampliação da instrução, desempenhando atitudes abolicionistas ou mesmo a beneficência aos pobres.

É nesse contexto sociopolítico do início dos anos de 1870, que emerge os “humildes peregrinos” liderados pelo professor Araújo Nunes, que militou durante o império entre os liberais. Ingressaram nessa legenda também Manoel Felipe da Costa, Bertoldo Nunes, Gemino Nunes, Antônio Joaquim de Miranda Gama, João José Felipe e outros letrados próximos do núcleo afetivo e familiar do professor. Ao iniciar sua ascensão, o grupo de Araújo Nunes não entrou em colisão com liberais, entre eles as relações amistosas persistiram por algum tempo. Contudo, Araújo Nunes e seus amigos não possuíam o controle dessa agremiação partidária, cujo projeto de sociedade não diferia dos conservadores. A guinada do grupo que organizou sua força política a partir de uma tendência liberal, demonstrando que a sociedade almejada não caberia na legenda de um partido, pois as ações do grupo foram de uma percepção política da realidade social, de luta por direitos civis, políticos e sociais, tendo como linha de força, para a sonhada transformação social, a ampliação da instrução.

Nos jogos de poder, uma vantagem dos “humildes peregrinos” foi aumentar o capital cultural que herdaram da família, com ao menos o pai letrado, havia a valorização do conhecimento, contribuindo para que complementassem as primeiras lições no ambiente doméstico. Nesse sentido, a escola ocupava um lugar privilegiado e os pais dos “humildes peregrinos” faziam o possível para garantir que essa etapa da vida não fosse destinada a outra coisa. Sobre isso, o esforço do patriarca da família Nunes em instruir seus filhos foi exemplar, inclusive Araújo Nunes cursou o ensino primário em um estabelecimento de ensino em Belém. Já a mãe de Francisco Ferreira de Vilhena Alves manteve o filho na direção do conhecimento, assim como as outras famílias cujos filhos formaram o grupo. O professor Araújo Nunes também priorizou investir na instrução dos filhos, Cândida Balbina estudou no Colégio do Amparo em 1883 e Francisco Geraldo Amoras Nunes na Escola Normal em 1890, ambos em Belém.<sup>471</sup>

Para entender um pouco mais sobre essa dinâmica, relacionamos a teoria de Bourdieu que apresenta a ideia de que as crianças nascidas em famílias que valorizam o saber escolar, têm mais chances de se destacarem e progredirem profissionalmente, ao

---

<sup>471</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 246, 31/10/1883, p. 01; *O Democrata*. Belém, ed. 266 de 28/11/1890, p. 01.

contrario das famílias que viam nisso um atraso. Organizar estratégias que permitissem acumular conhecimento foi à chave para o desenvolvimento do projeto sociopolítico do grupo. Assim, gradativamente estruturaram o Recreio Literário em outubro de 1871, que posteriormente originou a Sociedade religiosa, literária e beneficente “Cinco de Agosto”. Em seguida emergiu a Sociedade “Treze de Dezembro” (1873) e a “Philo Scenica” (1877). Além da participação nas entidades, os irmãos Bertoldo e Araújo Nunes montaram uma pequena gráfica em 1876 reproduzindo, entre os anos de 1876 a 1880, *O Liberal da Vigia*, *O Publicista* e *O Espelho*.

Imagem 51: Contas da Diretoria da Sociedade “Cinco de Agosto”, 1872.

**Sociedade—Cinco de Agosto—**

Eis em resumo o que se passou na sessão ordinaria de 13 do corrente :

A commissão encarregada de examinar as contas da Directoria de festejos, apresentou o seu parecer, que foi approvado.

A casa approvou depois diversas esmolas feitas pela meza directora a pessoas enfermas e pobres. Foi demittido um socio por falta de pagamento das respectivas mensalidades.

Encerrou-se a sessão ás 7 horas da noite.  
Vigia, 15 de outubro de 1872.

Fonte: *A Boa Nova*. Belém, ed. 67 de 30/10/1872, p. 03

Ao analisar o ofício e a natureza da comunidade letrada em Vigia e suas múltiplas relações com o poder a partir de uma perspectiva do filósofo e historiador do pensamento político Norberto Bobbio, observando que a maioria deles, estavam a serviço do projeto político da elite agrária, cooptados pelo capital econômico. No entanto os “humildes peregrinos” tiveram uma postura transgressora com os grupos de poder, principalmente com os conservadores, demonstrando que os letrados não eram uma comunidade homogênea, muito menos apresentavam a mesma função diante do poder, pois se as elites agrárias por meio dos partidos políticos buscaram a manutenção

da estrutura social, os “humildes peregrinos” almejavam politicamente uma sociedade mais justa socialmente,<sup>472</sup> cujo projeto incluía as camadas pobres e remediadas.

De certa forma eles construíram um novo polo de poder, com base no uso das práticas culturais como estratégias para tensionar as relações de força do campo cultural, difundindo uma nova ideologia, até então, monopolizada pelos membros da Igreja Católica. Com uma visão de mundo perigosa, o avanço do grupo era uma ameaça para os demais. Sobre isso, em meados de 1870, os conservadores articularam a remoção do professor Araújo Nunes para a vila de Cachoeira. Ele resistiu e organizou uma escola particular, bem recebida pelas famílias vigienses. Já Bertoldo Nunes iniciou como adjunto do irmão em 1866, ficando até o ano de 1870 quando o cargo foi extinto. No ano seguinte voltou a ocupá-lo, sendo demitido em 1874, pressionado pelo Delegado literário Lauriano Antônio Gil de Sousa. Logo retornou e no ano seguinte, ele e Vilhena Alves sofreram novamente a perda do emprego, acusados de ideias retrógradas.<sup>473</sup> Aqui ocorreu o que Pierre Bourdieu define sobre as dinâmicas da trajetória dos indivíduos no campo de força, onde os passos dos líderes dos “humildes peregrinos” foram determinados pela origem social, à disposição ou inércia em participar e as relações entre as forças do campo. Ativos socialmente e politicamente, sem capital econômico, mas com capital cultural em crescimento estavam em ascensão nos jogos de poder, por isso foram observados de perto pelos conservadores, seus adversários naquele momento, os quais agiram sobre suas ocupações profissionais, na tentativa de guiá-los ao fracasso.<sup>474</sup>

Como não bastasse isso, a chegada do Pe. Mâncio Caetano Ribeiro a Vigia em julho de 1873 agitou a tensa arena política local. Nascido na cidade de Bragança no ano de 1844, licenciado em filosofia em Roma, onde foi ordenado no ano de 1870, já sob os novos pressupostos da romanização, substituiu o falecido Pe. Aragão. O historiador Paulo Cordeiro ao escrever uma biografia desse religioso, revelou entre outros aspectos de sua vida, as ações abolicionistas, impetrando recursos nas instâncias do poder Judiciário com a finalidade de libertar os escravizados, posicionamento defendido pela

---

<sup>472</sup> BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de altura na sociedade contemporânea*. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 1997, 07-19.

<sup>473</sup> *O Liberal do Pará*, Belém, ed. 79 de 10/04/1875, p. 02.

<sup>474</sup> BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. 2ª ed. SP: Companhia das letras, 2005, p. 24.



ideologia liberal, porém pouco seguida pela elite agrária e mercantil escravocrata.<sup>475</sup> A Igreja Católica vivia um momento difícil, pois novas doutrinas religiosas e filosofias partidárias ameaçavam sua hegemonia ideológica e o poder temporal, tais como o liberalismo e a Maçonaria. Além disso, a Igreja desejava elevar sua importância nesse momento de consolidação da nação brasileira, o que levou o clero a implementar um projeto de civilização católica divergente dos demais projetos, que dominavam as estruturas da Província. No epicentro da contenda política, os Bispos de Olinda e do Pará foram condenados à prisão.<sup>476</sup> O Pe. Aragão militou entre os conservadores, inclusive elegendo-se deputado provincial. Já Mâncio Caetano inicialmente aliou-se às ações dos “humildes peregrinos”, pois os projetos se assemelhavam e logo organizaram o Externato de N.S. de Nazaré, com duração efêmera, possibilitando a ampliação da instrução às camadas populares, os ensinamentos religiosos da Igreja e o francês. Ele também ingressou como sócio da Sociedade literária e beneficente “Cinco de Agosto” e da Sociedade “Treze de Dezembro”, aumentando seu engajamento social. Parecia ser esse o perfil esperado pelo Bispo do seu aliado em Vigia: mediar o projeto católico pelas escolas, jornais e através do púlpito da Igreja.

Mâncio Caetano tinha muitos desafios para concretizar seus objetivos nas dinâmicas do campo cultural, pois o seu discurso de apartidarismo não convenceu os conservadores, que o acusavam de ser liberal. Em julho de 1873, a epidemia de varíola avançou na cidade vitimando seu antecessor e outros moradores. Com isso, Mâncio Caetano transferiu para dezembro a data do Círio de N. S. de Nazaré, que tradicionalmente iniciava em julho e findava no dia cinco de agosto, prevenindo aglomeração e a propagação do contágio da doença. No entanto, a Irmandade de N.S. de Nazaré, principal promotora dessa festa religiosa e presidida pelo líder conservador Agostinho Barriga, não aceitou. O impasse teve seu ápice na reunião ocorrida na sacristia da Igreja Matriz, em 20 de julho daquele ano, quando a mesa diretora da confraria colocou em votação as propostas de manutenção ou transferência da data do Círio. O posicionamento de Mâncio Caetano foi derrotado por diferença de um voto. Contudo, o vigário manteve seu posicionamento e recebeu o apoio do Bispo diocesano. Nesse ano houve apenas ladainha e uma missa encomendada pela Sociedade “Cinco de

---

<sup>475</sup> Nasceu em maio de 1844 e faleceu em julho de 1917. CORDEIRO, Paulo. *Padre Mâncio Caetano Ribeiro: escravidão, romanização, e política em Vigia (1873-188)*. Belém: Produção independente, 2013, p. 09-11.

<sup>476</sup> MARTINS, Denise Carla. *D. Macedo Costa e o desenvolvimento da Amazônia na segunda metade do século XIX*. Revista de história regional, 7(1), 73: 103, versão 2002.

Agosto”, sem procissão, leilões e nem esmolações como de costume. Ainda que a razão da Irmandade estivesse relacionada à espiritualidade dos fieis e o apego à tradição, é possível que a atuação política dos protagonistas fosse à questão principal, pois a referida confraria era controlada pelos conservadores. A crise entre as partes agravou-se quando Mâncio Caetano nomeou aleatoriamente os novos empregados da confraria. Com isso, o promotor público Lauriano Antônio Gil de Sousa, alegando excesso de poder, conseguiu processar o vigário, que foi condenado a três anos de prisão, mas apelou e acabou por não cumprir a pena, usando as brechas da lei e sua influência política. Entre os depoentes do processo a favor do padre estava Bertoldo Nunes, que explicou ser justificável o motivo do adiamento do Círio, devido o estado epidêmico da província. A postura do professor Bertoldo Nunes e de outros que saíram em defesa do vigário, como o próprio Araújo Nunes, revela serem aliados. A atitude do religioso também pode ser interpretada pela visão de mundo científica que advogavam.<sup>477</sup> Assim, a disputa entre os grupos políticos pela apropriação do sagrado estava apenas no início.

Ao findar o ano de 1873, o vigário enfrentou outro processo judicial, movido pela Câmara da Vigia, predominantemente conservadora naquele momento. A motivação foi devido ao fato de que o prelado, mesmo sendo notificado por escrito, não compareceu a Igreja Matriz para celebrar a missa solene do espírito santo, conforme a lei estabelecia, uma vez que seria realizado antes da reunião do Colégio Eleitoral, que elegeria um novo membro, substituindo o padre Aragão, bem como os trinta deputados da Assembleia legislativa provincial.<sup>478</sup>

O projeto civilizatório católico conduzido por Mâncio Caetano Ribeiro, na região do Salgado, contava com a força do poder ideológico da Igreja sobre o povo nos mais diferentes segmentos sociais, fortalecido entre os pobres e remediados, chegando até eles pelos sermões da missa dominical na Igreja Matriz e ao longo das inúmeras festas de santos do catolicismo popular, as quais sofriam pouca interferência da Igreja até a chegada de Mâncio Caetano. O padre alinhou os princípios cristãos de Roma e os documentos oficiais da Igreja, afastando os aspectos culturais indígenas e africanos, proibindo a prática do carimbo e os bailes na véspera e assim passou a defender uma religiosidade mais elitista, europeizada e romanizada. Nesse sentido fortaleceu o culto a

---

<sup>477</sup> CORDEIRO, Paulo. *Padre Mâncio Caetano Ribeiro: escravidão, romanização, e política em Vigia (1873-1886)*. Belém: Produção independente, 2013, p. 52-63.

<sup>478</sup> CORDEIRO, Paulo. *Padre Mâncio Caetano Ribeiro: escravidão, romanização, e política em Vigia (1873-1886)*. Belém: Produção independente, 2013, p. 64-66.

N.S. de Lourdes, N. Senhora da Conceição e introduziu a devoção a N.S. de Salett, reforçando o mês de Maria e a prática do rosário, porém enfrentou resistência do povo.  
479

Todavia, diante desse cenário alguns líderes da Igreja passaram a contestar a submissão ao padroado, bem exemplificado pelos litígios entre o estado e a igreja, como ocorreu com o promotor, a Irmandade de N.S. de Nazareth e a Câmara da Vigia. A exemplo, o bispo do Pará D. Macedo conhecido por ser crítico do funcionamento tradicional das irmandades religiosas e do projeto de modernidade dos liberais, que em Roma atacava o Papa Pio IX, defendia uma modernidade católica firmada nos valores católicos da família patriarcal e na vida religiosa. Para D. Macedo a proliferação da miséria e da exploração era fruto da irreligião, sendo o Bispo contrario a exploração dos indígenas e dos seringueiros.<sup>480</sup>

No entanto o Pe. Mâncio usou da política para concretizar o projeto romanizador, desenvolvendo um organismo partidário que representasse a Igreja e se opusesse as investidas dos liberais pela secularização da sociedade. Com essa premissa nasceu o Partido Católico no Pará, originado na região do Salgado, cujo objetivo era assegurar o poder temporal da Igreja, o qual também foi articulado em outras províncias, como de Goiás, RJ, Mato Grosso, Minas Gerais, Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Sul.<sup>481</sup> Vigia, em alguns momentos, tornou-se epicentro das tensões entre o poder temporal e o espiritual no Grão-Pará. Assim, destacamos a inclinação de Mâncio aos liberais no transcorrer do ano de 1874, que findou em dezembro de 1875, quando os ânimos se exaltaram entre os grupos políticos locais. Mâncio “aproveitou a estadia repentina do Dr. Samuel, vindo de Bragança, reuniu o partido liberal que o deu a mão após os conflitos com os conservadores, para os trair”,<sup>482</sup> organizando no seio deste, um outro partido para dá sustentação ao Ministério conservador, fragilizando assim o partido liberal da Vigia.

---

<sup>479</sup> SOEIRO, Igo. *Catolicismo Popular e Romanização durante o vicariato do padre Mâncio Caetano Ribeiro no município de Vigia de Nazaré (1873-1883)*. Monografia de conclusão de curso, Belém: UFPA, 2004.

<sup>480</sup> Reis, M. V. F., Py, F., & Pimentel, W. (2020). *Aspecto sócio histórico da Igreja Católica na Amazônia*. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, 68. <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2020v68>, p338-342.

<sup>481</sup> *Aspecto sócio histórico da Igreja Católica na Amazônia*. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, 68. <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2020v68>, p.343-345.

<sup>482</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 11 de 15/01/1876, p. 01.

As disputas pelos filiados do partido liberal prosseguiram, Antônio Joaquim de Miranda Gama, José Curcino, Lívio Pinheiro, Cassiano Alvares, Araújo e Bertoldo Nunes mantiveram-se entre os liberais.<sup>483</sup> Nessa aliança entre os liberais e os “humildes peregrinos”, a nova postura política do vigário ao entrar o ano de 1876 provocou uma perda, pois Vilhena Alves acompanhou o padre demonstrando seu vínculo ao vigário, que estudou na Europa e na Santa Igreja Romana.<sup>484</sup>

Com isso, Vigia a partir de 1876 passou a ter quatro polos de poder, que por mecanismos variados agiram socialmente, disputando o campo cultural. De toda forma, as irmandades religiosas foram relevantes nessas questões, meio pelo qual as elites agrárias legitimavam e expandiam seu projeto sociopolítico, servindo como espaços de sociabilidade importante, em uma cidade onde o catolicismo popular marcava o cotidiano das famílias. Inúmeros autores interpretaram a importância dessas instituições, que reproduziam a hierarquia social seja na ritualística para a boa morte dos irmãos, praticando a filantropia ou organizando as festas dos santos.<sup>485</sup> Em Vigia, estranhamente, as despesas das confrarias não contemplam gastos com a beneficência aos pobres, e mesmo que encontremos o amparo afetivo ao moribundo na doença, morte e cortejo fúnebre, o que interessava aos participantes eram os gastos com os preparativos das festas ao santo patrono.

Ampliando um pouco mais a discussão sobre a participação nesses espaços de sociabilidade, no início dos anos de 1870, a Irmandade de S.S. Sacramento era secretariada por Lauriano Antônio Gil de Sousa e presidida pelo Pe. Aragão, nela o professor Araújo Nunes atuou como mordomo.<sup>486</sup> Já a Irmandade de N.S. de Nazaré, organizadora da festa em homenagem a santa que era padroeira da cidade, foi presidida por Agostinho Barriga.<sup>487</sup> Certamente, os presidentes dessas instituições foram importantes patrocinadores dos eventos religiosos, sendo pessoas reconhecidas

<sup>483</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 14 de 19/01/1876, p.01.

<sup>484</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 60 de 15/03/1876, p. 02.

<sup>485</sup> REIS, João José. “O cotidiano da morte no Brasil oitocentista”. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.). *História da vida privada no Brasil* (v.2), SP, Cia. das Letras, 1997, p. 95-141; REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. SP: Cia. das Letras, 1991, p. 137-170; FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Os Reis de Mina: A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos no Pará do século XVII ao XIX*, Boletim do Museu Goeldi, Belém, 1994, v. 9, p.103-121.

<sup>486</sup> *Relação dos novos empregados da irmandade do S.S. Sacramento, 1872*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil, Série: Processos diversos, Cx. 13, doc. 31.

<sup>487</sup> *Prestação de contas da irmandade de N.S. de Nazaré, 1873*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área Civil, Série: processos diversos. Cx.13, doc. 43.

socialmente. Assim, os chefes conservadores controlavam essas Instituições e estabeleciam diferentes relações com os eleitores, enquanto que os “humildes peregrinos” ocuparam cargos secundários. O próprio Bertoldo Nunes participou da Irmandade do Divino Espírito Santo como mordomo e posteriormente assumiu o cargo de secretário.<sup>488</sup>

Os “humildes peregrinos” eram católicos e buscaram absorver através da Sociedade “Cinco de Agosto”, as práticas religiosas para mediar seu projeto sócio-político, com esse objetivo, participaram na organização do Círio de Nazaré a partir de 1872, juntamente com a Irmandade que já realizava desde meados do século XVIII. Assim, legitimaram o projeto civilizatório católico, associando o grupo ao capital simbólico da principal manifestação de fé do povo vigiense, inclusive nomeando a Entidade com a data em que a festividade encerrava-se, ou seja, no dia cinco de agosto. Entretanto, o ano de 1876 foi diferente para os peregrinos, pois João José Felipe, da diretoria de festejos da Entidade, organizou os detalhes com Pe. Mâncio, que tomou nota até das missas por intercessão dos sócios. O Programa foi feito e entregue a Antônio José de Matos, para ser impresso na tipografia do periódico *Vigiense*. Mas, espalhou-se o boato que o vigário não permitiria que a imagem milagrosa saísse na Berlinda. João Felipe, ao procurar o sacristão teve negado o pedido de empréstimos das alfaías, compradas pelo povo para esse fim, afirmando que só poderia alugar com orientação do Padre. O Capitão Barriga, presidente da irmandade, emprestou os adornos e na noite da transladação, as famílias e o povo esperavam na Igreja Matriz, porém o padre negou que a imagem saísse do nicho em que ficava na Igreja. Então o professor Araújo Nunes bradou dizendo que tudo estava acordado com a diretoria de festejos. O tumulto se generalizou na Igreja, o povo protestou e obrigou Agostinho Barriga a conduzir a imagem até a Capela do Senhor Bom Jesus dos Passos, sob protesto dos irmãos Francisco e Antônio de Moura Palha.<sup>489</sup>

O Pe. Mâncio fez uma representação ao Bispado dizendo que foi desacatado na noite do dia 22 de julho de 1876, o qual solicitou que o presidente da província pedisse

---

<sup>488</sup> *Relação dos novos empregados da Irmandade do Divino Espirito Santo, 1873*. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Área: Civil, Série: Processos diversos, Cx. 13, doc. 41. Os eleitos em junho de 1873 foram: Cassiano Antônio de Sousa Alvares (tesoureiro), Manoel do Nascimento das Neves (secretário), Raimundo Pinheiro do Rosário (procurador). Na sua estrutura organizacional existia: imperador, secretário, tesoureiro, procurador, mordomo e os irmãos. A contribuição financeira variava de acordo com o cargo. Os mordomos contribuíam mensalmente com a quantia de 10 mil réis, já os irmãos com um valor anual estipulado pelo Compromisso.

<sup>489</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 165 de 25/07/1876, p. 01

ao Promotor que investigasse o triste acontecimento.<sup>490</sup> Na realidade, a disputa pela imagem da Virgem de Nazareth e o controle da prática religiosa perpassava pela concretização dos projetos de cada grupo, e nesse momento o religioso organizou de forma mais clara seu projeto político, usando o púlpito da Igreja e o Círio para conquistar adeptos. Portanto o enfraquecimento do poder das Irmandades ia ao encontro dos interesses da política romanizadora. Três anos depois, o Círio de Nazareth, sem pompa, foi realizado com a presença do Bispo. Como de costume, na tarde de culminância do evento religioso, aconteceu a sessão de posse dos novos funcionários da Sociedade “Cinco de Agosto”, com a presença de muitos cavalheiros. O presidente iniciou lendo o relatório, Bertoldo Nunes, primeiro secretário, discursou lamentando a exclusão da função religiosa da Entidade, que reforçou a beneficência e a instrução. Discursou também Bezerra de Albuquerque, Candido Nunes e Adrião Batalha pela “Treze de Dezembro” e “Philo Scenica”, realizando posteriormente o leilão de donativos das sócias honorárias.<sup>491</sup> Assim, na batalha pela apropriação do sagrado, o vigário venceu. Contudo, nesse momento o grupo articulado por Araújo Nunes, já havia alcançado seu objetivo, conseguindo ampliar seu número de associados, conquistando popularidade na região e aumentando o capital cultural com as práticas religiosas, de fato a estratégia funcionou.<sup>492</sup>

As tramas no interior do campo cultural no intuito de firmar os projetos de cada grupo passavam por um emaranhado de questões, entre elas a nomeação para ocupar os cargos públicos, que permitiria fortalecer o projeto político, na luta por espaço e posição social. Apenas para citar alguns exemplos, Lauriano Gil de Sousa foi delegado de polícia substituto, Promotor público e delegado literário.<sup>493</sup> Herculano Olympio Ferreira Guimarães, cunhado de Lauriano, foi tabelião. Agostinho Barriga, delegado de polícia.<sup>494</sup> José Pedro de Moura Palha exerceu a função de delegado de instrução.<sup>495</sup> Geraldo Ferreira Bentes foi Delegado de polícia e escrivão.<sup>496</sup> Na prática esses cargos colocavam nas mãos do grupo uma plêiade de relações com a sociedade, desde agir com a força policial, isentar impostos e realizar favores nas instâncias judiciais. Nas

<sup>490</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 167 de 27/07/1876, p. 01; *Jornal do Pará*. Belém, ed. 166 de 26/07/1876, p. 01-02; *A Boa nova*. Belém, ed. 58 de 28/07/1877, p. 01.

<sup>491</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 182 de 12/08/1879, p. 01.

<sup>492</sup> SOEIRO, Igo. *A Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto” da cidade de Vigia (1871-1883)*. Dissertação de Mestrado em História Social da Amazônia. Belém: UFPA, 2012, p. 47-54.

<sup>493</sup> *Jornal do Pará*. Belém, ed. 171 de 01/08/1872, p. 01.

<sup>494</sup> *Jornal do Pará*. Belém, ed. 286 de 20/12/1876, p. 01.

<sup>495</sup> *Gazeta Oficial*. Belém, ed. 277 de 11/12/1859, p. 01.

<sup>496</sup> *Jornal do Pará*. Belém, ed. 51 de 06/03/1877, p. 01; *O Liberal de Belém*. Belém, ed. 232 de 14/10/1881, p. 02.

dinâmicas sociais isso beneficiava os líderes e seus correligionários. Agostinho Barriga frequentemente era acusado de desembarcar arrobas de tabaco, sonegando impostos a Fazenda Pública, com a devida conivência da instância de arrecadação local e da polícia.<sup>497</sup> Ainda sobre esse letrado, em outro momento conseguiu a isenção do imposto por suas atividades comerciais, ligadas aos açougues, benefício contestado posteriormente pelas instâncias superiores do Estado.<sup>498</sup>

A elite agrária e mercantil também estava presente socialmente nas altas patentes da Guarda Nacional,<sup>499</sup> inclusive apresentando-se com suas fardas. Entre os letrados, Lauriano Gil de Sousa assumiu o posto de capitão em 1876, assim como Agostinho Barriga em 1879. Já Joaquim Manoel de Carvalho ocupou o de tenente coronel no final da vida,<sup>500</sup> conferindo capital simbólico, distinção, legitimidade e posição na hierarquia social. A ocupação desses cargos demonstra, por outro lado, que o militar estava inserido numa rede superior na hierarquia social, possuindo cabedais, relações com a elite econômica, parentes influentes e reconhecimento social em um grupo, pois havia um percurso burocrático para a obtenção das patentes que eram reguladas pelo governo imperial, iniciando com a solicitação pelo comandante do Batalhão local, devendo ser reconhecida pelos comandantes superiores na capital, repassada ao presidente da província e, dependendo da patente, até mesmo pela análise e aceitação do Ministro dos Negócios da Justiça.<sup>501</sup> O comando do batalhão também era usado para fins políticos, de acordo com o jogo de cooperação e conflitos do agrupamento letrado, para os quais se concediam patentes aos aliados e até mesmo a transferência dos adversários para destacamentos distantes de Vigia.<sup>502</sup>

### **3.2: Entidades, periódicos e poder.**

No contexto social vigiense, os partidos políticos, a Igreja Católica, as Irmandades religiosas e a Guarda Nacional representaram instrumentos importantes na

---

<sup>497</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 24 de 02/03/1879, p. 03.

<sup>498</sup> *Diário de Notícias*. Belém, ed. 80 de 08/04/1888, p. 03.

<sup>499</sup> Eram elas das mais altas para as mais baixas: coronel, tenente-coronel, major, capitão, tenente e alferes.

<sup>500</sup> *Jornal do Pará*. Belém, ed. 81 de 11/04/ 1876, p. 01.

<sup>501</sup> MUGGE, Miquéias Henrique. *Gostaria de se tornar Tenente: Oficiais da Guarda Nacional e um perfil socioeconômico no Brasil Meridional (1850-1870)*. Revista de História Unisinos, vol. 1, nº 3, setembro/dezembro de 2012, p. 307-319.

<sup>502</sup> *Diário de Belém*. Belém, ed. 76 de 06/11/1868, p. 02.

mediação dos projetos de poder dos grupos letrados, principalmente aqueles controlados pela elite agrária, mercantil e religiosa. Nesse cenário, os objetivos e propostas se divergiam, por vezes influenciados pelas afinidades liberais, conservadoras e religiosas. Considerando essa conjuntura, emergiu uma força intelectual representada por Araújo Nunes, Vilhena Alves, Bertoldo Nunes e seus amigos, buscando firmar um projeto político diferenciado, que inicialmente apresentou tendência liberal, estruturado em uma nova visão de mundo. Para desenvolver suas ações, os “humildes peregrinos”, organizaram a Sociedade literária “Cinco de Agosto” (1871), a Sociedade literária “Treze de Dezembro” (1873) e a Sociedade teatral “Philo Scenica” (1877) com o intuito de abrilhantar o culto aos santos, a prática da filantropia, o desenvolvimento do intelecto e a propagação da instrução as classes populares.<sup>503</sup> Contudo, além dos objetivos estatutários e explicitamente apartidários, tais Entidades conectaram os “humildes peregrinos” a política, ao estado e ao poder, funcionando como estratégia de luta nas disputas do campo cultural, validando o projeto sociopolítico do grupo, que conseqüentemente entrou em conflito com os demais.

O surgimento das três entidades foi articulado por Araújo Nunes, que após estudar e trabalhar em outras vilas e cidades, retornou a Vigia em 1866, despontando como letrado de prestígio no meio político, mas sem o controle das ações mais efetivas do partido liberal, do qual era filiado. Sua inserção nesse meio partidário foi notada desde novembro de 1868, quando as agremiações políticas se organizaram para disputar mais um pleito eleitoral na província, promovendo reuniões em tabernas, casas e nas esquinas da *urbe*. Entre os liberais, os nomes mais influentes eram o de José Pedro de Moura Palha, Joaquim Manoel de Carvalho, Santiago Pires, Geraldo Ferreira Bentes e o do professor Nunes.<sup>504</sup> Essa eleição estadual, vencida pelos conservadores, formatou a organização dos cargos públicos no interior da província, que evidentemente ficaram a disposição dos seus aliados. Devido a essa situação desfavorável, em 12 de dezembro de 1870, os conservadores usaram de influência nas instâncias da administração pública e articularam a transferência do professor Araújo Nunes para a vila de Chaves, como forma de conter suas iniciativas. Ele resistiu, criou uma escola particular e iniciou a construção das engrenagens do grupo, organizando e assumindo a presidência da Sociedade “Cinco de Agosto” em fins de 1871.

---

<sup>503</sup> Portaria de 21 de março de 1882 que aprova os Estatutos da Sociedade Cinco de Agosto da cidade de Vigia. Coleção das Leis da Província do Gram- Pará, TOMO XLVI, Parte 2ª.

<sup>504</sup> Diário de Belém. Belém, ed. 76 de 06/11/1868, p. 02.



O uso político das entidades literárias em Vigia não foi algo desprezioso ou mesmo inovador, pois desde suas origens na Europa iluminista, na segunda metade do século XVIII, seus integrantes já o faziam, como bem revela o historiador Wittimann, que esses espaços funcionaram como base para ampliação de contatos sociais que “traziam privilégios e prestígios aos sócios”.<sup>505</sup> Ainda nessa linha interpretativa, Nelson Shapochnik enfatizou que tanto as entidades literárias europeias quanto os Gabinetes Literários no Brasil Imperial foram espaços importantes para a tessitura de alianças financeiras e enlances matrimoniais, definindo candidaturas políticas e a base para as estratégias de embate com grupos e instituições concorrentes,<sup>506</sup> garantindo assim participação no campo das sociabilidades intelectuais e políticas. Semelhante a essas conclusões, o estudo de Soares sobre as sociedades literárias na Província de Minas Gerais, nas primeiras décadas do século XIX, enfatizou como locais importantes no debate dos diferentes projetos políticos, que liberais e conservadores defendiam para a nação.<sup>507</sup> Vale ressaltar que na realidade social vigiense, esses ambientes agregaram os letrados de ambas correntes políticas, embora com predomínio dos liberais. No entanto, serviram também de base para um projeto de sociedade com consciência social, que divergia dos existentes. Ademais, as questões levantadas pelos autores para a Europa e outras regiões do Brasil, também foram perceptíveis nas terras às margens do Guajará-Miri na Amazônia.

É importante evidenciar, que essas questões se relacionam ao que Pierre Bourdieu denominou em sua teoria dos campos, como capital social. O grupo liderado por Araújo Nunes construiu uma rede de relações sociais entre suas famílias, parte da elite letrada da cidade e as vilas adjacentes, chegando até a capital provincial. Esses contatos e relacionamentos poderiam ser convertidos em ganhos materiais e culturais, cujo potencial dependeria da soma dos capitais agregados das pessoas envolvidas. A posição de Vigia na estrutura jurídico e política da região, como sede da Comarca e segundo maior Colégio eleitoral da Província, possibilitou caminho para novos contatos. Para exemplificar, os “humildes peregrinos” saíram em comitiva para São

---

<sup>505</sup> WITTIMANN, Reinhard. “Existe uma revolução da leitura no século XVIII”. In: CAVALLO, Guglielmo & CHARTIER, Roger (org.). *História da Leitura no Mundo Ocidental*. São Paulo: Ática, 1999, p. 143-159.

<sup>506</sup> SCHAPOCHNIK, Nelson. *Os Jardins das delícias: Gabinetes Literários, bibliotecas e figurações da leitura na corte imperial*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1999, p. 13-15.

<sup>507</sup> INÁCIO, Marcilaine Soares. *Educação e política em Minas Gerais: o caso das Sociedades Políticas, Literárias e Filantrópicas 1831-1840*. Minas Gerais: UFMG, GT: História da Educação, nº 02. p. 3-4.

Caetano de Odivelas, vila adjacente, com o propósito de prestigiar um grupo letrado local, que instalou ali uma entidade congênere em dezembro de 1877, presidida pelo professor João Rodrigues dos Santos.<sup>508</sup> Na realidade, as elites letradas de Vigia, Curuçá e São Caetano estavam imbrincadas, inclusive filhos curuçães de famílias tradicionais estudaram o ensino primário em Vigia, pela facilidade do acesso e por ser ministrado por mestres como Araújo Nunes, Bezerra de Albuquerque, Vilhena Alves e Bertoldo Nunes.

Na dinâmica das relações com as entidades, bem relacionado ao grupo estava o Dr. Domingos Antônio Raiol, que em suas estadias periódicas em Vigia, participava das sessões da Sociedade “Cinco de Agosto”.<sup>509</sup> Até mesmo o presidente da província, Dr. João Capistrano Bandeira de Melo Filho foi nomeado sócio benemérito dessa entidade, oportunizando em sua trajetória prestígio e capital social.<sup>510</sup> A relação do presidente da província com a entidade foi censurada pelos grupos adversários, gerando dúvidas se ele efetivamente faria algo que penalizasse os “humildes peregrinos”, pelas ações envolvendo a imagem da N.S. de Nazareth, em julho de 1876, atendendo as cobranças feitas pelo vigário.<sup>511</sup> De qualquer forma, por meio da proximidade com o partido liberal, o grupo de Araújo Nunes também era bem relacionado com a elite política belenense, sobretudo, aos filiados da legenda, chefiada pelo médico Dr. José da Gama Malcher, tanto que *O Liberal do Pará* foi o impresso que mais divulgou as ações dos “humildes peregrinos”.<sup>512</sup>

Dessa forma, o grupo estabeleceu articulações sociais, objetivando aumentar o capital social, como estratégia importante nos jogos de poder, mostrando a disposição dos membros em investir também no acúmulo de capital cultural. O surgimento de

---

<sup>508</sup> Entre os associados da Sociedade literária Odivelense que os “humildes peregrinos” tinham contato estavam: Jacob Dalmacio, Rev. José Joaquim Martins, Bonifácio M. Ribeiro da Cinha, André Curcino de Mello, Olympio da Silva Barros, Cypriano Dalmacio, Eustáquio de Jesus Marques, Romualdo Ataíde Filho, José Miguel Ataíde, Sant' Anna, Pedro Gurjão. *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 28 de 30/12/1877. In: *A Constituição*. Belém, ed. 11 de 14/01/1878, p. 02; *O Espelho*. Vigia, ed.17 de 12/01/1879, p.02.

<sup>509</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 293 de 25/12/1880, p. 01

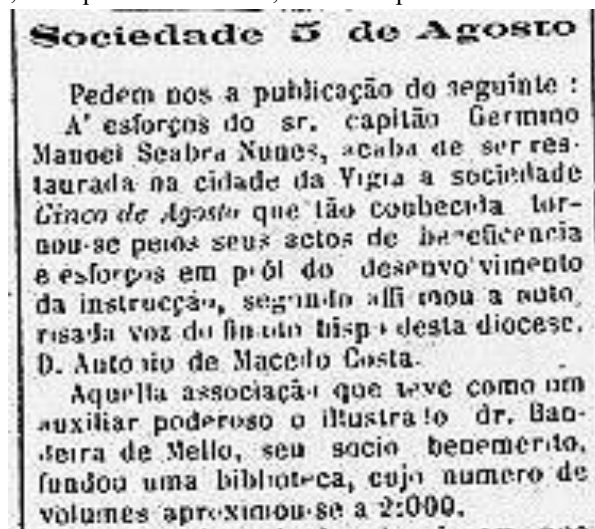
<sup>510</sup> *Correspondência da mesa diretora da Sociedade Cinco de Agosto ao presidente da Província do Grão-Pará em 25/06/1877*. APEP. Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Série: Ofícios. Caixa 312 (1870-1979) - ofícios de diversas sociedades, doc. 37.

<sup>511</sup> *A Boa Nova*. Belém, ed. 58 de 28/07/1877, p. 01.

<sup>512</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed.209 de 21/09/1871, p. 01; *O Liberal do Pará*. Belém, ed.224 de 08/10/1871, p. 01; *O Liberal do Pará*. Belém, ed.225 de 10/10/1871, p. 01; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 67 de 23/03/1873, p. 01; *O Liberal do Para*. Belém, ed. 188 de 19/08/1876, p.02; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 174 de 02/08/1877, p. 01; *O Liberal do Pará*, ed. 182 de 12/08/1879, p. 01; *O Liberal do Pará*, ed. 09 de 13/01/1880, p. 01; *O liberal do Pará*. Belém, ed. 222 de 01/10/1880, p. 01; *O Liberal do Pará*. Belém, ed.156 de 14/07/1881, p. 02; *O Liberal do Pará*. Belém, ed.146 de 06/07/1882, p.01.

novas Entidades e suas iniciativas fortalecia o grupo de Araújo Nunes, que reivindicava a primazia do conhecimento. Mesmo sem frequentar os centros de formações, como uma faculdade, que poderia garantir um diploma universitário, o gosto pelo desenvolvimento do intelecto iniciou no convívio familiar. A partir de 1871, o grupo edificou um aparato, até então inexistente na região, que possibilitou uma formação como autodidatas, baseada nas trocas de experiência. Para essa finalidade as sociedades literárias contribuíram disseminando o comportamento civilizado, e os livros de suas bibliotecas funcionaram como capital objetivado, símbolo de poder cultural, distinção, e de possibilidade de agregar conhecimento. O investimento dos letrados em ampliar a quantidade de livros divergia dos interesses da elite agrária, que buscava ampliar seus cabedais, adquirindo terras, escravizados, residências espaçosas e utensílios de valor. Além da criação dos espaços e da disseminação da leitura, “os humildes peregrinos” contavam com o apoio do professor Vilhena Alves, que escreveu muitos livros, sendo um dos primeiros, *Monodias* (1868) e *Miscelânea Literária* (1872), conferindo a esse intelectual e ao grupo que participava significativo capital cultural e social, atribuindo vantagens nas dinâmicas do poder.

Imagem 52: A biblioteca, com quase 2 mil títulos, base do capital cultural dos “humildes peregrinos”.



Fonte: *Correio Paraense*. Belém, ed. 56 de 07/07/1892, p. 02

Para atender aos anseios políticos de Araújo Nunes e seus amigos, as ações desenvolvidas nas entidades “Cinco de Agosto”, “Treze de Dezembro” e a “Philo Scenica” permitiram a conexão entre esses cidadãos ao poder, ocasionando o acesso do grupo ao presidente da província, cargo de grande prestígio, nomeado pelo Imperador

D. Pedro II. Entre as correspondências dos “humildes peregrinos” a esse político, estavam às reivindicações do *status* de “representante do povo vigiense” junto ao Estado, desconsiderando a posição tradicionalmente ocupada pela Câmara, que era controlada pela elite econômica e seus representantes. O grupo de Araújo Nunes agia “como interpretes dos sentimentos” da sociedade vigiense, agradecendo ações importantes do governo, como as relacionadas ao enfrentamento da epidemia de varíola em 1873. Dessa forma, construíram a imagem de mensageiros das necessidades do povo, enquanto saúde, instrução e beneficência. Por fim, é correto afirmar o caráter político das entidades, sendo as legítimas representantes do povo, na tentativa de usurpar o lugar dos partidos políticos e dos vereadores.<sup>513</sup> Assim, o grupo liderado por Araújo Nunes reivindicou uma posição na sociedade vigiense, não pelo capital econômico e sim pelo capital cultural, participando decisivamente nas estruturas de poder.

Vale ressaltar a importância dos grupos letrados, que fundaram associações literárias, teatrais, científicas e beneficentes entre os anos de 1860 a 1880 nas vilas de São Caetano de Odiveiras, Curuçá, Cameté e Ponta de Pedras, além das inúmeras que surgiram em Belém, como o Club Científico,<sup>514</sup> buscando acumular capital social e cultural como estratégia de interferir nas dinâmicas de poder, semelhante às congêneres de Vigia de Nazareth, que difundiram por meio de suas ações, novas causas no fazer político, indo de encontro aos interesses das elites tradicionais e suas formas de sociabilidade. No geral defendiam um projeto acessível às camadas populares, adequado ao perfil social desses grupos, que apesar das diferenças enquanto natureza, formato, filiação partidária e ocupação nas relações de trabalho, buscaram meios para desenvolver o intelecto de seus integrantes e de setores da sociedade, baseado no tripé escola, biblioteca e periódico, permitindo a coletividade dos letrados o envolvimento nas várias dimensões da vida cidadina, incluindo política e poder.<sup>515</sup>

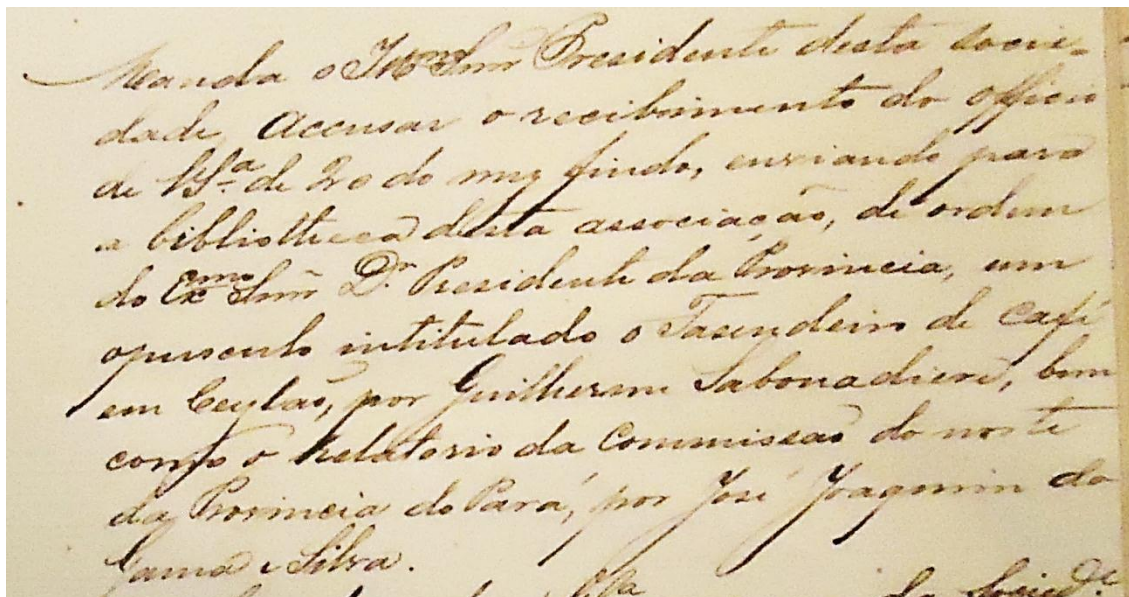
---

<sup>513</sup> *Correspondência da Mesa Diretora da Sociedade Litteraria e Beneficente “Cinco de Agosto” da cidade de Vigia com o presidente da província do Grão-Pará.* APEP. Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Série: Ofícios, Caixa 313 (1870-1879)- Ofícios de diversas sociedades.

<sup>514</sup> *Correspondências de diversas sociedades com o presidente da província do Grão-Pará.* APEP. Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Série: Ofícios, Caixa 313 (1870-1879)- Ofícios de diversas sociedades.

<sup>515</sup> RIOUX, Jean-Pierre. “A associação em política”. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2ª ed. RJ: FGV, 2003, p. 105-106.

Imagem 53: Fragmento de correspondência da Soc. Literária de Ponta de Pedras.



Fonte: Correspondência da mesa diretora da Sociedade Palestra Literária de Ponta de Pedras ao presidente da província em 12/07/1877. APEP. Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Série: Ofícios, Caixa 313 (1870-1879)- Ofícios de diversas sociedades.

A institucionalização dos grupos letrados por meio das Entidades permitiu nitidamente, a construção de múltiplas relações com o Estado. As primeiras reuniões culminavam com a escrita do Estatuto, que segundo a legislação em vigor, deveria ser aprovado pelo presidente da província, mesmo que a efemeridade da maioria delas impedisse o cumprimento dessa etapa, as que conseguiram mostraram sua força organizacional.<sup>516</sup> Considerando as trocas de correspondências entendemos que o Estado foi incentivador e protetor dessas agremiações, que propagaram a instrução as classes populares, pois o limitado aparato Estatal refletia na carência de escolas primárias e secundárias nas vilas, que raramente contavam com bibliotecas. Assim, o Estado incentivava o caráter educacional do movimento associativo, enviando impressos para os nascentes gabinetes de leitura, como o da Sociedade “Cinco de Agosto” nos anos de 1870.

Ainda na perspectiva estatal, analisando a relação das literárias da Vigia com o presidente da província, Dr. João Capistrano Bandeira de Mello Filho, que era liberal, concluímos que fortalecer o poder cultural do grupo de Araújo Nunes era estratégico,

<sup>516</sup> A lei nº 3.150 de 04/11/1882 dispensou a aprovação governamental dos estatutos das Entidades mutuais, beneficentes, literárias, científicas e políticas, já em 1893, a lei 173 exige que novamente o estado aprove a Carta magna dessas Instituições. FONSECA, Vitor Manoel Marques da. “Imigrantes Portugueses e sociedades recreativas no Rio de Janeiro (1903-1916)”, In: SARGES, Maria de Nazaré (et. elli) (org.). *Entre Mares: o Brasil dos portugueses*. Belém-Pará: Ed. Paka-Tatu, 2010, p. 241-251.

pois nem sempre a composição do canal oficial de poder (Câmara), atendia aos interesses do chefe do executivo provincial, muito menos o estilo de vida dos chefes liberais locais. Somava-se a isso, o descaso das Câmaras em ampliar a instrução as classes populares, permanecendo alheios as práticas de instrução e de circulação de livros, adotada por meio das sociedades literárias.<sup>517</sup>

*Imagem 54:* O Estado doava revistas, jornais e livros a sala de leitura da “Cinco de Agosto”.

Illm. e Exm. Senr.—A sociedade religiosa e beneficente “Cinco de Agosto” tem a honra de accusar a recepção do officio que v. exc. se dignou dirigir-lhe em data de 28 de novembro, enviando-lhe juntamente diversos folhetos, alguns numeroz da *Illustração Brasileira* e bom assim os ultimos ns. do *Diario de Pernambuco*, cuja remessa v. exc. tem continuado a fazer regularmente.

Fonte: *Jornal do Pará*. Belém, ed. 05 de 09/01/1977, p. 02

Os grupos letrados da província, em sua maioria, possuíam limitada autonomia política e social, pois estavam atrelados economicamente ao estado.<sup>518</sup> Logo, a barganha por cargos da administração pública era fundamental, pois essas ocupações posicionavam os membros dos grupos em locais estratégicos na mediação dos projetos de poder. Essa questão era determinada pela expressividade de cada grupo, explícita no acúmulo de capital econômico, social e cultural, usado para eleger seus representantes na Câmara e na Assembleia provincial, sendo que o mandato servia para reivindicar os cargos nos altos escalões do governo, propiciando a afinidade partidária, que por vezes, possuíam com o presidente da província. A facção política liderada por Araújo Nunes, que nos anos de 1870 estava alinhada aos liberais, demonstrou seu poder de barganha, conseguindo nomear vários integrantes para repartições públicas a nível local e regional.

Para exemplificar, Nicácio Antônio da Silva Elleres foi Promotor interino, suplente do Delegado de Polícia e procurador da Câmara da Vigia;<sup>519</sup> João Marques de

<sup>517</sup> SOEIRO, Igo. *A Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto” da cidade de Vigia (1871-1883)*. Dissertação de Mestrado em História Social da Amazônia. UFPA: 2012, p. 104.

<sup>518</sup> REIS, Daniel Aarão. “À procura de modernidades alternativas: a aventura política dos intelectuais Russos em meados do século XIX”. In: RIDENTI, Marcelo; BASTOS, Élica Rugai; ROLLAND, Denis (org.). *Intelectuais e estado*. BH: ed. UFMG, 2006, p. 13-15.

<sup>519</sup> *Jornal do Pará*. Belém, ed. 105 de 10/05/1877, p. 01; *Diário de Belém*. Belém, ed. 165 de 24/07/1887; *Diário de Belém*. Belém, ed. 83 de 12/04/1888, p. 02.

Oliveira atuou como professor adjunto;<sup>520</sup> Manoel Roque Pinheiro foi secretário da Câmara da Vigia e professor adjunto da escola de Curuçá; Lívio Torquato Pinheiro Delegado de Polícia; Augusto Ramos Pinheiro foi escrivão da Coletoria provincial em Vigia;<sup>521</sup> Honório dos Santos Vilhena foi professor substituto em 1871, além de suplente do Delegado Literário, Promotor público interino e procurador da Câmara da Vigia;<sup>522</sup> João Francisco da Rocha Pires foi nomeado Partidor e contador do Termo da Vigia em 1877 e mais tarde agente dos Correios;<sup>523</sup> Bertoldo Nunes e Vilhena Alves atuaram como professores. Além disso, os contatos da rede relacional facilitaram o ingresso de Antônio José de Matos Sobrinho e Manoel Epaminondas de Vasconcelos Palheta na tipografia do grupo, assim como Manoel Macário Alves que conseguiu ocupação em uma loja comercial de pessoas próximas a Bertoldo Nunes.

Ao considerar as disputas por cargos, os conservadores também expandiram seu campo de atuação, pois Lauriano Gil de Sousa foi delegado de polícia e delegado literário,<sup>524</sup> assim como Agostinho Barriga,<sup>525</sup> já Herculano Olympio Ferreira Guimarães foi professor e tabelião. Assim, era importante para os grupos letrados, com capital econômico, indicar para esses cargos seus representantes, muitas vezes os próprios chefes partidários assumiam, não por uma questão de composição de renda, pois haviam cargos sem remuneração, como o de delegado literário, mas sim por *status* e a possibilidade de inferir sobre questões importantes que influenciavam nas relações de poder.

O historiador Marco Morel direciona olhares para outros caminhos nessa relação dos espaços de sociabilidade letrada e o estado. O autor parte da trajetória de vida do livreiro e tipógrafo francês Pierre Plander que chegou a capital imperial no ano de 1824, trazendo “novas ideias” em sua bagagem cultural, as quais influenciaram o agir de facções políticas, a escrita dos periódicos, a opinião pública, a formação dos letrados e o movimento associativo. Concluiu que no pós-independência as permanências marcaram a sociedade brasileira, como a estrutura de poder e a escravidão, transformando também

---

<sup>520</sup> *O Liberal do Para*. Belém, ed. 32 de 08/02/1884, p. 01.

<sup>521</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 19 de 26/01/1879, p. 02.

<sup>522</sup> *Jornal do Pará*. Belém, ed. 234 de 20/10/1871, p. 01; *Jornal do Pará*. Belém, ed. 78 de 08/04/1875, p. 02; *Jornal do Pará*. Belém, ed. 297 de 30/12/1877, p. 01.

<sup>523</sup> *Jornal do Pará*. Belém, ed. 17 de 20/01/1878, p. 02; *O Liberal do Pará*, Belém, ed. 177 de 11/08/1882, p. 01.

<sup>524</sup> *Diário de Belém*, ed. 146 de 02/07/1869, p. 01; *Jornal do Pará*. Belém, ed. 171 de 01/08/1872, p. 01.

<sup>525</sup> *Jornal do Pará*. Belém, ed. 291 de 22/12/1867, p. 02; *Jornal do Pará*. Belém, ed. 286 de 20/12/1876, p. 01.

o espaço público. Nele, os diferentes agentes históricos interagem, considerando os locais físicos, as instâncias do Estado, as novas formas de sociabilidade e as falas da rua.<sup>526</sup>

*Imagem 55: Foto atual da fachada da Sociedade “Cinco de Agosto”.*<sup>527</sup>



<sup>526</sup> MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidade na cidade imperial (1820-1840)*. 2ª ed. Jundiaí: Paco editorial, 2016, p. 11-13.

<sup>527</sup> A fachada da Sociedade “Cinco de Agosto” recebeu intervenção artística feita pelo vigiense Wilkler Almeida, financiada pelo edital da lei Aldir Blanc local de 2021, o qual prefere não explicar o significado da pintura, deixando ao livre arbítrio do espectador. O aspecto físico atual da sede foi organizado em 2007, após 10 anos de abandono e sem o telhado, cabendo à prefeitura de Vigia o financiamento do projeto de reestruturação do espaço, naquela época administrada pela Prefeita Marlene Vasconcelos, que juntamente com uma emenda do Deputado estadual Nilson Pinto, revitalizaram o prédio. Internamente, a sede possui os seguintes espaços: sala de pesquisa e trabalhos técnicos, sala do arquivo e biblioteca, auditório para 90 pessoas, um pequeno palco, camarim adaptado como anexo da biblioteca e os banheiros. O acervo da biblioteca da “Cinco de Agosto”, como foi dito, começou a ser organizado com a sala de leitura do “Recreio Literário” em 1871 e entre ganhos e perdas, parte esta guardado hoje nas estantes. Já o Arquivo é formado pelos seguintes fundos: da Cinco de Agosto (a partir de 1905), Câmara da Vigia (1932-1970), Cartório Raiol (1802-1980) e Cartório Vilhena (1832-1980). Em 2018, escrevi em parceria com o professor Dr. Daniel Barroso o projeto intitulado “História e memória da região do salgado: digitalização do acervo histórico da Sociedade literária e beneficente “Cinco de Agosto” da cidade de Vigia de Nazareth”, contemplado pela UFPA no edital da PROEX de “Arte e Cultura”, permitindo a aquisição dos equipamentos necessários à iniciativa. O grupo de pesquisa RUMA/UFPA, liderado pelo professor Otaviano Vieira e Cristina Cancela, através do doutorando João Antônio Lima, nos orientou na organização da mesa de digitalização, manuseio da máquina fotográfica e na programação de computador. Contudo, a pandemia adiou o seu início para meados de 2019, momento em que a Sociedade “Cinco de Agosto” foi contemplada no primeiro edital local da lei Aldir Blanc, que permitiu a remuneração da equipe por seis meses. Já em 2021, o projeto reiniciou através do convênio firmado com a prefeitura de Vigia, administrada pelo atual prefeito, Job Junior, que é sócio da “Cinco de Agosto”, funcionando até os dias atuais. Esse projeto de valorização do patrimônio documental, pioneiro da região do salgado, mensalmente fotografa três caixas de acervo, disponibilizadas gratuitamente ao público no site [www.cincodeagosto.tk](http://www.cincodeagosto.tk). Além disso, a sede da Entidade recebe inúmeros eventos de iniciativa do poder público e privado, envolvendo as mais variadas áreas, sobretudo relacionado à formações. Em 2023, a parceria da Entidade com a prefeitura permitiu também a instalação de um cursinho popular, que prepara os jovens da cidade, principalmente de famílias pobres, para a prova do ENEM.



Fonte: acervo Igo Soeiro, 2022.

Em Vigia, a configuração da esfera pública mudou com o surgimento das sociedades literárias, cuja referência física era a casa do presidente, onde instalaram a sala de leitura e as aulas noturnas. Além disso, era perceptível a pressão exercida nas falas das ruas, no sentido de firmar um projeto de poder. Sobre isso, o Pe. Mâncio Caetano criou o Partido Católico, sendo acusado por seus adversários de usar a religião para fins políticos, instigando o povo ao fanatismo religioso. Nesse clima conturbado, chegou a Vigia no dia 03 de agosto de 1876, o Bispo D. Antônio Macedo Costa, recepcionado em frente a casa de Mâncio por uma multidão de negros escravizados e homens descalços. Não bastasse isso, dias depois, armados de cassetetes e facas, o vigário reuniu uma “orda de caceteiros” vindos dos sítios do Jenipaua e do Tupinanbá, os quais atacaram os comércios de Miranda Gama, João Pires e Modesto de Moura Palha, seus adversários políticos.<sup>528</sup> Isso não se diferenciava da estratégia dos demais chefes políticos locais, que usaram a pressão das ruas para fazer valer seus interesses.

Assim, em meio à efervescência de ideias que circulavam no espaço público da *urbe* de Vigia, os grupos letrados agiam de forma diferenciada, criando mecanismos para disputar a opinião pública, com a finalidade de exercer pressão sobre o estado e conquistar apoio político e votos.<sup>529</sup> Em tempos remotos, quando a comunidade leitora era ínfima e a circulação de impressos limitada, a Igreja Católica e a elite econômica tinham a primazia sobre a opinião pública. Na década de 1870, com o impulso das escolas primárias, os novos espaços de sociabilidade de expressão letrada e o aumento da circulação de livros e jornais, as antigas e novas estratégias buscaram conquistar o apoio dos cidadãos para os projetos de poder. Dessa forma, o Pe. Mâncio Caetano contava com a força da religião, os chefes liberais e conservadores com o clientelismo e os “humildes peregrinos” com as práticas culturais. Sobre isso, o grupo de Bertoldo Nunes associou à natureza das entidades literárias as datas em que homenageavam Santa Luzia e N.S. de Nazareth, aproximando-se de um elemento de forte identidade cultural dos vigienses, inferindo em um aspecto cultural dominado por outras elites. Além do mais, fundaram duas bibliotecas com mais de mil títulos, entre livros, revistas

---

<sup>528</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 179 de 10/08/1876, p.01-02 *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 190 de 22/08/1876, p.01.

<sup>529</sup> BECKER, Jean-Jacques. “A opinião pública”. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2ª ed. RJ: FGV, 2003, p. 188-193.

e jornais, objetos culturais que permitiam formar uma comunidade leitora fiel ao projeto de sociedade e poder do grupo. O letrado Manoel Roque Pinheiro era um entre outros que se dirigia periodicamente a sala de leitura do grupo, para emprestar obras, que seriam lidas em casa ou no tempo livre do ofício manual, sua conduta política sempre esteve com os candidatos dos “humildes peregrinos”.<sup>530</sup>

Nas escolas de ensino primário e nos externatos organizados por eles, procuravam inculcar uma visão de mundo na mocidade, enfatizando a primazia do saber escolar e a figura pública de Araújo Nunes como o líder do grupo. Nesse ambiente, o discurso político visava moldar a opinião pública da mocidade, tanto que os professores adjuntos Bertoldo Nunes e Vilhena Alves foram acusados de agirem dessa forma em 1873.<sup>531</sup> A filantropia completava as ações do grupo, disseminando por meio das sessões das sociedades literárias e pelos periódicos, a importância do indivíduo civilizado e da consciência social, o que até certo ponto conseguiram, pois a subscrição organizada pela Sociedade “Cinco de Agosto” em 1877, para ajudar os flagelados da seca no Nordeste brasileiro, recebeu adesão de muitos moradores.<sup>532</sup> Nesse aspecto, as lideranças políticas dos “humildes peregrinos” assumiam lugar importante, construindo a imagem de serem os únicos capazes de tirar Vigia do atraso social e cultural. É possível que essa questão tenha contribuído para a longevidade do grupo, pois a fabricação da opinião pública manteve viva a ideia principal da geração fundadora, de que a instrução, a beneficência e a religião seriam a base para construir o indivíduo civilizado e uma sociedade mais justa socialmente.

As práticas culturais dos “humildes peregrinos”, desenvolvidas nas Entidades literárias, buscaram conquistar a opinião pública dos cidadãos com direitos políticos, para votar em seus candidatos aos cargos eletivos, a nível local e regional. Ai reside uma diferença, pois os outros partidos limitavam suas reuniões e iniciativas ao período eleitoral, enquanto os “humildes peregrinos” reuniam-se mensalmente através das sessões das sociedades literárias, e estabeleciam uma relação permanente com a sociedade, por meio das ações educativas, religiosas e beneficentes. Contudo essas práticas enfraqueceram a partir de 1880, com o encerramento das atividades da “Philo

<sup>530</sup> *O Curuçaense*. Curuçá, ed. única de 16/12/1888, p.2-3.

<sup>531</sup> *Diário de Belém*. Belém, ed. 272 de 29/11/1873, p.01-02.

<sup>532</sup> *Subscrição promovida pelos membros da Comissão de socorros da sociedade “Cinco de Agosto” da cidade de Vigia em benefício das vítimas da seca no Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba*. APEP. Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Serie: Ofícios, caixa 312 (1870-1879) – ofício de diversas sociedades.

Scenica”, o controle da “Treze de Dezembro” pelos conservadores e a dispersão dos sócios da “Cinco de Agosto”, que em 1880 encerraram as aulas do externato, ainda mais com a migração de Bertoldo Nunes nesse ano e a de Araújo Nunes em 1883. As entidades culturais eram tão importantes estrategicamente nas relações de poder, que o próprio Pe. Mâncio Caetano tentou, sem êxito, assumir a presidência da “Cinco de Agosto” em 1876,<sup>533</sup> mesmo ano em que foi expulso da “Treze de Dezembro”, por dificultar a participação dessa entidade na organização da festa de santa Luzia.<sup>534</sup> Assim, as Entidades culturais funcionaram como força política sem ser um partido.<sup>535</sup>

Nesse cenário de tensões no campo cultural vigiense, em que as Entidade literárias, teatrais e beneficentes foram usadas propositalmente na consolidação da sociedade almejada pelos “humildes peregrinos”, inclusive expurgando de seus quadros de associados possíveis letrados que ameaçassem o avanço de suas ideias, Mâncio Caetano reuniu músicos remanescentes da “07 de setembro” e “Sebo de Holanda” e fundou a banda “31 de agosto” em 26 de dezembro de 1876 com a ajuda de Vilhena Alves, Francisco de Moura Palha e Honório Vilhena, aludindo a data em que se aderiu em Vigia a independência do Brasil,<sup>536</sup> ressaltando o caráter patriótico desses letrados.

O antropólogo Vicente Salles ressaltou a importância de Vigia no contexto das expressões musicais do interior da Província do Grão-Pará, que desde 1836 possuía no batalhão de infantaria 10 músicos e um maestro. A banda “31 de Agosto” foi

<sup>533</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 165 de 25/07/1876, p. 01.

<sup>534</sup> *O Espelho*. Vigia, ed. 05 de 29/09/1878, p.02.

<sup>535</sup> BERSTEIN, Serge. “Os partidos”. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2ª ed. RJ: FGV, 2003, p. 62-65.

<sup>536</sup> Explicamos os pormenores desse evento histórico na nota 41 do Capítulo I, cabendo nesse momento à evocação da data histórica na formação de sentido pátrio. Timidamente nos anos de 1870 e de forma mais organizada nos anos de 1880, a cada 31 de agosto os grupos letrados celebravam a construção da nação, tornando a cidade festiva. As comemorações iniciavam na madrugada do dia 30, com alvorada das bandas musicais percorrendo as ruas, à tarde era a vez dos alunos das escolas percorrerem os logradouros públicos, divididos em duas alas, com seis bandeiras e um troféu com a inscrição “Viva o 31 de agosto de 1823”. À noite, outra passeata ocorria, organizada pelos letrados mais influentes no cenário político, entre eles Araújo Nunes, Miranda Gama, Abrão Athaide, Francisco Raiol, Simão Paes, Francisco de Moura Palha, Lauriano Gil de Sousa, Mâncio Caetano Ribeiros e outros. No dia 31 pela manhã, a Câmara organizava uma sessão homenageando a data, nela concediam-se cartas de liberdades a escravizados, por vezes as bandas de música acompanhavam os libertados até suas casas. No final da tarde, nova passeata promovida pelas mulheres e a noite pelo Clube das Lanternas. Em quase todas as cerimônias ouvia-se vivas a memória dos mártires da independência, ao povo vigiense e a data, girandolas de fogos subiam e os letrados embandeiravam a frente de suas casas. Durante toda a programação, discursos acalorados dos líderes políticos procuravam firmar a difícil construção da nação Brasileira e incutir no povo o sentimento patriótico. Como se nota, coube aos intelectuais, inclusive as mulheres, esse papel nos mais remotos cantos da Amazônia. Atualmente essa tradição se perdeu, apenas a Banda “31 de Agosto”, ainda ativa, realiza a alvorada. *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 182 de 04/10/1882, p. 03; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 203 de 11/09/1883, p.03, *Diário de Belém*. Belém, ed. 210 de 13/09/1884, p.02; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 200 de 06/09/1888, p.02.

incorporada, a partir de 1881, ao Clube musical e beneficente com o mesmo nome, tornando-se também filantrópica.<sup>537</sup> Em outro estudo, o mesmo autor, enfatizou que tanto a música quanto o teatro foram recursos pedagógicos e políticos importantes, usados pelo colonizador português no processo de formação da sociedade paraense, onde o canto e a dança eram encontrados nas igrejas, capelas, nas oficinas, nos conventos e nos campos, utilizado na difícil missão de extirpar os hábitos de uma sociedade multicultural, com predominância de escravizados africanos e indígenas, que também possuíam sua musicalidade.<sup>538</sup> No contexto vigiense da década de 1870, o vigário doutor, formado na Europa, usou para mediar seu projeto de poder com o nascente partido católico, o púlpito da Igreja Matriz, de onde pronunciava acalorados discursos contra seus adversários, bem como a Entidade musical e beneficente como estratégia de inserir-se de forma mais incisiva nas dinâmicas da cidade, pois a banda era solicitada para tocar, tanto nos eventos religiosos como nas festas em homenagens aos santos, além de funerais, datas cívicas e eventos políticos.

Entre esses embates no campo cultural e a efervescência política, nada mais emblemático do que compreender o comportamento dos grupos nas eleições, “reconhecida na França como a origem legítima do poder”, colocando em disputa as correntes ideológicas em vigor, ou seja, as sociabilidades antigas (partidos) e as novas (associações culturais).<sup>539</sup> O processo eleitoral era influenciado pelos grupos letrados através do uso do capital econômico, cultural e social. A organização das eleições durante a monarquia constitucional brasileira, contava com o papel estratégico da Junta de qualificação, encarregada de alistar aqueles que preenchiam os requisitos constitucionais para votantes e eleitores, reunida um mês antes do pleito eleitoral. Sua composição variou ao longo do governo representativo imperial, inicialmente o presidente da província nomeava a maioria dos membros, fortalecendo os candidatos dos grupos políticos da capital. Em seguida, passou a ser constituída por cinco cidadãos eleitos, sendo um deles o presidente, fortalecendo os grupos políticos locais. Era o ponto de partida em uma cadeia de disputas, onde prevaleciam tumultos e fraudes, pois os cargos eletivos eram uma forma de distinção cobiçada pelos letrados no campo cultural. Assim, controlar a Junta significava incluir aliados e retirar da lista os

---

<sup>537</sup> SALLES, Vicente. *Sociedade de Euterpe*. Belém: Edição do Autor, 1985, p. 125-126.

<sup>538</sup> SALLES, Vicente. *A música e o tempo no Grão-Pará*, Belém. Conselho Estadual de Cultura, 1980, p. 25-30.

<sup>539</sup> RÉMOND, René. “As eleições”. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2ª ed. RJ: FGV, 2003, p. 38-51.

adversários, direcionando as eleições primárias, que por aclamação, elegia os membros do Colégio eleitoral da Vigia, os quais votavam para os cargos de Juiz de Paz, vereador, deputado provincial e senador.<sup>540</sup>

Para exemplificar o papel da Junta no processo eleitoral, em 1876, os liberais Vilhena Alves, João José Felipe entre outros não foram alistados, mesmo tendo renda para isso, pois o controle desse órgão estava entre os conservadores, que dificultaram a entrada de seus adversários.<sup>541</sup> Com isso, Francisco de Moura Palha interpôs recurso nas instâncias do judiciário, para garantir a cidadania política de seus aliados. As tensões na arena política vigiense foram constantes e a cada composição da Junta essas disputas aumentavam. Em 1879, os conservadores Lauriano Antônio Gil de Sousa, Mâncio Caetano Ribeiro e outros letrados, foram denunciados pela alteração ilegal da lista de cidadãos de Vigia.<sup>542</sup> Esse fato demonstra claramente a tentativa de manipular os resultados das eleições.

Para os grupos letrados, o mandato político, sobretudo, o de deputado provincial, era de grande importância, pois proporcionava deslocamento na carreira e influenciava decisivamente na concretização do projeto sociopolítico almejado. Sendo assim, cada eleição era momento decisivo, podendo até transformar as relações de poder e as dinâmicas sociais.<sup>543</sup> O historiador Ernesto Cruz informa, que a Assembleia provincial do Grão-Pará foi criada em 1834, com a extinção do Conselho de Província, variando de 24 a 30 membros, tratava de assuntos importantes, tais como: instrução pública, economia municipal, polícia, fixação das despesas provinciais e municipais, cargos públicos, obras, entre outros. Nesse sentido, entendemos que a ocupação do cargo público conferia participação direta nos problemas sociais, além de projetar os interesses políticos partidários, o que poderia fortalecer os grupos letrados.

Entre os naturais da Vigia de Nazareth, Dr. Domingos Antônio Raiol alcançou o posto de deputado nos anos de 1858 a 1861, embora suas relações estivessem sedimentadas na capital, onde residia. Já o Major Geraldo Ferreira Bentes, filiado aos liberais, assumiu como deputado no período de 1864 a 1867. Após essa expressividade

---

<sup>540</sup> DOLHNIKOFF, Miriam. *Governo representativo e eleições no século XIX*. Revista do IHGB, RJ, a. 178 (474): 15-46, maio/ago. 2017.

<sup>541</sup> *Jornal do Pará*. Belém, ed. 67 de 23/03/1876, p.01

<sup>542</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 129, de 1879, p. 01.

<sup>543</sup> RÉMOND, René. "As eleições". In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2ª ed. RJ: FGV, 2003, p. 49.

política, os conservadores assumiram a hegemonia do campo cultural vigiense, elegendo o maior número de vereadores e um deputado. Para efeito de conhecimento, Luiz Gonçalves de Aragão, vigário da Vigia, foi eleito deputado entre os anos de 1868 a 1872 e o capitão Lauriano Antônio Gil de Sousa obteve três legislaturas consecutivas indo de 1874 a 1879, assim como nos anos de 1882 a 1889. Sobre os liberais, somente em 1888, Francisco de Moura Palha elegeu-se deputado, já no término do mandato, estava na constituinte como Senador, passando pela transição do regime republicano.<sup>544</sup> Em meio aos embates eleitorais entre liberais e conservadores, os “humildes peregrinos” também ambicionavam esses cargos. Em 1873, o professor Araújo Nunes candidatou-se a deputado provincial, sem êxito, obtendo apenas 01 voto, mas as práticas culturais do grupo estavam apenas iniciando. Nesse mesmo ano, a eleição revelou a supremacia dos conservadores, demonstrando a eficácia de suas ações com os eleitores, elegendo Lauriano Gil de Sousa para seu primeiro mandato na Assembleia provincial. Nesse pleito ele recebeu em Vigia 18 votos, dos 19 membros do Colégio eleitoral,<sup>545</sup> que na época era presidido pelo próprio Lauriano, tendo ainda o apoio de seu cunhado Herculano Olympio, três membros da família Barriga e de outros destacados conservadores, como Jonas Ferreira, Maximiano Pantoja e Honório Vilhena.

**Quadro 08: Os integrantes do Colégio eleitoral da Vigia em 1873**<sup>546</sup>

Agostinho José do Carmo Barriga
Anastácio Martins Ferreira dos Santos
Antônio do Carmo das Chagas Barriga
Francisco José do Carmo Barriga Filho
Francisco Xavier Leal
Herculano Olympio Ferreira Guimarães
Honório dos Santos de Vilhena
Ignácio José Alves
Ignácio José Baptista da Silva
Joaquim Pedro da Silva
Jonas José Ferreira – secretário
José Antônio Sarmiento
José Ignácio de Brito
José Rofino de Brito
Lauriano Antônio Gil de Sousa – presidente

<sup>544</sup> CRUZ, Ernesto. *História do Poder Legislativo do Pará (1835-1930)*. Assembleia Legislativa. Belém, 1978.

<sup>545</sup> *Registro da 2ª Acta da reunião do Colégio Eleitoral da cidade de Vigia em 07 de dezembro de 1873 inscrita no livro de Notas do tabelião público da cidade de Vigia (1872-1880)*. fl. 47-50. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Série: Livros diversos.

<sup>546</sup> *Registro da 2ª Acta da reunião do Colégio Eleitoral da cidade de Vigia em 07 de dezembro de 1873 inscrita no livro de Notas do tabelião público da cidade de Vigia (1872-1880)*. fl. 47-50. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Série: Livros diversos.

Manoel Raymundo Ferreira de Miranda
Maximiano d' Oliveira Pantoja
Procópio Antônio de Souza
Raymundo Antônio da Silva Beckman

O direito de se candidatar a deputado provincial era vetado aos pobres e remediados, assim como o de obter um acento na Assembleia, pois a eletividade era exclusiva a elite econômica que dirigia o Estado, os quais usavam de estratégias diversas, para que apenas alguns setores sociais participassem do jogo de poder. Bertoldo Nunes foi vítima desse sistema, devido sua posição social, além de não ter fortuna e títulos, era visto por grande parte da elite econômica, como incapaz de advogar os interesses do povo.<sup>547</sup> Vale ressaltar que sua trajetória profissional iniciou em Vigia no ano de 1866, como professor adjunto da escola pública, regida pelo irmão Araújo Nunes, onde permaneceu até 1875, com algumas interrupções. Posteriormente Bertoldo organizou uma tipografia e se dedicou ao ofício de redator, conseguindo o acúmulo de capitais (social e cultural) o que permitiu mobilidade, assumindo em Belém a redação do *O Liberal do Pará* em meados de 1880, mesmo ano em que o Dr. Raiol, seu apadrinhado, voltou ao cenário político regional como deputado. Após três anos, Bertoldo lançou sua candidatura a deputado provincial, apoiada em Vigia pelo professor Nunes, Hilário Palheta e Manoel Felipe da Costa entre outros amigos, bem recebida também na capital. Para deliberar sobre os possíveis candidatos, os chefes liberais da comissão central reuniram-se na casa do Dr. Vicente Miranda, durante o encontro, o Dr. Felipe Lima, pediu para quem quisesse ser “pai da pátria” apresentasse seu nome à votação da comissão. Apresentaram-se: os Drs. Clementino Lisboa, Sousa Castro, Felipe Lima, os senhores José Joaquim da Gama e Silva, Bento José da Silva Santos, Bertoldo Nunes, Cunha Coimbra e o acadêmico Cabral, dos quais apenas o nome de Bertoldo Nunes não foi escolhido.<sup>548</sup>

Em virtude desse fato, Bertoldo Nunes argumentou com a comissão liberal de que sua candidatura pelo primeiro círculo eleitoral era viável, pois não foi aceito nenhum nome para candidato a deputado pelo partido liberal da Vigia, considerada o segundo maior colégio eleitoral da província. Após as divergências e ainda com o

<sup>547</sup> *Diário de Belém*. Belém, ed. 203 de 07/09/1883, p. 03.

<sup>548</sup> *Diário de Belém*. Belém, ed. 163 de 21/06/1883, p.01; *Diário de Notícias*. Belém, ed. 148 de 03/07/1883, p. 02; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 205 de 13/09/1883, p. 02; *Diário de Belém*. Belém, ed. 206, 13/09/1883, p. 02.

intuito de concorrer pelo partido liberal, afirmou através da imprensa que conversou com Bento José da Silva Santos, natural da vila de São Caetano, nome preferido dos liberais, que aceitou desistir. Assim, o professor concorreria oficialmente como candidato liberal e não como dissidente, como ocorreu. Com efeito, a campanha eleitoral avançou através da imprensa, meio usado para conquistar a opinião pública e pela qual também expôs as causas defendidas: a expansão e qualidade do ensino primário e secundário, a abolição da escravidão e o melhoramento do interior,<sup>549</sup> sobretudo, na região da Comarca da Vigia de Nazareth, bem como a valorização da classe artística,<sup>550</sup> que ele fez parte como tipógrafo.

As propostas enquanto candidato estão intimamente ligadas ao percurso social e formativo do professor. Segundo o exemplo de Rodrigo Sales, que em 1890 escreveu pedindo melhoramentos para as cidades de Mosqueiro e Bujaru, Bertoldo saiu em defesa da terra natal. A nascente república paraense motivou Bertoldo a pensar que sua causa pudesse ser atendida, inspirado na leitura do *Diário de Notícias*, impresso na capital federal, que instigava seus leitores ao fortalecimento do sentimento nato pela cidade e pelo Estado. Assim, Bertoldo pediu aos governantes que instalassem um colégio de ensino secundário em Vigia e tornasse efetiva a abertura do ramal, que ligaria a cidade a estrada de ferro de Bragança,<sup>551</sup> dinamizando a economia, questões importantes que estariam na pauta das sessões da Assembleia, caso fosse eleito.

Imagem 56: Anúncio publicado na imprensa da candidatura de Bertoldo Nunes.



Fonte: *Diário de Belém*. Belém, ed. 163 de 21/06/1883, p.01

<sup>549</sup> *Diário de Belém*. Belém, ed. 161 de 19/06/1883, p.03.

<sup>550</sup> *Diário de Notícias*. Belém, ed. 162 de 19/07/1883, p. 02.

<sup>551</sup> *O Democrata*. Belém, ed. 89 de 20/04/1890, p. 02.



Na conturbada relação entre os partidos, muitas vezes ocorria desmandos envolvendo os letrados, por isso o mandato de deputado era o cargo mais cobiçado no campo cultural, pois sua força permitia desarticular os grupos adversários. Em 1874, Lauriano Antônio Gil de Sousa discursou na tribuna da Assembleia provincial, justificando sua atuação como Delegado Literário em Vigia, quando demitiu por supostas irregularidades, os professores adjuntos Bertoldo Nunes e Vilhena Alves. Em resposta a esse pronunciamento, Bertoldo publicou um artigo na imprensa, relatando sua trajetória no magistério e mesmo que vários Delegados literários tenham sido seus adversários políticos, como o Pe. Aragão e o Capitão Raimundo Ferreira, nunca havia sido advertido pelo desempenho de seu trabalho, sendo até elogiado publicamente pelo próprio Lauriano. Mas a perseguição do deputado Lauriano foi implacável provocando a demissão do letrado, acusando-o de jesuíta<sup>552</sup> e portador de ideias condenadas pela civilização. Em resposta a essa retaliação, Bertoldo Nunes sugeriu ao deputado que ao invés de persegui-lo, deveria se ocupar com os problemas da cidade, desmembrando mais um quarteirão e diminuindo os impostos de criadores de carneiros, em vez de apadrinhar seus correligionários, usando a instrução pública para fins políticos.<sup>553</sup> Nas eleições de 1883, Bertoldo não se elegeu, mas obteve 42 votos no Colégio eleitoral de Vigia, bem mais que seu oponente, Lauriano Gil de Sousa, que conseguiu apenas 25.<sup>554</sup>

Ainda na perspectiva de compreender as bases de sustentação da campanha de Bertoldo Nunes e a importância do mandato para o grupo, ressaltamos que o professor ganhou notoriedade entre a elite política provinciana, por sua atuação como abolicionista, integrando várias entidades defensoras da emancipação dos escravizados em 1880. Certamente essa causa estaria na pauta de suas ações, no parlamento regional, o que motivou a cúpula liberal a recusar seu nome, pois seria uma voz bradando por leis e outras medidas para por fim a esse regime.

---

<sup>552</sup> A Companhia de Jesus foi uma Ordem religiosa fundada na França em meados do século XVI no contexto da Contra Reforma ou Reforma Católica com o intuito de propagar o cristianismo pelo mundo, seus membros eram chamados de Jesuítas ou inacianos, pois seu fundador foi o Inácio de Loyola, os quais atuaram fortemente na América portuguesa na catequização dos indígenas, na criação de Colégio e Igrejas. Na imprensa do Grão-Pará das décadas finais do século XIX, os letrados usavam o termo “jesuíta” de forma pejorativa, para taxar nos intelectuais adversários um comportamento contrário ao Iluminismo, à civilização. Ler: LEMOS, Fabiano; PINHEIRO, Ulysses. “*Tu és jesuíta*”. *A epistemologia inaciana de José de Alencar*. Estudos Avançados, v. 34, p. 231-244, 2020.

<sup>553</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 79 de 10/04/1875, p. 02.

<sup>554</sup> *Diário de Belém*. Belém, ed. 163 de 21/06/1883, p.01; *Diário de Notícias*. Belém, ed. 148 de 03/07/1883, p. 02; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 205 de 13/09/1883, p. 02; *Diário de Belém*. Belém, ed. 206, 13/09/1883, p. 02.

No ano de 1885, superada a questão que dificultou a candidatura do irmão, o professor Araújo Nunes se candidatou ao mesmo cargo pelo partido liberal.<sup>555</sup> Sua candidatura foi facilitada pelo fato de que várias lideranças liberais locais, como Bento de Almeida, José Pedro de Moura Palha e Geraldo Ferreira Bentes, haviam falecido ou envelhecido, dificultando a participação na desgastante campanha de deputado, obrigando os pretendentes ao cargo, a percorrerem longas distâncias por mar para construir suas bases eleitorais. Na década de 1880, as lideranças políticas dos “humildes peregrinos” contaram com o poio dos ex-alunos, que se tornaram cidadãos a partir dos 25 anos, impregnados de uma nova visão de mundo fortalecida pelas práticas culturais do grupo, iniciadas nas escolas primárias desde 1866. Assim, o pleito eleitoral de 1885, mostrava-se promissor a facção política liberal representada pelos “humildes peregrinos”.

Nesse período, Araújo Nunes residia em São Caetano e trabalhou em três cidades da Comarca, disputando de forma acirrada pelo II distrito eleitoral. O professor tinha como principal adversário Lauriano Antônio Gil de Sousa, candidato conservador, que desde o mês de outubro, acumulava ilegalmente o cargo de deputado e presidente da Junta eleitoral da Vigia, organizado com vários mandatos e sendo comerciante de grosso trato, disputando pela permanência no cargo. Como resultado das campanhas, considerando os votos obtidos nas cidades de Vigia, Colares e São Caetano, o professor Nunes foi eleito com um total de 162 votos contra 153 de Lauriano, um grande feito que colocou o capital cultural em supremacia ao econômico, demonstrando que conhecimento é poder.<sup>556</sup> Contudo, o professor não foi diplomado, pois não recebeu reconhecimento da Assembleia. Esse fato demonstra a fragilidade do processo eleitoral, com manobras para manipular a política e manter os interesses pessoais, impossibilitando o surgimento de novas propostas.

Na realidade, a busca incessante pelo mandato de deputado proporcionaria aos irmãos Nunes o alinhamento de suas ações e os debates e articulações com a administração pública sobre as causas defendidas pelos “humildes peregrinos”. Por

---

<sup>555</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 184, 15/08/1885, p. 02.

<sup>556</sup> Em Vigia, Araújo Nunes obteve 42 votos e Lauriano 51. Em Colares o professor teve 05 e Lauriano 06, já em São Caetano, Araújo Nunes 12 e Lauriano 07. *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 19, 27/01/1886, p. 01.

outro lado, a ação parlamentar afetaria também suas carreiras.<sup>557</sup> Nesse ponto, Araújo Nunes era reconhecido por reivindicar do estado à valorização dos professores interioranos. Em 20 de abril de 1878, o professor questionou um artigo publicado no *O Publicista*, mensageiro dos conservadores, no qual seus redatores fizeram judiciosas considerações acerca da injustiça sofrida pelos antigos professores, sobre a diferença de vencimentos com relação aos normalistas, mesmo que existisse uma lei garantindo a obtenção desse título, mediante exame. Araújo Nunes argumentou sobre as condições em que isso seria possível, trabalhando no interior e sem licença para migrar para a capital e se preparar para os exames. Além disso, instigou o deputado capitão Lauriano, a usar o mandato em prol dessa causa, bem como a buscar meios para anular a lei nº 861, que diminuiu o número de escolas de instrução primária para o sexo masculino em Vigia. O professor justificou sua proposição ressaltando que sem escolas nos distritos, a expansão da instrução as classes populares se tornaria difícil, pois os que podiam deslocavam-se para a *urbe*, os demais abandonavam os estudos.<sup>558</sup>

Em 1878, a atuação parlamentar de Lauriano não parecia preocupar-se com a ampliação da instrução, muito menos com a realidade dos professores, embora fosse casado com a professora Clarinda Ermira Gil de Sousa. Em Vigia o deputado residia na Rua das Flores e exercia a advocacia, mesmo sem a formação de bacharel, pois à carência de profissionais habilitados era considerável nas Comarcas, mas sua renda principal provinha do comércio.<sup>559</sup> Um episódio ocorrido em 1875 permite entender o pensamento desse homem branco letrado, que ocupou por várias legislaturas o mandato de deputado, bem como a importância dos periódicos como meios de influenciar a opinião pública em favor dos projetos dos grupos culturais. Nesse episódio, o político liberal Cassiano Alvares estaria em frente à drogaria do italiano Antônio Sanches Munhoz, na Rua São Bernardo, recitando a poesia Judia, acompanhado por Bernardo José Monteiro Brasil que tocava violão, quando o deputado conservador Lauriano ao passar disse: "É a vida desse corno". Eles trocaram agressões físicas e Lauriano recebeu um golpe certo que o levou a bater a cabeça no poste do lampião. Logo após ele arregimentou seus correligionários em frente a sua casa e algo pior quase aconteceu.

---

<sup>557</sup> RÉMOND, René. "As eleições". In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2ª ed. RJ: FGV, 2003, p. 49-50.

<sup>558</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 96 de 28/04/1878, p. 02-03.

<sup>559</sup> *A República*. Belém, ed. 881 de 14/03/1893, p. 01; *Diário de Notícias*. Belém, ed. 53, p. 02; *Livro de Notas de Geraldo Ferreira Bentes*, 1875, f.21-22. ASCA. Fundo: Cartório Raiol. Série: Livros de Nota.

O desdobramento da ofensa física continuou nos tribunais e nas páginas das gazetas de Vigia de Nazareth. Lauriano escreveu no *Publicista* sua versão dos fatos, desqualificando seu agressor, chamando-o de homem sem moral e de conduta duvidosa, contrabandista e negro, um cata-vento político, que após ser criado nas senzalas quer discutir com alguém de posição social. Continuou, afirmando que Cassiano era filho excomungado, da libertinagem, adúltero de pais escravos que para livrar-se da ação da polícia por ter desonrado uma moça, abandonou a família e hoje pertence à vida social e política. Nesse sentido, a visão de mundo preconceituosa de Lauriano, que possivelmente, se estendia a elite agrária e mercantil local, guiou suas ações no parlamento provincial em defesa dos privilégios desse segmento social, ou seja, a manutenção do *status quo* em vigor, dos marcadores sociais de cor e de um projeto de civilidade, excluindo as classes populares, levando essas questões às páginas de seu semanário.

Sobre o nascimento da imprensa local e seu papel nas dinâmicas de poder, Lauriano afirmou que a chegada do Pe. Mâncio Caetano Ribeiro, em meados de 1873, acabou com o sossego público, colocando-se a frente dos seus adversários políticos ao organizar uma tipografia em junho de 1874, onde imprimiu o periódico *Vigiense*, ofendendo a todos por meio de suas páginas, contando com a colaboração de Vilhena Alves e outros letrados. Até mesmo Bertoldo Nunes, seu aliado, por essa gazeta chamou Lauriano de despeitado, ao usar de sua posição social como deputado e capitão da Guarda Nacional, para provocar motins e sedições, sendo ele desprovido do ambiente da civilização trazido pela religião cristã, percorrendo as tabernas para propagar que seus adversários são selvagens. Nove meses depois do surgimento do *Vigiense*, nasceu o *Publicista*, iniciativa de Lauriano para posicionar seu projeto político e defender-se dos ataques dos adversários. Os jornais, como veículos de informação, tentaram influenciar a opinião pública sobre o caráter das lideranças políticas. Nesse sentido, Araújo Nunes foi um dos alvos de Lauriano, que propagava sobre o professor não se importar de aliar-se aos que desviavam recursos públicos, destinados ao afetados pela varíola, e muito menos aos falsificadores de firmas e sanguessugas dos cofres municipais.<sup>560</sup> A imagem pública era um bem guardado com zelo pelos líderes dos grupos letrados, por isso que a cada ataque, defendiam-se pelas gazetas local e belenense.

---

<sup>560</sup> *Sumário de crime de ferimento em que é autor Lauriano Gil de Sousa e réu Cassiano Alvares, 1875.* ASCA. Fundo: Cartório Raio. Área Criminal, Cx. 04, doc. 1A.

Os “humildes peregrinos” não desistiram de eleger um deputado, no ano de 1887, Araújo Nunes disputou novamente o pleito eleitoral, sem sucesso, tendo como adversários pelo II segundo distrito eleitoral, Francisco de Moura Palha e o Pe. Mâncio Caetano Ribeiro, que retornou aos liberais, os quais se elegeram.<sup>561</sup> A trajetória política e profissional de Francisco Palha iniciou em Vigia, nos anos de 1840, e culminou com o mandato de senador ao nascer da República. No Império, Moura Palha<sup>562</sup> atuou entre os liberais, ingressando no Batalhão da Guarda Nacional, mas ausentou-se de Vigia em 1876, quando acusado de provocar sedições foi perseguido por seus adversários e migrou para Macapá. Após usar de sua rede relacional e a influencia familiar, foi nomeado Promotor, retornando a cidade natal dois anos depois, assumindo paralelamente o cargo de delegado de instrução, exercendo as funções de forma inconstante até o ano de 1885, período em que foi acusado de usar de sua posição social para perseguir os correligionários conservadores, chegando ao posto de capitão.

Francisco Palha era filho de José Pedro de Moura Palha, afeiçoado às leis, e suas peças jurídicas foram escritas antes da sua estadia em Macapá, contestando as manobras na Junta eleitoral, em 1885 obteve licença para advogar. Ele foi a principal liderança dos liberais nos anos de 1880 e, a partir da candidatura de Bertoldo Nunes a deputado em 1883, iniciaram as tensões entre os Nunes e os Moura Palha pelo controle do partido liberal da Vigia.<sup>563</sup> Em 1889, Araújo Nunes novamente se candidatou, obtendo 483 votos, Moura Palha 485 e o Pe. Mâncio 313, porém ficaram em primeiro e segundo lugar respectivamente, o tenente Cordeiro e o capitão Lima. Em Vigia, o professor Nunes conseguiu no primeiro distrito 41 votos e Moura Palha 42, já no segundo distrito teve 62 votos contra 63 de Moura Palha, ficando em último entre os cinco candidatos

---

<sup>561</sup> Comparando a votação do professor Nunes e Moura Palha, respectivamente tiveram: Vigia (104/108), São Miguel (25/25), Colares (13/15), São Caetano (29/28), São Miguel do Guamá (25/22), Irituia (28/31), Ourem (24/24), Curuçá (46/46), Cintra (32/32), Salinas (1/1), Santarém Novo (20/20), Marapanim (45/46). Assim, Araújo Nunes ficou em último lugar no II distrito com 422 votos, Moura Palha 433 (liberal) e Mâncio Caetano com 466. *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 02 de 03/06/1888, p. 01-02; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 03 de 04/06/1888, p. 01-02, *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 04 de 04/06/1888, p. 01-02; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 05 de 05/06/1888, p. 01-02.

<sup>562</sup> Identificamos três filhos de Francisco Palha: Henrique de Moura Palha, Ana de Moura Palha e Antônio Botelho de Moura Palha.

<sup>563</sup> CARLOS, Seidl; PAIVA, Octaviano José (coord.). *Almanak Administrativo, mercantil e industrial da Província do Pará*. Belém, 1869, p. 286-288; *A Constituição*. Belém, ed. 292, de 28/12/1876, p. 1; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 173 de 01/08/1878, p. 1; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 224 de 02/10/1878, p. 1; *A Constituição*. Belém, ed. 106 de 12/05/1881, p.01; *A Constituição*. Belém, ed. 119 de 28/05/1881, p.02; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 185 de 18/08/1881, p. 01-02; *A Constituição*. Belém, ed. 122 de 28/05/1883, p. 01; *Diário de Belém*. Belém, ed. 200 de 04/09/1883, p. 02; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 221 de 01/10/1885, p. 03.

liberais.<sup>564</sup> Essa eleição pôs fim ao sonho da família Nunes, em chegar a Assembleia Provincial, após ter organizado para isso, um repertório de práticas culturais envolvendo as entidades literárias, externato, bibliotecas, ações filantrópicas e os jornais.

Enquanto os conflitos políticos ocorriam, os periódicos se destacavam como estratégia privilegiada de firmar os projetos sociopolíticos dos grupos letrados. Isso se deve, sobretudo, pelo contexto de ampliação da comunidade letrada e a transformação ocorrida no espaço público. Em Vigia, três gráficas foram organizadas na *urbe* entre os anos de 1874 a 1876, imprimindo cinco jornais que mediaram as disputa partidárias no campo cultural. A imprensa vigiense nesse período nasceu sob domínio da elite econômica, como por exemplo, o *Vigiense* (janeiro de 1874) de propriedade de Pe. Mâncio Caetano Ribeiro e *O Publicista* (outubro de 1874) de Lauriano Antônio Gil de Sousa.<sup>565</sup> Evidentemente, os jornais representaram um meio pelo qual a elite manipulava a opinião pública e propagava versões distorcidas dos fatos ocorridos, como nota-se nas notícias estampadas no *Vigiense* e no *Publicista*, que serviram de prova no processo judicial envolvendo Lauriano Gil de Sousa e Cassiano Alvares.

Vale ressaltar também, que o *Publicista* foi usado para desdenhar da dificuldade dos professores interioranos por seus vencimentos incompatíveis aos professores normalistas. Nos anos de 1874 e 1875 os “humildes peregrinos” participaram da escrita

---

<sup>564</sup> Comparando a votação de Araújo Nunes a de Francisco de Moura Palha temos: São Caetano 33/31, Bragança 41/57, Marapanim 55/55, Cintra 33/43. Meses depois, em 24 de novembro de 1889, os chefes dos dois partidos antigos de Vigia acordaram em reunir às quatro da tarde, quando o vapor Bragança surge todo embandeirado, recepcionado com muitos fogos. Decidiu-se fazer uma única reunião no Paço Municipal com os representantes do governo Gonçalves de Lima Ferreira, Ovídio e Farias. O presidente da Câmara propôs Indicação para que se aderisse ao regime republicano. O vereador Lauriano Antônio Gil de Sousa propôs que se ouvissem os representantes antes. Moura Palha, Abraão Ataíde e o professor Nunes, além de Gil de Sousa discursaram. O cidadão Ovídio pediu que se aderisse à República e assim se consumou a adesão de Vigia, houve passeata e apresentação da Banda “31 agosto”. Após isso, a disputa entre as famílias Moura Palha e Nunes continuaram para assumir o controle do partido republicano, afiliado aos dirigentes do novo regime, que acabou ficando com Francisco Palha, enquanto que Bertoldo, Araújo Nunes e seus amigos foram para o partido Democrata. A antiga gráfica do *O Liberal da Vigia* também foi alvo dessa disputa, apropriada por Francisco Palha que passou a imprimir o periódico *Cidade de Vigia* em 1890, tendo como redator Abraão Ataíde. *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 239 de 22/10/1889; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 240 de 23/10/1889; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 241 de 24/10/1889; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 242 de 25/10/1889; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 243 de 26/10/1889; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 24 de 29/01/1889; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 246 de 31/10/1889; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 248 de 03/11/1889; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 250 de 06/11/1889; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 251 de 07/11/1889; *O Democrata*. Belém, ed. 10 de 14/01/1890, p. 3; *A República*. Belém, ed. 13 de 04/03/1890, p. 1; *A República*. Belém, ed. 54 de 23/04/1890, p. 2; *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 295, de 23/12/1889, p. 1; *A República*. Belém, ed. 07 de 1890, p. 1.

<sup>565</sup> No capítulo II, final do item 2.1, abordamos a dinamização do campo cultural vigiense na década de 1870, com a imprensa local, cabendo nesse momento enfatizar o papel dessas gazetas nas dinâmicas de poder.

do *Vigiense*, porém não foi possível expressar claramente os fundamentos do grupo, pois logo essa gazeta passou a divulgar o projeto político do partido católico, sendo liderado pelo vigário, com a colaboração de Vilhena Alves como redator. Para mediar suas ações por meio da imprensa os “humildes peregrinos” organizaram uma tipografia, graças aos esforços dos irmãos Nunes, que hipotecaram seus vencimentos de professores para comprar o maquinário, imprimindo *O Liberal da Vigia* (junho de 1876), *O Orvalho* (junho de 1877) e *O Espelho* (setembro de 1878) que serviram ao propósito do grupo.

A historiadora Laura Maciel analisou a “experiência de trabalhadores com a imprensa na cidade do Rio de Janeiro” a partir da década de 1880, investigando a produção de impressos de várias categorias profissionais, que buscavam firmar seu projeto de ampliação da cidadania, usando estrategicamente os periódicos. Assim, os marinheiros, remadores e foguista criaram o *d’O Echo do Mar* defensor dos direitos da classe marítima inferior. Os empregados do comércio organizaram o *d’O Caixeiro*, os chapeleiros fundaram o *d’O Baluarte*, os padeiros lançaram *O Panificador*, entre outros. Esses trabalhadores exerciam ofícios para os quais não se exigia o domínio da cultura escrita, mas estavam envolvidos na produção de periódicos, reivindicando direitos, divulgando e criticando ideias, questionando o monopólio da opinião pública, redefinindo a agenda política, lutando contra a opressão, reivindicando respeito aos trabalhadores entre outras questões que desafiaram os grupos que estavam no poder.<sup>566</sup>

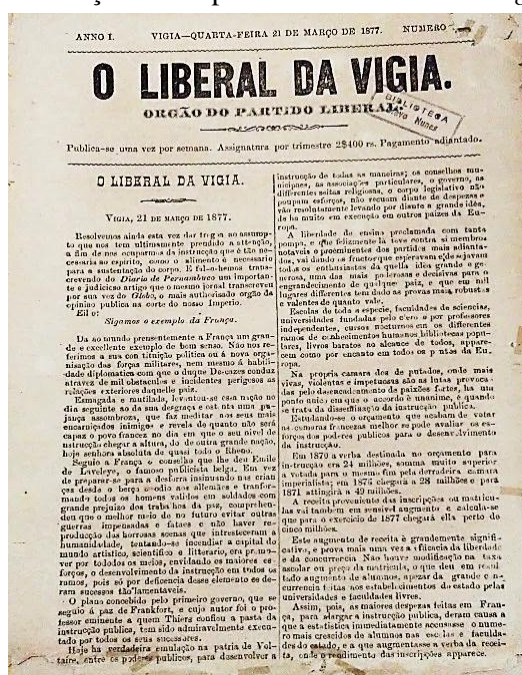
A composição social dos “humildes peregrinos” contemplava uma multiplicidade de ocupações, no entanto *O Liberal da Vigia*, *O Orvalho* e *O Espelho* assumiram papel semelhante às gazetas mencionadas pela historiadora Laura Maciel, buscando meios de conquistar a opinião pública, para afirmação de um grupo letrado com um projeto sociopolítico, fundamentado no desenvolvimento da instrução como base da luta por direitos. Entre os temas mais frequentes nas páginas dessas gazetas tínhamos, o projeto de sociedade católica, notícias das escolas primárias, sociedades literárias, defesa dos líderes do grupo, o combate às injustiças e a luta contra corrupção dos governos, como bem mostra a notícia felicitando a atitude do presidente da província, Dr. Bandeira de Melo Filho, que atendendo aos apelos da imprensa, suspendeu os vereadores em Belém e cancelou contratos por supostas irregularidades.

---

<sup>566</sup> MACIEL, Laura Antunes. *Imprensa, esfera pública e memória operária – Rio de Janeiro (1880-1920)*. Revista História (São Paulo), n. 175, p.415-448, jul/dez, 2016.

<sup>567</sup> O bom uso do dinheiro público também era um tema central debatido nas páginas do principal periódico político do grupo liderado por Araújo Nunes, <sup>568</sup> que em novembro de 1877, denunciou o desvio de recursos da Câmara de Vigia, presidida por Lauriano Antônio Gil de Sousa, levando o fato ao conhecimento público, sendo investigado pelo governo provincial. <sup>569</sup> Dessa forma, as notícias publicadas nos impressos dos “humildes peregrinos” pressionavam as instâncias de poder oficial, controladas por seus adversários, e influenciavam a opinião pública para lisa de uns e a falta de postura e caráter de outros. <sup>570</sup>

Imagem 57: Capa da edição 39 do periódico *O Liberal da Vigia*, março de 1877.



Fonte: Biblioteca Estadual Arthur Vianna.

Em várias edições de *O Liberal da Vigia* publicaram artigos enfatizando que a prosperidade econômica da nação só seria possível com o desenvolvimento da agricultura, como a cultura do café e do tabaco, desenvolvidas nas fazendas pelos trabalhadores imigrantes livres, vindos do Nordeste. Vigia de Nazareth foi produtora de café de excelente qualidade, produzido inclusive no engenho Santo Antônio da

<sup>567</sup> *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 47 de 17/05/1877, p.01-02.

<sup>568</sup> Os órgãos da imprensa local dos liberais e conservadores travaram uma discussão sobre o bom investimento do dinheiro público no Brasil. *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 11 de 30/08/1877, p.01-02.

<sup>569</sup> *Ofícios da Câmara da cidade de Vigia no ano de 1878*. Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Série: ofícios. Caixa: 357 (1876-1879). Ofícios das Câmaras municipais, doc. 03 e 04.

<sup>570</sup> BECKER, Jean-Jacques. “A opinião pública”. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2ª ed. RJ: FGV, 2003, p. 195-197.



Campina, de propriedade da firma Raiol & irmão, onde existia viveiro de sementes, porém com o tempo essa cultura entrou em declínio.<sup>571</sup> Outra temática recorrente na gazeta política do grupo de Araújo Nunes era a crítica à desigualdade social, sendo a instrução o único caminho para superá-la, pois desde outubro de 1871, Vilhena Alves e Araújo Nunes, ao fundarem o “Recreio Literário”, já enfatizavam isso. Assim, a ação política dos “humildes peregrinos” por meio de seus semanários informava aos leitores que as mazelas sociais representadas pelo luxo, ostentação e a corrupção só seriam superadas pela educação, pois só assim o cidadão entenderia as leis do país e lutaria por seus direitos.

A intenção dos letrados era formar uma rede de periódicos com o propósito de conquistar a opinião pública para alcançar seus objetivos, por isso era tão recorrente os redatores permutarem de gazetas.<sup>572</sup> Em decorrência da postura civilizada e das experiências sociais, buscavam um novo tempo, difícil de ocorrer, em que a inteligência superasse os títulos, a liberdade de expressão triunfasse sobre a perseguição, os ensinamentos religiosos prevalecessem e o fanatismo com o uso indevido da palavra do Salvador deixassem de ser praticado.<sup>573</sup> Sobre isso, Augusto Pinheiro e Manoel Epaminondas, redatores do *O Espelho*, escreveram um artigo intitulado “Injustiças da lei e da sociedade”, onde defendiam a igualdade de direitos, independente de condição social, criticando os cargos cívicos e militares e os arranjos familiares dos ricos, pregando a supremacia do talento e da virtude.<sup>574</sup> Por fim, essas questões em sua essência, originaram-se da formação extremamente hierarquizada da sociedade brasileira, com posições definidas pela fortuna, títulos e roupas, enquanto que a pobreza impunha enormes desafios aos letrados, como os “humildes peregrinos”, que criaram estratégias para desenvolver coletivamente o intelecto, através das sociedades literárias, biblioteca, externatos e jornais.<sup>575</sup>

É importante frisar como cada periódico posicionava os grupos letrados nas relações de poder, em que as páginas das gazetas constituíram uma arena de tensões entre as lideranças. Para entender um pouco mais sobre essas divergências, em um artigo intitulado “O sr. Vilhena Alves e o humilde redator de o *Orvalho*”, Bertoldo

<sup>571</sup> *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 15 de 27/09/1877, p.01.

<sup>572</sup> *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 18 de 19/10/1877, p. 01-02.

<sup>573</sup> *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed. 27 de 20/12/1877, p. 01.

<sup>574</sup> *O Espelho*. Vigia. Vigia, ed. 22 de 16/02/1879, p. 01.

<sup>575</sup> *O Espelho*. Vigia. Vigia, ed. 23 de 23/02/1879, p. 01.

Nunes criticou o redator do *Vigiense*, por ter censurado a edição de número nove do *Orvalho*, de sua autoria, que criticava as atitudes do Pe. Mâncio Caetano por usar a religião para fins políticos, desejando criar uma teocracia.<sup>576</sup> *O Liberal da Vigia* por sua vez em 1877 e *O Espelho* em 1879, ferrenhos opositores do vigário Mâncio, chamavam-no ironicamente de “vigário encomendado”, “manso caturra”, acusado de desviar-se do sacerdócio e usar a religião como plataforma de ascensão ao poder político. Alguns editoriais publicados nesses semanários buscavam instigar a comunidade religiosa vigiense para refletir sobre tal postura, como o intitulado “Inquisição”, que tratava da marcha devastadora dessa instituição pelo mundo, bem como o outro artigo “Fanatismo”, abordando os extremos religiosos. Além disso, esses jornais publicavam também os “Sermões” do Pe. Antônio Vieira, com a intenção de mostrar ao vigário e ao povo, o verdadeiro uso da palavra de Deus,<sup>577</sup> com o intuito de persuadir a civilização cristã.

Ainda sobre as tensões no campo cultural vigiense a partir dos periódicos, o *Publicista* que não era regularmente impresso, se ocupava em divulgar a ação parlamentar de Lauriano Antônio Gil de Sousa, que enviou recurso financeiro com a intenção de reformar a Igreja Matriz e a ponte do litoral em 1877, certo de que estaria atendendo os anseios da sociedade. Independente disso, a imprensa oposicionista reagiu fazendo acusações sobre a migração do cargo de Agente dos Correios para deputado, graças ao capital econômico oriundo de suas lojas, chamando-o de “deputado cervejeiro” e “labula tabaréu”. Em resposta Lauriano afirmou que o principal redator da imprensa liberal local, não havia passado de adjunto de escola.

Como observado, as trocas de queixas entre os partidos refletiam nos periódicos, os redatores do *Publicista* não poupavam críticas aos do *O Espelho*, afirmando serem eles libertinos e profanadores das imagens de santo, e o jornal apenas um “jornaleco”. Além dos embates partidários, a visão de mundo dos noticiários do *O Espelho* e o do *Vigiense* divergiam, por exemplo, a respeito ao papel social da mulher, pois o vigário propagava a ideia de educar as mães conforme o ensino jesuítico espanhol, já os jovens

---

<sup>576</sup> *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed.39 de 21/03/1877, p. 01; *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed.40 de 28/03/1877, p. 03.

<sup>577</sup> *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed.42 de 12/04/1877, p. 01; *O Espelho*. Vigia. Vigia, ed. 34 de 25/05/1879, p. 03. *O Espelho*. Vigia. Vigia, ed. 35 de 01/0/1879, p. 02.

redatores do *O Espelho* desejavam inculcar nas mulheres uma postura mais livre.<sup>578</sup> O Pe. Mâncio Caetano não ficava sem resposta aos ataques da imprensa adversária, perante a acusação de frequentar as tabernas e ingerir bebida alcoólica, bem como a de ficar com o dinheiro das esmolações aos santos. Apesar das diferentes convicções era comum as mudanças de opiniões expressas nesses semanários, variando conforme as circunstâncias e mudança de grupo político dos envolvidos. Sobre isso, Candido Nunes, na terceira edição do *Vigiense* de 1874, bajulado por ser vereador e presidente da Câmara de Curuçá, passou a ser lembrado meses depois, como um bêbado. O clima tempestuoso da imprensa local perdeu força com o desaparecimento do *O Espelho* em 1879, e do *O Orvalho* e o *Publicista* em 1880.

Na tentativa de firmar um projeto de sociedade e de poder, as disputas entre os grupos letrados da Vigia passava obrigatoriamente pela eleição regional, onde os chefes políticos disputavam acirradamente uma vaga na Assembleia provincial. Para isso foram usadas diversas estratégias para cooptar os eleitores, tais como: conceder cargos públicos, usar as instituições religiosas e militares, criar as sociedades literárias, os partidos políticos e os periódicos, conseguindo assim tecer alianças para desarticular adversários e conquistar a opinião pública, com o objetivo de eleger seus representantes. Além da projeção política regional, obter a maioria de vereadores na Câmara era fundamental nas dinâmicas de poder.

Desde a América portuguesa, a Câmara era o canal oficial de poder, “capaz de promover a ligação fundamental entre a população e os demais órgãos administrativos”, por isso eram “espaços privilegiados de negociação política”, com legislaturas que duravam três anos, composta por quatro vereadores, além de contar para o seu funcionamento com um tesoureiro, procurador e escrivão.<sup>579</sup> Os oficiais da Câmara nesse período, posterior a independência do Brasil, eram pessoas de maior prestígio social e fortuna, cargo que conferia diferenciação social. De acordo com as especificidades do local, havia a supremacia da elite agrária ou da mercantil, de forma que entre os critérios para ingressar no cargo, exigia que o cidadão tivesse 25 anos, fosse sangue puro, isto é sem mestiçagem, ser casado, católico e com cabedal, ou seja, proprietário de terras e de escravizados, que vivesse do trabalho alheio. Dessa forma por

<sup>578</sup> *O Liberal da Vigia*. Vigia, ed.12 de 12/04/1877, p. 03; *O Espelho*. Vigia, ed. 21 de 09/02/1879, p. 03; *O Espelho*. Vigia, ed. 34 de 25/05/1879, p. 01-02.

<sup>579</sup> GOUVEIA, Maria de Fátima Silva. “Câmaras”. In: VAIFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, p. 88-90.

longo tempo, os artesãos ou aqueles que viviam do trabalho braçal estavam alijados desse espaço de poder. O papel dos vereadores era, sobretudo, administrar a cidade, para tanto recebiam reconhecimento público, para governar e viver para a política e não da política, até porque não havia remuneração financeira para o cargo.<sup>580</sup> Com a independência, nos idos da década de 1870, os vereadores passaram a ser eleitos pelo Colégio eleitoral para um mandato de quatro anos, prevalecendo ainda à função de administrar a cidade e elaborar as posturas municipais.

Ao iniciar o ano de 1870, a Câmara da Vigia era presidida pelo liberal Geraldo Ferreira Bentes e composta por outros seis vereadores, representantes dos partidos políticos,<sup>581</sup> um deles era Cassiano Alvares, filho de família da elite agrária local. Entre as preocupações da Câmara nesse momento, como representante oficial do povo junto as instancias administrativas, estava à necessidade de uma escola de ensino secundário, para atender aqueles que não podiam migrar para a capital. Além da construção de um novo cemitério, pois o antigo foi “engolido” pelo aumento populacional, prevalecendo no imaginário da morte à importância de separar os vivos dos mortos, pois os corpos em putrefação emanavam miasmas prejudiciais à saúde pública. Entre as demandas a nível local, havia à necessidade de que o estado colaborasse para manter os 40 lampiões acesos, que tornariam a vida urbana mais civilizada. Consta ainda, a construção de uma

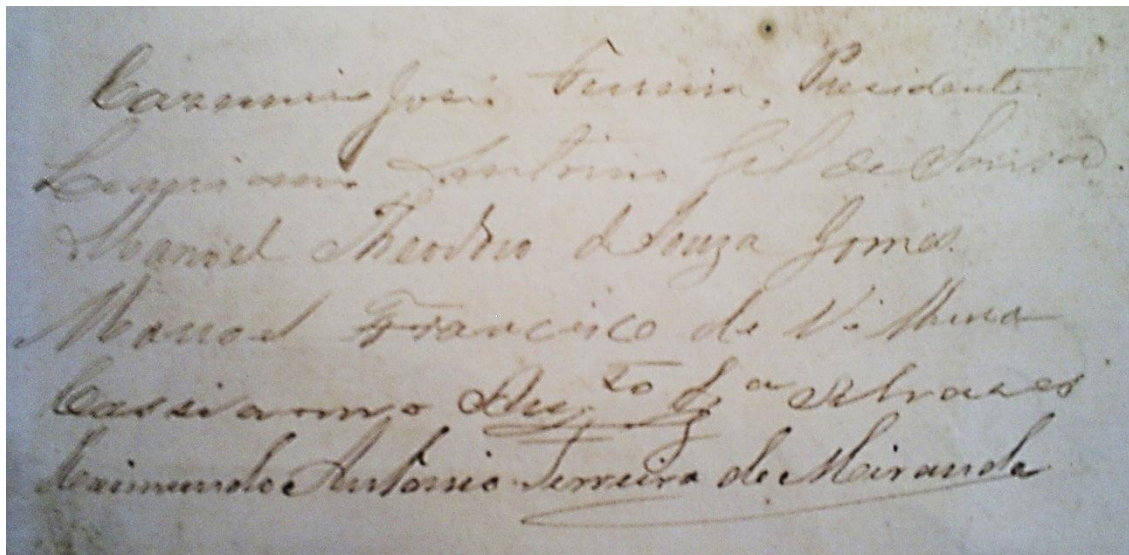
---

<sup>580</sup> COMISSOLI, Adriano. “*Tem servido na governança, e tem todas as qualidades para continuar*”: perfil social de oficiais da Câmara de Porto Alegre (1767-1828). *Topoi*, v. 13, n. 25, jul./dez. 2012, p. 77-93. 7.

<sup>581</sup> Os demais vereadores eram: Felizardo Jose Ferreira, José Joaquim Rodrigues Alves, Raimundo José de Sousa, Cassiano Antônio de Sousa Alvares, Raimundo José Ferreira e Cândido Leopoldino Ferreira de Miranda. Em 2006, os escritores Wilkler Almeida e Emanuel Ataíde realizaram uma pesquisa no Arquivo da Câmara da Vigia, para subsidiar a exposição permanente do “Memorial Político da Vigia”, a ser implantado no prédio do Paço Municipal, sendo desinstalado em 2013. Este levantamento serviu de base para a instalação do “Mural” no corredor da Câmara da Vigia, constando uma linha do tempo com as composições de todas as legislaturas, embora haja divergência, quando comparamos com as correspondências enviadas pelo poder legislativo local ao presidente da província, encontradas no APEP. A seguir citamos a linha do tempo na integra, pois toda a documentação da Câmara até 1931 foi extraviada, vejamos: de 1869 a 1872, Raimundo José de Sousa, Modesto Augusto de Moura Palha, José Joaquim Rodrigues Alves, Cândido Leopoldino F. de Miranda, Felizardo José Ferreira, Manoel de Oliveira Pantoja, Cassiano Antônio de Sousa Alvares, Geraldo Ferreira Bentes, Serafim dos Anjos de Moraes; de 1873 a 1876, Antônio do Carmo das C. Barriga, Agostinho Barriga, Francisco José do C. Barriga, Manoel de Oliveira Pantoja, João Batista da Silva Beckman, José Veríssimo F. de Miranda, Jerônimo Viana dos Santos; de 1877 a 1880, Lauriano Antônio Gil de Sousa, Jonas José Ferreira, Fernando F. da Mota, Francisco José do C. Barriga Filho, Clemente Antônio de Lima, Pedro Ferreira Furtado, Anastácio Ferreira dos Santos, Antônio Joaquim de Miranda Gama, José Veríssimo F. de Miranda; de 1881 a 1884, Casemiro José Ferreira, Capitão Raimundo A. F. de Miranda, Manoel Teodoro de Sousa Gomes, Francisco Barriga, Manoel Antônio de Oliveira, Francisco José do C. Barriga, Lauriano Gil de Sousa, Manoel F. de Vilhena, Cassiano Alvares, José Joaquim Rodrigues Palheta; de 1885-1886, Agnelo José Ferreira, Manoel Antônio R. da Piedade, Marcos Barbosa Lobo, Casemiro Santos Barbosa, Joaquim Manoel de Carvalho, Prisco de Moura Palha, José Ângelo Gomes; de 1887 a 1889, Lauriano Gil de Sousa, Casemiro Ferreira, Hilário do Espirito Santo, Simão Pães, João Francisco da Rocha Pires, Afonso José de farias, Manoel Luís da Silva, Francisco Ferreira de Brito e Agnelo Ferreira.

ponte sobre o lago grande, que ficava na primeira rua da cidade, e a nomeação de um coadjutor da vigararia da Vigia, pois o Pe. Luiz Gonçalves de Aragão, eleito deputado, ausentava-se para as sessões da Assembleia em Belém.

*Imagem 58: Vereadores da Câmara da Vigia na legislatura 1879-1880.*



Fonte: *Ofícios da Câmara de Vigia de Nazareth ao Presidente da Província contendo o balanço geral das receitas e despesas entre os anos 1879-1880*. APE. Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Série: ofícios, Caixa 309 (1870-1875), ofícios das Câmaras Municipais.

Além disso, a legislatura desse período enviou a Postura Municipal para normatizar, incluindo, a arquitetura dos prédios urbanos que não poderiam ser de tapagem de palha, somente de barro, com cumieira. Além disso, era expressamente proibido levantar curral na embocadura dos rios e em toda a costa do município, assim como era obrigatório aos proprietários de terrenos, às margens da estrada, a manutenção da limpeza, bem como a todos que fizessem roçados as margens da via, manter ao menos 10 metros de distância delas.<sup>582</sup> Assim, saúde, instrução e aparência da *urbe* mereceram atenção no sentido de aproximar Vigia das ideias de moralidade almejada por esses representantes dos grupos políticos, missão difícil, diante dos limites financeiros. Normalmente, a Câmara era cobrada pelos redatores das gazetas, sobre o abandono que se encontrava a cidade, pois o matagal tomava conta do entorno da casa onde funcionava o legislativo, a Ponte do Ribeira servia de depósito de imundices e o Porto do Pombal de monturo. Enfatizavam também, que os vereadores deveriam

<sup>582</sup> *Ofício da Câmara da Vigia ao presidente da província do Grão-Pará em 01/06/1870*. APEP. Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Série: Ofícios. Caixa 309 (1870-1875). Ofícios das Câmaras Municipais, doc. 55

arrecadar o que era de direito e, com isso, fazer os melhoramentos urbanos necessários, além de multar os comerciantes que abriam no domingo à tarde, os taberneiros que vendiam objetos específicos das casas de fazenda, os bodegueiros que vendiam aguardente sem pagar impostos, não permitindo que as negras vendessem pelas ruas sem a licença paga pelos senhores.<sup>583</sup>

Ainda sobre a aparência da cidade, um escritor anônimo que passou o Círio de N. S. de Nazareth em 1876, relatou que na frente da cidade não tinha um edifício em bom estado de conservação, a praia lodosa não tinha cais de arrimo e nem ponte, fazendo com que, na maré baixa, as pessoas precisassem ser carregadas pelos catraieiros. O romeiro concluiu afirmando que existem muitos letrados talentosos e espírito de associação, mas a política e a religião dominavam a alma dos amantes das letras.<sup>584</sup>

Nesse sentido, a atuação da Câmara buscando os melhoramentos urbanos era proporcional à sua movimentação financeira, pois no que se refere a esse aspecto, a intervenção das instâncias superiores era pontual e esporádica, como a construção do Paço Municipal em 1882. Assim, entre as despesas prioritárias do legislativo ao iniciar a década de 1870 estava o pagamento dos funcionários da Casa, tais como: secretário, amanuense, porteiro, procurador e fiscais, além das despesas com Júri, eleições e expediente da Câmara ocasionalmente. Por vezes os vereadores colaboravam também com a festa religiosa do Divino Espírito Santo.

As maiores preocupações do legislativo local estavam concentradas em manter o Prédio das sessões em condições de uso, auxiliar os presos pobres com vestuário, alimentação e curativo, manter o cemitério e o carro público que transportava os mortos. Além disso, competia também a Câmara a limpeza da *urbe*, suas ruas, praças, estradas, esgotamento de pântanos e a construção da ponte do lago grande. Para subsidiar suas ações, as receitas provinham da aferição de balanças, licenças para casas comerciais e oficinas, impostos sobre os prédios urbanos, taxaço sobre os títulos de terrenos, impostos sobre enterramentos no cemitério, multas por descumprimento da Postura, imposto cobrados sobre carros de condução de água e outras vendas, das casas de regatão, das cabeças de gado, do corte de andirobeira, das barracas de pescadores

---

<sup>583</sup> *Diário de Belém*. Belém, ed. 119 de 29/05/1869, p. 02

<sup>584</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 184, 13/08/1876, p. 01-02

construídas na costa e da taxaço da produço de água ardente na região.<sup>585</sup> Ao longo da década de 1870, a arrecadaço da Câmara aumentou com o crescimento da exportação do peixe seco, do grude da gurijuba e de borracha, sendo que as despesas permaneceram centradas nas questões já citadas e com a iluminação pública.<sup>586</sup>

A análise da composiço da Câmara da Vigia, nas décadas de 1870 e 1880, permitiu inferir sobre a participação e domínio dos grupos letrados nesse importante espaço do campo cultural. Entre liberais, conservadores e o núcleo político dos “humildes peregrinos”, que girava em torno da família Nunes, os anos de 1870 foram de domínio dos conservadores, embora os liberais tivessem seus representantes. Alguns nomes da rede de sociabilidade dos “humildes peregrinos” figuram entre os eleitos vereadores nos anos de 1880, como Casemiro José Ferreira, Manoel Theodoro de Sousa Gomes, Hilário do Espírito Santo, João Francisco da Rocha Pires e Antônio Joaquim de Miranda Gama, ainda que nem todos estivessem alinhados ao projeto político da família Nunes.

Assim, se nos anos de 1870 os “humildes peregrinos” estiveram alijados do poder oficial local, justificando a criação das Entidades literárias como estratégias de inserço nas relações de poder, as práticas culturais criadas pelo grupo a partir de 1871, projetaram alguns membros ao parlamento local. Certamente, as disputas pelo poder nesse espaço aumentaram, chegando ao ponto do liberal Cassiano Alvares agredir fisicamente Lauriano Gil de Sousa em 1876, no próprio recinto das sessões, levando a prisão do vereador agressor.<sup>587</sup> Outrossim, não podemos deixar de enfatizar as divergências ideológicas e partidárias, expressas claramente nas páginas dos periódicos, que circularam no campo cultural vigiense.

---

<sup>585</sup> *Receitas e despesas da Câmara da Vigia para o ano de 18871*. APEP. Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Série: Ofícios. Caixa 309 (1870-1875). Ofícios das Câmaras Municipais, doc. 55

<sup>586</sup> *Receita e despesa da Câmara da Vigia de 1877/78*. APEP. Fundo da Secretaria da Presidência da Província do Grão-Pará. Série ofícios, Caixa 357 (1876-1879). Ofícios das Câmaras Municipais.

<sup>587</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, ed. 02 de 04/01/1876, p. 01.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso da pesquisa priorizou recuperar a trajetória de um grupo letrado que denominamos de “humildes peregrinos”, que viveram por certo tempo na pequena cidade de Vigia de Nazareth, antiga província do Grão-Pará, liderados por Araújo Nunes, Vilhena Alves e Bertoldo Nunes. Os componentes do grupo em sua maioria eram homens de posses modestas, trabalhadores de ofícios manuais e funcionários públicos do baixo escalão. Eles tinham por base a concepção de que instruir o indivíduo alavancaria a luta por direitos, em uma sociedade com predomínio de pessoas analfabetas, pobres, exploradas em suas ocupações e até mesmo escravizadas. Assim compartilharam valores civilizados inspirados na sociedade francesa, buscando entre as décadas de 1870 e 1880 concretizar um projeto social e político. Dessa forma, vislumbramos com a pesquisa uma cidade rigidamente hierarquizada, semelhante a outros lugares da nação brasileira em construção, cujos projetos da elite econômica que controlava o partido liberal e o conservador previam a manutenção das desigualdades sociais, base de sua riqueza e poder, tornando ainda mais conflituoso o campo cultural vigiense.

As evidências no trajeto da tese demonstraram a resistência de um grupo que usou como estratégia as práticas culturais, buscando firmar uma sociedade católica, instruída, civilizada, com cidadãos ativos politicamente e com consciência social. Portanto, as escolas, sociedades literárias, beneficentes, teatrais e os periódicos serviram como instrumentos para fortalecer sua proposta. E eles conseguiram? Os indícios apontam que os alunos desistiam das aulas do externato, as sociedades literárias perderam força e sumiram e os jornais deixaram de circular. Além disso, nos anos de 1880, Araújo e Bertoldo Nunes não se elegeram ao cargo de deputado provincial, dificultando ainda mais a projeção política do grupo.

Diante desses fatos, se observarmos a atual sociedade vigiense, a maior parte dos problemas enfrentados por eles no século XIX ainda persistem, portanto, diríamos que eles fracassaram. Contudo, destacamos a importância da criação desses espaços de sociabilidade, pois durante as campanhas políticas temas como a discriminação social, o racismo, a abolição e o desenvolvimento da instrução, sobretudo aos moradores do interior da província, ganharam as páginas dos jornais e influenciaram a opinião



pública, tanto que os Nunes foram bem votados em Vigia, alcançando por meio das entidades literárias e os periódicos, legitimidade no espaço público, tecendo relações com o estado e se posicionando nas relações de poder, fato incomum para a época em que os pobres e remediados eram alijados da participação nas relações de poder. Outrossim, cada prática educativa ajudou a formar uma geração que internalizou a ideia central do grupo, pois apesar dos percalços mantiveram sua obra prima, a Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto”, ativa até a atualidade, com biblioteca, site gratuito com um rico patrimônio documental e atividades em seu auditório, preparando jovens de baixa renda para a prova do ENEM, possibilitando outros tipos de formação aos cidadãos vigienses. Sendo assim, podemos observar que a trincheira de luta iniciada com as ações dos “humildes peregrinos” se mantém viva no presente.

Mesmo com os limites impostos pela pesquisa, pois os livros de Ata e outros das sociedades literárias no século XIX desapareceram, até mesmo os da “Cinco de Agosto”, o mesmo acontecendo com os manuscritos da Câmara da Vigia. Apesar disso, esse fragmento da história de Vigia de Nazareth compreendida a partir da trajetória dos “humildes peregrinos” e dos demais grupos letrados, analisados em uma perspectiva da história intelectual, proposta por autores como Pierre Bourdieu e Roger Chartier, permite recuperarmos a experiência de sujeitos históricos, que lutaram pela ampliação da cidadania no Brasil imperial, para além das capitais provinciais, cujas questões centrais debatidas naquele momento permanecem atuais, assim como as saídas para a superação das mazelas sociais, ou seja, a formação de um novo indivíduo instruído, preocupado com a desigualdade social e de intensa atuação política. É possível que outros agrupamentos culturais com perfil sociocultural e projeto semelhante ao liderado por Araújo Nunes tenham existido na Amazônia, pois várias Sociedades literárias e beneficentes, expressão dos grupos letrados, foram organizadas na capital e em cidades interioranas, com histórias registradas em documentos guardados no Arquivo Público do Estado do Pará e nas páginas dos periódicos que circularam em Belém, sem falar naquelas que ao longo do tempo se perderam.

A pesquisa em questão revelou a importância dos letrados das cidades interioranas na formação da elite literária e política do Grão-Pará, pois vários intelectuais que conseguiram projeções nesses campos em Belém, inclusive compondo os quadros de Entidades prestigiosas como a Mina Literária, a Academia Paraense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico do Pará, como Bertoldo Nunes e Vilhena

Alves, ou mesmo nos quadros da Assembleia Provincial, como Lauriano Gil de Sousa, Mâncio Caetano Ribeiro e Francisco de Moura Palha, desenvolveram seu intelecto e construíram suas bases eleitorais a partir das dinâmicas dos grupos letrados que lideravam. A maioria deles possuía uma vida modesta e ascenderam socialmente, tanto prova que Bertoldo Nunes estava plenamente inserido na elite política belenense nos anos de 1890, participando de inaugurações e jantares com pessoas de posição social. Assim, se trata de perceber uma cidade com projetos sociais em conflito, bem como construir as teias que levaram os letrados de uma elite local para um contexto social a nível regional.

Vale ressaltar, que o cenário político-literário de Vigia se refletia em Belém, pela circulação de notícias dos periódicos locais transcritos nas gazetas da capital, expresso nos livros que Vilhena Alves publicava, disponibilizados nas bibliotecas dos espaços de sociabilidade letrada da capital, nos debates travados na Assembleia provincial que traziam à tona as questões sociais e de infraestrutura das vilas interioranas, e nos alinhamentos políticos dos grupos locais aos da capital. Destacamos ainda a participação dos agrupamentos interioranos em questões de forte comoção nacional, como a subscrição que arrecadou fundos para atenuar o sofrimento dos flagelados da seca no Nordeste ou mesmo o posicionamento sobre temas importantes como a “Questão Religiosa”, que os liderados por Araújo Nunes defenderam o Bispo. Frisamos ainda que as elites culturais por vezes se rivalizaram, enquanto a capital possuía o maior Colégio eleitoral, Vigia de Nazareth vinha logo em seguida, sobressaindo sua importância, pois os próprios intelectuais teimavam em propagar na imprensa, que Vigia era a cidade mais antiga fundada pelos portugueses, a Atenas Paraense, a terra do Barão de Guajará, de Vilhena Alves, entre outros que obtiveram destaque na cena provincial.

Por fim, esperamos que esse trabalho inspire novas pesquisas com esse foco, priorizando grupos letrados, que mesmo com suas contradições, despertaram a formação de um novo indivíduo, preocupado com os problemas do seu tempo, buscando a construção de um mundo melhor. Haja vista que os sócios da Sociedade “Cinco de Agosto”, além do que já foi dito, encontraram na salvaguarda do patrimônio documental da região do Salgado um caminho importante para a ampliação de direitos.

## FONTES

### Impressas

**Hemeroteca da Biblioteca Pública Arthur Vianna (CENTUR) consultada através do site da Hemeroteca Digital Brasileira**

*A Boa Nova*. Belém (1873 a 1883).

*A Constituição*. Belém, (1874 a 1886).

*A Escola*. Belém (1892).

*A Regeneração*. Belém (1873 a 1876).

*A República*. Belém (1886 a 1900).

*Almanak*. Belém (1868 a 1873).

*Anuário de Belém*. Belém (1616 a 1916).

*Correio Paraense*. Belém (1892 a 1894).

*Diário de Belém*. Belém (1868 a 1889).

*Diário de Notícias*. Belém (1881 a 1898).

*Estado do Pará*. Belém (1911 a 1921).

*Folhe do Norte*. Belém (1896 a 1903).

*Gazeta Oficial*. Belém (1858 a 1860).

*Jornal do Pará*. Belém (1867 a 1878).

*O Democrata*. Belém (1890 a 1893).

*O Liberal do Pará*. Belém (1869 a 1889).

*O Liberal*. Belém (1946 a 1989).

*O Pará*. Belém (1897 a 1900).

*O Pelicano*. Belém (1872 a 1873).

*Treze de Maio*. Belém (1845 a 1861).

*Almanach do Diario de Belém*, ano 1, 1878.

*O Liberal da Vigia*. Vigia (1878-1885).

*O 31 de Agosto*. Vigia (1883).

*O Avante*: 1954

*Cidade da Vigia*. Vigia (1890-1893).

### Revistas

Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará

Revista Amazônica  
 Revista Pará Ilustrado  
 Anuário de Belém

### **Biblioteca da Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de agosto” em Vigia:**

#### **Jornais**

*O Espelho* (1878-79)  
*O Lusco Fusco* (1923/24)  
*O Gazeta da Vigia* (1926)  
*O Cinco de Agosto* (1938-45)

**Fontes impressas consultadas no site:** [www.crl.edu/content/brazil/para.htm](http://www.crl.edu/content/brazil/para.htm),

*Relatorio com que o excellentissimo senhor barão de Santarem, 2º vice-presidente da provincia passou a administração da mesma ao excellentissimo senhor doutor Domingos José da Cunha Junior em 18 de abril de 1873.* Pará, Typ. do Diario do Gram-Pará, 1873.

*Relatório feito pelo Exmº. Snr. Dr. Pedro Vicente de Azevedo, Presidente da Província do Grão-Pará, e entregue ao Exmº. Snr. Dr. Francisco Maria Corrêa de Sá e Benevides, por ocasião de passar-lhe a administração desta Província no dia 17 de janeiro de 1875.* Pará, Typographia de F.C. Rhossard, 1875.

#### **Documentos manuscritos do Arquivo Público do Estado do Pará (APEP)**

##### **Fundo da secretaria da presidência da província.**

*Correspondências da Mesa Diretora da Sociedade Litteraria e Beneficente “Cinco de Agosto” da cidade de Vigia com os presidentes da província do Grão-Pará (1873/1878).* Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Série: Ofícios, Caixa 313 (1870-1879)- Ofícios de diversas sociedades.

*Correspondências da Mesa Diretora da Sociedade Litteraria Odivellense da vila de São Caetano de Odivelas com os presidentes da província do Grão-Pará (1877/1878).* Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Série: Ofícios, Caixa 313 (1870-1879)- Ofícios de diversas sociedades.

*Correspondências da Mesa Diretora da Sociedade Litteraria Club Scientifico com os presidentes da província do Grão-Pará (1867/1868).* Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Série: Ofícios, Caixa 249 (1861-1869)- Ofícios de diversas sociedades.

*Correspondência da Mesa Diretora do Club Santista com o presidente da província do Grão-Pará (1869).* Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Série: Ofícios, Caixa 249 (1861-1869)- Ofícios de diversas sociedades.

*Correspondência da Mesa Diretora do Gabinete Cearense de Leitura com os presidentes da província do Grão-Pará (1877).* Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Série: Ofícios, Caixa 313 (1870-1879)- Ofícios de diversas sociedades.

*Correspondência da Mesa Diretora do Gabinete Litterario de Marapanim com os presidentes da província do Grão-Pará (1877).* Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Série: Ofícios, Caixa 313 (1870-1879)- Ofícios de diversas sociedades.

*Correspondência da Mesa Diretora do Grêmio Litterario Portugues do Pará com os presidentes da província do Grão-Pará (1868-1869).* Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Série: Ofícios, Caixa 249 (1861-1869)- Ofícios de diversas sociedades.

*Correspondência da Mesa Diretora da Sociedade Beneficente 28 de julho com os presidentes da província do Grão-Pará (1868-1869).* Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Série: Ofícios, Caixa 249 (1861-1869)- Ofícios de diversas sociedades.

*Correspondência da Mesa Diretora da Sociedade Beneficente Artística Paraense com os presidentes da província do Grão-Pará (1868-1869).* Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Série: Ofícios, Caixa 249 (1861-1869)- Ofícios de diversas sociedades.

*Correspondência da Mesa Diretora da Sociedade Palestra Litteraria de Ponta de Pedras com os presidentes da província do Grão-Pará (1877- 1878).* Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Série: Ofícios, Caixa 313 (1870-1879)- Ofícios de diversas sociedades.

*Correspondência da Mesa Diretora da Sociedade Parthenon Litterario com os presidentes da província do Grão-Pará (1869).* Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Série: Ofícios, Caixa 249 (1861-1869)- Ofícios de diversas sociedades.

*Correspondência da Mesa Diretora da Sociedade União Paraense com os presidentes da província do Grão-Pará (1869).* Fundo da Secretaria da Presidência da Província. Série: Ofícios, Caixa 249 (1861-1869)- Ofícios de diversas sociedades.

### **Ofícios da Câmara de Vigia de Nazareth ao Presidente da Província.**

Postura especial da Câmara Municipal da cidade de Vigia – 1870.

Despesas da Câmara Municipal da Vigia para o ano de 1869 – 2º trimestre.

Despesas da Câmara Municipal da Vigia para o ano de 1871.

Receita da Câmara Municipal da Vigia para o ano de 1969 – 2º, 3º e 4º trimestre.

Receita da Câmara Municipal da Vigia para o ano de 1871.

Pedidos de obras urgentes para a cidade da Vigia – 1870.

Ofícios da Câmara da Vigia - códigos 1665 - ano 1876.

Balanco geral das receitas e despesas da Câmara da Cidade da Vigia – 1877-1878

Balanco geral das receitas e despesas da Câmara da Cidade da Vigia – 1879-1880

### **Coleção das Leis da Província do Gram-Pará e do Império do Brasil.**

*Portaria de 21 de março de 1882.* Aprova os Estatutos da sociedade Cinco de Agosto da cidade da Vigia.

*Lei 1097 de 7 de novembro de 1882.* Autoriza a presidencia á mandar levantar a planta e fazer o orçamento do Paço municipal da Vigia.

*Lei 1095 de 7 de novembro de 1882.* Autorisa a conclusão da ponte de madeira entre Vigia e Arapiranga.

*Lei 1083 de 22 de agosto de 1860.* Contendo providências sobre Bancos de emissão, meio circulante e diversas companhias e sociedades.

*Portaria de 11 de julho de 1882.* Concede jubilação ao professor da cidade da Vigia Francisco Quintino de Araujo Nunes.

*Portaria de 11 de julho de 1882.* Concede jubilação ao professor da cidade da Vigia Severiano Bezerra de Albuquerque.

### **Documentos manuscritos do Arquivo da Sociedade “Cinco de Agosto” (ASCA)**

Fundo: Cartório Raiol, Área Civil.

Séries documentais:

*Inventários* (1802 – 1920) – Caixa 01 a 07

*Testamentos* (1850-1908) – Caixa 08

*Documentos diversos* – Caixa 09 - 14

Livros de Notas – 1872-1880

### **Área criminal**

*Ferimentos Leves e Graves* (1870 – 1885)

## REFERÊNCIAS

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.). *História da vida privada no Brasil*, v.1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ALVES, Francisco Ferreira de Vilhena. *Monnodias: coleção de poesias*. Maranhão: Typografia de Belarmino de Matos, 1868.
- ALVES, Vilhena. *Miscellanea Litteraria: coleção de artigos*. Para: R.L. BITTENCOURT & C, 1893.
- ARAÚJO, Joseane Sousa. *Arquivos, bibliotecas e periódicos na Vigia oitocentista*. Dissertação de Mestrado. Belém: UFPA, 2011.
- ALMEIDA, Wilker; ILDONE, José. *Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto” : levantamento histórico*. Vigia de Nazaré-PA, 2008.
- ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARROS, José D’ Assunção. *O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico*. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. 2ª ed. Porto Alegre: Zouk, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*. SP: Companhia das Letras, 1996.
- BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Zahar editora, 2005.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1994.
- CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França no Antigo Regime*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- CHARTIER, Roger & CAVALLO, Guglielmo & (org.). *História da Leitura no Mundo Ocidental*. São Paulo: Ática, 1999.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- COELHO, Geraldo Mártires. *Uma Crônica do Maravilhoso: legenda, tempo e memória no culto de Nossa Senhora de Nazaré*. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

- CORDEIRO, Paulo. *Mamaiacu: de aldeamento jesuítico a vila de Porto Salvo*. Vigia: Produção independente, 2014.
- CORDEIRO, Paulo. *Irmandades religiosas em Vigia no século XIX*. Belém: Imprensa Oficial de Estado, 2013.
- CORDEIRO, Paulo. *Padre Mâncio Caetano Ribeiro: escravidão, romanização e política em Vigia (1873- 1886)*. Vigia: Produção independente, 2013.
- CORDEIRO, Paulo. *Batuques a Santa Bárbara: notas sobre religião de matriz africana em Vigia*. Vigia: Produção independente, 2014.
- CORRÊA, José Augusto. *Chronica Planetaria: viagem a volta do mundo*. Lisboa: Typ da Empreza da História de Portugal, 1904, pp.478-504.
- CRUZ, Ernesto. *História do Poder Legislativo do Pará (1835-1930)*. Belém: Assembleia Legislativa. 1978.
- CARULA, Karoline; ENGEL, Magali Gouveia; CORRÊA, Maria Letícia. *Os intelectuais e a nação: educação, saúde e a construção de um Brasil moderno*. Contracapa, 2017.
- DE ALENCAR GUZMÁN, Décio (org.). *Terra Matura: historiografia e história social na Amazônia*. Editora Paka-Tatu, 2002.
- DEL PRIORE, Mary. *História das crianças no Brasil*, SP: Contexto, 2001.
- DAVIS, Natalie Zemon. *Histórias de perdão e seus narradores na França do século XVI*. Tradução José Rubens Siqueira. 1ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. RJ: Companhia das Letras, 2010.
- ENGEL, Magali Gouveia (Ed.). *Os intelectuais e a imprensa*. Mauad Editora Ltda, 2015.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. v.1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. Lisboa: Presença, 1953.
- FEBVRE, Lucien. *Honra e pátria*. Editora Record, 1998.
- FONSECA, Thais Nívia de Lima. *Letras, ofícios e bons costumes: civilidade, ordem e sociabilidades na América Portuguesa*. Belo Horizonte: Autêntica. 2009, pp. 07-13.
- FREITAG, Barbara. *Teorias da Cidade*. 4ª ed. Campinas-SP: Papyrus, 2012.
- GEERTZ, Glifford. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.



- GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. Companhia das Letras, 2001.
- GOUVEIA ENGEL, Magali; CORRÊA, Maria Letícia; SANTOS, Ricardo Augusto dos. *Os intelectuais e a cidade: Séculos XIX e XX*. Contracapa: 2017.
- HENZT, Flávio. *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- HEINZ, Flávio M. (Ed.). *História social de elites*. RJ: Oikos, 2011.
- HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. Companhia das Letras: São Paulo, 1997.
- HOBBSAWM, Eric J. *Mundos do Trabalho: novos estudos sobre história operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008, p.149-191.
- HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- JORNAIS PARAÓARAS: catálogo*. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1985.
- ILDONE, José. *Ginásio “Bertoldo Nunes”*. Belém: Produção Independente, 2008.
- ILDONE, José. *Noções de História da Vigia*. Belém: Cejup, 1991.
- ILDONE, José, MEIRA, Clóvis & CASTRO, Acyr. *Introdução à Literatura no Pará*. v.5. Belém: Cejup, 1995.
- LIMA, Luciano Demétrius Barbosa & RICCI, Magda. *Fazendo política, contando história: Experiências sócio - literárias de um barão amazônico e seus Motins Políticos – 1865-1890*. In: *Revista Estudos Amazônicos*, v. VI, nº 1, 2011.
- LIMA, Luciano Demétrius Barbosa & RICCI, Magda. “Letrados da Amazônia Imperial e saberes das populações analfabetas durante a revolução Cabana (1835-1840)”. In: *Revista Brasileira de Educação*, v. 20, nº 63, 2015, pp. 845- 867.
- LE GOFF, Jacques. *Uma vida para a história*, SP: Unesp, 2007.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Padre, Pajés, Santos e Festas: catolicismo popular e controle eclesiástico*. Belém: Cejup, 1995.
- MATOS, Felipe. *Armazém da província: vida literária e sociabilidades intelectuais em Florianópolis na primeira república*. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História, UFSC, Florianópolis, 2014.
- NETO, José Maia Bezerra. *Escravidão negra na Amazônia (Sécs. XVII-XIX)*. Belém: Paka-Tatu, 2001.

- NICOLAU, Jairo Marconi. *História do voto no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- NEVES, Fernando Arthur de Freitas. *Romualdo, José e Antônio: bispos na Amazônia dos oitocentos*. Belém: Editora da UFPA, 2015.
- NOVAIS, Fernando A. et al. (Ed.). *História da vida privada no Brasil*, Vol. 2: Império: a corte e a modernidade nacional. Editora Companhia das Letras, 2019.
- PENSAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- PINSKY, Jaime. *O ensino de história e a criação do fato*. SP: Contexto, 1992.
- RAIOL, Domingos Antônio. *Motins Políticos: ou história dos principais acontecimentos políticos da Província do Pará desde o ano de 1821 até 1835 (III e IV tomo)*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1970.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Unicamp: 2007.
- Revista de Estudos Amazônicos*, PPHD – Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia. v. II, n. 01. Belém, Alves Gráfica e Editora, 2007.
- Revista de Estudos Amazônicos*, PPHIST – Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia. v. III, n. 01, 02. Belém, Editora Açaí, 2008.
- RIDENTI, Marcelo; BASTOS, Elide Rugai; ROLLAND, Denis. *Intelectuais e estado*. Editora UFMG: 2006.
- SALLES, Vicente. *O Negro na formação da sociedade paraense*. Belém: Paka-Tatu, 2004.
- SAMARA, Eni de Mesquita & TUPY, Ismênia S. Silveira Truzzi. *História e documento e metodologia de pesquisa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)*. 3 ed. Belém: Paka-Tatu, 2010.
- SARGES, Maria de Nazaré; LACERDA, Franciane Gama. *Belém do Pará: história, cultura e cidade: para além dos 400 anos*. 2. ed., Belém: Açaí, 2016
- SCHAPOCHNIK, Nelson. *Os Jardins das delícias: Gabinetes Literários, bibliotecas e figurações da leitura na corte imperial*. Tese apresentada ao Departamento de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1999.
- SENNETTE, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SILVA, Vanderlei Silva & SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. São Paulo: Contexto, 2008.

SOEIRO, Igo. *Catolicismo Popular e Romanização durante o vicariato do padre Mâncio Caetano Ribeiro no município de Vigia de Nazaré (1873-1883)*. Monografia de conclusão de curso, Belém: UFPA, 2004.

SOEIRO, Igo. *Cultura funerária na cidade de Vigia no final dos oitocentos: transformações e permanências em torno do imaginário da morte (1860-1885)*. Monografia de Especialização, Belém: UFPA, 2008.

SOEIRO, Igo. *O patrimônio documental da Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto”*: estruturação de um novo espaço cultural na cidade de Vigia. Especialização em Patrimônio Histórico e Cultural do Pará, Belém: UFPA-EGPA, 2010.

SOEIRO, Igo. *A Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto” da cidade de Vigia (1871-1883)*. Dissertação de Mestrado em História Social da Amazônia. UFPA: 2012.

THOMPSON, Edward Palmer; EICHEMBERG, Rosaura. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Dicionário do Brasil Colonial (1500 – 1808)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

VAINFAS, Ronaldo (org.). *Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

VENÂNCIO, Gissele Martins. *Intelectuais e palavra impressa*. Rio de Janeiro: EDUFF, 2007.

VIEIRA, Maria do Pilar Araújo (et. alli.). *A Pesquisa em história*. São Paulo: Ática, 1989.